



“A misericórdia do Senhor é eterna!”

SI 106

II CONGRESSO INTERNACIONAL MERCEDÁRIO DE PASTORAL PAROQUIAL

(2019)

**II CONGRESSO
INTERNACIONAL DE
PASTORAL PAROQUIAL
MERCEDÁRIO
(2019)**

“A misericórdia do Senhor é eterna!”

Sl 106

**II CONGRESSO
INTERNACIONAL DE
PASTORAL PAROQUIAL
MERCEDÁRIO
(2019)**



ORDEM
— DAS —
MERCÊS

Ordem das Mercês

SGAS 615 Bloco D

CEP: 70200-750 – Brasília – DF

Provincial: *Pe. Frei John Londerry Batista, O. de M.*

Organizador: *Pe. Frei Elionaldo Ecione e Silva, O. de M.*

Tradução das conferências: *Daniele Sass Ocampo (castelhano/Português)*

João Luiz Saraiva da Silva (inglês/Português)

Textos introdutórios: *Tallita Dias (castelhano)*

Allison Ester Paiva (inglês)

Diagramação: *Juciani Motter*

Foto da capa: *Acervo Ordem das Mercês*

Revisão: *Lucas Correia Aguiar (português e castellano)*

Ano da publicação: 2022

1ª Edição

Gráfica: *Gráfica Senador*

Número de páginas: 464

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso Internacional Mercedário de Pastoral
Paroquial (2. : 2019 : Brasília, DF)
II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral
Paroquial / organização Elionaldo Ecione e Silva. --
Brasília, DF : Província Mercedária do Brasil, 2022.

ISBN 978-65-991910-2-2

1. Carisma 2. Pastoral (Teologia) - Igreja
Católica 3. Paróquias I. Silva, Elionaldo Ecione e.
II. Título.

22-102398

CDD-253.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Pastoral : Cristianismo 253.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

A Ordem das Mercês sempre buscou servir aos cativos cristãos dando o melhor de si. Assim, em alguns momentos a família mercedária é convocada para refletir sobre a sua práxis tendo presente o Evangelho de Jesus.

O Congresso Mercedário internacional de Pastoral Paroquial - 2019 proposto pelo Governo Geral da Ordem, sediado na Província do Brasil foi para a família mercedária um momento de reflexão sobre a ação carismática da Ordem no serviço da pastoral paroquial. Foi um momento único e propício para reforçar a unidade e comunhão fraterna. Colocamo-nos na escuta do Espírito de Deus, buscando no magistério de Papa Francisco e nas fontes das Mercês, como servir os cativos em nossas Paróquias. Além da reflexão promovida pelos conferencistas, tivemos a oportunidade de enriquecer-nos com as múltiplas experiências dos participantes das respectivas Províncias da Ordem.

O presente livro condensa a experiência do supracitado Congresso Mercedário, reunindo as conferências apresentadas, os mini seminários e alguns discursos e saudações das autoridades da Ordem e da Igreja. Estes anais serão úteis para estudo da família mercedária e transmissão do nosso carisma. Por isso, optou-se por oferecê-lo em três idiomas, tornando-o mais acessível a família mercedária do mundo inteiro.

Expressamos a nossa gratidão a todos os religiosos da Província do Brasil que contribuíram para que o Congresso acontecesse e publicação destas páginas tornassem realidade. Ao Mestre Geral, Fr. Pe. Juan Carlos Saavedra Lucho, O. de M., o nosso agradecimento pelo apoio na pessoa do conselheiro geral para ação carismática, Pe. fr. Reginaldo Roberto Luiz, O. de M. Agradecemos aos leigos de nossas paróquias que apoiaram incansavelmente o evento. Deus nos conhece profundamente e recompensará a todos! Obrigado!

Espero que essa publicação contribua com o serviço redentor da Ordem das Mercês no mundo. Visitar e Libertar, eis a nossa vocação!

Brasília-DF, 20 de janeiro de 2022, aos 803 da Ordem das Mercês

Fr. John Londerry Batista, O. de M.
Superior Provincial do Brasil

Sumário

Saudação aos Participantes do II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial	11
II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial Mercedário (1)	14
Orientações para o II Congresso de Pastoral Paroquial Mercedário.....	19
II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial Mercedário (2)	21
II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial Mercedário (3)	23
II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial Mercedário (4)	25
Ato de Clausura do II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial Mercedário (5)	28
Cronograma do II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial	29
“A Misericórdia do Senhor é Eterna!” (Sl. 106) Da experiência Paroquial às periferias existenciais	33
Mensagem do Arcebispo de Belo Horizonte.....	36
Do Hospital de Santa Eulália de Barcelona (Séc. X III) ao Hospital de Campanha do Papa Francisco	39
<i>Misericordiae Gaudium</i> : Quando os Ombros e as mãos fazem-se braço no abraço - Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc. 15	79
Homilia Frei Reginaldo Roberto Luiz, O. de M.....	100
Medellín e Puebla: Os Mercedários nas Periferias do Cativoiro	105
As Coletas da Redenção	126
Perspectiva Bíblica – As Coletas na Sagrada Escritura	127
Oficina: Por uma Comunicação Libertadora e Misericordiosa.....	146
Rede de comunidades: Novo modo de estruturar a Paróquia, em vista da Misericórdia	153
De Betânia à Visitação: O agir Mercedário como acolhida e missão!	159
Mensagem Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo.....	162

Inglês

Greetings to the Participants of the II Mercedarian Parish Pastoral International Congress!.....	171
II Mercedarian Parish Pastoral International Congress (1).....	174
II Mercedarian Parish Pastoral International Congress Guidelines.....	179
II Mercedarian Parish Pastoral International Congress (2).....	181
II Mercedarian Parish Pastoral International Congress (3).....	183
II Mercedarian Parish Pastoral International Congress (4).....	185
Closing act of the II Mercedarian Parish Pastoral International Congress (5)	187
“The Mercy of the Lord is Eternal!” (Psalm 106) From the parish experience to the Existential Peripheries.....	188
A Message from Dom Walmor Oliveira de Azevedo Archbishop of Belo Horizonte	190
Schedule of the II International Mercedary Conference of Parish Pastoral.....	193
From Santa Eulalia Hospital to Field Hospital the Mercy of the Lord is Eternal	197
Introduction and Greetings to the Historical - Theological - Pastoral Keys.....	198
<i>Misericordiae Gaudium</i> : When the shoulders and the hands become arm in the embrace – For a re-reading of the unit of the Triptych of Lk 15	235
Medellín and Puebla: The Mercedaries on the Peripheries of Captivity	255
The Collections of Redemption.....	275
Workshop: For a Liberating and Merciful Communication	292
Network of communities: A new way of structuring the parish, in view of Mercy	298
Base text for the workshop “From Bethany to the Visitation: The mercedary acts as a welcome and mission!”	303

Castellano

Saludo a los participantes del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial.....	311
II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial (1).....	314
Orientaciones para el II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial	319
II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial (2).....	321
II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial (3).....	323
II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial (4).....	325
Acto de Clausura del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial (5) ..	328
“¡La Misericordia del Señor es Eterna!” (SL. 106) – De la Experiencia Parroquial a las Periferias Existenciales	329
Mensaje del Arzobispo de Belo Horizonte.....	332
Agenda del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial.....	335
Del Hospital de Santa Eulalia al Hospital de Campaña del Papa Francisco	339
Introducción: Las Claves Históricas – Teológicas – Pastorales	341
<i>Misericordiae Gaudium</i> : Cuando los hombros y las manos se hacen brazo en el abrazo: Por Uua nueva lectura de la unidad de Tríptico de Lc15	387
Medellín y Puebla: Los Mercedarios en las periferias del cautiverio	407
Las recolecciones de la Redención.....	429
Taller: Para una comunicación liberadora y misericordiosa	447
Red de Comunidades: Nueva forma de estructurar la Parroquia, en vista de la Misericordia	454
Texto base para el taller “De Betania a la Visitación: ¡Acción Mercedaria como acogida y misión!”	460

SAUDAÇÃO AOS PARTICIPANTES DO II CONGRESSO INTERNACIONAL MERCEDÁRIO DE PASTORAL PAROQUIAL

Pe. Fr. Reginaldo Roberto Luiz, O. de M.
Conselheiro Geral de Pastoral

Em nome do Mestre Geral, reverendíssimo Pe. Fr. Juan Carlos Saavedra Lucho, O. de M., e dos membros do governo geral, dos quais sou portador de abraço fraterno a todos, externo minha alegria nesta abertura do II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial, aqui na cidade de Belo Horizonte/MG, ao mesmo tempo em que saúdo todos os sacerdotes mercedários e diocesanos, os consagrados, os leigos e demais membros da família mercedária provenientes de várias partes do Brasil e do mundo.

O objetivo pelo qual nos reunimos neste Congresso é nos prepararmos, cada vez mais, para os mais complexos e profundos desafios paroquiais nas pequenas e grandes cidades de nossos países.

Porém, é preciso ressaltar a importância da comunicação, da troca de informações e, sobretudo, da organização de congressos tanto a nível de Ordem, como a nível provincial.

A partir de Roma, por meio do Secretariado Geral de Pastoral, pode-se tomar conhecimento das inúmeras paróquias onde os mercedários desenvolvem um bonito trabalho pastoral, o qual pode ainda ser potencializado em quantidade e qualidade, à luz da espiritualidade mercedária, da doutrina social da Igreja, do plano de pastoral das igrejas locais, da fidelidade ao magistério da Igreja e da tradição eclesial. Isso porque, caríssimos irmãos mercedários, a paróquia não é uma ONG (organização não governamental) preocupada em realizar ações sociais, muitas delas ideológicas; pelo contrário, a paróquia como instituição canônico-eclesial é chamada a anunciar o Reino dos Céus, tendo em vista a lei maior da Igreja que é a *salus animarum*.

Gostaria de enfatizar, a propósito, pela concreta verificação, seja em visitas aos países onde a Ordem Mercedária está presente, ou até mesmo por meio do diálogo com os secretariados provinciais de pastoral, a imensa riqueza do trabalho apostólico-carismático mercedário.

Essa atuação carismática mercedária ocorre nos variados contextos sociais presentes nos quatro cantos do mundo, demonstrando um belíssimo caráter redentor desenvolvido nas paróquias, na pastoral carcerária, nos centros hospitalares, nas diversas casas de reabilitação, além de projetos educativos com imigrantes, pessoas em situação de refúgio, deficientes mentais ou físicos, com comunidades indígenas, com jovens vocacionados, na prevenção e na reinserção social, com tóxicodependentes, no tráfico de pessoas, com meninos em situação de rua, nas creches e tantas outras realidades ligadas ao nosso apostolado. Dessa forma, devemos nos dar conta de que os trabalhos pastorais abrangidos pela Ordem Mercedária são inúmeros e desafiadores neste século XXI, haja vista que o seu carisma redentor é muito atual para toda a Igreja.

Assim sendo, percebe-se que a presença mercedária na Igreja de hoje é de capital importância, tendo presente as mais variadas formas de escravidão de tantos irmãos, ameaçados pelos perigos físicos e especialmente espirituais. Por isso, o apostolado mercedário deve ser potencializado com estratégias redentoras e metodologias apuradas de trabalho redentor. Nesse sentido, concito-vos, desde já, a que se empenhem na busca de métodos para melhor realizar a missão redentora.

Finalizando, quero agradecer a grande dedicação na preparação e organização deste II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial, na pessoa do Pe. Fr. John Londerry Batista, Provincial da Província do Brasil, ao Pe. Fr. Demerval Reis Soares Filho, Secretário de Pastoral, e em particular aos membros da Comissão Preparatória do Congresso: Pe. Fr. José Maria Mohomed Junior; Pe. Fr. Rogério Soares de Almeida Silveira; Pe. Fr. Elinaldo Ecione e Silva; Pe. Fr. Francisco Williams Xavier; e demais religiosos da Província Mercedária do Brasil. Igualmente, agradeço ao conselheiro geral, o Pe. Fr. Manuel Antonio Anglés Herrero, e também aos provinciais, especialmente àqueles presentes no congresso: Pe. Fr. Ricardo Guzzo Panasiti,

Provincial da Argentina; Pe. Fr. Cesar Iván Gálvez León, Provincial do Peru; e aos conselheiros provinciais de pastoral: Pe. Fr. Fernando Ramos Martines, da Província do México; Fr. Matias Bellanich, da Província da Argentina; Pe. Fr. Fabián Sergio Quiroz Valdenegro, da Província do Chile, Pe. Fr. Jesus Bel Gaudó, da Província de Aragão; Pe. Fr. Luis Callejas Rodriguez, da Província de Castilla; Pe. Fr. Samuele Salis, da Província da Itália; Pe. Fr. Miguel Ángel Córdova Velásquez, da Província do Peru; e Pe. Fr. Octavio Gonzalez Pineda, da Província do Equador.

Que a Mãe das Mercês e nosso fundador São Pedro Nolasco nos ajudem e nos encorajem cada vez mais a sermos instrumentos da redenção dos cativos desses tempos modernos.

Belo Horizonte, 19 de agosto, Ano do Senhor de 2019.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO (1)

Pe. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente da Comissão do Congresso

Com imensa alegria acolhemos a todos e a todas para uma experiência na barca de Pedro Nolasco. Hoje, iniciamos uma nova etapa nesse processo formativo das Mercês, tendo percorrido já 801 anos. Irmanados com todos os religiosos e religiosas e motivados pela nossa Cúria Geral, que indicou para a Província Mercedária do Brasil a elaboração deste II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial, damos continuidade a um processo construtivo de liberdade em vista da continuidade originária da redenção, como resposta às novas formas de catividades presentes na atualidade. Assim, foi constituída uma equipe que trabalhou em prol dessa realidade.

Nossa história está profundamente marcada pela experiência de homens e mulheres que fizeram de suas vidas uma entrega em profundo processo de amor generoso.

Nosso Pai Pedro Nolasco, ao receber o Hospital de Santa Eulália para um serviço redentor, pouco poderia imaginar que esse se transformaria num permanente “hospital de campanha”, como um lugar explícito da misericórdia. Ao estabelecer nossa primeira casa do cuidado humano e dos novos relacionamentos, abriu para nós um olhar específico de respeito, carinho e profunda tolerância para todas as pessoas.

O tema que vai iluminar nosso Congresso será o da “misericórdia do Senhor” (Sl. 106), que é eterna. A comissão escolheu um caminho que vai perpassar todas as experiências que temos e vivemos. Cada espaço geográfico onde um mercedário, uma mercedária, se faz presente, aí está a misericórdia do Senhor atuando e realizando o seu imenso cuidado de curar, integrar e fazer a vida acontecer. Somos uma família de leigos e leigas, religiosos e religiosas, presbíteros, consagrados a esse amor misericordioso que se estende sobre a face da terra.

O itinerário do Hospital de Santa Eulália ajuda a fazer o caminho histórico como nossa primeira “Grande Casa”. O Coração mercedário já nasceu dilatado, “*dilatatis cor meum*” (Sl. 118, 32), a tal ponto que, ao olharmos para o tempo presente, podemos perceber que nossas paróquias, nossas “casas imensas”, já são, nas periferias existenciais, sociais, econômicas e políticas, um lugar de profunda concretização do amor misericordioso, frente aos novos desafios dos tempos e da realidade presente.

A equipe coordenadora do II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial acredita que a paróquia deve ser lugar privilegiado do exercício da misericórdia e, desde esse lugar, precisa, com suas ações planejadas de evangelização, “irradiar a misericórdia de Deus, chegando às periferias existenciais, como nos pede a Igreja sob o pastoreio do Papa Francisco” (cf. folheto comunicativo do Congresso).

O tempo para o Congresso será então construído em fidelidade a toda essa realidade humana, afetiva, criativa e pensante de uma nova maneira de abrir horizontes para nossa pastoral paroquial, como um desafio construtivo em ordem a observar o caminho da fidelidade evangélica. Olharemos então, no caminho histórico, o lugar de transformação que esse espaço histórico do Hospital de Santa Eulália de Barcelona transformou nossas paróquias: um verdadeiro “hospital de campanha”, um lugar onde mercedários e mercedárias aprendem a acolher, amar, servir, curar e integrar todas as realidades num projeto de liberdade.

Com a experiência bíblico-catequética, buscaremos oferecer uma reflexão na dinâmica das duas grandes Conferências Episcopais para a América Latina, como um suporte de amor redentor em vista de olharmos para as periferias do cativo e até descobrirmos novas opções para nos comprometermos num amor de mercê pela humanidade. Cultivar uma mística da misericórdia que abra nossos corações para a nossa libertação integral como proposta de oferta a ser dada a todo ser humano ao nosso redor. Agindo com profunda consciência em fidelidade e identidade consciente, a ponto de nos vincularmos nas entranhas da capacidade de acolhida.

As quatro oficinas que o Congresso quer proporcionar para todos nós ajudar-nos-ão a termos dimensões específicas de trabalho em linhas de ações diversas. Livres em relação a todos e a tudo nos colocamos, na perspectiva que desde o início motivou o trabalho redentor. As coletas são para nós um lugar específico de exercício de cidadania crítica e criativa, os bens não são nossos, eles são dos cativos.

Livres em todas as dimensões humanas, transformamo-nos em comunicadores de esperança e vida para todos, jamais nos deixaremos dominar pelos meios que oprimem, mas seremos apresentadores de uma verdade relacional que nos libertará.

Nossa paróquia, que é casa de todos, deve cada vez mais ser uma rede de comunidades de onde poderemos, como “hospital de campanha”, irradiar a bondade que se traduz em gestos de misericórdia. Cada espaço de acolhida deve impulsionar a um encontro significativo que vincula “Betânia” à “Visitação”.

O percurso do nosso caminho mercedário, nessa capacidade de sempre aprender do Senhor da Misericórdia a experiência de uma nova opção diante das novas periferias do cativo, deve ajudar nosso olhar mais amplo e explícito na medida em que, em nossas comunidades paroquiais, exercemos um trabalho em favor da vida humana.

Nosso trabalho não está somente vinculado a estruturas políticas ou sociais, canônica ou funcional, é certo que podemos correr esse risco, devemos fazer em totalidade, pois somos, desde Pedro Nolasco, um “hospital de campanha” vivo, sendo exercido em ministério do mistério do amor em acolhimento.

Nosso Congresso procurará abrir perspectivas e experiências para esse pensar criativo e promotor da dignidade humana. Pe. Fr. Manuel Anglés, Conselheiro Geral, é convidado a refletir sobre os passos históricos desse processo, ampliando para nós o conhecimento desde o Hospital de Santa Eulália de Barcelona até os passos do Papa Francisco. Nossa autêntica paróquia é um hospital de cuidados e atenções recíprocas em amor redentor. Entendemos que todo trabalho mercedário é uma paróquia de cuidados humanos.

Pe. Luís Henrique Eloy e Silva, como enviado especial do Revmo. Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, que por motivos de força maior teve que se ausentar do nosso Congresso, nos brindará com uma reflexão sobre a misericórdia nas Sagradas Escrituras. Nesse momento, somos chamados a pôr nossos olhos, mãos e pés nessa marcha misericordiosa que vai acontecendo em fidelidade criativa e mergulho singular nas situações humanas que requerem para nós um amor expressivo de misericórdia.

Pe. Paolo Parisi, C.S., tem uma experiência ímpar nesse caminho redentor, contará para nós sua experiência de acolhida nesse “hospital de cuidados” efetivos no tempo e na história, na noite do primeiro dia deste Congresso.

O tempo que segue pede um olhar também para as duas primeiras Conferências Episcopais para a América Latina que ajudaram a dar passos significativos para o seguimento fiel a Jesus Cristo na perspectiva do Vaticano II. O professor Dr. Sérgio Coutinho apresentará para nós os desdobramentos de Medellín e Puebla nas periferias do cativo. Nesse segundo dia, depois de termos visto as experiências fundantes e os caminhos de análise pela Palavra de Deus, somos chamados a caminhar nos passos dados na história pelo povo de Deus.

Nosso passeio será uma visita ao Santuário da “Serra da Piedade” para celebrarmos juntos um olhar em liberdade com mais amplitude como gesto de amor desde a Mãe que acolhe o filho em seus braços. Presidirá a Eucaristia Dom Geovane Luís da Silva, bispo auxiliar de Belo Horizonte – enviado especial de Dom Walmor Oliveira de Azevedo, pela necessidade de estar no Conselho Permanente da Conferência Episcopal do Brasil. Após a celebração, teremos um tempo para um painel, para conhecermos os trabalhos já elaborados a partir das “campanhas redentoras 801” (octingentésimo primeiro ano); deve ser um marco para investirmos no futuro redentor. E convido também a desfrutar do passeio, da convivência e do momento cultural.

O terceiro dia do nosso encontro será um caminho para as oficinas temáticas que cada participante já escolheu e poderá, na convivência entre os grupos, conhecer dinâmicas específicas que ajudarão a compreender caminhos

e opções para o trabalho em nossas comunidades mercedárias como um intenso “hospital”, onde a misericórdia do Senhor continue sendo irradiada para ampliar, recordar e reconhecer que, em cada trabalho mercedário, há uma casa de acolhida, amor, fidelidade e entranhas de misericórdia.

Este II Congresso Internacional de Pastoral Paroquial foi pensado com imenso carinho pela equipe que foi convocada para que essa conquista se tornasse real na história. Todos os que estamos por aqui somos irmãos. Viemos de lugares distintos e situações das mais variadas. Um dia, nossa Mãe das Mercês nos reuniu, e hoje, religiosos e religiosas, presbíteros, leigos e leigas, aqui estamos para continuar esse processo de transformação na história.

Apostemos por este Congresso, façamos que seja real em nossas vidas. Nós somos os protagonistas desse tempo. Façamos desta convivência, mesmo em meio às diferenças linguísticas, um lugar de paz e comuniquemos aos que aqui não puderam comparecer o gozo de construir e constituir um tempo de reflexão, oração e discernimento para um empenho mais integral possível de nosso trabalho de misericórdia. Cada espaço onde está um mercedário é uma paróquia, ou seja, uma “casa de acolhida”, ou um “hospital de campanha”. Nenhum espaço mercedário seja deixado de lado. Cada um traz aqui uma história de amor misericordioso.

A aventura na “barca de Nolasco” no Hospital de Santa Eulália ou no “hospital de campanha” será conduzida por um único mestre, Jesus Redentor da Humanidade. Ele nos impulsiona a dar passos significativos. Ele nos dá uma Mãe para todos os instantes, a fim de que como irmãos e irmãs em mercê possamos caminhar, de forma específica neste Congresso e em todas as modalidades que possam surgir, para que no tempo e na história nossas paróquias sejam lugares de esperança, alegria, paz e cura integral de cada pessoa humana. Convido a que usemos nossas comunicações sociais para contar aos outros, que aqui não estão, tudo o que iremos fazer e viver.

Agradeço a todos os participantes que se empenharam por chegar até aqui. Seja para todos um tempo de paz.

ORIENTAÇÕES PARA O II CONGRESSO DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO

Srs. e Sras. participantes do II Congresso de Pastoral Paroquial Mercedário, agradecemos sua participação e comunicamos o seguinte para o bom andamento de todos os trabalhos:

1. A qualquer necessidade, podem procurar a equipe de coordenação do Congresso;
2. Vocês receberam uma bolsa contendo alguns materiais para sua organização: crachá, livreto de oração, caneta e papel timbrado;
3. Nossos horários são bastante explícitos, pedimos ser bastante organizados para o bom andamento do Congresso; e
4. A equipe está assim organizada:

PROVINCIAL – Frei John Londerry Batista e Frei Demerval Reis (conselheiro provincial da área de pastoral);

COORDENAÇÃO – Frei José Maria Mohomed Junior, Frei Demerval Reis Soares, Frei Elionaldo Ecione Silva, Frei Rogério Soares e Frei Francisco Williams Xavier;

LITURGIA – Frei Willian Cosme da Silva e postulantes;

SECRETARIA – Frei Werlen Lopes da Silva e Frei Jociel Batista de Carvalho;

ACOLHIDA E RECEPÇÃO – Frei Rogério Soares, Frei Francisco Williams e postulantes;

ANIMAÇÃO E CANTOS – Frei Inácio José Tadeu R. Martins;

FINANCEIRO – Sra. Cláudia Mariane e Frei Jociel Batista;

PRIMEIROS SOCORROS – Sra. Maria do Amparo;

COMUNICAÇÃO – Sr. Rodrigo Sales; e

INTÉRPRETES – Sra. Daniele Ocampo (Espanhol) e Sr. João Luís Saraiva (Inglês).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO (2)

Pe. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente da Comissão do Congresso

Saudação e paz!

Iniciamos um novo dia, bom dia! *Good morning! ¡Buenos Días!*

Sejam todos bem-vindos para esse caminho de esperança e paz. Espero que todos estejam bem e abertos ao que Deus nos indicará neste dia.

Teremos muito trabalho para o dia de serviço redentor. Nossa reflexão desse dia vai ser orientada por um eixo histórico, recordando caminhos percorridos, desde o Hospital de Santa Eulália de Barcelona (séc. XIII) até o “hospital de campanha” do Papa Francisco.

Escolhemos esse tema como um cuidado específico do nosso tempo para perceber como nossas casas são autênticas casas de cuidado e integração humana. Alguns chamam de hospitais, outros de paróquias, outros de convento, outros de casa de acolhida, outros de casas de encontro, nós queremos cada vez mais observar a casa, que, na dinâmica da história, foi um profundo lugar de amor misericordioso.

O desenvolvimento desse trabalho foi entregue ao nosso irmão mercedário da Província Mercedária da Imaculada Conceição, o Pe. Fr. Manuel Anglés Herrero, O. de M., que iniciou sua caminhada entre nós quando ingressou na Ordem e já professo fez seus estudos em Valência (Espanha), além de licenciatura em história da Igreja. Atualmente, desempenha a função de Secretário Geral no Governo da Ordem Mercedária. Sua simplicidade e seu amor pela Virgem das Mercês o trouxeram até aqui para nos ajudar a conhecer passos do tempo e da história de nossa família religiosa.

Que neste dia possamos desfrutar desse tempo e dessa experiência humano-afetiva da casa de todos nós. Nosso tempo estará dividido em quatro partes, observando os horários estabelecidos que se encontram em suas pastas. Conferências, ressonâncias, estudo e aprimoramento serão os caminhos desse dia. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva, presbítero da Diocese de Campanha/MG, fará para nosso grupo a reflexão bíblica sobre a *“misericordiae gaudium”*: quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço. Ele é doutor em ciência bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

A celebração eucarística será ao final do dia e será presidida pelo Pe. Frei Reginaldo Roberto Luiz, Conselheiro Geral e responsável pela área de pastoral da Ordem. Após o jantar, às 20h, teremos um *“case”*, uma experiência de paróquia vivida na cidade de São Paulo, a reflexão e apresentação do tema será conduzida pelo Pe. Paolo Parisi, C.S., que se fará presente em nosso Congresso.

Não deixem de comunicar aos irmãos de nossas províncias o que viveremos neste dia de hoje. Desejo sucesso de participação neste Congresso a todos, que possamos vivenciar esse dia em fidelidade profunda ao amor misericordioso que se fez para todos nós mercê de Deus.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO (3)

Pe. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente da Comissão do Congresso

Amados Congressistas, bom dia! *Good morning!* ¡Buenos Días!

Já fizemos um caminho histórico e de participação e compreensão dessa realidade iniciada por nosso Pai São Pedro Nolasco na alegria de ver o “hospital de campanha” sendo apresentado como a grande paróquia de mercê que foi sendo conduzida por tantos e tantas que amaram Jesus até o fim e deram sua vida por todos.

Lembremos nossos mártires, de ontem e de hoje. Lembremos nossos santos e santas que defenderam a fé, o amor, a misericórdia, a tolerância e a concórdia entre os povos, como gesto de acolhida em todas nossas casas, que são para nós um “hospital de mercê”.

A experiência eclesial abriu um espaço insondável de criatividade e reflexão, pois, após o Vaticano II, foi de extrema importância à construção histórica das Conferências de Medellín e Puebla. O acontecimento histórico está vinculado ao tempo, à reflexão não. Assim com o professor Sérgio Coutinho, doutor em história da Igreja, somos chamados a uma leitura mais inteligente dos textos em vista da nossa obra libertadora. A reflexão é uma fonte de aproximação nesse “hospital de campanha”. Deixemo-nos conduzir por essa sabedoria do texto, da aproximação teológica e de modo especial pela amizade que o professor tem com nossa família. Ele também é mercedário, desde a fundamentação da fé batismal. Sua família é mercedária há muitos anos.

Após os estudos da parte da manhã, iremos visitar e celebrar a eucaristia, na Serra da Piedade, Santuário Estadual do povo mineiro. Nosso horário de saída será às 13h, observemos bem o tempo para que todos possamos celebrar com alegria esse momento.

Segundo a Wikipédia,

A serra da Piedade é uma formação geológica localizada no município brasileiro de Caeté, no estado de Minas Gerais. Sua altitude atinge o máximo de 1.746 metros acima do nível do mar. Corresponde a uma continuação da Serra do Curral, delimitando a fronteira norte do Quadrilátero Ferrífero. A serra da Piedade já era conhecida desde o princípio do século XVII. Lourenço Castanho Taques é considerado o desbravador da região de Caeté, como consta em Carta Régia de 23 de Março de 1664, pela descoberta dos “Sertões de Caeté”. Na verdade, a Serra da Piedade é a mesma serra do Sabarabuçu e, portanto, está ligada às lendas das minas de prata, que desde o final do século XVI excitaram os espíritos aventureiros que queriam crer que naquela latitude havia abundância de prata, a exemplo do que acontecia na serra do Potosi, no Peru.

A única construção histórica preservada hoje é a Capela de Nossa Senhora da Piedade, localizada no topo da serra, tendo sua construção sido iniciada por volta de 1704 e concluída por volta de 1770.

Após a santa missa, teremos um tempo para um “painel”, observando as obras de misericórdia redentora das Províncias e um olhar para a próxima Campanha Redentora. O local será numa casa de encontro na mesma Serra da Piedade. Depois, jantaremos e teremos um momento cultural; em seguida, retornaremos até a casa de encontro.

Espero que tenham um dia agradável e cheio de surpresas. Que a reflexão do dia de hoje gere em nós um compromisso saudável de gosto pela liberdade e pela promoção e libertação integral de cada pessoa humana. Que o amor e a paz se estabeleçam entre nós. Comunicemos aos amigos e irmãos mercedários o que estamos vivendo nesses dias, que todos e todas possam se unir a nós nessa experiência de vida fraterna e mercedária.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO (4)

Pe. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente da Comissão do Congresso

Amados congressistas, bom dia! *Good morning!* ¡*Buenos Días!*

Passos significativos fizemos neste II Congresso de Pastoral Paroquial Mercedário, até este momento de nossa história de convivência e experiência na nossa formação mais integral. Hoje, com a observação histórica de que desde o início foi em um hospital como cuidadores de pessoas e vidas em provocação de liberdade que estivemos, nos encontramos em nossas obras paroquiais como um imenso “hospital de campanha”, como disse o Papa Francisco. Nosso Pai São Pedro Nolasco, depois da inspiração mariana desse olhar de misericórdia, como relatou e rezou o salmo 106, abriu para nós um campo vasto de promoção integral da vida humana.

O tempo e a história nos proporcionaram profundas criatividade. Mesmo quando circunstâncias e desafios humanos, econômicos e existenciais aconteceram, e quase impediram que a mercê de Deus se expressasse na história, diversos fatores também ajudaram a dar passos mais significativos de mercê. Pensemos nas grandes obras missionárias que surgiram a partir da experiência primária de vida conventual. As obras de misericórdia sempre estiveram presentes em nosso meio. Carismas missionários se fizeram atuantes. São oficinas de amor misericordioso.

Gostaria de realçar alguns nomes missionários: Servo de Deus Dom Inocência López Santamaría, Madre Lúcia Etchepare, Venerável Maria del Refugio Aguilar, Beata Margarita Maria Maturana, Beato Juan Nepomuceno Zegri, Servo de Deus Fr. José León Torres, Lutgarda Mas i Mateu, Servo de Deus Fr. Francisco de Jesus Bolaños, Servo de Deus Fr. Juan Gilabert Jofré, Madre Teresa de Jesus Bacq, Servo de Deus Fr. Antonino Pisano, Servo de Deus Fr. Pedro Urraca, Fr. Manuel Cereijo

e companheiros mártires, Beato Fr. Mariano Alcalá e companheiros mártires, eles foram homens e mulheres que operacionalizaram na história um lugar específico de amor misericordioso.

Hoje, somos nós os construtores da esperança em meio a tantos desafios. Nossa coleta redentora fala de um compromisso libertador em uma ação afetiva e efetiva da história. Pe. Fr. Fernando Henrique M. Brito, O. de M., ajudará nossos oficinairos a tomarmos decisões mais coerentes em favor de obras concretas e de amor criativo para com os irmãos mais necessitados. Cristina Cunha vai nos auxiliar num trabalho específico de comunicação em promoção da liberdade daquilo que devemos e queremos comunicar.

A destituição de dignidades em forma de *“fake news”* tem nos provocado, a cada dia, a repensar nossa linguagem e aproximação humana. Viviane Quênia nos colocará em lugares sociais e afetivos de comunicação divina, um espaço comunicativo de acolhida e missão. Pe. José Godoy tem trabalhado imensamente num agir de paróquia que cada vez mais possa irradiar a misericórdia através dessa rede de comunidades, como nos sugerem os documentos episcopais brasileiros.

Congressistas, nosso dia está repleto de serviço, trabalho, escuta, convivência e aprimoramento para um projeto de liberdade em favor de pessoas que nos rodeiam e nos provocam a ser cada vez mais mercê de Deus para uma humanidade sedenta de justiça e paz.

Convido a que possam saborear essas experiências de partilha e a abrir-se ao mistério do amor de Deus através de pessoas empenhadas na promoção humana e no desenvolvimento efetivo de pessoas.

As oficinas são aberturas de possibilidades criativas pensadas pela comissão organizadora do Congresso para que possam ter experiências, partilhar opções e encontrar caminhos específicos para o trabalho no *“hospital de campanha”* que chamamos de paróquia.

Ao final deste dia, teremos o ato de clausura do nosso Congresso. Nossa Eucaristia será neste dia presidida pelo Provincial Pe. Fr. John Londerry Batista, O. de M.. Agradecemos desde já a Dom Odilo Pedro Cardeal

Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, que se faz presente através de uma missiva, pois compromissos da Conferência Episcopal o impediram de estar presente conosco.

Seja este dia de profunda convivência e alegria!

ATO DE CLAUSURA DO II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL PAROQUIAL MERCEDÁRIO (5)

Pe. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente da Comissão do Congresso

Amados congressistas,

Chegamos ao final de mais um Congresso organizado pela Ordem Mercedária, nossa Ordem, nossa família. Muitas luzes se fizeram presentes neste Congresso. É claro e evidente que muitas sombras também se manifestaram. Precisamos continuar a ser mercê em cada lugar onde vivemos e somos, continuar a espalhar a obra da misericórdia que está em nossas mãos.

Obrigado aos que compareceram, agradecemos a todos os que ficaram em nossas províncias e comunidades, velando e promovendo a experiência do nosso “hospital de campanha”. Vocês retornarão com um coração repleto de novas experiências. Continuemos partilhando amor redentor por onde formos.

Temos esperanças por celebrar e viver. Nossa Mãe das Mercês nos acompanha em todos os momentos. Nosso Pai Pedro Nolasco é um ícone de luz sempre brilhando para nos ajudar nos desencontros históricos. Cristo Redentor é nosso modelo de amor generoso e fiel para uma humanidade sedenta de paz.

Mais uma vez, gratidão pelo empenho de viajar de tão perto e tão, tão distante, para estarmos unidos em promoção humana. Que cada vez mais nossa comunicação e nossa linguagem sejam efetiva e afetiva para com todos os cativos. É por eles que estamos aqui.

Abraço fraterno a todos e todas!

CRONOGRAMA DO II CONGRESSO INTERNACIONAL MERCEDÁRIO DE PASTORAL PAROQUIAL

19/08/19

15:00 Credenciamento – *Check-in*

18:00 Jantar.

20:00 Momento orante (equipe de liturgia).

- Ato de abertura – Pe. Fr. Demerval Reis, O. de M –
Conselheiro Provincial.
- Composição da mesa: Conselheiro Geral da área pastoral;
Provincial do Brasil; e Arcebispo de Belo Horizonte.
- Presidente da Comissão Organizadora do Congresso; e
Conselheiro Provincial para a área pastoral.
- Saudações iniciais: Conselheiro Geral; Provincial do Brasil;
Arcebispo de Belo Horizonte; e Presidente da Comissão
Organizadora.
- Momento orante (equipe de liturgia).

22:00 Descanso.

20/08/19

07:00 Despertar.

07:30 Café.

08:45 Momento Orante (equipe de liturgia).

09:00 Conferência – Pe. Fr. Manoel Anglés, O. de M. (Conselheiro
Geral) – “Do Hospital de Santa Eulália de Barcelona (séc. XIII) ao
‘hospital de campanha’ do Papa Francisco”.

10:00 Intervalo.

10:30 Conferência – Pe. Fr. Manoel Anglés, O. de M. (Conselheiro
Geral) – “Do Hospital de Santa Eulália de Barcelona (séc. XIII) ao
‘hospital de campanha’ do Papa Francisco”.

- 11:30 Ressonâncias – Pe. Fr. Manoel Anglés, O. de M. (Conselheiro Geral).
- 11:45 Pausa.
- 12:00 Almoço.
- 14:00 Animação.
- 14:30 Conferência – Pe. Luís Henrique Eloy e Silva: *“Misericordiae Gaudium: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço - por uma releitura da unidade do tríptico de Lc. 15”*. Enviado especial de Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Arcebispo de Belo Horizonte e Presidente da CNBB.
- 16:00 Pausa.
- 18:00 Celebração Eucarística – Pe. Fr. Reginaldo Roberto Luiz, O. de M. (Conselheiro Geral).
- 19:00 Jantar.
- 20:00 Apresentação de um *“case”* – Pe. Paolo Parise, C.S. – (Pároco de Nossa Senhora da Paz/SP).
- 22:00 Descanso.

21/08/19

- 07:00 Despertar.
- 07:30 Café.
- 08:45 Momento Orante.
- 09:00 Conferência – *“Medellín e Puebla: os Mercedários nas periferias do cativoiro”* – Prof. Dr. Sérgio Coutinho – Doutorado em História (UFG); professor de História (UPIS) – Brasília/DF.
- 10:00 Intervalo.
- 10:30 Conferência – Prof. Dr. Sérgio Coutinho.
- 11:45 Pausa.
- 12:00 Almoço.
- 13:00 Saída para a Serra da Piedade .
- 15:00 Celebração Eucarística.

- 17:00 * Paineis das Obras de Misericórdia das Províncias – Pe. Fr. Demerval Reis Soares, O. de M.
 * Campanha Redentora 2018/2019 – Pe. Fr. Manoel Anglés Herrero, O. de M. (Conselheiro Geral).
- 19:30 Jantar Cultural.
- 21:00 Saída para Belo Horizonte.
- 22:00 Descanso.

22/08/19

- 07:00 Despertar.
- 07:30 Café.
- 08:45 Momento Orante.
- 09:00 Oficinas.
- a) Coleta da Redenção e o uso dos bens – Fr. Fernando Henrique, O. de M. – Conselheiro Provincial.
 - b) “A verdade vos libertará” (Jo. 8, 32) – Por uma Comunicação libertadora e misericordiosa – Cristina Cunha – Salvador/BA.
 - c) Paróquia como rede de comunidade irradiando a misericórdia – Pe. José Manoel de Godoy – FAJE – BH.
 - d) De Betânia à visitação – o agir mercedário como acolhida e missão – Viviane Quênia – Salvador/BA.
- 10:00 Intervalo.
- 10:30 Oficinas.
- 12:00 Almoço.
- 14:00 Animação.
- 14:30 Ato de Clausura.
- 16:30 Pausa.
- 17:00 Celebração Eucarística – Dom Odílio Pedro Cardeal Scherer – Arcebispo de São Paulo – Vice-Presidente do CELAM.
- 18:00 Jantar.

23/08/19

07:00 Despertar.

07:30 Café e despedida.

08:30 *Check out.*

“A MISERICÓRDIA DO SENHOR É ETERNA!” (SL. 106) DA EXPERIÊNCIA PAROQUIAL ÀS PERIFÉRIAS EXISTENCIAIS

Ato de abertura – Pe. Fr. Demerval Reis, O. de M.

O II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial, cujo tema é “‘A misericórdia do Senhor é eterna!’ (Sl. 106) – da experiência paroquial às periferias existenciais” tem como ponto de partida celebrar a ação misericordiosa de Deus na experiência humana, sendo fonte de vida e de restauração para aqueles que creem, apontando novos caminhos e um novo momento histórico.

Neste ano de 2019 – em que a Ordem das Mercês acaba de completar oitocentos e um anos de sua fundação –, ainda estamos envoltos em um espírito de gratidão e alegria motivados pelos eventos realizados, nas diversas províncias, espalhadas pelo mundo afora, e que apontam para “um novo tempo” que se inicia com as comemorações dos oitocentos e um anos das Mercês. Sendo assim, a realização deste Congresso vem agregar a esse espírito celebrativo a oportunidade de mirarmos o nosso apostolado carismático redentor, fazendo um resgate da experiência original, mas também mirando o futuro próximo, como resposta às novas formas de catividade presentes na atualidade.

O salmo 106 testemunha as fraquezas históricas do povo de Deus e de suas infidelidades frente à aliança realizada com Deus, cuja misericórdia será sempre oferecida a este povo para que se converta e volte a caminhar sob o olhar amoroso de Deus. O salmista proclama uma sucessão de ingratidões e confessa o pecado do povo ao Deus fiel e sempre disposto a oferecer o seu amor para redimir e salvar os seus preferidos e amados.

Como povo de Deus a caminho, queremos continuar experimentando a misericórdia do Senhor que é eterna e que nos anima a seguir em frente, apesar das fragilidades e inconsistências. Acreditamos que as paróquias

sejam lugares privilegiados do exercício da misericórdia, e que, desde aí através de ações evangelizadoras, possamos irradiá-la, chegando às periferias existenciais, como nos pede a Igreja sob o pastoreio do Papa Francisco, neste nosso tempo.

O itinerário a ser trilhado, nesses dias de encontro e reflexão, passará por:

1. **Eixo histórico:** Do Hospital de Santa Eulália de Barcelona (séc. XIII) ao “hospital de campanha” do Papa Francisco;
2. **Eixo bíblico-catequético:** A misericórdia nas Sagradas Escrituras e a experiência da Igreja em “Medellín e Puebla: os mercedários nas periferias do cativoiro”. Teremos, ainda, um painel com as obras de misericórdia assumidas pelas diversas Províncias da Ordem; e
3. **Eixo pastoral (oficinas):**
 - a. “A coleta da redenção e o uso dos bens” – Um resgate histórico da coleta da redenção, realizada pela Ordem das Mercês, e o seu significado como expressão viva da partilha dos bens em favor dos cativos de todos os tempos;
 - b. “A verdade vos libertará” (Jo. 8, 32) – por uma comunicação libertadora e misericordiosa – O desafio de uma comunicação livre e libertadora, diante do panorama atual dominado por falsas notícias (*fake news*) e o contexto de desconfiança. Descobrir os processos de construção das falsas notícias e as formas de combatê-las;
 - c. “A paróquia como rede de comunidades irradiando a misericórdia” – Entender a paróquia como uma rede de comunidades, a partir de uma vivência missionária, traduzida em gestos de misericórdia; e
 - d. De “Betânia à visitação” – Experimentar a vida mercedária como espaço de acolhida e missão, à luz das imagens evangélicas da casa de Betânia e do encontro entre Maria e Isabel.

Sendo assim, ao longo desses dias, queremos professar a nossa fé na misericórdia de Deus que foi, é e sempre será para com todos os cativos libertos pelo seu amor.

Seguindo ao Cristo, redentor da humanidade, e inspirados pelo carisma original de São Pedro Nolasco, peçamos, continuamente, a proteção da Virgem das Mercês, consolo para os cativos e mãe dos redentores. Que o nosso olhar se amplie, nessas terras das alterosas, e vislumbremos um “belo horizonte” em que todos sejam livres, no amor do Senhor e nos serviços aos irmãos e irmãs.

MENSAGEM DO ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Amados irmãos e amadas irmãs,

Com apreço recebam os meus votos de muita saúde, muita paz!

O II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial propõe uma reflexão muito importante a partir do tema “‘A Misericórdia do Senhor é eterna!’ – Da experiência paroquial às periferias existenciais’’: ir ao encontro das pessoas em lugares distantes das muitas periferias, não apenas geográficas, mas também existenciais, é dever da nossa Igreja. Uma tarefa que nos foi confiada pelo mestre Jesus quando disse: “Ide pelo mundo e anunciai a boa nova para toda criatura”.

A Palavra de Deus é esperança, leva uma luminosidade especial ao coração de todos, força para que a humanidade enfrente seus muitos desafios. Levar aos que estão distantes, sofrendo com a exclusão, pobreza e diferentes formas de discriminação, é efetivar cada vez mais o modelo de Igreja proposto pelo Papa Francisco, uma Igreja em saída, hospitaleira, hospital de campanha.

Trata-se de tarefa nobre e bonita, já assumida com entusiasmo pelos religiosos da Ordem das Mercês, que testemunham com ardor a fé em Cristo ressuscitado. Cultivar sempre esse ardor missionário é necessário. Por isso, agradeço a todos aqui reunidos pela dedicação à Igreja e ao anúncio do evangelho.

Alegro-me pela bonita história de 800 anos, oito séculos da nossa amada Ordem das Mercês. Uno-me à família Mercedária, dela participando para celebrar esse caminho de tantas tradições e conquistas, sempre a serviço do povo de Deus.

A Mãe Maria, a Mãe das Mercês, interceda por todos nós. Cristo Rei muito nos abençoe. Recebam, com apreço e amizade, o meu abraço fraterno.

CURRÍCULO

O Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma, Itália). cursou Filosofia no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio (1972-1973), em Juiz de Fora (MG), e na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (1974-1975), em São João Del-Rei (MG). De 1974 a 1977, cursou Teologia no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, em Juiz de Fora. Em 1977, após ser ordenado sacerdote, incardinou-se na Arquidiocese de Juiz de Fora. Foi pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Benfica (1986-1995) e da Paróquia do Bom Pastor (1996-1998); coordenador da Região Pastoral Nossa Senhora de Lourdes (1988-1989); coordenador Arquidiocesano da Pastoral Vocacional (1978-1984) e reitor do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio (1989-1997).

No campo acadêmico, lecionou nas disciplinas Ciências Bíblicas, Teologia e Lógica II; coordenou os cursos de Filosofia e Teologia. Em Belo Horizonte, foi professor da PUC-Minas (1986-1990). Também lecionou no mestrado em Teologia da PUC-Rio (1992, 1994 e 1995).

De Salvador para Belo Horizonte

Nomeado Bispo Auxiliar de Salvador (BA) pelo Papa João Paulo II no dia 21 de janeiro de 1998, foi ordenado pelo Cardeal Dom Frei Lucas Moreira Neves, O.P., no dia 10 de maio de 1998. Seis anos depois, em 2004, foi nomeado Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte pelo Papa João Paulo II. O início de seu ministério foi no dia 26 de março de 2004. Em outubro de 2008, Dom Walmor foi escolhido para ser um dos quatro representantes do Brasil na XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em Roma.

Em fevereiro de 2014, foi nomeado pelo Papa Francisco membro da Congregação para as Igrejas Orientais. Desde 2010, o Arcebispo é referencial para os fiéis católicos de Rito Oriental residentes no Brasil e desprovidos de ordinário do próprio rito. Dom Walmor também é membro da Congregação para a Doutrina da Fé, desde 2009. Na CNBB, o Arcebispo presidiu a Comissão para a Doutrina da Fé durante os exercícios de 2003 a 2007 e de

2007 a 2011. Também exerceu a presidência do Regional Leste II da CNBB – Minas Gerais e Espírito Santo. Membro da Academia Mineira de Letras, Cidadão Honorário de Minas Gerais, dos municípios de Caeté, Ribeirão das Neves, Contagem, Nova Lima, Santa Luzia e muitas outras cidades mineiras. Dom Walmor também foi agraciado com a Comenda Dom Luciano Mendes de Almeida, da Faculdade Arquidiocesana de Mariana, e com o título de Doutor *Honoris Causa*, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2012). Foi eleito presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no dia 10 de maio de 2019, durante a 57ª Assembleia Geral dos Bispos, para o quadriênio 2019-2023. Natural de Cocos (BA), Dom Walmor nasceu no dia 26 de abril de 1954.

Fonte: <https://arquidiocesabh.org.br/arquidiocese/organizacao/governo/dom-walmor-oliveira-de-azevedo/> - Acesso em: 12 set. 2019.

DO HOSPITAL DE SANTA EULÁLIA DE BARCELONA (SÉC. X III) AO HOSPITAL DE CAMPANHA DO PAPA FRANCISCO

Pe. Fr. Manuel A. Anglés Herrero, O. de M.

TEMAS

Parte 1

Introdução e saudação, as chaves históricas – teológicas – pastorais

1. A Hospitalidade: *Hospitium, Hospitalitas et Hospitale*.
2. A Misericórdia – As Entranhas de Nosso Deus.
3. A Chave Histórica: O Hospital de Santa Eulália de Barcelona:
 - 3.1. Antes de Pedro Nolasco;
 - 3.2. Com Pedro Nolasco.
4. Fundação da Esmola dos Cativos:
 - 4.1. Fundação e doação (a *almoína*/esmola);
 - 4.2. A nova casa: o novo Hospital de Santa Eulália;
 - 4.3. O nome e título de Pedro Nolasco e sua obra;
 - 4.4. A importância dos leigos e religiosas.
5. Hospitais Mercedários (Arguines e El Puig).
6. O hospital de inocente de Frei Juan Gilabert (1409).
7. Hospital no Novo Mundo – Terra Firme (Bula de Pío V: 1572-01-13).

Conclusões da primeira parte

Parte 2

8. A chave teológica: pela entranhável misericórdia do nosso Deus:
 - 8.1. A ação mercedária: hospitalidade redentora.
9. A chave pastoral do Papa Francisco: hospital de campanha.
10. Desafios pastorais das Mercês do século XXI.

Bibliografia

* Notas de rodapé disponíveis no texto original, a partir da página 170.

PARTE 1

INTRODUÇÃO E SAUDAÇÃO, AS CHAVES HISTÓRICAS, TEOLÓGICAS E PASTORAIS

Muito bom dia! Nós nos encontramos para participar deste II Congresso da Pastoral Paroquial Mercedária, que nos convoca, nesta cidade de Belo Horizonte, ao propósito de refletirmos juntos na chave da pastoral paroquial, com um pano de fundo importante como a misericórdia.

Sempre atraiu minha atenção, ao refletir sobre a Ordem das Mercês, um antigo ditado castelhano: “Mercedários são poucos, mas fazem bem”. E esse ditado não foi nós que inventamos.

Junto com esse pequeno gracejo, quando se vai conhecendo a Ordem da Mercês, vai-se descobrindo uma infinidade de obras carismáticas, assistenciais e caritativas... quase intermináveis. Recentemente, na visita canônica do Mestre Geral da Ordem das Mercês, Pe. Fr. Juan Carlos Saavedra Lucho, um servidor a esta Província do Brasil, ficamos impressionados com a multidão de iniciativas que cada uma das comunidades e presenças mercedárias realizam. Quase incontáveis. E em todos os campos possíveis.

Por que essa multiplicidade da caridade mercedária redentora, essa misericórdia com os mais necessitados da sociedade?

Há alguns anos (antes do ano 2000), refletia-se sobre a busca de um trabalho comum que identificasse os mercedários ao redor do mundo. E acho que não me engano em dizer que esse trabalho carismático não foi encontrado.

E isso parece muito bom. Porque uma coisa é o carisma da redenção dos cativos, que é o dom que São Pedro Nolasco recebeu e, portanto, a graça que é transmitida à Ordem de geração em geração, e outra coisa são os trabalhos concretos que são levados a cabo e se tornam realidades concretas da ação do Espírito. Assim, as obras das Mercês brotam da misericórdia derramada pelo Pai através do Espírito Santo em todos os que participam do carisma e da espiritualidade mercedária.

Essa reflexão inicial surge de uma abordagem histórica, desde o início do nosso ser e fazer mercedário. Não há dúvida de temos de nos fazer algumas perguntas, de onde avançar e dar respostas; porque, embora a história seja importante, o contexto em que nos encontramos é um contexto pastoral e a história se mostra como servidora desse ideal que nos foi apresentado.

Existem vários elementos que devemos levar em conta e que tentaremos esclarecer.

Em primeiro lugar, porque a Ordem das Mercês encontra sua identidade mais profunda em ser uma Ordem redentora; isto é, chamada por Deus – enviada para o resgate dos cativos, homens (em seu sentido mais amplo, sem gênero) caídos nas mãos de inimigos que professam uma religião diversa, e que também foram submetidos à escravidão. Os dois elementos: religioso e social se cruzam e se aliam na definição de cativo.

Temos, portanto, uma Ordem redentora, que dedica a maior parte de seus esforços à libertação e resgate dos cativos.

Em segundo lugar, porque é uma Ordem de grande presença de leigos, não faltam religiosos sacerdotes, mas pelo menos nos momentos iniciais a presença deles era muito pequena. E acontece que estamos em um congresso pastoral paroquial, em que a presença do clero parece pelo menos inicialmente importante. As paróquias não são compreendidas sem a presença do clero, embora a grande maioria seja secular. Uma relação muito interessante é, assim, estabelecida, que também deve ser abordada de outras perspectivas.

E, em terceiro lugar, estamos lidando com uma realidade que talvez nos escape, porque pertence às origens das Mercês: a hospitalidade, como espaço e referência da Ordem das Mercês, chamada de “Hospital de Santa Eulália”. Esses três elementos unem-se e fundem-se nas mercês ao longo da sua história: redentora, paroquial e hospitaleira, e convergem hoje. Essa perspectiva histórica, como veremos, baseia-se em uma chave teológica: a misericórdia divina (que também dá título a este congresso), e que nasce da experiência vital de Pedro Nolasco, se configura nas Constituições de 1272, já no Proêmio (Deus, o Pai de misericórdia e doador de toda consolação), e através do carisma mercedário chega aos nossos dias.

E a chave teológica (juntamente com essa chave histórica) encontra no pontificado do Papa Francisco sua chave pastoral conveniente: a Igreja (as Mercês) como hospital de campanha. Esse viés pastoral, impulsionado desde o início de seu pontificado, transborda em muito a visão da Igreja como um espaço de comunhão, como uma comunidade em caminho, como itinerância, e como um estabelecimento no meio do mundo com a fragilidade da tenda, como hospital, como servidores da humanidade ferida.

Sem sequer entrar no tema do congresso, percebemos a profundidade da abordagem pastoral que, a partir das chaves da paróquia missionária, estamos vislumbrando, e as possibilidades que oferece ao caminho mercedário, que necessitará de profundos processos de discernimento para responder ao chamado que a Igreja nos faz.

1. A HOSPITALIDADE: *HOSPITIUM*, *HOSPITALITAS ET HOSPITALE*

Tomaremos como referência dois dicionários da língua espanhola. A 20ª edição do Dicionário da Real Academia Espanhola (1984), e o Dicionário de uso espanhol por Maria Moliner (1994), em sua 19ª reimpressão.

RAE: hospício (do latim *hospitium*). m. Casa, destinada a abrigar e receber peregrinos e pobres. // 2. Ação e efeito de hospedar alguém. // 3. Hospedaria das comunidades religiosas. // 4. Asilo em que a manutenção e a educação são dadas a crianças pobres, enjeitadas ou órfãs.

RAE: hospitalidade (do latim *hospitalitas-atis*). f. 1. Virtude que é exercida com peregrinos, necessitados e desamparados, coletando-os e proporcionando-lhes uma assistência adequada às suas necessidades. (Tem dois outros significados).

RAE: hospital (do latim *hospitalis*). m. 1. Amigável e caridoso com os hóspedes. // 2. Estabelecimento onde os doentes são curados. // 3. Casa usada para recolher pobres e peregrinos por tempo limitado.

MOLINER: Hospício: Casa onde os peregrinos e mendigos eram acolhidos (significado atual). Asilo para crianças pobres, órfãs e abandonadas, sustentados pela delegação provincial em cada capital provincial. (Dois outros significados seguem).

MOLINER: hospitalidade: qualidade ou atitude do hospitaleiro.

MOLINER: hospital: (de lat. *hospitale*, derivado de *hospes-itis*: hospede). Estabelecimento onde pessoas doentes são assistidas; este nome é dado àqueles de assistência gratuita, para os pobres, militares etc.; pois ao se criar estabelecimentos desse tipo de pagamento, eles receberam outros nomes para diferenciá-los dos tradicionais que tinham esse caráter. Casa onde os doentes e peregrinos foram acomodados por tempo limitado.

Se mantivermos alguns dos dados que esses dicionários nos fornecem, entraremos imediatamente nesse trabalho que os mercedários estavam

desenvolvendo desde suas origens e que, à medida que as nascentes de água doce chegam até hoje, marcam ritmos e itinerários de renovação.

Podem haver várias palavras-chave:

- casa lugar e espaço;
- acolhida atitude vital;
- gratuidade serviço gratuito prestado;
- pobres / doentes / peregrinos (cativos) destinatários.

2. A MISERICÓRDIA – AS ENTRANHAS DO NOSSO DEUS

Não é o momento para mostrar como a misericórdia é a chave para entender a vida de Pedro Nolasco e seu compromisso de dar a vida pelos cativos; mas pelo menos deve ser notado, mesmo indiretamente, porque, se não, não seremos capazes de captar a intuição carismática que com o tempo se tornou um voto de redenção, de dar a própria vida.

O drama do cativo no século XIII, no qual a vida de Pedro Nolasco se desenvolve fundamentalmente, constitui uma ferida profunda que marca a sociedade medieval e a vida da Igreja. As guerras contínuas, corso, a pirataria em uma sociedade de fronteira entre o Islã e o Cristianismo, causaram uma multidão de cativos de ambos os lados, que se tornaram parte dos despojos do vencedor e mão de obra escrava e, portanto, de baixo valor, assim como as esposas e guerreiros.

Essa situação, do ponto de vista cristão, correspondia a não ser capaz de viver a liberdade dos filhos de Deus, conquistada pelo sangue de Cristo (Gl. 5, 1), com um perigo real de apostasia e, portanto, de perda da salvação eterna. Portanto, os dois planos, temporal e eterno, se uniam em favor da liberdade e dignidade dos filhos de Deus, começaram a procurar maneiras de promover a redenção. Antes das ordens redentoras da Trindade e das Mercês, os conselhos municipais procuravam a ajuda de comerciantes e viajantes que pudessem entrar em contato através das fronteiras e buscar a liberdade. Mas para isso o dinheiro era necessário. Essa é uma questão muito importante: os bens da redenção.

Nossa reflexão sobre a misericórdia começa nas entranhas mesmas do nosso Deus. Somente a partir dessa cosmovisão de um Deus misericordioso é possível entender a opção vital de Pedro Nolasco e muitos outros que o sucederam, e os que virão impulsionados a viver a partir dela.

Não poderia explicar tudo. Eu aponto alguns textos que são significativos sobre a misericórdia. Dos muitos que estão ao longo das Sagradas Escrituras,

eu me refiro àqueles que pertencem à mais antiga herança mercedária, como as Constituições de 1272.

O primeiro que proponho está em Lucas 1, 78-79:

Graças às entranhas de misericórdia de nosso Deus, pelas quais, do alto, nos visitará o sol nascente, para iluminar os que estão nas trevas e na sombra da morte, e dirigir nossos pés no caminho da paz.

O texto do *Benedictus*, com tantas ressonâncias Vétero-Testamentárias, especialmente o salmo 107, expressa a situação do povo caído em cativeiro, escravo de masmorras e correntes, vivendo em trevas e sombras, acorrentado e na miséria. Ali clamaram a Deus em sua angústia e os salvou da aflição, retirou-os das trevas e sombras, e nos abriu para a experiência da visita da Palavra, que se faz carne, iluminando a realidade humana, que estava na escuridão. Pedro Nolasco (as Mercês) também fez a visita ao local de cativeiro, o modo de ser e viver, iluminando com a misericórdia redentora os passos dos cativos para a liberdade.

O segundo texto é do Evangelho de João (Jo. 15, 12-15):

Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Eu vos chamo de amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai.

Foi assim que as Mercês viveu desde o começo, dando vida, dando a vida, oferecendo a vida de seus religiosos, religiosas e leigos em favor dos cativos:

Para continuar, avançar, visitar e livrar os cristãos do poder do inimigo da lei de Jesus Cristo, todos os frades desta Ordem, como filhos da verdadeira obediência, estejam sempre dispostos a dar a vida, se necessário, como Jesus Cristo deu por nós.

Ao revisar os antigos livros de profissões de freiras e frades, eles expressaram essa consagração com as palavras *usque ad mortem*, um sinal

inequívoco de seu compromisso com os cativos a quem a vida e a entrega diária de serviço de caridade, hospitaleiro e resgate eram oferecidos.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação. Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que possamos consolar os que se acham em alguma tribulação (2 Cor. 1, 3-4).

Esse texto, muito programático, ofereço no início desta reflexão porque as primeiras linhas do proêmio das antigas constituições mercedárias o copiam e que diz:

Assim como Deus, Pai de misericórdia e Deus de toda consolação e doador de alívio em toda tribulação, por sua grande misericórdia, enviou Jesus Cristo, seu Filho a este mundo para visitar toda a linhagem humana que estava na cadeia [...] de forma semelhante [...]

No texto bíblico de 2 Coríntios, a imagem em que os cristãos são refletidos está na misericórdia do Pai. No texto mercedário, a redenção dos cativos, a hospitalidade, e, se atualizarmos em nosso hoje, podemos dizer a mesma coisa: a misericórdia do Pai.

Vinde bendito do meu Pai, porque tive fome, estava com sede, era estrangeiro, estava nu, doente, na prisão (Mt. 25, 35-36).

E a tradição mercedária incluiu esse texto em seu proêmio constitucional para dar força de lei a todas as suas ações, especialmente hospitaleiras e redentora, além de uma modificação que mostra claramente o propósito da Ordem:

Para que no dia do juízo, assentados à direita por sua grande misericórdia, sejam dignos de ouvir aquela doce palavra que Jesus Cristo dirá da sua boca: Vinde, bendito de meu Pai, porque [...] estava na prisão e você veio a mim, eu estava doente e você me visitou, eu estava com fome e você me deu comida, eu estava com sede e você me deu algo para beber, eu estava nu e você me vestiu, eu não tinha pousada e você me acolheu.

A grande modificação do texto, em sua adaptação mercedária, é claramente colocada em primeiro lugar, o cativo e a doença (as duas tarefas essenciais da hospitalidade mercedária: resgate de cativos, hospitalidade no Hospital de Santa Eulália). Como vemos desde o início, a criatividade não está apenas nas obras, mas ousa modificar um texto sagrado, como o Evangelho de Mateus, e adaptá-lo ao que considera fundamental. Um exemplo claro de enculturação pastoral caridosa e misericordiosa, porque o papel que está sendo desenvolvido no Hospital de Santa Eulália deve ser justificado.

Estamos invocando a misericórdia em uma chave antropológica, não moral. Não se trata de compreender a misericórdia em relação ao pecado e perdão, mas a misericórdia como relação de amizade de Deus com o homem. Deus encontra o ser humano em sua misericórdia e estabelece sua amizade através dela. É a grande novidade da revelação. Não é que alcançamos o conhecimento da divindade e o adoramos, mas que o próprio Deus se tornou próximo a nós por sua misericórdia.

A espiritualidade de Pedro Nolasco é muito rica e mostra muitos elementos, mas a chave da misericórdia reúne muitos deles; e até mesmo o lado mariano, tão central para ele e para a Ordem, é mostrado na chave das mercês – misericórdia.

3. A CHAVE HISTÓRICA: O HOSPITAL DE SANTA EULÁLIA DE BARCELONA

3.1. ANTES DE PEDRO NOLASCO

3.2. COM PEDRO NOLASCO

Levando em conta o que dissemos no início, expondo a terminologia de hospício, hospital e hospitalidade, percebemos imediatamente que a comunidade cristã, para manifestar a misericórdia do Pai, estava criando várias instituições de caridade para socorrer e remediar aqueles que mais necessitavam de ajuda nessa sociedade. Instituições apoiadas e sustentadas pelo apoio eclesiástico de rendas e bens para suprir as carências dos necessitados.

Assim, a mitra e o cabido de Barcelona, com o apoio dos condes, criaram uma instituição de caridade chamada *Almoina* (esmola, em catalão) ao lado da catedral; e ao lado daquele *Almoina*, o Hospital de Santa Eulália, em homenagem à mártir barcelonesa. Essa piedosa Almoina e aquele Hospital serviram aos pobres, peregrinos, doentes e uma longa lista de pessoas e necessidades.

Francisco Zumel, Mestre Geral da Ordem das Mercês, em 1588, escreveu duas pequenas obras para as Constituições da Ordem das Mercês, *De Vitis Patrum* e *De Initio ac Fundatione Ordinis de Mercede*. Em *De Initio ac Foundation*, ele adverte que, em 1203, Pedro Nolasco já resgatava cativos, especificamente, ele fez uma redenção em Valência. Mas, embora ele tenha dito que havia pegado os dados de alguns códices antigos, não indicou quais eram. Esses códices antigos pertencem à Catedral de Barcelona, onde Caresmar os revisou, e nos permitem abordar, ainda que timidamente, a figura de Pedro Nolasco em seu estágio anterior à fundação das Mercês. Nós o temos como um Procurador das esmolas dos cativos, com o qual a instituição do Hospital de Santa Eulália está ligada à atenção dos cativos resgatados.

O ano de 1218 marca, na tradição da Ordem, a data da fundação, que mantém diferentes denominações como aparece na documentação que se conserva: esmola dos cativos, do hospital de santa Eulália etc.

Da fundação em si, nenhuma documentação é preservada, e é possível que não tenha sido feita com qualquer formalidade, como geralmente acontece com os inícios. Somente a partir de uma mentalidade excessivamente legal podemos argumentar que houve um ato fundador. Eu não acho que seja esse o caso. Sim, houve apoio eclesiástico e social para o projeto que começou (ou continuou) pelo menos, se dermos crédito ao texto de Zumel, desde 1203, como uma instituição de irmandade laica que administrava os gestos redentores de libertação dos cativos e de atenção aos pobres, peregrinos e cativos no Hospital de Santa Eulália:

A intervenção de Jaime I, dando ao grupo de leigos presidido por Pedro Nolasco o caráter leigo, acrescentou à ação redentora de cativos que este grupo realizou o serviço hospitaleiro para os pobres, doentes e peregrinos. Portanto, o rei dotou a nova ordem com o Hospital de Santa Eulália de Barcelona (Devesa, A ordem das Mercês e santa Eulália, 172).

Para perceber esses elementos nos servem as bulas pontifícias que apontam essas particularidades:

- Inocêncio IV (13 de janeiro de 1246):

Para os filhos amados, Mestre e frades do Hospital de Santa Eulália da diocese de Barcelona da regra de Santo Agostinho, em que se dedicam ao serviço divino resgatando cativos das mãos dos pagãos, trabalham com todas as suas forças ao mesmo tempo ao socorrer as necessidades dos pobres que vêm de toda parte e dos doentes, advertimos a todos os cristãos fiéis e exortamos-vos no Senhor e aplicamo-lo a vós em remissão dos pecados, para nos tornarmos cooperadores das obras de piedade, procureis receber seus enviados e tratá-los com dignidade, dando-lhes ajuda e esmolas piedosas (Bulário da Ordem, p. 5, n. 3).

- Texto de Alexandre IV (5 de abril de 1255):

Certamente, os amados filhos e frades da casa de Santa Eulália de Barcelona, da regra de Santo Agostinho, novos Macabeus no tempo da graça.

Renunciando aos desejos seculares e abandonando seus próprios bens, pegando a cruz, seguindo o Senhor e amando o próximo como a si mesmos, eles têm em mente o preceito apostólico (bem, eles não somente gastam abundantemente a esmola que recebem dos fiéis de Cristo na redenção dos cativos, mas também não hesitam em dar as suas próprias vidas).

Assim, seu cristianismo é reconhecido em vários lugares e se destaca na Igreja, já que entre as obras de piedade, com as quais se alcança o Reino dos céus, a redenção dos cativos é inefavelmente recomendada por Deus e pelos cânones sagrados, porque para a redenção deles somos ordenados a alienar os bens eclesiásticos e devemos expor as próprias pessoas, quanto mais teremos que expor os bens temporais de modo que, fazendo bons negócios, podemos mudá-los para os celestes.

E como, devido à magnitude das despesas que os ditos mestre e frades devem fazer para ajudar os pobres peregrinos e atender às necessidades dos doentes, e principalmente para libertar os cativos das mãos dos pagãos, não são suficientes seus próprios bens, necessitam da ajuda oportuna dos fiéis para que esses frades possam abrir abundantemente as entranhas da caridade aos pobres e aos cativos, especialmente se se considerar que, pela redenção dos cativos, eles entregaram seus próprios bens até o ponto de que sem grande ajuda dos fiéis eles não podem mais com seus bens prover os pobres e os cativos:

Por isso, rogamos e admoestamos no Senhor, aplicando-os a você em remissão de pecados, para que, quando esses frades ou seus enviados chegarem até você, você os ajude dando-lhes as agradáveis esmolas da piedade (Bulário, p. 6, n. 1).

E algumas cartas dos reis Jaime II e Pedro IV que dão traços de como o começo das esmolas dos cativos foi desenvolvido. É assim que o rei Jaime II se expressa, em carta ao Papa Bonifácio VIII (4 de janeiro de 1301):

Conhece a vossa Santidade, como alguns leigos da nossa terra, expondo os seus bens, transformou-os no preço da redenção dos cativos, e, finalmente, publicamente pedindo esmolas das igrejas aos fiéis de Cristo, resgataram cativos como puderam.

E Pedro IV, o Cerimonioso ao Papa Inocência (11 de janeiro de 1358):

E como o ilustre Jaime de memória preclara, o nosso avô teve o propósito piedoso de favorecer a predileta obra de misericórdia, deu-os ou deu-lhes o Hospital de Santa Eulália de Barcelona e confiou-lhes o seu signo real, sob o signo da cruz, usá-lo em suas vestes.

Esse hospital que Jaime I deu a Pedro Nolasco e serviu não só como domicílio, mas como identidade carismática, na medida em que os identificou e nomeou, foi fundado no século X por um homem piedoso chamado Guitardo, e ampliado pelo Conde Ramón Berenguer e sua esposa Isabel.

Localizava-se junto à Catedral de Barcelona e próximo à casa dos clérigos da Catedral, e adjacente ao palácio dos condes.

O hospital era administrado pelos cônegos e pelos responsáveis pela casa do condado.

Estabeleceu a primeira comunidade no Hospital de Santa Eulália, assim começaram a ser chamados os religiosos.

Os clérigos de Barcelona e os primeiros mercenários ao concedê-los ao hospital e serem fundados na mesma catedral de Barcelona eram muito próximos. Eles formaram uma única família. Os mercedários foram ao coro da catedral e ambos, clérigos e mercedários, receberam influências benéficas mútuas. Com os clérigos houve uma verdadeira simbiose em relação ao carisma. Sabemos que, entre os antigos costumes dos clérigos do cabido da catedral, era necessário procurar esmola pela redenção dos cativos (Martí i Bonet, O Carisma Redentor, 112).

4. FUNDAÇÃO DA ESMOLA DOS CAPÍTULOS

4.1. FUNDAÇÃO E DOAÇÃO (ALMOINA);

4.2. A NOVA CASA: O NOVO HOSPITAL DE SANTA EULÁLIA;

4.3. O NOME E TÍTULO DE PEDRO NOLASCO E SUA OBRA;

A fundação da Ordem das Mercês não fez diferença na vida (em ser e agir) da comunidade de Pedro Nolasco e seus companheiros. Talvez eles pudessem contar com mais apoio e maior visibilidade de seu trabalho carismático. Mas eles continuaram a cuidar dos pobres e dos cativos, redimindo-os e devolvendo-lhes a liberdade perdida e a dignidade.

A venerável tradição da Ordem indica como o Rei Jaime I, no próprio ato da fundação, concedeu o Hospital de Santa Eulália como local de residência e centro de sua atividade redentora, estabelecido no espaço próximo ao palácio real, aos edifícios clericais e à Catedral. E a ação transbordante dos mercedários dados a coletoria de esmolas, a preparação das viagens redentoras, para a compra dos cativos e para seu retorno à liberdade, tinham como lugar próprio um hospital, onde eles não apenas atendiam os cativos resgatados, mas trabalhavam nas múltiplas tarefas da hospitalidade religiosa com a acolhida dos pobres, doentes, peregrinos etc., com atenção às suas necessidades.

O que sabemos sobre a vida concreta do atendimento no Hospital de Santa Eulália? Não sabemos muito, porque as normas, costumes e constituições chamadas de 1272 não falam especificamente dela. Mas sabemos como eles poderiam trabalhar com outras instituições do mesmo gênero. Das antigas constituições em seu número 21, intitulado “Dos cativos redimidos”, temos:

Os cativos resgatados pelos frades fazem o mais breve possível, cada um, juramento e tributo ao mestre ou a ele ou a quem os resgatou, que não partirão do serviço da Ordem até que o tempo indicado pelo mestre tenha passado ou pelos redentores. Durante esse tempo, raspe a barba e

o frade que os leva convenientemente, atendendo às suas necessidades, sem murmurar. E depois desse tempo, raspar a barba e cortar os cabelos e dar-lhes roupas novas, dependendo do tempo, e provisões convenientes para a estrada, para que eles possam ir para suas terras com alegria e felicidade.

Sabemos como os cativos redimidos tiveram que ser despedidos após a sua estada no hospital: barbeados e com viático até chegarem às suas aldeias e casas, e as roupas convenientes. E ele também nos diz como eles estavam sujeitos ao Mestre Geral com uma promessa de acompanhar os redentores por um certo tempo, como uma justificativa para o bom uso dos bens da redenção (prestação de contas), e como um argumento vivo para pedir ajuda e esmola para inserir um novo resgate. Esses dois aspectos, ligados à economia redentora, também são muito relevantes.

Nas normas e constituições percebe-se que poderiam surgir problemas de cativos pobres que quisessem transformar sua antiga situação em um negócio. Para evitar essa tentação, a sujeição aos redentores e a atenção no Hospital de Santa Eulália “sem murmurar”.

Essa convivência no Hospital de Santa Eulália, em pequenos espaços e compartilhada com muitos necessitados, fez com que Pedro Nolasco planejasse deixar o centro da cidade medieval. E ele fez isso com a ajuda dos colaboradores leigos e comprometidos com a obra hospitaleira e redentora. Nesse caso, Raimundo de Plegamans. Esse generoso benfeitor comprou no espaço chamado de a Vila Nova um areal junto ao mar, que generosamente doou em 1234 a Pedro Nolasco, para ali construir sua casa conventual, à qual deu o mesmo nome de origem: Hospital de Santa Eulália; mas não sob a orientação e patrocínio da mitra e do cabido, mas sob sua própria direção. Eles já haviam crescido e não havia necessidade de tutelas. E como um hospital ele nasceu, e se geriu até as reformas do século XVIII, e enquanto durou o cativoiro.

E se o Hospital de Santa Eulália da Catedral continuasse a cuidar dos pobres, mendigos, peregrinos e doentes; o Hospital de Santa Eulália, junto ao mar, entregou-se plenamente aos cuidados dos cativos resgatados.

Vários aspectos podem ser destacados:

- O compromisso redentor dos religiosos;
- A colaboração dos leigos; e
- O nascimento do ramo feminino das Mercês: religiosas – beatas.

É algo muito importante sobre o que estamos nos detendo nesse momento, quando nos recordamos do início da obra de Pedro Nolasco.

Sua obra nasceu como uma irmandade, isto é, uma *con-fraternitas*. Uma experiência de irmãos, leigos, dentro da grande corrente medieval de renovação da vida da Igreja. Não é criado como uma vida monástica, nem anacoretica, de fuga do mundo, mas entrando nas condições mais difíceis (cativeiro), para visitar e libertar.

É uma obra na qual os leigos vão se associando. Seria muito longo listar todos aqueles que ao longo da vida de Pedro Nolasco estão se unindo a essa irmandade (no sentido mais amplo). Apresentamos alguns de diversas naturezas:

Ferrer de Portell e sua esposa Escalona (como um casal adere à Esmola dos Cativos), em 25 de outubro de 1234;

Raymond de Plegamans, que compra o terreno para a construção do novo hospital em Santa Eulália (1232);

Ramón de Morella, que doa para Pedro Nolasco o terreno da fazenda de Arguines (1245), e depois do hospital criado lá (1251);

Bonifácio de Valência, que pede para ser enterrado com o hábito de Misericórdia (1243).

Outros leigos que se juntam à tarefa redentora, como colaboradores na coleção da redenção são:

Juan Devesa: ao estudar a documentação da época de Pedro Nolasco, destaca o trabalho dos leigos que estão empenhados na tarefa redentora seguindo o ideal de vida do fundador.

Os cuestores: eram leigos responsáveis pela esmola de cativos em territórios onde não havia presença de mercedários religiosos. Eles foram obrigados sob juramento de que manteriam a Ordem de toda infâmia, que fariam contas de tudo o que foi dado à Ordem e que responderiam por tudo que haviam coletado ao comandante ou tenente (Constituições de 1272, n. 12).

Os esmoleiro: Também leigos que colaboraram voluntariamente com os redentores nos mais diversos lugares. Estes, normalmente, entregavam o que era recolhido aos religiosos encarregados ou ao questionador (Constituições de 1272, n. 12).

A irmandade de esmolas dos cativos também entra nessa lista. Embora ela não seja citada nas antigas constituições, como meio auxiliar da arrecadação da esmola da redenção e do serviço nos hospitais, é evidente que ela foi formada no tempo de Pedro Nolasco, e que lhe deu esse propósito, como como se pode ver na bula de Inocêncio IV chamada "*Si iuxta sapientis sententiam*", de 13 de janeiro de 1245, na qual o Papa outorga a todos os que cooperaram com sua propriedade às obras de caridade do Hospital de Santa Eulália, em favor dos cativos e de os pobres:

Para aqueles que com os seus bens socorrem e tornam-se parceiros de uma tão santa fraternidade e concedem-lhes benefícios [...] e estabelecemos com autoridade apostólica que aqueles que fazem parte da sua fraternidade [...].

A opinião de F. Gazulla é que esses confrades das esmolas dos cativos, colaboradores da tarefa redentora e hospitaleira, são os precursores da irmandade das Mercês e de todos os leigos comprometidos com a tarefa atual de realizar as obras carismáticas, social e redentora da Ordem das Mercês.

A presença feminina das Mercês, fruto do Hospital de Santa Eulália

Embora Maria de Cervellón seja considerada a primeira mercedária, já antes de suas outras mulheres, cujos nomes não preservaram a história,

estavam matriculadas na hospitalidade das Mercês, onde estavam heroicamente servindo a atenção dos pobres e dos cativos. É nesse contexto que brota essa implicação feminina, com Maria de Cervellón e outras mulheres, que podem viver por seus meios, morar em suas casas e comprometer-se com a virgindade e o serviço de caridade. Com a criatividade dessa comunidade em Barcelona, eles vão se expandindo para outros lugares, especialmente naqueles onde os conventos dos mercenários assumem formas hospitalares, como veremos mais adiante, como El Puig de Santa Maria.

Ao apontar agora o que o trabalho de Pedro Nolasco foi chamado no começo e como ele era chamado, quero reivindicar esse nome como um reflexo do trabalho redentor e hospitalareiro que ele assumiu nos primeiros anos das Mercês; e como, enquanto permaneciam hospitalares na primeira hora, continuaram a levar cativos em seus lares hospitalares. Já há alguns anos, Joaquín Millán intitulou um artigo desta maneira:

A Mercês nasceu em um hospital e, por essa razão, o rei Jaime I não concedeu uma igreja para os novos religiosos, mas apenas o Hospital de Santa Eulália como um modo de vida e atividade. Desse modo, o antigo hospital é enriquecido em ações carismáticas, já que elas não servem apenas aos pobres, doentes e peregrinos, mas também aos cativos resgatados (Obra Mercedária, 191-192 [1989], 55).

5. HOSPITAIS MERCEDÁRIOS (ARGUINES E PUIGDE DE SANTA MARIA)

Para perceber o valor da hospitalidade, abertura e serviço redentor que as comunidades mercedárias desde a fundação da Ordem vêm desenvolvendo, e como chegam até hoje, quero apresentar dois antigos hospitais mercedários, albergues e abrigos que abrigavam hospedaria, abrigo e refúgio para os necessitados. E porque essa história criativa e carismática pode nos servir de estímulo para responder em nossos dias.

Arguines

Um cavaleiro que participou da conquista de Valência, Raimundo de Morella, ofereceu a Pedro Nolasco em 1245 uma propriedade em um lugar chamado Arguines, na estrada real de Valencia a Zaragoza, para os mercedários construírem uma igreja e um convento. Esse mesmo senhor, que permaneceu dono de Algar, construiu, à sua custa, cerca de trezentos metros do convento de Arguines, um hospital, onde morava com sua mãe, D^a Maria, quem ligou à sua fazenda Algar para que com sua renda mantivesse o hospital. Em 2 de novembro de 1251 ele concedeu um testamento e ordenou:

- que seria enterrado na igreja de Arguines;
- que o hospital de Arguines e a fazenda Algar passariam ao domínio da Ordem das Mercês; e
- que os frades das Mercês assistissem sua mãe, D^a Maria, enquanto ela vivesse.

Além disso, ele pediu o hábito mercedário e morreu como religioso no ano seguinte.

Assim, o hospital de Arguines, construído de 1244 a 1251, continuou desde então governado pelos religiosos mercedários a serviço dos pobres e dos transeuntes na estrada de Valencia a Zaragoza, até 1448, quando alguns mouros assassinaram os frades que o frequentavam, a saber, Frei Juan de la Cosa e Frei Bertrando del Mas. As Mercês não só deram mártires na redenção dos cativos, mas também no serviço dos pobres e doentes em seus hospitais.

Dada essa situação, os mercedários não abandonaram o seu hospital, mas transferiram-no para um lugar mais seguro e mais defendido, isto é, dentro dos terrenos do convento mercedário de Arguines, para continuar a servir os pobres e peregrinos. E somente em meados do século XVII eles se mudaram para o novo convento dentro das muralhas da cidade de Segorbe.

O Puig de Santa Maria

A fundação do convento de El Puig é famosa, mas vamos nos referir ao hospital que foi construído ao lado do convento e é atendido pelos mercedários.

Elá, Margarita de Lauria construiu um hospital em meados do século XIV, dando-lhe 500 salários anuais para comprar móveis, alimentos e utensílios essenciais para as necessidades dos pobres que iam chegando. Quando de seu falecimento, sua propriedade e móveis foram distribuídos entre outros lugares no mesmo hospital em Puig. Como todas as instituições medievais do gênero, a fundação de Margarita de Lauria, cujos estatutos não conhecemos, seria destinada a acolher as pessoas necessitadas, os pobres de Cristo, seja qual for a fonte de sua necessidade. Esses hospitais eram lugares piedosos nos quais a caridade cristã era praticada de várias maneiras, sendo uma delas o cuidado com os doentes. Há cartas para o frade administrador do hospital, de modo que, com os aluguéis e as rendas, se custeasse a amamentação de uma criança abandonada.

O exercício da caridade para com os pobres, em seu sentido mais amplo que se dá nos finais da Idade Média, constituiu, portanto, o objetivo desse hospital rural, onde certamente pessoas doentes eram acolhidas, a razão das rendas era justificada com a compra de comida e roupa de cama, que eram destinadas aos desamparados que ali chegaram, além de ter camas para lhes dar descanso. Estes poderiam ser úteis para os doentes, mas também para os caminhantes necessitados que viajavam por esse caminho para Valência. Não era exatamente um albergue de peregrinos para aqueles que vieram para venerar a imagem da Virgem del Puig.

Há evidências documentadas de que, como outros hospitais, ele era responsável pelo aleitamento materno de crianças enjeitadas com amas de leite, pelo cuidado de crianças órfãs e abandonadas, juntamente com o cuidado dos doentes e abrigo para os transeuntes.

6. O HOSPITAL DE INOCENTES DE FREI JUAN GILABERT (1409)

(24 de fevereiro de 1409. Catedral de Valência)

Sermão de Frei de la Merced, Fr. Juan Gilabert

Na atual cidade de Valência existem muitas obras piedosas, caritativas e altamente benéficas para os pobres; mas um que é de extrema necessidade está faltando; isto é, um hospital ou casa onde os pobres inocentes e alienados seriam acolhidos. Pois muitos pobres inocentes passam por esta cidade passando por grandes necessidades de fome, frio e maus tratos; por esta razão, e por causa de sua condição, eles não sabem como ganhar ou pedir o que precisam para seu sustento, eles dormem nas ruas e estão com fome e frio, e há pessoas tão más e sem Deus em sua consciência que os maltratam e ofendem e especialmente se eles os acham dormindo, os machucam, eles matam alguns, e se são mulheres inocentes, eles abusam deles. Da mesma forma, os pobres tolos andando pela cidade prejudicam muitas pessoas e isso é conhecido por toda a cidade. Portanto, seria muito santo, e muito bom, que em Valência se fizesse uma edificação ou um hospital, onde os ditos loucos inocentes estivessem recolhidos, para que eles não tivessem que andar pela cidade fazendo e recebendo prejuízos (Livro de Constituições do Hospital de Valência, f. 1)

Neste percurso que estamos realizando pelo sentido da hospitalidade da Ordem das Mercês, para que pudesse ser um estímulo na atualidade e por conseguinte realizar o desejo do Papa Francisco de uma Igreja que fosse um hospital de campanha, seria oportuno nos deter por um instante na figura de Juan Gilabert (1350- 1417).

Em 1409, foi à catedral para pregar o sermão no primeiro domingo da Quaresma (23 de fevereiro), quando assistiu à cena do apedrejamento de um louco inocente. Este evento fez com que ele acrescentasse ao seu sermão o texto que transcrevi.

Os doentes mentais, loucos ou alienados eram considerados na Idade Média, como em épocas anteriores como “irresponsáveis” por suas ações, e forçando os pais a colocar seus filhos loucos sob custódia, para que não prejudicassem ninguém; e eles foram até mesmo trancados nas torres das muralhas ou entregues aos marinheiros para serem abandonados em uma ilha no mar.

A ideia de criar uma instituição específica para os loucos é uma visão moderna e avançada, ao distinguir publicamente os loucos e inocentes do restante dos pobres e desabrigados doentes.

Juan Gilibert os distingue então em três grupos: inocente, furiosos e mulheres. São três grupos excluídos pelo mesmo motivo: suas habilidades mentais diminuídas.

Os inocentes são aqueles que sofrem os danos causados a eles por pessoas más que não têm Deus aos olhos de sua consciência; os furiosos são os alienados que, no meio de sua loucura, atacam quem o encontra; Mulheres inocentes são vítimas de abuso sexual.

Primeiro, é necessário construir um lugar, um hospital. Ele será chamado de Hospital dos Inocentes.

Em segundo lugar, temos que colocar alguém que cuide dos doentes mentais. Se encarregará um grupo de leigos entusiastas da obra de Juan Gilibert.

Em terceiro lugar, os doentes são divididos de acordo com a divisão tripla mostrada pelo religioso mercedário no sermão.

Quarto, as terapias conhecidas na época são aplicadas: o uso terapêutico de infusões de ervas e o trabalho manual.

7. HOSPITAL NO NOVO MUNDO – TERRA FIRME

(Bula de Pío V - 13 de janeiro de 1572)

Investigando e procurando alguma informação sobre a Ordem das Mercês, encontrei alguns documentos no Arquivo das Índias, sobre o convento do Panamá.

Esse convento foi fundado em 1522, pelo Padre Francisco de Bovadilla, já no Mar do Sul, no Pacífico, na antiga cidade do Panamá (1519), que foi posteriormente destruída pelo pirata inglês Henri Morgan (1670).

O convento não foi construído dentro da cidade, mas nas periferias, no caminho de entrada e saída da cidade ao norte. Ele sofreu o mínimo no ataque pirata, e mais tarde a fachada da igreja foi desmontada e reconstruída na nova cidade do Panamá (San Felipe Corregimiento).

O Panamá é o ponto intermediário da Terra firme entre dois oceanos (Atlântico e Pacífico) e dois subcontinentes (América do Norte e do Sul), uma obrigação para os territórios do Peru, Chile... o convento era um lugar de passagem não só para religiosos mercedários, mas também de muitos outros que estavam indo para a missão, como registrado por uma carta do rei Felipe III, dada em Valladolid em 30 de dezembro de 1602, em que ele agradeceu o comendador das Mercês do Panamá pelo alojamento dado aos religiosos que foram de missionários para o Peru.

Em 13 de janeiro de 1572, o Papa Pio V emitiu um documento para o bispo do Panamá, para que um hospital pudesse ser constituído no convento Mercedário. O documento chamado *Pastoralis officii* está no Registro do Vaticano 2013 (fol. 169r-170v), e publicado na “America Pontificia II, 921-923”.

Como conclusão desta revisão da ação hospitaleira da Ordem das Mercês, neste espaço que é o Hospital de Santa Eulália na chave do Papa Francisco, como um hospital de campanha.

As Mercês nasceu no centro da cidade, no hospital para os pobres e peregrinos, que desde 1203 se juntaram aos cativos da irmandade criada por Pedro Nolasco chamada Esmolas dos Cativos. A partir de 1218, já como Ordem religiosa, ainda se chamava Santa Eulália. O hospital pertencia ao cabido e contava com a proteção real.

O primeiro passo dado por Pedro Nolasco foi ir para as periferias, para a praia, para o porto de Barcelona, onde os pobres cativos chegavam e para onde os necessitados e doentes andavam. E a primeira coisa que ele construiu foi o hospital, o novo hospital em Santa Eulália. Só depois da morte de Pedro Nolasco, em 1249, eles pediram para construir uma igreja pública; e o atual grande convento é do século XVII construído no que era o jardim do hospital. Portanto, o primeiro movimento de Pedro Nolasco é ir para as periferias físicas, fora da cidade, fora dos muros, onde estão os pobres, e lá ele coloca seu hospital de campanha.

Outro sinal de hospitalidade é o hospital de Arguines, colocado ao lado da estrada (uma atualização do bom samaritano que acolhe os caídos na estrada e o leva para a estalagem). As Mercês estavam estabelecendo casas ao longo das estradas, por onde passam os peregrinos, onde os doentes eram curados. Ir às periferias é chegar onde estão os homens de hoje. Sair para as periferias é sair a céu aberto e, como vimos, é também um lugar de entrega de vida, também em uma chave martirial, para dar vida.

O sinal hospitaleiro de El Puig é alcançar as periferias existenciais dos mais desfavorecidos, especialmente crianças (vulneráveis, órfãos e abandonados) e jovens para quem oferecem um caminho para o futuro.

O sinal do hospital de Juan Gilabert é alcançar outra periferia existencial: os loucos. Nesse caso, o caminho é o inverso. Juan Gilabert coloca os alienados no centro da cidade, na mesma catedral. Aqueles que são apedrejados na rua os trazem para o centro da caridade. E é um mercedário que quebra os preconceitos a que estão sujeitos e lhes constrói casa e hospital.

E, finalmente, a hospitalidade nas novas terras conhecidas, nesse mundo que é este continente de esperança.

Os mercedários constroem seu convento do Panamá não no centro, no lugar onde os estrangeiros construíram a catedral, a casa da cidade e se colocaram as quatro grandes Ordens missionárias (Dominicanos, Franciscanos, Agostinianos e Mercedários), mas as Mercês vão para fora, de novo para a periferia, longe da catedral e da casa da cidade, vão para a estrada e vão para casa.

E o Papa Pio V quer que o bispo coloque seu hospital lá (assim como o rei Filipe II queria fazer) para se submeter ao poder novamente. Mas os mercedários querem ser livres para continuar sendo sinais de acolhida e hospitalidade. E conseguem superar a imposição de um hospital eclesiástico (diocesano) para continuar sendo um espaço de recepção. Nesse caso, vemos como eles acolhem os missionários que viajavam pelo continente. É o hospital de campanha para os evangelistas. A Igreja é uma mãe que cuida de seus filhos, também os agentes pastorais. É comunhão e comunidade, é um abrigo e casa de repouso. As Mercês são um sinal de saída a essas periferias para acompanhar os missionários e evangelistas.

CONCLUSÕES – PARTE 1

Neste ponto, temos que fazer uma pequena parada. Nem tudo pode ser história de 800 anos atrás.

Vamos dar-nos pistas que nos levam a fluir para o hospital de campanha do Papa Francisco.

O lugar: o hospital como instituição: real e eclesiástico. Centro da cidade. Transformação: o hospital como carisma. Periferia, mas onde estão os cativos? Paróquia: igreja: hospital. Instalado no institucional, nos centros de poder, onde ninguém os incomoda.

Transformação: mudança de lugar, saída para a periferia, e me deixo levar e guiar (discernimento) pelo espírito para ir procurar os cativos de hoje (novas escravidões e cativeiros).

Mas isso não significa apenas uma mudança de localização física. Pelo contrário, nada é fixo, mesmo que tenha valor simbólico. Você não pode ir para a periferia a menos que haja uma transferência pessoal.

De casas construídas em pedra, que não podem sentir a batida, para hospitais de campanha, em que a lona é uma tela, que permite ouvir e sentir o ritmo (entradas de misericórdia). Hospitais de grandes instituições, com todos os avanços da medicina ao nosso alcance (ou ao alcance de quem pode pagar). Hospitais de campanha, onde faltam quase os essenciais, mas onde todos são acolhidos com os meios disponíveis.

Atitude

Pedro Nolasco, jovem comerciante (bom comerciante, nas palavras de Pedro Citjar, em seu livreto *Tantum quinque*). Que necessidade ele teve para complicar sua vida?

Havia meios para redimir. Que outros resgatem: os conselhos municipais, a coroa, a mitra, os execos, os mercadores...

Havia hospitais para o cuidado dos pobres e peregrinos. Deixe os outros assisti-los. Já havia o Hospital de Santa Eulália; e funcionou bem. Por que ir morar lá?

Não sei se saberemos responder a essas perguntas, mas certamente todos já temos alguma intuição.

Pedro Nolasco complica a vida, porque, sendo comerciante, ao invés de ganhar mais dinheiro investindo em mercadorias, ele começa a investir nos pobres cativos, resgatando-os, primeiro com seus próprios ativos, depois associando alguns amigos... maus negócios. Ele investe tudo e gasta tudo.

Mas a vida é complicada não apenas com seus bens, mas com sua própria pessoa. É por isso que ele vai morar no hospital. Não é um comércio, como ser um comerciante; é uma vocação, uma chamada e uma continuação. É por isso que ele tem que dar tudo.

A atitude de Pedro Nolasco é o que muda tudo. É o golpe para o conforto, para ficar de lado sem comprometer ou deixar que a realidade desse hospital de campanha realmente toque seu coração.

Gratificação

Chave importante nesse Hospital de Santa Eulália e chave para o nosso hoje. Criar um hospital de campanha no meio do mundo significa aproximar-se da nossa realidade de graça. Lembro-me da terminologia com a qual começamos. Um hospital é definido porque serve gratuitamente, sem cobrar nada. Não cobra nada a ninguém. A Igreja não é um negócio.

Para os romanos, a vida era lazer. E quando não era lazer, era *nec-lazer* (não lazer). Eles não valorizavam muito o negócio, era algo negativo, você tinha que viver do lazer. Que pena para eles. E nós passamos a negociar com tudo.

PARTE 2

8. A CHAVE TEOLÓGICA: PELA ENTRANHÁVEL MISERICORDIA DO NOSSO DEUS

8.1. AÇÃO MERCEDÁRIA: HOSPITALIDADE REDENTORA

A Ordem das Mercês, desde suas origens, seguindo a tradição hospitaleira de Pedro Nolasco, desde seus dias até agora, abriu sua casa para torná-la um hospital, uma acolhida e uma casa de entrega. O mercedário conseguiu, ao longo dos séculos, compreender que não era suficiente doar esmola, abrigo, comida, bebida, educação, saúde etc., mas que devia doar-se.

O significado profundo do voto de redenção expresso nas constituições a partir de 1588, e assim expresso nos registros das profissões, indica o valor que os mercedários concedem à visita e à libertação dos cativos.

Pedro Nolasco abriu seu coração aos pobres e cativos como seus próprios destinatários da mensagem redentora das Mercês. E assim, enquanto alguns frades recebiam esmolas, outros atendiam ao hospital e outros embarcavam nas expedições redentoras.

Desse modo, Pedro Nolasco, e com ele todos os mercedários (religiosos/as e leigos/as), entendeu que a autêntica liberdade cristã não pode se limitar a redimir em cadeias de ferro, mas deve abranger e estender-se a toda situação social que aprisione e cative a liberdade dos filhos de Deus.

Nas palavras de Paulo VI à Ordem: “hoje há mais cadeias do que no século XIII”.

No tempo de Pedro Nolasco, a Ordem das Mercês aprendeu a viver o carisma da redenção juntamente com a hospitalidade como missão própria, ainda que secundária (Devesa, *Documentos Notariales*, 23). Nossa Ordem e Família Mercedária foi dedicada a defender a fé dos cativos e a hospitalidade a serviço dos pobres.

F. Gazulla comenta em sua obra “A Ordem das Mercês – Estudos históricos críticos”, p. 198:

Não deixa de chamar a atenção que a frei Pedro Nolasco se digna também Custodio e Procurador das Esmolas dos Cativos nos escritos que foram preservados de seu tempo, desde 1219. Ele levaria esses nomes quando ele tomasse posse do Hospital de Santa Eulália em 1218, ou ele já era seu guardião? e advogado? [...] Tendo ele e outros colegas vendidos todos os seus bens [...], nada de estranho estavam vivendo neste hospital como verdadeiros pobres, dedicados ao serviço dos necessitados. Além disso, este albergue pode ser considerado o único, onde eles poderiam acomodar os prisioneiros resgatados.

9. A CHAVE PASTORAL DO PAPA FRANCISCO: HOSPITAL DE CAMPANHA

O Papa Francisco tem surpreendido a Igreja desde a sua eleição como sucessor do Apóstolo Pedro em 13 de março de 2013. Em sua primeira aparição na *loggia* de São Pedro, ele se curvou para a multidão que lotou a praça para pedir suas orações e bênçãos antes de transmitir as suas. Esse gesto inaudito vem dando lugar a outros que marcam a originalidade desse pontificado.

Além dos problemas que recaem sobre a Igreja, podemos afirmar que houve uma mudança no paradigma interpretativo da vida eclesial.

Bento XVI falou de continuidade. Francisco tem feito a mudança não na continuidade, mas destacando ou dando relevo como nessa história e evolução existem outras chaves nas quais a vida da Igreja pode ser organizada.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja tem sido referida como: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito. A eclesiologia conciliar rejeitou e deixou em segundo plano a visão eclesiológica da sociedade perfeita.

Vinte e cinco anos depois do Concílio, no pontificado de João Paulo II, o Papa insistiu na eclesiologia da comunhão. Essa era definitivamente visão teológica profundamente voltada de dentro e para dentro.

Francisco quebrou a dinâmica do olhar interior e lançou um olhar para fora. Esse olhar e atenção é chamado HOSPITAL. A Igreja é um hospital de campanha. Esse novo paradigma é um paradigma pastoral. O precedente não é renunciado, mas é iluminado a partir da nova realidade que o Papa quer liderar.

Do hospital, descobrir como ser:

- Povo de Deus;
- Corpo de Cristo;
- Templo do Espírito; e
- Espaço de comunhão.

Assim, podemos entender o caminho que Francisco nos marca.

Hospitalidade: voltamos ao começo, quando falamos sobre a terminologia: virtude que é exercida dando-lhes a devida assistência. Qualidade e atitude de hospitaleiro.

Mais do que obras e ações, são atitudes e modos de ser (*virtus*), que, em linguagem religiosa, seriam o que nos faz virtuosos. É por isso que as obras não são tão importantes quanto as atitudes pessoais que nos levam a realizá-las.

Viver a chave da hospitalidade é a disposição interior de cada um dos mercedários para descobrir as necessidades dos pobres e carentes e estar disposto a ajudá-los. Como? Estilo mercedário: vendendo todos os meus bens e indo ao hospital para morar com os pobres e servi-los. É um despojamento de tudo, ser um servo pobre no hospital de campanha, o novo Hospital de Santa Eulália.

Você não pode ser hospitaleiro se não estiver no hospital.

Hospital de campanha: a mobilidade, a disponibilidade. Nós não temos um armazenamento permanente (cf. 2 Cor 5, 1). É bom refletir sobre essa chave do hospital de campanha, como uma imagem da Igreja e, nesse caso, da nossa Ordem e Família Mercedária.

Tentação e perigo: gostamos das obras, dos edifícios, do planejamento, dos objetivos, dos resultados.

A dinâmica do hospital de campanha é totalmente diversificada. É a imagem do êxodo com a presença de Deus que se move com o povo de Israel. A tentação virá quando eles entrarem na terra prometida. Construa um templo que fortaleça a presença de Deus em um lugar particular.

Nos trabalhos redentores, a tentação é ter grandes edifícios, grandes obras, com objetivos, resultados, muitas coisas. Assegurando visibilidade, como a de Yahweh no templo de Salomão. E pode ser que a coisa mais importante esteja faltando. A disponibilidade para ouvir os gemidos dos pobres e cativos e plantar a tenda do hospital em meio àquele clamor.

A tenda – pele e ressonância: construímos bem os nossos edifícios, com bases sólidas e isolados do ruído exterior e do clima. A tenda é feita de couro (na antiguidade), ou de telas (atualmente), que não nos isolam, mas nos fazem perceber tudo o que acontece ao nosso redor.

Se me permitem, a metáfora é como a membrana do coração que bate, que é agitada, que percebe. O hospital de campanha, com sua lona pulsando no meio, é o coração no meio da cidade, em meio às periferias pessoais, sociais e existenciais.

O hospital cura e sana: ou pelo menos acompanha a dor e o sofrimento.

Vamos ter tudo claro, tudo ordenado, mas as pessoas que acreditam e procuram continuarão famintas e sedentas por Deus. Além disso, tenho dito algumas vezes que a Igreja se parece com um hospital de campanha: tantas pessoas feridas, tantas pessoas feridas que nos pedem proximidade, que nos pedem o que pediram a Jesus: proximidade, proximidade. E com esta atitude dos escribas, dos doutores da lei e dos fariseus, nunca! - nunca! - vamos dar um testemunho de proximidade (Francisco, Discurso de 9 de setembro de 2014).

É um dos muitos textos que podem ser fornecidos para indicar essa preocupação do Papa Francisco. Após a publicação de *Evangelii Gaudium*, ele explicou o conteúdo em várias reuniões. A ideia do hospital que vem à nossa mente é sempre como um lugar para onde você vai quando está doente. Os saudáveis não vão lá. Ele sai quando alguém machuca alguma coisa e não consegue curar sozinho.

A Igreja torna-se assim um espaço de comunhão com o mundo e com a humanidade ferida. Mas do jeito mercedário. Pedro Nolasco não esperou o estado nem os mercadores liberarem os cativos. Ele prometeu a si mesmo libertá-los.

Pedro Nolasco não esperou que os outros cuidassem dos pobres e necessitados. Ele mesmo vendeu tudo e foi morar no hospital. Pedro Nolasco é o verdadeiro reflexo do autêntico hospitaleiro.

Ressonâncias pastorais e existenciais para nós são fáceis de desenhar. Não espere por outro. Sou eu que escuto o clamor, eu que deixo tudo e armo a tenda do hospital.

O Papa Francisco não nos pede para resolvermos tudo, mas para sermos um hospital. Agora que tantas guerras e destruição afligem a humanidade, as Mercês retomam essa experiência mais profunda de Pedro Nolasco.

Ele abandona o antigo Hospital de Santa Eulália, que fica no centro, que pertence ao rei e ao bispo, e vai para a periferia, para a praia de areia junto ao mar de Barcelona, e ali coloca seu hospital. Ao lado do porto, onde os cativos chegam e desembarcam, onde estão os pobres e necessitados, nas periferias.

Evangelizar na Igreja implica a parresía de sair de si. A Igreja é chamada a sair e ir às periferias, não só as geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, as da dor, as das injustiças, as da ignorância e da ignorância religiosa, de pensamento, aqueles de toda a miséria (Card. Bergoglio, 9 de março de 2013 – pré-conclave).

O hospital de campanha não tem tudo. Para isso existem os grandes complexos sanitários; mas é preciso a presença da solidariedade para atender aos mais urgentes, que não podem esperar; e, acima de tudo, acompanhar o sofrimento daqueles que não têm nada.

A imagem da Igreja como hospital de campanha mostra suas limitações e, ao mesmo tempo, o impulso que a leva a ser como seu Senhor.

Limitações: você não pode fazer tudo, você não pode curar todos, mas tem a coisa mais importante: presença, proximidade, amor, perdão, solidariedade. Situa-se na fragilidade de uma tenda, como algo temporário, transitório, que não pode permanecer indefinidamente (a rejeição da autorreferencialidade, sendo o centro).

10. DESAFIOS PASTORAIS ÀS MERCÊS DO SÉCULO XXI

Não é fácil sintetizar e realizar as chamadas que a partir deste evento mercedário nos projeta para o futuro:

1. Fugamos de grandes projetos e apostem nas coisas simples que envolvem compromisso pessoal;
2. Sejamos espaços de comunhão, nascidos dentro da comunidade e submetidos ao discernimento do Espírito, guiados pelo princípio teológico da Misericórdia do Pai;
3. Não tenhamos medo do contato com as periferias, abandonemos nossas garantias (deixemos o Hospital de Santa Eulália, ao lado da catedral e do rei, e saiamos à beira-mar, para contemplar as faces mais dolorosas do corpo de Cristo);
4. Saíamos pelas estradas, sentemo-nos para compartilhar com os peregrinos, com aqueles que passam pela vida sem viver;
5. Percebamos quem é rejeitado em todos os momentos (os loucos de Juan Gilabert) e os retiremos das periferias para levá-los ao centro;
6. Cuidemos da comunidade, criando comunhão com todos os agentes pastorais (a recepção dos missionários no hospital do Panamá). Não negligenciem as muitas vezes dolorosas periferias de tantos cristãos que estão ao nosso lado e dificilmente nos damos conta disso;
7. Criemos o nosso hospital de campanha com a nossa lona que não se separa ou distancia, mas nos permite acompanhar o sofrimento da humanidade;
8. Tentemos atualizar as palavras do Papa Francisco (partida, periferia, missionário, misericordioso) para a realidade atual de nossa paróquia ou lugar de ação pastoral.
9. Arrisquemo-nos até que sejamos capazes de dar nossa vida. O hospital ou uma Igreja no campo não está aterrado na terra, mas só é segurado de forma que não seja levado por uma tempestade. Livre

para ação misericordiosa, o que implica mercedariamente estar disposto a dar a vida como Cristo a deu por nós.

10. O hospital mercedário (paróquia, comunidade) é casa e o lugar onde vivem e trabalham religiosos e religiosas (a vocação de Pedro Nolasco nasce no antigo Hospital de Santa Eulália; a de Maria de Cervellón, no novo Hospital de Santa Eulália) e leigos (que também são entregues seguindo o carisma mercedário nas estradas, coletando esmolas, como bons samaritanos nos hospitais das Mercês que em tantos lugares estava abrindo para acomodar todos os cativos, pobres, peregrinos e doentes).

E o último, o grande desafio da criatividade, da caridade e da misericórdia: *Caritas Christi urget nos* (2 Cor 5, 14).

BIBLIOGRAFIA

Para os textos do magistério papal, você pode consultar o site da Santa Sé, onde todos os textos do Papa Francisco são encontrados.

BRANCO DEVESA, Juan. **Frei Pedro Nolasco em documentos notariais de seu tempo na Obra Mercedária, 142-190 (1979-1988).**

_____. **As constituições primitivas da Ordem da Misericórdia ou das constituições ameríndias em Analecta Mercedária II, (1983) 5-119.**

_____. **“O 750º aniversário da entrega da paróquia de Santa Maria del Puig à Ordem da Misericórdia, em 27 de agosto de 1240. In. Mercedária Works, 195-196 (1989), 1-5.**

_____. **Contribuição da Ordem da Misericórdia para a Igreja e sociedade em 775 anos para a liberdade. Celebrações do 775º aniversário da Ordem da Misericórdia (1218-1993), 141-159.**

_____. **Dois traços da Ordem da Misericórdia no Bispado de Segorbe. In. Obra Mercedária, 211-212 (1993), 67-72.**

_____. **A ordem de La Merced e Santa Eulália de Barcelona. In. 800 anys fent Mercè (1203-2003), 170-183.**

GAZULLA GALVE, Faustino Decoroso, **A Patrona de Barcelona e seu Santuário.** Barcelona, 1918.

_____. **A Ordem de Nossa Senhora da Misericórdia. Estudos históricos críticos (1218-1317) I, Barcelona, 1934.**

MARTÍ I BONET, José Maria. **Os grandes colaboradores da Fundação San Pere Nolasco: o rei Dom Jaume I e o bispo Berenguer de Palou, em 775 anos pela liberdade. Celebrações do 775º aniversário da Ordem da Misericórdia (1218-1993), 57-65.**

_____. **O carisma redentor de La Mercè na igreja de Barcelona em 775 anos pela liberdade. Celebrações do 775º aniversário da Ordem da Misericórdia (1218- 1993), 109-114.**

- _____. **Eles origens do hospital de Santa Eulália.** *In.* 800 anys Mercè (1203-2003), 162-169.
- MILLÁN RUBIO, Joaquín. **A Ordem de Nossa Senhora da Misericórdia foi fundada em um hospital, em Obra Mercedária 191-192** (1989) 55-56.
- _____. **Trajetória do compromisso redentor da Ordem da Misericórdia em 775 anos pela liberdade. Celebrações do 775º aniversário da Ordem da Misericórdia** (1218-1993), 161-177.
- PIKAZA IBARRONDO, Xabier. **Fundação teológica da caridade em 775 anos para a liberdade. Celebrações do 775º aniversário da Ordem da Misericórdia** (1218-1993), 125-136.
- _____. **“Deus, pai da misericórdia”.** Mensagem bíblica em La Merced rumo ao terceiro milênio: recriando o carisma. pp. 73-96.
- RAMAJO ALISTE, Feliz. **Vida e trabalho do Padre Juan Gilabert Jofré.** Valencia, 1998.
- VELA LOIRA, Agostinho. **O hospital medieval de El Puig de Santa Maria. Esboço histórico.** *In.* Mercedária Works 223 (1997), 44-50.

CURRICULO

Datos personales

Nació el 24 de enero de 1970 en Alcañiz (Teruel).

Profesión simple el 15 de agosto de 1988, en el convento del Olivar (Estercuel), en las manos del provincial fray Primo Abella.

Profesión solemne el 16 de septiembre de 1995, en el convento de Nuestra Señora de los Ángeles (El Puig de santa María – Valencia), en manos del maestro general fray Emilio Aguirre.

Ordenación diaconal el 30 de diciembre de 1995, en el convento del Olivar, por Mons. Antonio Algora, obispo de Teruel y Albarracín.

Ordenación sacerdotal el 27 de julio de 1996, en la colegiata de Alcañiz (Teruel), por Mons. Luis Martínez Sistach, obispo de Tortosa.

Estudios

Licenciado en Estudios Eclesiásticos por la facultad de Teología San Vicente Ferrer de Valencia (junio de 1994).

Licenciado en Teología Bíblica por la Pontificia Universidad Gregoriana (junio de 1998).

Licenciado en Historia por la Universidad de Valencia (enero de 2009).

Responsabilidades en la Orden de la Merced

2007 – 2010 – Miembro de la Comisión General de revisión de las Constituciones.

2009 – Miembro del Instituto Histórico de la Orden de la Merced.

2016 – Consejero General de la Orden de la Merced. Secretario General.

2016 – 2018 – Coordinador General de la Comisión Jubileo Mercedario 2018.

MISERICORDIAE GAUDIUM: QUANDO OS OMBROS E AS MÃOS FAZEM-SE BRAÇO NO ABRAÇO - POR UMA RELEITURA DA UNIDADE DO TRÍPTICO DE LC. 15

Luís Henrique Eloy e Silva

Resumo: Lc. 15 sintetiza de forma estrutural e coerente os conceitos bíblicos de *hesed* e *rahamim* no tríptico das parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do pai e os dois filhos, aqui vistas não como três parábolas da misericórdia, mas como uma única parábola.

Palavras-chave: evangelho de Lucas; parábola; análise narrativa; releitura; misericórdia.

Abstract: Luke 15 synthesizes structurally and consistently the biblical concepts of *hesed* and *rahamim* in the triptych of the parables of the lost sheep, the lost coin and the father and two sons. In this paper, the three parables of mercy are seen as a single parable.

Keywords: Gospel of Luke; parable; narrative analysis; re-reading; mercy.

Há muito que Lucas é considerado o evangelista da misericórdia. Ele não o é somente porque Dante Alighieri o chamou de “*scriba mansuetudinis Christi*”¹, nem tampouco pela especial atenção aos pecadores, enfermos, pobres e perseguidos². Pode-se dizer, que além desses elementos apenas citados, a ele pode ser atribuído tal título por condensar magistralmente, em uma parábola, os dois principais campos semânticos do conceito “misericórdia”, em seu alcance bíblico: *hesed e rahamim*.

1 De Monarchia, I, 16, 2.

2 ELOY E SILVA, L. H. “Vês esta mulher?” Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc. 7,36- 50, pp. 17-19.

Ao falar em parábola e misericórdia no evangelho de Lucas, quase que naturalmente vem à nossa mente o capítulo 15, considerado o “coração do terceiro evangelho³” e com ele a parábola do pai e dos dois filhos. Parábola à qual é plasticamente associado o famoso quadro de Rembrandt. Curiosamente, ou talvez oportunamente, é o quadro do pintor holandês do século XVII que ilustra grande parte dos livros ou *folders* de simpósios ou congressos quando, em nosso meio, o tema é a misericórdia de Deus.

A assim chamada parábola do “filho pródigo”, conhecida sob esse título por séculos e, hoje, preferencialmente chamada de “a parábola do pai misericordioso” e, por alguns, de “a parábola do pai pródigo” serve a indicar que a prodigalidade vista com olhos negativos como aquele que desperdiça o que tem, como no caso do filho mais novo, deve também ser vista como prodigalidade positiva, como é o caso do pai, que não se cansa de ser generoso.

Lc 15: Uma única parábola sobre a misericórdia

O texto sobre o pai e os dois filhos é antecedido por duas outras cenas, comumente intituladas de duas parábolas da misericórdia por nossas bíblias e pela maioria dos comentadores do terceiro evangelho, formando assim o grupo das três parábolas da misericórdia. No entanto, como é intuito desta exposição, demonstraremos que o capítulo 15 de Lucas não é composto por três parábolas da misericórdia, mas por uma única parábola em três atos, dos quais o primeiro e o segundo atos tornam-se como que as premissas que portam à magistral conclusão que é o ato final⁴.

3 FITZMYER, J.A. *The Gospel According to Luke*, p. 1071.

4 Intuição também percebida por Meynet ainda que com nuances um pouco diversas daquelas de nossa leitura. Cf. MEYNET, R. *A Análise Retórica. Um novo método para compreender a Bíblia*, pp. 391-408. FITZMYER crê que o termo “esta parábola”, no singular, fosse uma introdução original à parábola do Pai e dos dois filhos. Posteriormente, o evangelista teria inserido as parábolas da ovelha perdida e da dracma perdida formando, assim, um tríptico sobre a dialética perdido e encontrado. Cf. FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke*, p. 658. Por sua vez, São Boaventura lê as parábolas como uma unidade: a primeira evoca a reconciliação; a segunda, a redenção e a terceira, a adoção. Já Santo Alberto Magno vê um fio

Antes de tudo, é preciso partir de uma leitura contígua ao texto para ali colhermos, dentro do possível, o seu mundo e a mensagem que nos deseja comunicar. Como geralmente ocorre com as grandes parábolas lucanas, emolduradas claramente pelos destinatários intradieéticos, são-nos postos sobre o palco cênico, já no início, os interlocutores aos quais se dirigirá Jesus com seu discurso: “Aproximavam-se dele todos os publicanos e pecadores para o escutarem. Os fariseus e escribas, no entanto, murmuravam” (Lc. 15, 1-2).

Em um primeiro momento, há um movimento de aproximação de alguns em direção a Jesus: os publicanos e os pecadores. Eles se aproximam de Jesus para o escutarem. Se é verdade que a escuta ultrapassa o simples fato do ouvir, que, em si, indica a percepção e distinção dos sons, mas não a sua assunção e introspecção, então é preciso admitir que os publicanos e pecadores se aproximam silentes, revestidos do silêncio não somente exterior, mas sobretudo interior, sem o qual a verdadeira escuta não ocorre. Se de um lado estão os publicanos e pecadores que se aproximam para escutar Jesus, de outro, Lucas nos fala que estão os fariseus e escribas, também eles caracterizados primeiramente por outro verbo: “Os fariseus e os escribas, no entanto, murmuravam” (Lc. 15, 2a). Nos dois verbos (escutar e murmurar), a atitude oposta já está delineada.

De um lado, os publicanos e pecadores escutam; de outro, os fariseus e escribas murmuram. O murmurar, verbo quase onomatopéico, em latim e nas línguas neolatinas, marcado pela repetição de “mur + mur” em português, francês e espanhol, e “mor + mor” em italiano, traz na repetição a presença de sílabas iniciadas pela letra m, consoante muito expressiva nesse caso. Expressiva pois sonora mesmo quando emitida com os lábios cerrados, quase a indicar uma “não fala” ou a ausência do logos claramente expresso.

Em grego, o termo é plasticamente marcado pela desarticulação e nasalização do som quando pensamos a *gongýzein* e aqui, especificamente,

progressivo sobre o arrependimento que as tece. Cf. BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*, III, p. 52.

em estilo lucano: *diagongýzein*. No caso da preferência lucana, deparamo-nos com a imagem da murmuração continuada e quase incontida. Se pensamos ao mundo semântico do murmurar como ausência da verbalização expressa que gera o diálogo, podemos então inferir que, se os publicanos e pecadores se aproximam de Jesus, o mesmo não ocorre com os fariseus e escribas. Ainda que ali Estivessem “perto de Jesus”, não estavam de fato próximos a ele. Estavam fisicamente, mas não na abertura do espírito, pois murmurar não é dialogar e como murmuravam entre eles, não estavam próximos nem mesmo entre eles. Quanto menos de Jesus! A não escuta fica mais clara ainda, quando se percebe que a atitude da escuta que caracteriza os publicanos e pecadores, corresponde, após a murmuração iterativa, à atitude da fala dos fariseus e escribas.

Aqui não uma “fala com”, mas uma “fala de”. E uma “fala de” em tom depreciativo ou, por que não, recriminatório: “este recebe pecadores e come com eles” (Lc. 15, 2b).

Ao perceber o cenário que se criou ao redor, diante da fala dos fariseus e escribas, Jesus conta-lhes uma parábola. Segundo Lucas, “esta parábola”. O pronome demonstrativo feminino singular não deixa de causar perplexidade ao leitor atento, que, em um primeiro momento, poderia se contentar com a primeira parábola, a da ovelha perdida. No entanto, após a narração sobre a ovelha perdida, Lucas relata uma segunda, a da dracma perdida, e, finalmente, a do pai com os dois filhos, ou aparentemente a do “filho mais novo perdido” (mas veremos que não é bem assim) e não as antecede com nenhum indicativo como, por exemplo, “outra parábola” ou qualquer outra expressão semelhante.

Enquanto para alguns isso se trataria simplesmente de um estilo literário em que Lucas se preocupa com a indicação apenas da primeira parábola, aqui, por motivos que esclareceremos, entendemos que a opção de Lucas é bem outra. Não se trata de uma sequência de três parábolas, mas, na verdade, de uma única parábola!

Se pensamos à forma clássica da parábola narrativa, podemos então compreender que se trata de um elemento desconhecido, chamado de

primum comparationis, posto ao lado de um elemento conhecido, chamado de *secundum comparationis* que ao serem postos, um ao lado do outro, geram plasticamente um terceiro elemento, o *tertium comparationis*, razão pela qual constitui-se a parábola em seu gênero literário. De fato, nisso consistiria a diferença entre uma parábola e alegoria. Na alegoria, são comparados dois elementos conhecidos; na parábola, um elemento conhecido é posto ao lado de um desconhecido para facilitar a compreensão do que se deseja comunicar⁵.

Se Jesus, no início do cap. 15, está contando “uma parábola”, o que está sendo posto ao lado de quê? Em função de que compreensão ou imagem?

Repercorramos o capítulo 15. No primeiro caso (Lc. 15, 4-7), temos a presença de um homem⁶, pelo contexto um pastor, que possuía cem ovelhas, e dessas perde uma e vai à sua procura até encontrá-la. Ao encontrá-la, põe-na sobre os ombros, cheio de alegria e, chegando em casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida” (Lc. 15, 6).

Jesus conclui recordando que haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (Lc. 15, 7). Temos aqui, desde o ponto de vista do texto, o imaginário masculino daquele que perde algo, uma ovelha, e, ao encontrá-la, festeja com amigos e vizinhos, também homens!

A cena é perpassada pelos temas da perda e do reencontro e pelo tema da alegria que se faz presente nos versículos 5-7: a ovelha é posta sobre os ombros do pastor que retorna, alegre; ao chegar em casa, convoca os amigos e vizinhos para que se alegrem com ele; e, na conclusão, Jesus recorda-se

5 HAUCK, F. *Parabolē*, V, 742.

6 Embora o termo grego usado por Lucas seja *anthrōpos*, a opção por traduzir o termo não por ser humano no sentido geral, mas por homem enquanto varão, é corroborada pelo fato de o evangelista, ao se referir ao pai a partir do v. 11, usar novamente o termo *anthrōpos* e não *anēr*. A propósito, convém comparar a terminologia em 1 Re 17, 18 na Nova Vulgata: “*Quid mihi et tibi, vir Dei?*” E na LXX: “*τί ἐμοὶ καὶ σοὶ ἀνθρώπε τοῦ θεοῦ;*”.

de que haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (Lc. 15, 7).

De posse desses elementos, começamos a percorrer o segundo caso, e nos damos conta de que as semelhanças estruturais são patentes. Aqui não é mais um homem e sim uma mulher que, possuindo dez dracmas, perde uma delas e se põe à sua procura até encontrá-la. Nesse caso, os pormenores que compõem a narração aumentam. Enquanto que no primeiro caso, o ato da procura que caracteriza o pastor não possui detalhes, aqui eles são identificados por três imagens: a mulher acende uma lamparina, varre a casa, e procura com diligência até a encontrar a dracma. O acender a lamparina envolve os olhos; o varrer a casa, as mãos; e o procurar com diligência envolve os pés, mas motivados pelo amor. Lucas usa o termo *epimelōs*, traduzido por *diligenter* na Nova Vulgata. A opção da Nova Vulgata nos põe no campo semântico do verbo *diligere* que, segundo o Saraiva, trata-se da forma de amar com escolha, por denotar discernimento⁷.

Logo, a procura da mulher pela dracma perdida envolve o “amor terno” ou, por que não, a ternura que, segundo a narração lucana, corrobora a busca do olhar e das mãos pelo movimento dos pés, movimento dos pés que aqui concretamente indicam o movimento de todo o ser, já que o olhar pode se movimentar sem o corpo todo, também o podem as mãos. No entanto, aqui se trata do movimento dos pés, base e sustento do corpo, e por isso mesmo movimento de todo o corpo. Corpo movido pela ternura que percorre a casa em busca do que se perdeu!

Se no primeiro caso deparamo-nos com elementos que nos reportavam ao imaginário masculino, aqui, pelo contrário, nos pomos diante do imaginário feminino. Trata-se de uma mulher que perde não um animal, uma ovelha, que pode sair e se dispersar do rebanho, mas um objeto, uma dracma, algo imóvel. Ao encontrar a dracma, a mulher festeja com as amigas e vizinhas dizendo-lhes, com um refrão quase idêntico àquele do pastor: “Alegrai-vos comigo porque encontrei a dracma perdida” (Lc. 15, 9). Quase idêntico, pois

7 SARAIVA, F. R., *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*, p. 375.

salta aos olhos um pormenor bastante significativo. No caso do pastor, ele diz “encontrei a minha ovelha perdida”. No caso da dracma, todavia, está ausente o pronome possessivo!

Também a conclusão de Jesus, ao retomar o tema, é diferente. Aqui, ele diz: “Há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”. Lá, ele acrescenta que haverá maior alegria por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

A proporcionalidade estatística não ocorre aqui explicitamente, mas o leitor atento já foi capaz de intuí-la. Enquanto que, no caso da ovelha perdida, a proporção é de um 1% em relação a 100%, já que noventa e nove permaneceram, mas só uma se perdeu; no caso da dracma, a proporção se multiplica. Com efeito, uma dracma em relação a dez dracmas equivale a 10% de 100%.

A proporção então é muito maior! Por outro lado, é preciso admitir que a quantidade de ovelhas, enquanto propriedade do pastor, é muito maior que a quantidade de dracmas que a mulher possuía. Enquanto um tinha cem ovelhas, a outra tinha dez dracmas. Mesmo assim, independentemente da quantidade do que se tinha, ambos, ao perderem a ovelha ou dracma, puseram-se em atitude de busca. É preciso avançar o percurso narrado através do terceiro cenário, que envolve o pai e os dois filhos. Ali, como veremos, não está uma terceira parábola, mas o clímax anagnorético, revelador, de uma única parábola em três.

O texto inicia-se narrando que certo homem tinha dois filhos. O filho mais novo pede a parte da herança que lhe cabia e, ao recebê-la, parte para uma terra distante e, ali, dissipa seus bens vivendo de forma desregrada (literalmente *asōtōs* – “sem saúde, sem salvação”⁸). Após ter gastado tudo o que possuía, começou a passar necessidade. Contemporaneamente, também a terra em que estava começou a passar necessidade pela fome que assolou a população. Ao ter encontrado trabalho, foi cuidar de porcos. Diante de sua fome, nem mesmo o que os porcos comiam lhe davam. A perspicácia

8 FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke*, p. 1088.

da narrativa lucana cria um momento de tensão na trama. A partir daquele instante, o filho mais novo toma consciência de sua situação ao “entrar em si”, como nos diz literalmente o texto (cf. Lc. 15, 17), e, arrependido de sua escolha, deseja voltar à casa do pai, iniciando um movimento interior que se concretizará no movimento exterior do retorno.

Inicia seu retorno e, ao se aproximar da casa paterna, ao longe é visto pelo pai. Nesse momento, a narração lucana muda o foco. O filho, que até então era o sujeito dos verbos, cede lugar ao pai. O pai torna-se o sujeito de uma sucessão de verbos: vê o filho, move-se de compaixão por ele, corre ao seu encontro, lança-se ao seu pescoço e o beija. A visão suscita a compaixão; a compaixão apressa o desejo do encontro e o pai corre ao encontro do filho, encontro que termina no abraço e no beijo.

Diante da sucessão de movimentos que envolvem o pai, o filho permanece silente. Silente talvez porque diante do gesto do pai ele é visitado pelo mistério do que significa o verdadeiro amor, silente porque no abraço lhe é dado o aconchego do seio do pai, lhe é doada novamente a memória da pertença, silente, quicá, por sentir no abraço do pai o calor de suas vísceras de misericórdia, tão bem representadas no relato pelo verbo *splanchnízomai* – moveu-se de compaixão, em suas entranhas –, termo traduzido no campo semântico do coração, do afeto e da ternura, na maioria de nossas bíblias por trazer a memória o mundo interior que se move, as entranhas em sua simbologia como arquétipo do calor interior, do aconchego, do regaço!

Finalmente, o filho fala e, ao falar, verbaliza o arrependimento que já encontrara espaço em seu coração: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc. 15, 21). Por detrás de suas palavras, a beleza da contrição expressa, mas, por outro lado, surge o fio de algo mais profundo. O filho mais novo não se considera digno de ser chamado filho e, embora não expresse o que pensou no v. 19, fica claro para o leitor o contraste entre o fato de ser tratado como filho e o fato de esperar ser tratado como empregado. Ele deseja ser tratado como empregado (Lc. 15, 19)!

O tempo, no entanto, se torna breve, e suas palavras não alcançam a possibilidade de expressar tal conteúdo. O pai o interrompe e convoca os

servos para que preparem ao filho a melhor roupa, lhe recolocuem o anel no dedo e as sandálias nos pés, trazem o bezerro cevado e o matem a fim de que se inicie a refeição festiva. O motivo é claramente expresso pelo hóti causal do v. 24: “Este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado”. E todos: pai, filho mais jovem e servos se regozijam conjuntamente!

A cena poderia ter terminado aqui, mas a narrativa introduz magistralmente um *inciting* moment⁹, uma nova tensão na trama do cenário. O filho mais velho que, até então, era somente um componente secundário do cenário, passa ao primeiro plano.

Ao voltar do campo, aproxima-se da casa do pai e, chamando um dos servos, deseja saber o porquê das músicas e danças. Informado de que o irmão mais novo havia retornado e de que o pai matara o bezerro cevado não só pelo fato de ter retornado, mas por ter sido encontrado com saúde, indignou-se. Invaso pela indignação, não quis entrar em casa.

O pai, então, sai ao seu encontro e começa a chamá-lo, como está na maioria de nossas traduções, fato que deve ter tido uma durabilidade ou insistência devido ao fato de Lucas usar o verbo no imperfeito. No entanto, o verbo usado em Lc. 15, 28 é *parakalein* o que indica que o pai não somente chama o filho mais velho, ele o exorta, ele o consola continuamente, como expressa a iteratividade do imperfeito (*parakálei*). O filho se justifica: “Eu te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para regozijar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado”. Por detrás das palavras indignadas do filho mais velho, a presença do incômodo com relação ao comportamento do pai para com o filho mais novo, ao qual ele não chama de irmão, mas a ele se refere com o dêitico claramente depreciativo “este teu filho” e não “este meu irmão”. Depreciativo o uso de *houtos* por Lucas aqui na boca do filho mais velho. Reflexo de tal tom depreciativo o leitor já havia visto no v. 2, na boca dos fariseus e escribas.

9 SKA, J.-L. “Our Fathers have told us”. p. 25.

Embora devesse o leitor esperar naturalmente posturas diferentes entre os irmãos, há algo que os aproxima. Ambos apresentam um distanciamento da identidade filial, ainda que momentâneo, ainda que marcado pelo arrependimento de um ou a indignação do outro. É verdade que o filho mais novo, ao falar com o pai, inicia sua fala com o vocativo “pai”, vocativo que não é usado pelo filho mais velho.

Na fala do filho mais velho, jaz o campo semântico do serviço realizado sob a norma. Ele jamais transgrediu o mandamento do pai, mas mesmo assim não é capaz de olhar para essa realidade como um precioso e fecundo dom. Olha, ao contrário, com a tristeza de quem cumpriu perfeitamente o preceito. Não olha com a liberdade do filho e sim com a obrigatoriedade que caracteriza a postura de quem serve, mas não é capaz de ressignificar o serviço para além de seu solo normativo. Logo, como esperar um fruto diferente de tal solo?

Diante dessa postura, o pai se demonstra ternamente próximo também do filho mais velho que, neste momento, de alguma forma, o reprova por não agir como ele esperava. Sentiu-se desconsiderado perante o irmão mais novo, e indignado não aceita o comportamento do pai. Mesmo assim, o pai se aproxima com a ternura não mais expressa aqui pelo verbo *splanchnizomai* mas pelo substantivo filho na forma grega *teknon* que pode demonstrar a forma familiar e afeiçoada de o pai se referir ao filho¹⁰. E Ihe diz: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu” (Lc. 15, 31). Por detrás dessas palavras, os estudiosos notam que, segundo as normas testamentárias que regiam a herança da época, o mais velho ficaria com o equivalente ao dobro do que o pai tinha dado ao filho mais novo para viver, por ser o primogênito e logo, não haveria perdido nada.¹¹ No entanto, para além disso, a questão parece ser bem outra na parábola. Embora o tema normativo esteja tão inerente à fala do filho mais velho, percebe-se que no fundo ele se entristece por não entender de que carne é feito o coração de seu pai. Está na casa do pai e convive com ele, mas não vive do pai, não comunga do alcance de

10 BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*, III, p. 72.

11 FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke*, p. 1087. Cf., também, Lv 21,17.

seu horizonte. Diante de tal constatação, o pai não poderia exigir dele uma resposta diferente. Era o que ele dava conta de alcançar com sua visão e com seu coração! Era o seu limite!

Mesmo assim, o pai tenta recolocar o filho mais velho no lugar que já lhe pertence usando também ele do mesmo pronome posto na boca do próprio filho mais velho um pouco antes – *houtos* – mas agora com uma nova e autêntica conotação: “Este teu irmão estava morto, e reviveu; estava perdido e foi encontrado” (Lc. 15, 32). É como se o pai lhe dissesse: ele não é somente meu filho, ele é teu irmão!

Chegando ao fim desse percurso de ato de leitura, nota-se que as peças dos três passos que constituem a parábola da misericórdia presente no capítulo 15 do terceiro evangelho interligam-se magistralmente na pena do evangelista.

Em todas as cenas está presente o elemento perdido que é buscado e que, ao ser encontrado, gera uma alegria tão grande que precisa ser partilhada. No caso da ovelha, partilham da alegria do pastor os amigos e vizinhos; no caso da dracma, partilham da alegria da mulher as amigas e vizinhas; no caso do filho mais novo, partilham da alegria do pai, seus servos.

Se sustentamos como hipótese exegético-narrativa o fato de que se trata de uma parábola em três atos, então é preciso acolher que assim como há uma ovelha que se perde fora e longe de casa, há uma dracma que é perdida perto e dentro de casa. Assim, a ovelha estaria em paralelo com o filho mais novo, que se perdeu fora de casa, e a dracma em paralelo com o filho mais velho que, de alguma forma, também não se encontra, mesmo dentro da casa do pai.

Essa imagem se corrobora quando com não poucos autores nos damos conta de que as parábolas narrativas em Lucas são endereçadas a interlocutores específicos, claramente indicados nos vários contextos.

Dessa forma, o elemento comparativo já havia sido expresso antes mesmo de iniciar a narração da parábola: de um lado, os publicanos e pecadores;

de outro, os fariseus e escribas; de um lado, a ovelha que se perde fora e longe de casa; de outro, a dracma que perde perto e dentro de casa; de um lado, o filho mais novo que espera se encontrar fora de casa, longe do pai; de outro, o filho mais velho que ainda não se encontrou em sua autêntica identidade dentro de casa, e supostamente perto do pai. Não se encontram ainda os irmãos em sua identidade, pois o mais novo quer ser tratado como empregado ou diarista (*misthós*, Lc. 15, 19) e o mais velho sempre se sentiu servo (*doulos*, Lc. 15, 29). Por detrás do rosto deles, a efigie fragmentada da filiação, tanto de um quanto de outro, cuja identidade torna-se-lhes obscura por não reconhecerem sua origem, o rosto do pai.

Lc 15: Síntese plástica do conceito bíblico de misericórdia

O Antigo Testamento possui vários termos para se referir à misericórdia, mas dois particularmente expressam-na comumente em grande parte dos textos. Estes conceitos são *hesed* e *rahamim*, fidelidade e compaixão¹².

Vejamos o que nos diz São João Paulo II na *Dives in Misericordia* de forma sintética e clara a respeito disso¹³:

Ao definirem a misericórdia, os Livros do Antigo Testamento servem-se sobretudo de duas expressões, cada uma das quais tem um matiz semântico diverso. Antes de mais, o termo *hesed*, que indica uma profunda atitude de “bondade”. Quando esta disposição se estabelece entre duas pessoas, estas passam a ser, não apenas benévolas uma para com a outra, mas também reciprocamente fiéis por força de um compromisso interior, portanto, também em virtude de uma fidelidade para consigo próprias. E se é certo que *hesed* significa também “graça” ou “amor”, isto sucede precisamente na base de tal fidelidade. O fato de o compromisso em questão ter um caráter, não apenas moral, mas como que jurídico, não altera a sua realidade. Quando no Antigo Testamento o vocábulo *hesed* é referido ao Senhor isso acontece sempre em relação com a aliança que Deus fez com Israel. Esta aliança foi da parte de Deus

12 CAMBIER, J.; LÉON- DUFOUR, X. Misericórdia, p. 594.

13 JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.

um dom e uma graça para Israel. Contudo, uma vez que Deus, em coerência com a Aliança estabelecida, se tinha comprometido a respeitá-la, *hesed* adquiria, em certo sentido, um conteúdo legal. O compromisso “jurídico” da parte de Deus deixava de obrigar quando Israel infringia a aliança e não respeitava as suas condições. E era precisamente então que *hesed*, deixando de ser uma obrigação jurídica, revelava o seu aspecto mais profundo: tornava-se manifesto aquilo que fora ao princípio, ou seja, amor que doa, amor mais potente do que a traição, graça mais forte do que o pecado. Esta fidelidade para a “filha do meu povo” infiel (cf. Lm. 4, 3-6), em última análise é, da parte de Deus, fidelidade a si próprio. Isto aparece evidente sobretudo pela frequência com que é usado o binômio *hesed we’emet* (= graça e fidelidade) [...]. “Eu faço isto, não por causa de vós, ó casa de Israel, mas pela honra do meu santo nome” (Ez. 36, 22). Assim, também Israel, embora sob o peso das culpas, por ter quebrado a aliança, não pode ter pretensões em relação ao *hesed* de Deus, com base numa suposta justiça (legal). No entanto, pode e deve continuar a esperar e a ter confiança em obtê-lo, já que o Deus da aliança é realmente “responsável pelo seu amor”. Fruto deste amor é o perdão e a reconstituição na graça, o restabelecimento da aliança interior.

A nota refere-se, primeiramente, ao conceito *hesed* que em seu matiz semântico exprime um compromisso relacional no qual as partes não são simplesmente benévolas uma com a outra, mas fiéis uma à outra em virtude, sobretudo, de uma fidelidade para consigo próprias. A compreensão de *hesed* em um sujeito como fidelidade a si mesmo qualifica seu caráter identitário quando, em relação a Deus, se vê que mesmo diante da infidelidade de Israel e, particularmente em tal situação, *hesed* se manifestava como amor que se doa, não simplesmente por causa de Israel, mas por fidelidade de Deus a si próprio. Entende-se, assim, que *hesed* indica um olhar consciente, voluntário e não somente uma emoção. Nesse caso, o sujeito usa de misericórdia em relação ao outro não simplesmente porque o outro merece, mas porque é parte do sujeito que vive a dimensão do *hesed* ser fiel a si mesmo, por consciência à qual ele não pode ser infiel, por princípio identitário. Nesse sentido, Deus é *hesed* por excelência, pois mesmo quando os seres humanos

lhe são infiéis, ele permanece fiel, conceito que é aplicado a Cristo em 2 Tm 2, 13 quando lá se diz “se lhe somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode negar-se a si próprio”.

O segundo vocábulo que na terminologia do Antigo Testamento serve para definir a misericórdia é *rahamim*. O matiz do seu significado é um pouco diverso do significado de *hesed*. Enquanto *hesed* acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da “responsabilidade pelo próprio amor” (que são características em certo sentido masculinas), *rahamim*, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (*rehem* = seio materno). Do vínculo mais profundo e originário, ou melhor, da unidade que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação com ele, um amor particular. Desse amor se pode dizer que é totalmente gratuito, não fruto de merecimento, e que, sob esse aspecto, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante “feminina” da fidelidade masculina para consigo próprio, expressa pelo *hesed*. Sobre esse fundo psicológico, *rahamim* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que o mesmo é dizer a prontidão para perdoar. O Antigo Testamento atribui ao Senhor essas características quando, ao falar d’Ele, usa o termo *rahamim*. Lemos em Isaías: “Pode porventura a mulher esquecer-se do seu filho e não ter carinho para com o fruto das suas entranhas? Pois ainda que a mulher se esquecesse do próprio filho, eu jamais me esqueceria de ti” (Is. 49, 15).

Enquanto *hesed* é visto em sua dimensão de fidelidade à retidão de um princípio identitário e, portanto, ligado ao campo semântico da consciência, *rahamim*, por estar vinculado em sua raiz etimológica ao termo *rehem* (útero), liga-se ao campo semântico das entranhas, dos afetos e vincula-se simbolicamente à dimensão feminina da misericórdia. Por sua própria força indicativa, o útero é materialização da ternura, da acolhida, do afeto generoso, pois ele acolhe o feto e a ele permanece unido, pele com pele, quase como que o abraçando, durante todo o período de gestação, num movimento de adaptação crescente e constante àquele ser em desenvolvimento.

Ainda que todos nós encontremos em nossas bíblias este capítulo lucano como o capítulo aprendamos a ser¹⁴ por excelência, ali não aparece o termo grego mais caro à Septuaginta para a tradução do hebraico *hesed* que é éleos. No entanto, encontra-se presente a compreensão semântica do conceito, quando nos deparamos com a imagem do pastor, que, por consciência e dever de cuidado para com o rebanho, deixa as noventa e nove ovelhas e sai à procura da que se perdera. Se isso é verdade para o *hesed*, ainda mais o é para o *rahamim*, pois aqui lexicalmente aparece o verbo *splanchnízomai* quase sempre usado para expressar o conteúdo de *rahamim* e, assim, emblematicamente o mistério que compõe o mundo metafórico das entranhas.

Nesse sentido, *hesed* e *rahamim* representam aqui a excelência da imagem bíblica da misericórdia sintetizada magistralmente por Lucas em seu capítulo 15, nas imagens do pastor e as ovelhas e da mulher e as dracmas, mas sobretudo do pai que em si perfeitamente condensa o *hesed we rahamim*, o pai que age com vísceras de misericórdia, com a consciência de um pai que é fiel ao filho por fidelidade ao amor que nutre para com ele (*hesed*) revestido das entranhas afetuosas da mãe que acolhe em seu colo, dá carinho, põe sandália nova aos pés, reveste-o de nova roupa e restitui-lhe o anel (*rahamim*).

Talvez por isso mesmo, conscientemente ou não, mas certamente inspirando Rembrandt ao pintar seu famoso quadro do retorno do filho mais novo, tenha as mãos do pai depositadas sobre as costas do filho, como indicam com razão os críticos da arte, uma das mãos com características masculinas e a outra com características femininas, indicando plasticamente o *hesed we rahamim* de Deus figurativamente representados no Pai que ama os dois filhos com a consciência paterna e a ternura materna. Enzo Bianchi em um artigo de outubro passado no *Avvenire* nota que desde a homilia de início de seu pontificado, o Papa Francisco tem permeado seus discursos com o tema da ternura demonstrando que a ternura não é somente um aspecto da misericórdia, mas é a misericórdia tangível, palpável. Não somente em seu aspecto de *hesed* mas também *rahamim*¹⁵.

14 FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia, Vaticano, 11 de abril de 2015.

15 BIANCHI, E. *Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze: "Nell'esortazione apostolica Evangelii*

Lc 15: O tríptico cênico, o díptico lexical e a unidade semântico-temática

Ao final desse percurso, nos demos conta de três cenários formando um tríptico: o primeiro cenário do pastor e as ovelhas; o segundo, da mulher e as dracmas; e o terceiro, do pai e os dois filhos. Construção tríptica que se interliga pelas imagens do pastor e da mulher, sintetizados na figura do pai que vai ao encontro do que se perdeu fora (Lc. 15, 20: o pai o viu e correu ao seu encontro) e do que também se perdeu dentro (Lc. 15, 28: o pai saiu para suplicar-lhe).

Assim como existe um movimento do pastor que vai ao encontro da ovelha perdida e um movimento da mulher que se põe à procura da dracma perdida, há um movimento do pai que vai ao encontro do filho mais novo e do filho mais velho.

O capítulo possui também um díptico que se repete nos três cenários. De um lado, a presença do que se perde e, de outro, a presença de quem procura. No primeiro cenário, a ovelha que se perde. A ovelha recorda a imagem da escuta, conforme podemos vislumbrar, por exemplo, em Jo. 10, 3-8; 16, 2, e, dentro do estilo narrativo lucano, que endereça suas parábolas a interlocutores especificados no texto, o leitor se recorda dos publicanos e pecadores que se aproximam para escutar Jesus no início do capítulo 15.

Por outro lado, a imagem da dracma que se perde dentro de casa nos interliga aos fariseus e escribas, incapazes de se expressarem adequadamente porque murmuram e, ao murmurarem, não falam, nem escutam. E o pior: não se escutam! Além disso, como não poderia ser diferente, uma dracma não fala, nem escuta. Símbolo eloquente do fechamento à escuta e da incapacidade de se comunicar. Para o leitor acostumado à pena lucana, haverá de se recordar do adjetivo “amigos do dinheiro” endereçado aos fariseus em Lc. 16, 14. O

gaudium parla per ben 11 volte di tenerezza, ricorrendo a questa parola in modo sempre pensato, con molto discernimento. Parla di 'tenerezza combattiva contro gli assalti del male' (85), di 'infinita tenerezza del Signore' (274), di 'tenerezza' come 'virtù dei forti' (288), di 'forza rivoluzionaria della tenerezza' (ibid.), avendo coscienza che la tenerezza è appunto una virtù, una forza attiva e pratica, non solo un sentimento. Arriva a scrivere che 'Il Figlio di Dio, nella sua incarnazione, ci ha invitato alla rivoluzione della tenerezza' (88)".

díptico do pastor que procura a ovelha que se perde fora e da mulher que procura a dracma que se perde dentro de casa é magistralmente completado pela imagem do pai que deseja encontrar o filho que se perdeu longe e fora de casa e o filho que se perdeu perto e dentro de casa, mas não só isso. O pai condensa em si a consciência fiel do pastor e a diligência terna representada pela mulher.

Enfim, é nítida a repetição do campo semântico da alegria relacionada à dimensão do reencontro daquilo que estava perdido (a ovelha e a dracma) vinculado àqueles que se perdem (não somente os publicanos e pecadores, mas também os fariseus e os escribas) representados no universo metafórico do capítulo 15 pelos dois filhos, o mais novo e o mais velho, respectivamente. Enquanto fica claro que a unidade do tríptico é marcada pela alegria do que encontra o que havia perdido (Lc. 15, 5-7, 9-10, 32), como eixo representativo da misericórdia divina sempre aberta à acolhida e ao reencontro, há ainda um elemento estrutural bastante significativo: a presença de uma inclusão semântica. Antes de iniciar a narração da ovelha perdida, o evangelista nos diz que os fariseus e os escribas murmuravam. Como dissemos, o murmurar não se trata de um falar, de um dialogar, mas da ausência do logos. Mesmo assim, na contradição de tal postura, é expresso algo inerente à limitação do olhar de quem ainda não alcança o horizonte que ilumina os olhos do pai e que por isso a eles se opõe.

Obviamente a oposição do filho mais velho, embora aparentemente indique a não aceitação da acolhida do irmão mais novo, no fundo revela algo de si mesmo. De alguém para o qual a religião se reveste de uma visão que não é aquela proposta pelo pai. Essa inclusão semântica se manifesta magnificamente indicada quando, ao final do capítulo, o leitor se depara com o filho mais velho que, em uma atitude quase semelhante, reclama do pai. E por isso, como que murmura! É verdade que ele dialoga com o pai, mas trata-se de um diálogo ressentido, quase murmurante, de um filho que não é capaz de alcançar o horizonte de seu pai. Mesmo diante das recriminações do filho mais velho, o pai ama-o em seu *hesed* fiel. O capítulo termina com a fala do pai, mas não narra a reação do filho mais velho...

O texto de Lc. 15 possui ainda outro fio que o interliga. Trata-se de um fio bastante sutil, quase imperceptível, que aqui e ali surgiu em momentos muito representativos do discurso textual: o pronome demonstrativo. No início da do capítulo: v. 2 “**este** recebe pecadores e come com eles”; depois, no v. 3 “**esta** parábola”; no v. 24 na boca do pai: “**este** meu filho”; no v. 30 na boca do irmão mais velho em relação ao mais novo “**este** teu filho” e, finalmente, no v. 32 na boca do pai falando com o irmão mais velho: “**este** teu irmão”.

O pronome **este** demonstra o que está perto e, ao demonstrar, aproxima o olhar. O pronome **este** indica, ainda, a iminência do que precisa ser percebido, ou, por que não, urgentemente percebido. O quê?

Quando nascemos, necessariamente fazemos a experiência da ausência do *rehem* materno, o primeiro útero, pois dele nos separamos fisicamente e para sempre. No entanto, após aquela experiência primeira, nos damos conta de que existe um segundo útero, o colo. Primeiramente o colo da mãe, lembrança tátil, olfativa, nutritiva e acolhedora do que ficou na memória afetiva do que foi o primeiro útero. Em segundo lugar, mas não menos importante, o colo, segundo útero, é também representado pelo abraço que nos acolhe e, agora não somente pelo abraço da mãe, mas também do pai, do irmão, do amigo, de quem se faz próximo e que nos acolhe quando um abraço se faz necessário qual regaço acolhedor ante a frieza das contingências do caminho. Todavia, nem o primeiro útero nem tampouco o segundo útero equiparam-se àquele que chamo de terceiro útero. Terceiro não por ordem de importância, mas porque abarca o significado dos “úteros” anteriores.

O primeiro útero é limitado e, mesmo sendo capaz de abrigar mais de um ser humano em gestação, permanecerá sempre limitado por sua constituição física. O segundo útero, o colo, mesmo sendo mais amplo que o primeiro em sua simbologia, também é limitado, pois, metaforicamente, o colo, enquanto acolhida, pode estar aberto a muitas pessoas, mas dificilmente estará a todos pelas mazelas que o constituem não somente enquanto colo que se oferece, mas também enquanto colo que é buscado. O mesmo não acontece com o terceiro útero, o colo de Deus. Ali não há limitação. Nele, faz-se a experiência integral da misericórdia em sua dimensão simbólico-paterna e simbólico-

materna, *hesed we rahamim*. De fato, cada vez em que Deus nos acolhe por sua infinita misericórdia, ele nos devolve a nós mesmos, pois nos possibilita fazer a experiência de nascermos de novo pela graça do perdão que nos concede.

Se é verdade que a dimensão do *hesed* se faz presente em Lc. 15 pela dinâmica da busca ou do ir ao encontro do que se perdeu, também o *rahamim* torna-se perceptível. O *rahamim* como dimensão simbólica do útero (*rehem*) que acolhe e que, na acolhida, gera vida, é representado primeiramente pelo pastor que acolhe a ovelha perdida sobre os ombros e a devolve ao convívio do rebanho; depois, pela mulher que com as mãos acende a lamparina, varre a casa e encontra a dracma e com a mão a recoloca no espaço onde, provavelmente, guardava suas moedas.

Enfim, é no abraço do pai que seus braços acolhem o filho que se perdeu fora de casa e lhe devolve ao aconchego paterno. O tríptico se faz *unum* pelas imagens do ombro, das mãos e dos braços, elementos estes sem os quais o colo do abraço não seria plasticamente possível. Em todos os momentos do tríptico estava presente a alegria. A alegria do pastor, da mulher e a do pai: a alegria da misericórdia (*misericaordiae gaudium*).

Que neste ano da misericórdia não somente o olhar receba a indicação de aonde ele se deve voltar com misericórdia, mas as mãos se estendam ao abraço e à acolhida, e, assim, nossos pés se movam marcados pela consciência do *hesed* chamado a manifestar-se no *rahamim* da ternura e, tendo feito a experiência do renascer no abraço dos braços do Pai, encontremos em seu rosto de Pai o nosso rosto de filhos e como Ele, Pai misericordioso, misericordiosos.

BIBLIOGRAFIA

- BIANCHI, Enzo. **Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze.** Avvenire, 14 de outubro de 2015.
- BOVON, François. **El Evangelio según San Lucas, III** (Lc. 15, 1-19, 27). Ediciones Sígueme: Salamanca, 2004.
- CAMBIER, Jules; LÉON-DUFOUR, Xavier. **Misericórdia.** In Xavier LÉON-DUFOUR (org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica.** 8. ed., Editora Vozes: Petrópolis, 2005, p. 594-598.
- ELOY E SILVA, Luís Henrique. **“Vês esta mulher?” Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc 7,36-50.** In. FERREIRA, Antonio Luiz Catelan (org.). **Redescobrir a Misericórdia. Reflexões interdisciplinares sobre a Misericordiae Vultus.** Edições CNBB: Brasília, 2016, pp. 17-40.
- FITZMYER, Joseph A. **The Gospel According to Luke (X-XXIV).** New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1985.
- FRANCISCO. **Misericordiae Vultus. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia,** Vaticano, 2015.
- HAUCK, Friedrich. **Parabolē.** Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament, V, 741-759.
- JOÃO PAULO II. **Dives in Misericordia. Carta Encíclica sobre a Misericórdia Divina,** Vaticano, 1980.
- MEYNET, Roland. **A análise retórica: um novo método para compreender a Bíblia.** Brotéria 137 (1993) 391-408.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novissimo Dicionário Latino-Portuguez: Etymologico, Prosodico, Historico, Geographico, Mythologico, Biographico, etc.** Rio de Janeiro: Garnier, 1927.
- SKA, Jean-Louis. **“Our Fathers have told us”. Introduction to the Analysis of Hebrew Narratives.** Subsidia Biblica 13. Editrice Pontificio Istituto Biblico: Roma, 1990.

CURRÍCULO

Presbítero da Diocese da Campanha/MG, é doutor em Ciência Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma; membro da Pontifícia Comissão Bíblica; professor de exegese do Novo Testamento no curso de graduação em Teologia da PUC Minas e no curso de graduação e pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte; coordenador da revisão da Bíblia da CNBB; perito da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé da CNBB.

HOMILIA FREI REGINALDO ROBERTO LUIZ, O. DE M.

Pe. Fr. Reginaldo Roberto Luiz, O. de M.
Conselheiro Geral de Pastoral

Missa do Santíssimo Rededor

Is. 63, 7- 9; Sl. 97, 1,2-3a, 3b-4; Ef. 1, 3-10; Jo. 3, 14-18.

1. Caríssimos irmãos, estamos hoje reunidos para a “Liturgia do Santíssimo Rededor”, profundamente marcante na tradição mercedária. Esta é a primeira missa deste Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial. Por isso, continuamos pedindo a nosso Senhor Jesus Cristo, o maior e o verdadeiro Redentor da humanidade, que nos livre do mal e do pecado. Ele que nos prepara, em Seu discipulado redentor, para atuarmos com um verdadeiro espírito mercedário, ou seja, com apostolado salvífico e libertador para com os mais necessitados deste mundo moderno. Os cativos e os cativos são muitos, mas o alento do Cristo Redentor deve ofuscar as trevas da humanidade. Por meio do Santo Sacrifício é que verdadeiramente nos preparamos para a Páscoa de Jesus Cristo – que venceu concretamente a morte e ressuscitou como havia prometido, da qual brotou para nós a salvação. Não devemos ter receio algum: Deus é fiel!
2. A celebração de hoje é a contemplação de uma redenção, é a contemplação da morte do Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Salvador. A morte é uma realidade concreta. De fato, todos nós já experimentamos a morte de alguém, isto é, pai ou mãe, irmão ou irmã, amigo, parente etc. É uma experiência trágica, impactante, traumática e dolorosa. Por isso, neste momento, estamos aqui como Igreja para a celebração de morte da pessoa mais importante. Viemos para fazer memória do grande sacrifício da morte do Filho de Deus.

Essa morte não pode ser comparada com aquela de uma pessoa da qual nos despedimos em um funeral. Certamente está relacionada com a morte de um inocente, de um inocente que é o Filho de Deus. Sua morte não tem e não teve um significado passageiro, mas representou uma condição sem a qual não entenderíamos todo o seu sofrimento. E a ressurreição nos trouxe a certeza da verdadeira extensão do amor. Como Ele mesmo nos disse: não há maior amor do que dar a vida pelo irmão. Cristo, livremente, entregou sua vida para a salvação e redenção de toda a humanidade. Não há entrega sem sacrifício. Pai, se é possível, afasta de mim este cálice, mas que não se faça a minha vontade, mas a Tua. Por isto, esta liturgia mercedária do Santíssimo Redentor é uma das mais belas que podemos encontrar na espiritualidade litúrgica da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria das Mercês, fundada para redimir os cativos.

3. Quando seguimos o caminho do Senhor Jesus, o Redentor, percebe-se que sua vida sempre esteve ameaçada pelos poderosos de Seu tempo. Ele foi ameaçado frequentemente de morte e sempre se desvencilhou porque, como nos diz o evangelho de São João, não havia chegado a Sua “hora”. Entretanto, Ele sabia que a morte era inevitável, uma vez que Sua vida não era tirada, mas era doada, ou seja, uma *“oblazione vitae”*, que era dada e ao mesmo tempo ofertada ao Pai todo-poderoso, como penhor para a salvação do gênero humano. Na plena consciência dessa certeza é que o consagrado mercedário é chamado a proclamar livremente o quarto voto, a dar a vida se for necessário.
4. O Cristo Redentor levou a cabo a profecia de Isaías, que ouvimos na primeira leitura. Nela, nos foi dito para celebrar os louvores do Senhor de Israel, por tudo o que ele fez em nosso favor, agindo com profunda misericórdia para com Seu povo. O Cristo Redentor cumpriu a profecia esperada há séculos em Israel. Esse Deus libertador que se tornou alento para todas as formas de aflições, como nos recorda a primeira leitura. O Cristo Redentor não se serviu de alguém, de um mensageiro, mas Ele mesmo abraçou a cruz de seu sofrimento, por um profundo amor à humanidade. Deus, compadecendo-se de Seu

povo, encarnou-se no seio da Virgem Maria para que, como Filho muito amado da Trindade, mostrasse ao mundo que o amor pelo irmão vence todas as barreiras, da qual a última delas é a morte. Uma morte vivificante pela certeza da ressurreição. Foi esta a experiência de nosso pai fundador, São Pedro Nolasco e de seus primeiros companheiros mercedários. Irmãos, estamos vivendo um tempo de martírio em tantas partes do mundo. A esses exemplos de nossos antepassados podemos dizer que os mercedários foram e serão os novos redentores para a salvação do mundo.

5. Jesus é o Justo Servo de Deus, que realizou a salvação da humanidade, através de Sua Páscoa, de Sua morte – que hoje celebramos – e de Sua ressurreição. E Jesus, vendo que a Sua morte se aproximava, realizou a oblação, a oferta de Sua vida, com total liberdade, a mesma liberdade que vemos na hora de Sua prisão, como ouvimos no “Relato da Paixão” (Evangelho). Jesus ao ser abordado disse “Sou eu”. Ele podia ter fugido. Não fugiu. Ele fez a oferta de Sua vida para a salvação da humanidade, e o Pai dos Céus acolheu esta Sua oblação, e O ressuscitou dos mortos e, assim, nos abriu as portas da vida eterna. Jesus deu a Sua vida pela salvação da humanidade, o Justo pelos injustos e, assim, esta é a experiência que a humanidade é chamada a perceber e partilhar.
6. Não se pode pensar que esse ato salvífico tenha ocorrido para mera memória, nem mesmo para percebermos que nenhum homem poderia realizar em sua vida. A salvação da humanidade é o grande projeto de Deus para com Seu povo mas não se resume a um dado histórico senão a um exemplo a que todos somos chamados a imitar. Remissão até ao extremo, como Ele fez por meio da sua Sua morte e ressurreição. Por isso nós da família mercedária estamos aqui para contemplar Sua morte redentora em prol de todo ser humano. É necessário continuar com a redenção de milhares de pessoas que esperam a atuação do efetivo trabalho mercedário. Bem por isso, a segunda leitura, tirada da Carta aos Efésios, nos chama atenção: “Nele, e por seu sangue, obtemos a redenção e recebemos o perdão de nossas faltas, segundo a riqueza da graça, que Deus derramou

profundamente em nós, abrindo-nos para toda a sabedoria e inteligência [...], recapitular tudo em Cristo”. Desta maneira, irmãos, somos convidados a contemplar a morte do Filho de Deus e sermos imbuídos da sua redenção como experiência para tantos famintos e desiludidos de nossos dias.

7. Meus caros irmãos, nos reunimos nesse congresso de paróquias, para reanimar a nossa vocação primeira e perceber as novas realidades sofredoras, visando redimir as pessoas em nossos ambientes paroquiais ou a qualquer lugar onde o Senhor nos enviar. Aquele ensinamento que Jesus dirigiu a Nicodemos deve ser vivido de modo concreto: “do mesmo modo que Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todos os que nele crerem tenham a vida eterna”. Eis o profundo amor que Deus tinha para com o mundo. O Senhor que redime, que dá a vida, que se compadece da humanidade era e foi sempre o personagem central na tradição teológica da Igreja. Nesse sentido, o Deus da redenção é o mesmo Deus da vida, pois Ele quer continuar salvando o mundo, como nos recorda o evangelho de João: “Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. Portanto, a nossa ação redentora é impulsionada e guiada por Deus-Redentor. É a consequência de Sua oblação realizada em nós, que favorece e incrementa o crescimento na fé e no apostolado redentor, a exemplo dos redutores mercedários. É preciso então reafirmar sempre: a morte e a ressurreição são ao mesmo tempo centro e fonte da espiritualidade das Mercês.

Que a Mãe das Mercês e nosso fundador São Pedro Nolasco nos ajudem e nos encorajem cada vez mais a sermos instrumentos da redenção dos cativos destes tempos modernos.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!!!!

CURRÍCULO

Reginaldo Roberto Luiz, Religioso: Pe. Fr. Reginaldo Roberto Luiz O. de M (Religioso Mercedário), natural de Bernardino de Campos/SP. Ingressou na Ordem da Bem Aventurada Virgem Maria das Mercês:

- Postulantado em 1º/02/1998 – Brasília/DF;
- Noviciado – 17/12/2000 – Salvador/BA;
- Profissão Simples – 16/12/2001 – Brasília/DF;
- Profissão Solene – 30/07/2005 – São Paulo/SP;
- Diaconato – 06/08/2005 – São Paulo/SP;
- Presbiterato – 12/08/2006 – Manduri/SP.

Filosofia: de 1998 a 2000 - Inst. São Boaventura – ISB, (Curso eclesiástico) Brasília/DF; Reconhecimento Civil em Filosofia, em dezembro de 2016, pela Universidade Católica de Brasília (UCB) com a seguinte tese: “A Ruptura no pensamento de Wittgenstein entre as obras ‘*Tractatus Logico-Philosophicus*’ e ‘*Investigações Filosóficas*’”.

Teologia: de 2002 a 2005 – Inst. São Paulo de Estudos Superiores – ITESP - São Paulo/SP, o qual é afiliado ao Pontifício Ateneu Santo Anselmo (Roma), onde obteve o Reconhecimento Eclesiástico, em 2007. Mestrado em Direito Canônico e Direito Civil (Utroque Iure) – Pontifícia Universidade Lateranense - Roma/Itália, com a seguinte tese: “A Canonização dos Santos à luz da Comunhão e participação em uma Perspectiva Histórica”.

O mestrado em 2010. Além disso, defendeu no dia 27 de julho de 2019, o doutorado em Direito Canônico e Direito Civil (Utroque Iure), na Pontifícia Universidade Lateranense-Roma-Itália, com a seguinte tese: “A Evolução Histórica da Escolha dos Bispos em uma abordagem Teológico-Canônica até a Normativa de 1983 à luz da Ecclesiology Conciliar”.

MEDELLÍN E PUEBLA: OS MERCEDÁRIOS NAS PERIFERIAS DO CATIVEIRO

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Coutinho

As comemorações fazem parte da vida social, sejam na esfera pública quanto na privada. Nascimentos, casamentos, aniversários são motivos para celebrações no cotidiano privado. Igualmente na esfera pública, festejam-se aniversários de datas consideradas historicamente importantes, tais como “descobertas” de territórios ou saberes, de fundações de cidades, de instituições, de nascimento e morte de personagens, de publicações de obras e também de grandes eventos eclesiais, tanto a fundação de uma Ordem Religiosa quanto Concílios e Sínodos.

No entanto, o que nos parece bastante natural não seria assim, se não nos pensássemos num tempo cronológico e histórico – conforme sugere o historiador francês Pierre Nora. Para ele, as comemorações são fenômenos das sociedades contemporâneas laicizadas, em que as grandes datas históricas tomaram o lugar das datas cristãs. No entanto, e discordando dele, a Igreja também se reconhece dentro de um tempo cronológico e histórico, por isso ela também comemora as datas mais relevantes de sua trajetória na história.

Os aniversários redondos, os jubileus de prata, de ouro, de diamante, os “centenários” etc., testemunham uma íntima relação entre a passagem do tempo cronológico e o consenso de que essas datas sejam festejadas com maior ênfase.

Cada uma dessas comemorações tinha as suas especificidades, mostrando-nos que os atos comemorativos têm sua historicidade, acontecendo em diferentes contextos, e que podem ser compreendidos como um objeto de estudo do historiador. É isso que Pierre Nora demonstra em seu capítulo “*L'ère de la commémoration*”, ao analisar e discutir os contextos políticos, culturais e sociais nos quais foram comemorados, na França, o maio de 1968, o bicentenário da Revolução Francesa, o milênio capetíngio, o tricentenário da revogação do Edito de Nantes, entre outras datas festivas da história francesa

– ou seja, uma história nacional. Nesse percurso, Nora demonstra como o presente cria os “instrumentos da comemoração, moldando-os conforme suas necessidades e especificidades, bem como a própria simultaneidade das efemérides assumem relevância nas relações políticas e no imaginário nacional, projetam representantes políticos”.

Como objeto de estudo do historiador, cabem então algumas palavras para compreender o fenômeno da comemoração na sociedade ocidental cujos valores compartilhamos, seguindo mais uma vez os passos de Nora. O historiador francês argumenta que as comemorações são, por excelência, gestos que demarcam os “lugares da memória” um conceito que sintetiza as relações entre a história e a memória. Embora a obra verse sobre os lugares da memória no contexto da história francesa e no âmbito da nação, em sua discussão teórica há algumas indicações que nos são úteis para pensar o sentido das comemorações – no caso, o aniversário de 800 anos da Ordem de Nossa Senhora das Mercês juntamente com dois eventos marcantes para a Igreja latino-americana: os 50 anos da Conferência de Medellín e os 40 anos de Puebla.

No entender do autor, memória e história não são sinônimos. A memória é a vida, protagonizada pelas pessoas, em grupo, e está em evolução permanente. Aberta para a dialética da lembrança e do esquecimento, a memória não tem consciência de sua sucessiva deformação e, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, é suscetível a longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já passou. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação vivida no eterno presente, ao passo que a história é uma representação do passado. “O estudo dos lugares da memória se encontra justamente no cruzamento desses dois movimentos”, lá onde a memória cruza-se com a história.

Os “lugares da memória” nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea. Nora entende que a necessidade de se criar arquivos, de manter os aniversários, de organizar celebrações, de pronunciar necrológicos, de lavrar atas e assim por diante são operações que nada têm de natural e espontâneo. São atos dotados de uma complexidade que se revela

pelo fato de tocarem três dimensões: a material, a simbólica e a funcional. Por exemplo, um arquivo – algo de caráter material – somente torna-se lugar da memória quando investido de uma aura simbólica. Ou algo muito funcional, como um livro escolar, um testamento, uma associação de ex-combatentes, precisa passar por alguma forma de ritualização para vir a ser um lugar da memória. Até um minuto de silêncio, algo prenhe de extremo significado simbólico, tem a sua materialidade enquanto recorte de uma unidade temporal e serve como uma evocação concentrada da lembrança. Nora quer com isso dizer que as três instâncias coexistem sempre. Mas o fundamental é que haja, por princípio, o desejo pela memória.

Podemos afirmar que este II Congresso Internacional Mercedário assume sim, de forma material, simbólica e funcional, um “lugar de memória”. No entanto, em função da sincronia de comemorações dos 800 anos de fundação da Ordem Mercedária, os 50 anos de Medellín e os 40 anos de Puebla, o “lugar da memória” por excelência está nas “periferias do cativo”. Lá se encontram, sincronicamente, todos estes eventos: a inspiração de São Pedro Nolasco com a “redenção dos cativos” e a “opção preferencial pelos pobres” da Igreja latino-americana.

No intuito, portanto, de ajudar a despertar um compromisso mais efetivo com a causa libertária dos empobrecidos em nosso continente, cuidamos de rememorar aspectos centrais dos 50 anos de Medellín e dos 40 anos de Puebla, de modo a de cada uma dessas Conferências extrair lições que nos ajudem a enfrentar exitosamente velhos e novos desafios da atualidade sócio-ecclesial.

Uma distância de apenas dez anos e meio entre Medellín e Puebla pode dar uma impressão de que pouca coisa ou nada aconteceu de tão extraordinário na América Latina. Ao contrário, em dez anos, o contexto político se radicalizou ainda mais e no plano econômico seguiu uma conjuntura de notável empobrecimento. No caso do Brasil, uma conjuntura agravada pelo aumento da dívida externa, pela elevada inflação, pelo aumento do custo de vida, pelo desemprego. É a mesma voracidade lucrativa das transnacionais, em distintos setores da economia. O tão celebrado crescimento econômico do período do regime militar começa a fazer água. Na América Central, agravam-se os conflitos sangrentos, a expressarem o peso da opressão dos

regimes autoritários, como o de El Salvador e o da Nicarágua, onde as forças populares ganham terreno, até a vitória sobre Somoza, em meados de 1979, com o ascenso revolucionário das forças sandinistas, sob forte protagonismo dos cristãos.

Há quem matize a importância da Conferência de Medellín para a Igreja na América Latina em 1968. Alguns afirmam que ela foi superestimada pela literatura acadêmica e militante como ponto de partida para as mudanças em curso na Igreja Católica do continente, mas que, no entanto, a importância de Medellín decorreria muito mais por ter sido um marco de institucionalização de posições que já vinham, há algum tempo, sendo adotadas cotidianamente por bispos, padres e leigos.

O “acontecimento-Medellín” não foi um evento inesperado, mas também não foi somente o resultado de uma “causalidade processual”. François Dosse gostaria que os historiadores superassem estes dois modos mais comuns de interpretação do “acontecimento” e o vissem muito mais “como desfecho e abertura de possíveis”. Ou seja, analisá-lo em sua dinâmica dialética: o “acontecimento” é “instituído” como também “instituinte”.

Medellín chega ao Brasil, mesmo antes de acontecer o evento, gerando uma crise entre Igreja e Estado. No Nordeste, em Recife propriamente dito, no mês de abril de 1968, o recém-criado Instituto de Teologia Regional (ITER) iniciava a discussão do documento de trabalho da Conferência. Dom Helder Câmara pediu para que um de seus teólogos, um padre *fidei donum* elaborasse um texto de estudos.

Este foi produzido pelo experiente teólogo e sociólogo belga, radicado na América Latina já por vários anos (e convidado por Dom Helder Câmara para ser o Prefeito de Estudos dos Cursos de Teologia): Pe. Joseph Comblin.

Esse texto teve uma repercussão enorme e ficou conhecido por “Documento Comblin”. Comblin elaborou um texto crítico e duro sobre a realidade social, econômica, cultural e eclesial da América Latina. O texto era para ser discutido em um grupo restrito de teólogos e professores do ITER (vinte e cinco pessoas ao todo), incluindo Dom Helder.

No entanto, ele chegou às mãos de jovens universitários, e foi reproduzido e distribuído amplamente nos círculos juvenis. Além disso, acabou caindo no colo do vereador recifense Vandenkolk Wanderley (do partido do governo – ARENA) e divulgado pela imprensa. Juntamente com Wanderley, o deputado estadual Adije Maranhão (ARENA) abriu um processo judicial contra Dom Helder Câmara, para que este fosse para a cadeia, e expulsar do país o Pe. Comblin, pois o documento era “altamente subversivo”.

O “Documento Comblin” estava organizado em quatro partes: “Situação histórica da América Latina”, “Responsabilidade da Igreja no Subdesenvolvimento Histórico na América Latina”, “Problemas Políticos” e “Questões Pastorais”. O Pe. Comblin definia a Igreja no continente como uma das instituições mais subdesenvolvidas e apontava as causas para isso: abandono das massas camponesas; solidariedade com a elite dominante; colonialismo; ensino classista; assistencialismo bem intencionado, mas sem base na realidade; indiferença para com o trabalhador; burocracia cartorial; e incapacidade de organização. Sobre a realidade latino-americana, Comblin via, “ao lado de uma categoria de mestiços, pobres e marginalizados, uma aristocracia branca, que acumula a totalidade do poder, das riquezas e da cultura” e a Igreja adota a mesma postura dos grandes proprietários: “desconhece a existência das massas rurais, o seu caráter humano”.

Para a implantação das reformas sociais e do fim dos privilégios por meios violentos, Comblin afirmava:

Seria errôneo pensar que “a Igreja” ou “a moral” condenam as ações de força para a conquista do Poder. Mas uma insurreição militar não é também o caminho. A ação militar só é útil somente quando as forças armadas já foram desmoralizadas e não tem mais condições para resistir. Até o século XX, a Igreja nunca condenou a força. Os exemplos são vários. Um deles: a Igreja não condenou, mas aceitou a ação da força que fez a Revolução de 1964 no Brasil [...]¹.

1 Correio da Manhã. “Documento de Comblin agita os católicos”. RJ, 16/06/1968, 1º caderno, p. 18.

E para a realização de uma Igreja verdadeiramente pobre (como era o desejo de D. Helder e de outros bispos que realizaram o Pacto das Catacumbas durante o Concílio Vaticano II) foi bem taxativo:

Um gesto significativo seria a distribuição imediata aos pobres de todos os bens eclesiásticos improdutivos (terras não cultivadas, prédios insuficientemente utilizados etc.). Esse gesto não seria nada heróico, seria apenas gesto de justiça, pois, de acordo com a doutrina social da própria Igreja, a propriedade privada é ilegítima quando não contribui para o bem comum. Seria apenas restituir aos pobres o que lhes pertence ex justitia. Gesto mais significativo seria a distribuição aos pobres dos bens acumulados com fins de capitalização [...]. Isto, sim, seria um sinal².

Aqui já estavam os indícios suficientes para que fosse taxado de “subversivo-comunista”. Somos também da opinião de que o documento tenha influenciado, não em toda a sua exigência, o pacto assumido por 48 bispos (numa espécie de “Pacto das Catacumbas brasileiro”) durante a IX Assembleia Geral da CNBB (jul./1968). As folhas que coletaram as assinaturas tinham um texto com o seguinte teor:

Na linha e no espírito do Vaticano II, que apresenta, segundo o Evangelho, a imagem de uma Igreja pobre e servidora, inserida no meio do povo, como sinal eficaz de salvação, trazemos à IX Assembleia Geral dos Bispos do Brasil a seguinte proposição: Que renunciemos aos nossos títulos honoríficos de tratamento de Eminência e Excelência, expressão dominante de uma época passada e sejamos tratados normalmente como os demais cristãos e de acordo com os costumes locais (CNBB, Atas da IX Assembleia Geral, 1968, p. 165- 169).

Por isso mesmo, além dos deputados pernambucanos, o deputado Carvalho Neto, líder da bancada da ARENA na Assembleia Legislativa da antiga Guanabara (RJ), fez um pedido ao presidente Costa e Silva que promovesse a imediata expulsão do Pe. Comblin e do presidente da Associação Católica da Guanabara, o padre barnabita Vicente Adamo, pois

2 Idem.

eram elementos “que formam uma corja que vem pregando a subversão e a intranquilidade no Brasil”³.

Também setores eclesiais mais conservadores reagiram fortemente. O movimento integrista Tradição, Família e Propriedade (TFP) fez diversas manifestações em São Paulo e Belo Horizonte. No Rio de Janeiro, por exemplo, vinte homens fizeram uma manifestação em frente à Igreja do Colégio Santo Inácio dos padres jesuítas. Com seus estandartes distribuíam panfletos (um manifesto redigido pelo seu fundador Plínio Corrêa de Oliveira) contra Dom Helder e Pe. Comblin⁴.

O “Documento Comblin”, de certa forma, animou muito a ala mais “jovem” da Igreja, ou mais “progressista”, e esta passou a se manifestar publicamente com mais veemência, especialmente tomando parte de passeatas promovidas pelo movimento estudantil.

De fato, a partir de 1967, as passeatas estudantis foram a forma mais significativa de oposição por parte da sociedade ao regime militar, agregando cada vez mais manifestantes por evento e refletindo a crescente insatisfação com a ditadura. A maior e mais significativa delas foi a Passeata dos “Cem Mil”. No dia 26 de junho de 1968, aproximadamente cem mil pessoas ocuparam as ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro para protestar contra o ambiente de opressão e violência que dominava a sociedade brasileira do período.

Segundo Vladimir Palmeira, um dos protagonistas daquela grande manifestação, padres e freiras se juntaram numa grande ala, trazendo faixas com dizeres “Fazer calar nossos moços é violentar nossas consciências” e repetindo *slogans* como “A Igreja quer justiça”, “Liberdade para os presos”, “Os alunos têm razão”. Entre os participantes estavam o bispo-auxiliar e

3 Correio da Manhã. “Deputado quer expulsar os padres”. RJ, 19/06/1968, 1º caderno, p. 3. Na edição de 30/06/1968, no 4º caderno deste mesmo jornal (p. 6), o intelectual católico Antonio Carlos Villaça escreve um longo artigo intitulado “Comblin: sociologia”, onde defende a análise do padre belga. como um texto totalmen-te “sociológico” e que nada tinha de subversivo.

4 Correio da Manhã. “Jornalistas defendem Igreja”. RJ, 02/07/1968, 1º caderno, p. 2.

vigário-geral do Rio, Dom Castro Pinto, o cardeal Dom Jaime Câmara, o padre Vicente Adamo, representantes dos colégios São Vicente de Paulo, Santo Agostinho, Sion, Zacarias, membros da Ordem dos Lázarus, além de madres e irmãs vicentinas, ursolinas e marianas⁵.

Por isso, naquele segundo semestre de 1968, as autoridades militares passaram a perseguir líderes estudantis, políticos e artistas, como também padres, religiosas e leigos, críticos ao regime.

Diante do aumento dos níveis de violência (seja pelo governo, seja pelos grupos de resistência armada), D. Helder Câmara propôs uma “Revolução dentro da Paz” (CÂMARA, 1968) por meio da formação de um “movimento de opinião pública”, usando a “força das ideias” e de “pressões democráticas” – em franca oposição à opção pela luta armada – conduzisse uma transformação das “estruturas” sociais. Este movimento foi chamado por ele de “Pressão Moral Libertadora”⁶.

O Jornal A Tribuna (Santos/SP), de 22 e 23/08/1968, noticiou o lançamento do movimento na cidade por D. David Picão, que recebeu o apoio de vereadores locais e do Centro de Estudantes de Santos. Um gesto concreto dessa “pressão moral libertadora” foi a manifestação de cerca de 100 padres e freiras, que saíram da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro até a Rua 1º de Março, com faixas e cartazes de protestos contra a expulsão do padre-operário francês Pierre Vauthier que havia participado da greve operária em Osasco (SP) na metade daquele ano. A manifestação durou 10 minutos e todos ficaram em silêncio. O mesmo ato já tinha ocorrido em São Paulo e Porto Alegre.

Foi distribuído um manifesto com o título “Por que estamos nas ruas?”.

5 Cf. as fotos das alas dos padres e das freiras na Passeata dos “Cem Mil” na *home-page* de Vladimir Palmeira, líder estudantil em 1968: http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.html

6 CDI-CNBB, doc. nº 15894-2 (07429). Pressão Moral Libertadora: o que é; como e quando surgiu, como vai atuar; programação para 1968; concretamente o que fazer (Elaborado e remetido pelo Centro Coordenador da Pressão Moral Libertadora – Recife – Pernambuco – Brasil). Caderno nº 1 – 2º semestre de 1968, 6 pp.

Uma das faixas dizia “Fomos expulsos de nossa missão junto ao Povo”⁷.

De fato, o movimento foi legitimado durante a IX Assembleia Geral da CNBB (jul./1968), onde recebeu o apoio de 43 bispos (cerca de 25% do total de 174 bispos participantes). O lançamento estava previsto para o centenário de nascimento de Gandhi (02/10/1968) com a expectativa de acontecer em 40 cidades em todo o Brasil. Além disso, estavam prevendo outras duas manifestações: no Dia de Finados (02/11) para uma celebração dos “Mártires da Liberdade” e no dia 10/12 para a celebração do 20º ano da Declaração Universal dos Direitos do Homem⁸.

No entanto, durante a realização da Conferência de Medellín, D. Helder levou seu projeto, com o desejo de expandi-lo por todo o continente latino-americano, e o apresentou numa reunião informal com alguns bispos, padres, religiosos, leigos e observadores evangélicos. O grupo não ficou muito satisfeito com o nome do movimento, pois o achava “falho e provisório” e que se tornava “urgente adotar um nome mais positivo e mais largo”. Por isso, o movimento de “Pressão Moral Libertadora” passou a se chamar “Ação Justiça e Paz”, “um movimento vigilante e decidido a trabalhar pela paz, fazendo justiça, na América Latina”⁹.

No dia 13 de dezembro de 1968, o governo edita o AI-5, ato institucional que acabava definitivamente com as liberdades individuais e reprimindo violentamente todo ato de insubmissão contra a ditadura. Este atingiu em cheio a Igreja e seus membros¹⁰.

7 Cf. Jornal do Brasil. RJ, 05/09/1968, capa e p. 7

8 CDI-CNBB, doc. nº 15894-2 (07429). Pressão Moral Libertadora, p. 4.

9 CDI-CNBB, doc. nº 15894-6 (07433). Encontrado o nome que procurávamos. Caderno nº 5 – Elaborado e remetido pelo Centro de Informação da “Ação Justiça e Paz” – Recife – Pernambuco – Brasil, setembro de 1968, p. 1-2. De fato, e seguindo a programação estabelecida, no dia 02/10/1968 o movimento “Ação Justiça e Paz” foi lançado em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), Barra do Piraí (RJ), Campina Grande (PB), Campinas (SP), Goiânia (GO), Manaus (AM) e João Pessoa (PB) conforme os recortes de jornais coletados pela equipe de coordenação (CDI-CNBB, doc. nº 15894-1 [07428]).

10 Alguns poucos exemplos disso: março de 1969, o Pe. Antonio Henrique Pereira Neto foi sequestrado, torturado e morto em Recife; novembro de 1969, morte do guerrilheiro Carlos Marighela e a prisão de vários religiosos dominicanos, entre eles Frei Betto e Frei Tito Alencar;

Simultaneamente a todos estes eventos de 1968, os mercedários no Brasil comemoravam seu 750º aniversário. No Rio de Janeiro, dois momentos de solenidades cívico-religiosas. A primeira foi uma missa celebrada na Igreja de Ramos, pelos padres do Rio e de São Paulo, com o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, bispos auxiliares e vigários episcopais. Além deles, autoridades civis, o embaixador e Consul da Espanha no Brasil, as Irmãs Mercedárias, Ordens Terceiras, comunidades paroquiais de Ramos, Paquetá, Pavuna, Guadalupe e grande presença de fiéis.

Além dessa, outra foi descrita pelo deputado Edson Teixeira Guimarães (ARENA), da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro no dia 22/09:

No dia 22 próximo passado o Colégio Pio XII, fundado em 1951, comemorou o 750º aniversário de fundação da Ordem dos Padres Mercedários, que dirige o Colégio. Fizeram uma para da belíssima, Sr. Presidente, na Ava. Brasil, em Guadalupe. Mais de 20.000 pessoas aplaudiram o garbo e a elegância com que desfilaram os alunos do Colégio Pio XII.

Sr. Presidente, foi um desfile digno de ser visto por toda a população do Estado da Guanabara, porque refletia a educação e a orientação sadia que aquele Colégio dá aos seus alunos.

Como representante do Povo e principalmente como representante daquela região, apresento meus parabéns aos Pe. Luís Barrero, Pe. Adolfo Estévez e Pe. Alonso Álvarez. (Diário da Assembleia Legislativa do dia 1º/10/1968)¹¹.

Para Maria Carmelita de Freitas, do ponto de vista do Planejamento Pastoral, os textos de Medellín só se integraram de maneira lenta e fragmentada a partir de 1970, quando foram elaborados os Planos Bienais dos Organismos Nacionais e quando, em 1974, são elaboradas as

setembro de 1970, agentes do DOPS e do Iº Exército invadem a sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social (IBRADES) e prendem padres, leigos da JOC e o secretário-geral da CNBB, D. Aloísio Lorscheide.

11 Mercedários no Brasil. RJ: Ed. Borsoi, 1968, p. 124.

Diretrizes Gerais da Ação Pastoral para o quadriênio 1975-1979. Pode-se dizer que a influência de Medellín chega às bases eclesiais por meio do Planejamento, mas, segundo ela, também “chega de maneira decisiva por outros caminhos”. Esses caminhos foram o do enfrentamento político: o enfrentamento com a dinâmica da “história”.

Foram necessárias a experiência da perseguição e a evidência dos “desvios” do regime para que a Igreja, em todos os seus setores, passasse a agir. Após as hesitações dos primeiros anos, a Igreja teve que optar: entre a “prudência” de uma submissão inconfessada e os riscos imprevisíveis da “resistência profética”.

Envolvida sem retorno na dinâmica dos acontecimentos daqueles anos entre Medellín (1968) e Puebla (1979), a Igreja aprendeu a difícil linguagem do Espírito e da liberdade evangélica. Com a opção decidida de uma Igreja que se compreende cada vez mais a partir das bases e não do poder (ou das relações com o Estado), esta tomada de consciência progressiva foi provocada pelo contato imediato e persistente com o sofrimento real do povo, nas suas múltiplas manifestações.

Ao optar pela “resistência” (e pela recuperação da liberdade do Evangelho), a Igreja perdia a sua imunidade (censura, difamação, fiscalização, torturas, prisões etc.) e deixava de ser um refúgio seguro. Na verdade, o perigo não estava na Igreja nem na sua atuação política. A própria natureza explosiva da sociedade brasileira, ao ser confrontada com um cristianismo livre e mais evangélico, conferia à atuação profética da Igreja um caráter diretamente político.

Medellín, de fato, foi “instituinte” das opções pastorais de resistência ao regime, e a Conferência de Puebla (1979) iria receber todo esse caldo sócio-eclesial. Chegou a hora de contar melhor essa história.

Aqui, faremos uso de um minucioso estudo elaborado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), do Rio de Janeiro, em dezembro de 1978. Esse trabalho foi solicitado por D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, e por D. Tomás Balduino, bispo de Goiás (GO).

Com o título “Repressão na Igreja no Brasil: reflexo de uma situação de pressão (1968/1978)”¹², o documento tinha por objetivo central analisar a problemática dos Direitos Humanos na América Latina, mas, verificando a difícil e extensa tarefa, os autores resolveram se concentrar exclusivamente sobre o Brasil.

A situação de violação dos Direitos Humanos, naquela década, nos diversos países da América Latina, tinha impressionado e sensibilizado muitos setores da sociedade, pois o grau de violência atingiu a um nível tão alto que se tornara “impossível desconhecer ou mesmo deixar de tomar atitude frente às mortes, sequestros, torturas e desaparecimento de tantas pessoas”. E um destes setores sensibilizados foram as Igrejas, “que passaram a se constituir em fontes denunciadoras dessas gravíssimas violações”.

No entanto, os autores do dossiê tinham completa percepção dos limites daquele trabalho investigativo “pela própria situação de censura, autocensura, dispersão de dados, imprecisões, falta de documentação a respeito de fatos que ocorrem em locais mais distantes”. Por isso, adotaram como critério metodológico se concentrar nas “fontes mais seguras” (documentos oficiais), procurar os mesmos fatos em fontes diferentes para que pudesse completar as informações e não citar os nomes dos envolvidos nos fatos denunciados para impedir que se pudessem permitir “novas perseguições”.

Tomando por referência o documento final da Assembleia Geral da CNBB, de abril de 1978, os autores apresentam as “razões estruturais” da violação aos Direitos Humanos na América Latina: exarcebação de conflitos opressores e oprimidos, devido a uma situação de gritante iniquidade social; a injustiça na posse e uso da terra que atingia também as populações indígenas;

12 O código de referência deste documento no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) é BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002560. O documento está impresso, sem indicação de páginas e de gráfica/editora. Ele é o “Anexo” do Relatório de Informação nº 0519/19/AC/79 da Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI) de 19/10/1979. Na “conclusão” da Informação lê-se o seguinte: “O documento, divulgado com o beneplácito de DOM PAULO EVARISTO ARNS, constitui-se em uma propaganda da atuação de uma parcela da Igreja Católica brasileira, engajada em ações de contestações a ordem estabelecida e que ganhará força com a ação de ex-exilados ávidos em alianças que lhes permitam contestar o regime com maior credibilidade” (fl. 05).

a iníqua repartição das rendas; a posse dos meios de produção concentrado nas mãos de “grupos poderosos ou do Estado”; domínio crescente das multinacionais; o aumento das periferias urbanas pelas migrações através do êxodo rural; e pelo surgimento de regimes militaristas sustentados pela Doutrina de Segurança Nacional.

Sobre este último ponto, para a equipe do CEDI, o conceito de “guerra total”, inserido na Doutrina de Segurança Nacional, favorecia a segurança dos investimentos e garantia os lucros, já que qualquer crítica ou contestação ao Estado era considerada arma dos “inimigos do regime” e seus autores, indivíduos, ou instituições, eram considerados subversivos e sujeitos à repressão.

No entanto, com a crise econômica iniciada em 1973, e que afetou o “milagre econômico brasileiro” que servia de modelo ao militarismo latino-americano, começou então a apresentar sintomas alarmantes de que se iriam agudizar com a crise do petróleo. Com o mercado em franca contração, o modelo de desenvolvimento dos regimes militares nada mais fez que agravar a crise internacional.

Foi nesse contexto que os EUA revisaram suas relações com o militarismo latino-americano e concluíram que deveriam retirar todo seu apoio aos regimes militares de tal modo que a curto prazo o poder passasse para as mãos civis. Isto porque a crise econômica mundial exigia que se incentivassem ao máximo os mercados internos possibilitando aos setores mais vulneráveis um maior poder aquisitivo.

Obviamente que esse “plano” não desejava modificações estruturais profundas, nem de regimes onde os interesses dos trabalhadores fossem dominantes. Sob a bandeira dos Direitos Humanos, os países centrais do capitalismo desejavam “liberalizar” certas situações políticas muito duras e, assim, possibilitar “democracias-relativas”.

Dessa forma, diante daquele “novo contexto” (em nada humanitário, mas sim economicista), e com a tomada de consciência da Igreja “e dos próprios trabalhadores”, é que a temática dos Direitos Humanos passou a ser olhada sob outras perspectivas.

A partir daí o dossiê se debruça sobre a “repressão e opressão” à Igreja no Brasil. O documento chama a atenção para o fato de que no período de 1970 a 1975, tendo como ápice 1974, havia “um vazio de registros”. Isso se devia, acreditava a equipe do CEDI, a um aumento da censura no período assim como a mudança de estratégia da repressão. Ou seja, nessa época não era possível veicular publicamente notícias de ataques aos membros da Igreja nem se podia fazer menção a prisão de padres e leigos. No entanto, foi nesse período que se podia notar, com maior incidência, “mortos e desaparecidos” no conjunto da sociedade brasileira.

A equipe do CEDI construiu uma tipologização das agressões sofridas pela Igreja no Brasil naqueles dez anos: ataques difamatórios, invasões, prisões, torturas, mortes, sequestros, processos, intimações, expulsões, censura, proibições e falsificações.

Vamos apresentar os dados de alguns destes tipos.

O levantamento feito sobre ataques difamatórios demonstrava o tom no qual se fazia referência à Igreja ou a pessoas da Igreja (bispos, padres, religiosas, leigos), tradicionalmente reverenciados, que foram atacados grosseiramente por meio do uso de adjetivos como “subversivo”, “comunista”, “agitador”, “insuflador”, “marxista”, “clandestino”, com o propósito de falsificar a ação que muitos desenvolviam junto aos grupos sociais mais empobrecidos.

Entre os muitos exemplos elencados no dossiê, destacamos esse abaixo:

Alguns órgãos de imprensa referem-se a padres estrangeiros presos, nos seguintes termos:

“Sabe-se que os padres foram presos porque abandonaram a pregação do evangelho para dedicar-se à pregação política, à organização da subversão e dos movimentos de guerrilha armada, para a derrubada do regime”.

Quanto ao tipo invasões, o CEDI subdividiu em: invasões de Igrejas; de sedes Episcopais, Cúrias, Dependências da CNBB; de residências; de casas paroquiais; sedes pastorais; centros de trabalho; áreas de prelazia e missões;

áreas pastorais; de sedes dos movimentos cristãos; de Universidades Católicas; de serviços diversos; de reuniões. Sobre as invasões em movimentos de “Operários Católicos”, descrevem assim:

A sede da JOC, São Paulo, que foi interditada, 1968; a sede da ACO em Recife, 1969; a sede da JOC Internacional em 1970; a sede da ACO em Recife, em 1973 e 1977, quando apreenderam livros, documentos, revistas, correspondências do movimento e, em particular, interditaram o telefone e detiveram o assistente eclesialístico, em seu escritório.

Em dez anos foram feitas 122 prisões de membros da Igreja distribuídos da seguinte forma: 9 bispos, 84 padres, 13 seminaristas/irmãos e 6 freiras. Destes, 36 eram estrangeiros.

Já o número de cristãos engajados no trabalho pastoral que foram presos somou 273. A maioria destes era de camponeses-lavradores, seguidos por um número significativo de operários, agentes de pastoral (catequistas, jovens) e outros (membros da JOC, ACO, Justiça e Paz, Frente Nacional do Trabalho, Movimento Familiar Cristão, advogados em questões trabalhistas).

No entanto, nesse mesmo período, observa-se um franco avanço da resistência popular contra a ditadura, que vai perdendo força, e entra em contagem regressiva, principalmente graças ao aumento da resistência protagonizada por movimentos sindicais e por segmentos da “Igreja na Base”, contando, inclusive, com o decisivo apoio da CNBB que, em 1977, lança seu corajoso documento “Exigências Cristãs de uma ordem política”. Graças, também, à contestação generalizada, sobretudo no período do General Figueiredo. Por outro lado, avançam os movimentos populares e outras organizações de base de nossa sociedade, culminando, ainda neste ano de 1979, com o surgimento do Movimento Pró PT, no caso do Brasil.

A “Igreja na Base” não cessa de ampliar seu protagonismo, principalmente a partir das Pastorais Sociais (CIMI, CPT, CPO, PJMP, CDDHs, Comissão Justiça e Paz, entre outras). Ainda no âmbito da Igreja Católica, ressoava o trauma do falecimento, no ano anterior ao início da conferência de Puebla, do Papa Paulo VI, reconhecido pelo seu decisivo apoio às iniciativas da Igreja na Base, por meio principalmente de bispos-profetas. A esse respeito, ficaria

célebre sua afirmação, endereçada à Ditadura Civil-Militar do Brasil e seus cúmplices que perseguiram Dom Pedro Casaldáliga, em seu apoio pastoral aos povos indígenas e aos camponeses da região do Araguaia: “Quem mexe com Pedro, mexe com Paulo”.

No âmbito mais diretamente eclesial, a realização da II Conferência Episcopal Latino-Americana, em Medellín, representou um verdadeiro Pentecostes na Igreja Católica Romana, em especial em relação à América Latina e ao Caribe. Foi muito além do que dela mesma esperavam seus protagonistas, que se contentariam com ser uma aplicação, no plano do continente, das decisões tomadas pelo Concílio Vaticano II. Significou uma refundação da Igreja Latino-Americana, ao conferir-lhe rosto próprio, protagonismo profético inaudito, da parte de parcela significativa do seu episcopado, comprometido com a causa libertadora de seu povo – povos tradicionais, indígenas, afrodescendentes, jovens, camponeses, operários, mulheres etc. O tema então trabalhado – “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II” – constituía um apelo sugestivo em vista dos desafios e do seu compromisso. Disto também falavam forte seus dezesseis temas integrantes do Documento Final. Dentre os temas-chave constavam: Justiça, Pobreza, Paz, Família, Educação, Leigos e Leigas, Comunicação, Colegialidade etc. Mais do que o evento em si, falou forte o compromisso de seus protagonistas, de ecoar tanto no continente quanto mundo afora os clamores dos pobres, por meio da “opção pelos pobres”.

Nesse sentido, importa destacar os avanços significativos protagonizados pelas mais diversas formas de organização eclesial, em especial por meio das Pastorais Sociais, de importantes serviços, associações e movimentos leigos. Com efeito, o pós-Medellín, sobretudo ao longo dos anos 70, conseguiu ressoar em todo o mundo, nos mais distintos continentes, contundentes mensagens em busca de uma ampla reforma da Igreja Católica Romana, principalmente em sua missão profética de compromisso com a causa dos oprimidos. Sobretudo a partir de Medellín, vão ganhando terreno, por exemplo, o CIMI, as CEBs, a CPT, a CPO, a PJMP, as PCIs, a Teologia da Libertação, o CEBI, os Centros de Defesa dos Direitos Humanos, a Comissão Justiça e Paz e outras organizações de referência.

O Legado de Medellín, portanto, vai bem além do ano em que foi realizada a referida Conferência. Marca, de maneira emblemática, o impetuoso esforço de renovação eclesial, especialmente no tocante à sua voz profética que vai ecoar e incomodar as forças conservadoras, dentro e fora dos espaços eclesiais, de tal modo que, anos depois, as forças conservadoras da Igreja Católica Romana junto com as forças das grandes potências, Estados Unidos à frente, tratam de articular, no plano eclesiástico e no plano político, vigorosas estratégias de combate, pressionando o Vaticano a conter tal onda de renovação, que ameaçava a ordem vigente.

Pouco tempo depois, ainda sob o efeito dos ganhos obtidos na Conferência de Medellín, organiza-se, em 1979, na cidade de Puebla (México), a III Conferência Episcopal Latino-Americana, que reafirma os compromissos de Medellín, de modo bastante convincente, inclusive dada a qualidade da intervenção mediatizadora de assessores qualificados junto ao grupo mais profético de Bispos participantes daquela conferência. Já em sua introdução, o documento final assinala aspectos relevantes tratados na conferência, da qual sublinhamos o seguinte trecho (da Introdução):

Como atuar pastoralmente na América Latina, numa total fidelidade ao Evangelho? Quais são os critérios e as linhas de uma verdadeira e autêntica evangelização para a América Latina? Quais deverão ser as opções pastorais fundamentais para que o Evangelho seja um acontecimento atual e presente, com toda a sua, vitalidade e força original? [...]. É necessário pensar na edificação de uma nova realidade, de uma inserção evangélica na nova sociedade que surge na América Latina muito ligada com o povo do mundo de hoje e de amanhã. Trata-se de buscar o caminho para que o Evangelho, através do testemunho de nossa vida e de sua proclamação sempre nova, seja luz, fermento, sal, água viva para os povos do nosso Continente [...]. Tal ubiquação em nossa história concreta nos tornará sensíveis à vitalidade de nossas Igrejas e a um conjunto de problemas. A vitalidade: no presente de nossas Igrejas percebe-se uma vitalidade nova; a sede de Deus e sua busca na oração e contemplação; a colegialidade episcopal cada vez mais vivida; o grande desenvolvimento das pequenas comunidades

eclesiais em comunhão com a hierarquia; os novos ministérios; uma vida de fé mais profunda por parte de muitos jovens; a ação pastoral intensa dos religiosos e das religiosas, sobretudo a inserção comunitária cada vez maior nas zonas mais pobres; o planejamento pastoral em seu processo de participação, em todos os níveis, das comunidades e pessoas interessadas, educando as numa e para uma metodologia de análise da realidade, para a reflexão sobre a realidade a partir do Evangelho, os objetivos e os meios mais aptos e seu uso mais racional para a ação pastoral; a presença sempre maior dos bispos entre o povo; a liberdade cada vez maior frente ao braço secular; uma consciência mais aguda dos leigos quanto à sua identidade e missão eclesial.

Como se percebe, Puebla não apenas assume os compromissos de Medellín como trata de atualizá-los, a exemplo do que se passa em seu admirável esforço de sintetizar os alvos prioritários a merecerem sua atenção, ou seja quais eram os pobres, concretamente, pelos quais a Igreja Latino-americana fazia sua opção? Eis uma lista bastante representativa desses rostos:

Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria. A situação interna de nossos países encontra, em muitos casos, sua origem e apoio em mecanismos que, por estarem impregnados não de autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres. Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela); 32. – feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família; 33 – Feições de jovens, desorientados por não encontrarem

seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação; 34. – Feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres. 35. – feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; 36. – feições de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos; 37. – feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; 38. – feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais; 39. – feições de anciãos cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem.

Observe-se a profunda afinidade de propostas e valores assumidos nessas duas conferências, que reputamos as mais contundentes, no que diz respeito ao compromisso Evangélico, com a causa libertadora dos empobrecidos, tendo ido bem além do que conseguiram as Conferências ulteriores (a de Santo Domingo, em 1992, e a de Aparecida, em 2007), até porque estas últimas se deram sob os pontificados João Paulo II e de Bento XVI (a de Puebla, embora já contando com a presença de João Paulo II, já estava solidamente encaminhada).

Rememorados aspectos centrais das conferências de Medellín e Puebla, resta-nos o desafio de atualizá-las, tomando em consideração grandes e novos desafios que nos rodeiam, na presente atualidade. Eis porque, no item seguinte, cuidamos de levantar questionamentos com relação a tais desafios, dentro e fora dos espaços eclesiais.

Que lições extrair de Medellín e de Puebla, em vista de um enfrentamento exitoso de grandes desafios sócio-eclesiais, na atualidade? O que Medellín e Puebla têm a dizer hoje às práticas pastorais dos Mercedários em nosso continente?

A centelha profética de Medellín e de Puebla segue a inspirar e a mover agentes e ações libertárias, nos dias atuais, principalmente – ou quase apenas nas “correntezas subterrâneas” de nossa sociedade e de nossas Igrejas. Nas águas de superfície, é quase impossível notar sua ação. Como, então, reacender mais e mais as fagulhas de Medellín e de Puebla naquilo que têm a ver com os desafios de hoje? Como entrar nas “águas profundas” nas “periferias do cativo” na América Latina?

Talvez mais no que se associa ao seu conteúdo, não seria sobretudo no método por elas seguido, que teríamos mais a delas extrair lição?

Segue eficaz a metodologia vivenciada por aquelas Conferências:

- Examinar criteriosamente a realidade social e eclesial, em seu movimento dinâmico, em seus entrecosmos históricos, na profunda interconexão de seus elementos, atinentes a uma diversidade de campos de saberes, como um saberes (na perspectiva de “Interculturalidade” ou, nos termos de Francisco, atual Bispo de Roma, “Cultura do Encontro”) primeiro momento que se oferece a quem pretenda ajudar a transformar a realidade. Diante de tantos equívocos reiterados nas leituras de realidade hoje exercitadas, não será bem o caso de recolher melhor as lições de Medellín e de Puebla? Diante das armadilhas de hoje, sob a égide de uma época de “pós- verdade”, de descrenças nos dados científicos, das *fake news*, como “ver” a realidade histórica em que estamos inseridos?
- Como temos exercitado o confronto entre a compreensão da realidade com os critérios referenciais propostos pela prática de Jesus (Julgar)? Como o Evangelho nos interpela na hora de “julgarmos” a realidade?
- E, sobretudo, do ponto de vista da ação, da intervenção sobre nossa realidade, salvo exceções colhidas sobretudo nas “correntezas

subterrâneas”, como retomar o “trabalho de base”, em novo estilo, isto é, com os olhos e o coração voltados para os novos desafios hoje enfrentados?

Os aprendizados de natureza metodológica só fazem sentido se nos ajudam concretamente a (re)assumirmos temas candentes, velhos e novos, que também estiveram presentes em Medellín e em Puebla, e que hoje seguem a nos desafiar: que temas hoje priorizar?

Como atualizar as grandes questões então enfrentadas, e das quais se tornaram emblemáticos documentos tais como: a *Gaudium et Spes*, a *Populorum Progressio*, o Manifesto escrito por bispos e superiores religiosos do Nordeste, intitulado “Eu Ouvi os Clamores do Meu Povo” (1973); o Manifesto dos Bispos de Centro-Oeste, “A Igreja do Centro-Oeste em conflito com o Latifúndio” (1974); o documento da CNBB, “Exigências Cristãs de uma Ordem Política” (1977); o documento da CNBB sobre a questão da terra, no Brasil, de 1981, fazendo bem a distinção entre terra de trabalho e terra de negócio. Iniciativas de um profetismo emblemático, em plena sintonia com o espírito de Medellín e Puebla. Como reacender esses compromissos, hoje, nas periferias do cativo?

CURRÍCULO

Possui graduação (1987-1992) e mestrado em História pela Universidade de Brasília (1992-1995). Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (2015). É docente, desde 2016, do Departamento de História das Faculdades Integradas UPIS (DF). Foi assessor na CNBB (2005-2014). Foi pesquisador e coordenador do Centro “Memória e Caminhada das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil” na Universidade Católica de Brasília (UCB).

AS COLETAS DA REDENÇÃO

Fr. Fernando Henrique Marques Brito, O. de M.

Introdução

O objetivo desta nossa oficina é fazer compreender a necessidade de atualização da arca da redenção como forma concreta de visibilidade das Campanhas Redentoras da Ordem por meio da coleta da redenção. Levando em consideração aquilo que recebemos como parte da história da nossa Ordem e, muito além disso, das práticas de coletas ao longo dos oitocentos anos de história, vamos fazer um caminho contemplando quatro momentos ou quatro temáticas. Após uma introdução à situação de cativo no tempo de Nolasco e sua reposta generosa, vamos perceber como a questão da ajuda econômica está presente na Sagrada Escritura, especialmente nos escritos do Novo Testamento. Num segundo momento, partindo da bíblia, iremos perceber a utilização dos bens no corpo jurídico de nossa Ordem; no terceiro momento estará contemplada a coleta da redenção ao longo do tempo como uma prática mercedária; e concluiremos num quarto momento avaliando o significado primeiro das coletas da redenção.

Cabe, ao princípio, uma palavra de esclarecimento. O trabalho que ora apresentamos não está concluído como palavra final, mas quer ser uma ajuda na reflexão e conscientização para as melhorias e potencialização da partilha dos bens por meio das coletas redentoras. A inconclusividade deste trabalho se dá por causa das limitações de pesquisa, isto é, não tivemos acesso à grande bibliografia que – por limitações próprias – sabemos que existe e que poderia enriquecer ainda mais este trabalho. Outrossim, queremos que esta pequena partilha sirva para nossa reflexão e abra os horizontes de nossas práticas em cada comunidade para compreendermos que acima dos valores econômicos estão as pessoas que colaboram com eles e que precisam ser inseridas nessa mesma rede de amor que já perdura por mais de oito séculos: as Mercês.

PERSPECTIVA BÍBLICA – AS COLETAS NA SAGRADA ESCRITURA

Desde o princípio do cristianismo, aqueles que passavam por necessidades foram alvo da vivência cristã e recebiam o socorro dos irmãos. Certamente impulsionados pelas palavras do próprio Cristo, que dizia da necessidade de vender os bens e dá esmolas (Lc. 12, 33a). Ao bem da verdade, a prática das esmolas já estava presente no povo de Israel, como socorro aos necessitados. Ao mesmo tempo, o próprio Cristo Jesus falou muitas vezes sobre as esmolas e ofertas.

Para nós, a partir da vivência das primeiras comunidades do cristianismo, perceberemos que o socorro aos pobres e necessitados se fez presente como uma forma de vivenciar a partilha, seguir o preceito e a palavra de Cristo, tendo como exemplo o próprio Cristo que se fez pobre para nos enriquecer.

Assim, quatro passagens do novo testamento irão nos orientar nesse primeiro momento. São elas: 1 Cor. 15, 58; 16, 7; 2 Cor. 8, 1; 9, 2; Rm. 15, 25-31; e Fil. 4, 10-19. O personagem que fala nessas quatro leituras é o apóstolo Paulo. Ele nos insere dentro daquilo que se tornará uma prática da Igreja, que é a organização econômica de socorro. Nessas leituras, vemos o modo de fazer a coleta, a base e fundamento da coleta, a necessidade dos irmãos, a alegria de partilhar, o exemplo que contagia outras comunidades, a busca da igualdade e também a alegria de ser ajudado.

Iremos percorrer cada uma delas para perceber o que podemos aprender ou como podemos entender as coletas da redenção a partir das que eram feitas nas comunidades nascentes. Mas precisamos diferenciar que essas coletas não eram os dízimos. O dízimo bíblico era uma instituição para sustento do templo e da família sacerdotal dos levitas. A instituição do dízimo bíblico se encontra mais claramente nos livros de Números (capítulo 18 – que fala sobre o sacerdócio da Aarão e dos levitas que organizarão o serviço litúrgico e, como não receberam herança de terras, deverão viver pelos dízimos entregues pelo povo ao templo do Senhor) e Deuteronômio (capítulo 14 – que fala sobre as coisas que são puras e/ou impura para comer, que devem

ser evitadas, como também dos dízimos de tudo que foi produzido a ser levado para o templo do Senhor). Vejamos:

1 Cor. 15, 58; 16, 7:

Por consequência, meus amados irmãos, sede firmes e inabaláveis, aplicando-vos cada vez mais à obra do Senhor. Sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão. Quanto à coleta e benefício dos santos, segui também vós as diretrizes que eu tracei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que tiver podido poupar, para que não esperem a minha chegada para fazer as coletas. Quando chegar, enviarei, com uma carta, os que tiverdes escolhido para levar a Jerusalém a vossa oferta. Se valer a pena que eu também vá, irão comigo. Irei ter convosco, depois que tiver passado pela Macedônia; apenas passarei por lá. Talvez fique convosco ou até passe todo o inverno, para que me leveis aonde eu tenho de ir. Desta vez, quero vos ver não somente de passagem, mas espero demorar-me algum tempo convosco, se o Senhor o permitir¹.

O texto nos fala tanto sobre a coleta quanto sobre o modo de fazer e a forma de organização da comunidade para que a coleta chegue até aqueles que estão necessitados. Percebe-se nessa leitura que há uma diretriz que foi concedida pelo apóstolo às comunidades da Galácia. Significa dizer que o sustento dos necessitados era como uma rede de assistência em que os irmãos de uma comunidade poderiam socorrer aos irmãos em outra comunidade.

O símbolo da partilha não é daquilo que sobra, mas daquilo que cada um pode poupar. Significa dizer que era uma partilha daquilo que se poderia ter gasto consigo mesmo, que fora poupado em prol de outros irmãos. Toda essa doação se compreende como participação na obra do Senhor ou no trabalho do Senhor. Significa dizer que o apóstolo reconhece que o Senhor age com misericórdia e socorre os necessitados pela partilha generosa daqueles que possuem.

Os cinco pães e dois peixes de outrora simbolizam a partilha daqueles

1 Bíblia Sagrada.

que possuem com aqueles que nada tem, mas que estão passando pelas mesmas necessidades básicas, frutos da pobreza e da perseguição que os cristãos sofriam.

Os que seriam contemplados com essas coletas eram os irmãos da comunidade de Jerusalém. A coleta feita chegaria à comunidade de Jerusalém por meio dos irmãos da própria comunidade de Corinto que fossem escolhidos para levá-la juntamente com uma carta do apóstolo.

Esse primeiro gesto de partilha e solidariedade terá continuidade e ainda contagiará outros irmãos e comunidades para o mesmo gesto de misericórdia para com os que estavam necessitados. Assim, a segunda passagem bíblica que escolhemos nos informa (2 Cor. 8, 1; 9, 2). Nessa passagem, primeiramente Paulo diz que Deus deu uma graça às comunidades da Macedônia. Tal graça era justamente de terem-se juntado, mesmo com sua pobreza, na generosidade do socorro aos irmãos.

Querendo incentivar ainda mais a comunidade dos Coríntios, além de ter colocado a disponibilidade das comunidades da Macedônia, Paulo ainda relembra outros dons da comunidade como a fé, a eloquência, o selo e o afeto e pede que sejam também notáveis nas obras de caridade.

Nessa caridade, o apóstolo relembra o próprio Cristo como exemplo e modelo, pois Cristo, sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer. Relembra também a coleta feita um ano antes e que tal coleta foi sugerida pela própria comunidade. Recorda que a ajuda não pode deixar a comunidade na penúria e que quem socorre hoje pode ser socorrido amanhã! Enquanto aquele que na leitura do evangelho produz muitos grãos e amplia os celeiros acaba morrendo, o exemplo para a comunidade é que ninguém passe necessidade, compreendendo que “o que colheu muito não teve sobra; e o que pouco colheu não teve falta”, porque a partilha esteve presente entre os irmãos. Paulo encerra esse momento ciente e confiante da boa vontade dos irmãos em partilhar e conclui reafirmando que o exemplo dos Coríntios também motivou a Acaia desde o ano anterior.

Tais trechos da vivência das primeiras comunidades cristãs nos colocam em cheio naquilo que é o socorro aos necessitados. Ninguém pode passar

pela provação sem o auxílio dos irmãos. A terceira passagem se encontra na carta aos Romanos (15, 25-31). Nesse trecho de sua carta, Paulo informa o que está realizando e seus desejos. Diz que está se dirigindo à comunidade de Jerusalém para ajudar os irmãos. Tal ajuda é a coleta que os irmãos da Macedônia e da Acaia fizeram em prol da comunidade que estava passando penúria.

Relembra que a partilha não é apenas dos bens materiais, mas também dos bens espirituais. Isto é, enquanto os irmãos de Jerusalém partilham os bens espirituais com os macedônios, estes partilham os bens materiais com aqueles. O desejo de Paulo depois de ter entregue pessoalmente a coleta aos irmãos de Jerusalém é passar por Roma e se dirigir à Espanha. Na caridade, o apóstolo pede que os irmãos de Roma estejam unidos a ele no combate e pela oração.

Por fim, nossa última passagem bíblica nos informa os socorros feitos em prol do próprio apóstolo. Na carta aos Filipenses (4, 10-19), Paulo lembra que uma coisa é o desejo em ajudar e outra coisa é a ajuda em si. O desejo em ajudar precisa encontrar-se com a oportunidade de ajuda. Lembra que no início do seu ministério nenhuma comunidade, a não ser os Filipenses, quis partilhar alguma coisa com ele.

Coloca na conta dos Filipenses o socorro que recebeu já por duas vezes dessa comunidade quando estava na Tessalônica. O apóstolo vê a ajuda como um suave perfume, como um sacrifício que agrada a Deus e termina rogando que Deus proveja nas necessidades da comunidade a glória de Cristo.

Com isso, quisemos mostrar que as coletas fazem parte de uma partilha de quem possui com aqueles que precisam ser socorridos e ajudados. Ao mesmo tempo, quisemos colocar como marco temporal a instituição dessa ajuda dentro da vivência das comunidades cristãs que partilhavam os bens que possuíam: quer espirituais, quer materiais, para fortalecer nossa consciência da necessidade de partilha com os cativos que hoje sofrem e precisam também de ajuda e socorro. O surgimento dessas coletas é bem circunscrito: a necessidade e a penúria que estão passando a comunidade de Jerusalém.

Diferentemente dessa realidade é aquela de perseguição que passam os cristãos ainda mesmo no século IV. Referentemente a isso, temos um belo testemunho de Santo Ambrósio que fala da liberalidade em socorrer os cativos, os cristãos que estão aprisionados e que precisam ser libertados e sua libertação precisa ser comprada.

Nesses termos se refere Santo Ambrósio:

Como fomos criticados, em alguma ocasião, porque vendemos os vasos sagrados para redimir cativos; porém, quem pode ser tão duro, tão inumano, tão cruel, que lhe desagrade libertar um homem da morte, uma mulher dos abusos dos bárbaros, mais penosos que a morte, moças, adolescentes e crianças do contágio da infidelidade, a que era, induzidos por medo da morte?

Mesmo quando tivemos boas razões para agir assim, cuidamos que o povo soubesse e compreendesse que é muito melhor proteger para o Senhor as almas que o ouro: porque ele enviou os apóstolos sem ouro, congregou as igrejas sem ouro.

Um dia o Senhor dirá: Por que permitiste que tantos pobres morram de fome? Tinhas ouro: deveste oferecer-lhes alimento. Como é que tantos cativos foram postos à venda e, por não terem sido resgatados, foram mortos pelo inimigo? Teria sido melhor salvar os filhos de Deus que os vasos de metal².

Santo Ambrósio nos informa no seu texto que existiam cristãos que estavam aprisionados e que precisavam da libertação; que precisavam de alguém que os socorresse! A ideia que o santo tem é justamente vender os vasos sagrados, isto é, os objetos utilizados na liturgia! Como pode ele permitir isso? Porque compreende que o mais importante são as pessoas e não os objetos. Na linguagem do Papa Francisco, Santo Ambrósio não descartou os necessitados³, mas os socorreu nos fazendo compreender que o mais importante era proteger as almas.

2 Liturgia das horas da ordem.

3 A cultura do descarte que excluiu o ser humano é denunciada pelo Papa Francisco desde o encontro com os idosos em 28 de setembro de 2014.

Se por um lado o santo nos fala sobre a venda dos objetos sagrados para libertar os cativos, empenhando, assim, os bens da igreja na redenção; por outro lado ele mesmo nos informa que foi criticado por ter feito tal obra de caridade! É bem verdade que o zelo pelas coisas da casa do Senhor e pelos objetos litúrgicos muitas vezes superam o zelo para com o Cristo que está presente nos cativos.

Enquanto formos uma igreja com a mesma mentalidade dos apóstolos antes da multiplicação dos pães – isto é: enquanto formos uma igreja que manda despedir as multidões⁴ porque o alimento que temos é pouco e só dá para os poucos que estão na Igreja –, nunca seremos uma igreja samaritana que dá de sua pobreza⁵ socorrendo os cativos, os necessitados, os caídos nas esquinas da vida.

Santo Ambrósio não o faz de qualquer forma. Ele não empenha os vasos sagrados por torpe ganância, mas faz a comunidade perceber o que é correto no Senhor! Por isso informa a comunidade da necessidade de compreender onde estavam sendo empenhados os objetos da Igreja. Perguntemonos: somos informados sobre as campanhas redentoras? Sabemos que participamos de uma família que tem uma bela missão de libertar os cativos hoje? Compreendemos as limitações do outro e suas necessidades? Chegamos à compreensão dos usos dos bens? Esse será nosso próximo tema.

O USO DOS BENS

Agora há pouco, evocamos a parábola do bom samaritano. Certamente, todos a conhecemos. Um homem que está de viagem vê o outro que está caído, como morto, ao chão. Ele se interessa por aquele que está caído e acaba nos ensinando sobre a utilização dos bens. Inicialmente, podemos nos perguntar: tudo o que temos, sabemos utilizar bem? Ou estamos ajuntando para que outros briguem após nossa partida?

4 Mt. 14, 13-21.

5 Lc. 10, 25-37.

Aquele samaritano empenha não apenas o seu dinheiro, mas os seus bens, a sua sabedoria, o seu transporte, o seu tempo; numa palavra, ele empenha a si mesmo!

Logo que o vê, ele empenha o seu tempo, pois cuida, detém a sua viagem, faz uma rota diferente e se dirige a uma hospedaria. Aquele que estava caído não conseguia se locomover, então ele empenha a sua própria montaria, significa dizer que quem estava ao chão agora é conduzido no animal e o que estava em cima do animal agora caminha como um escravo conduzindo o seu senhor.

O samaritano empenha sua sabedoria, pois suas atitudes mostram que entende dos procedimentos de cura: deita vinho para purificar e deita azeite para proteger. O vinho e o azeite também são os seus bens e ele os empenha em relação àquele que está necessitado. Ele não retém o vinho e o azeite, mas os coloca a serviço do enfermo. Além disso, ele empenha o seu dinheiro, pois na hospedaria dá uma moeda de prata e ainda indica que o que gastar a mais depois pagará! Por fim, ele empenha a si mesmo porque se colocou a serviço de quem precisava; colocou suas energias, sabedoria, bens, tempo, transporte a serviço de quem estava caído. Como olhar todas essas atitudes do bom samaritano? Apenas por meio da parábola dos talentos.

Na parábola dos talentos⁶ o patrão concede alguns talentos a seus empregados e vai para uma terra distante esperando que seus empregados administrem bem os talentos que distribuiu. Quem se fez mesquinho com os talentos recebidos, escondeu o talento. Cavou um buraco, jogou o talento por lá e ainda deu como desculpa a severidade do seu senhor.

Pelo contrário, quem teve atitudes como as do samaritano colocou os talentos em risco, mas os fez multiplicar. Não deixou que os talentos ficassem sepultados na terra, mas trabalhou para multiplicá-los, por isso pode participar da festa da vida. Em várias outras passagens, Jesus nos mostra que a vida e os bens que conseguimos devem ser partilhados; não são para a ganância, mas para a partilha.

6 Mt. 25, 14-30.

Assim, podemos dizer que o uso correto dos bens está orientado para a partilha. Do pouco que se tem – como no caso da multiplicação dos pães –, se pode conseguir saciar a muitos; ou como nos exemplos das coletas feitas por Paulo, que contagiavam outras comunidades a partilharem também, porque o exemplo toca fundo no coração e nas atitudes, orientando e conduzindo à partilha.

Na regra de Santo Agostinho⁷ encontramos tanto no primeiro capítulo, que fala sobre o ideal dos primeiros cristão, como num capítulo próprio, que é o capítulo 5, o tema do uso dos bens dentro da vida religiosa. No primeiro capítulo, quando nos fala sobre o ideal dos primeiros cristãos, ele coloca a comunhão de bens como sendo um desses ideais. Assim, ele nos legisla: “E não chameis nada de próprio, mas entre vós tudo seja comum”; e ainda: “Vosso prior distribua [...] a cada um conforme a sua necessidade⁸”. Significa dizer que os bens não são pessoais, mas comunitários, e que devem ser entregues de acordo com a necessidade de cada um e não de forma igualitária, porque nem todas as pessoas têm as mesmas necessidades.

Mais à frente, no capítulo 5, o santo legislador nos informa que o bem comum deve estar acima do privado. Assim, nos ensina:

[...] que ninguém trabalhe para si próprio, mas cada um de nós trabalhemos em favor de todos [...]. Isso significa que o bem comum deve se antepor ao bem particular e não o particular ao comum. E, assim, podereis medir vosso crescimento⁹.”

Essa interpretação de santo Agostinho dos bens dentro da vida religiosa está em consonância com o desejo dos primeiros cristãos que buscavam ter tudo em comum e que vendiam seus bens e os colocavam aos pés dos apóstolos¹⁰.

7 Conjunto de regras criadas por Santo Agostinho para a vida monástica no século V e que também foi entregue à Ordem das Mercês no ano de sua confirmação Pontifícia, isto é, em 1235.

8 Regra de Santo Agostinho, Capítulo 1º, parágrafo 4º.

9 Regra de Santo Agostinho, Capítulo 5º, parágrafo 31.

10 At. 4, 34-35.

Conseguir compreender que os interesses comuns devem estar acima dos interesses particulares significa colocar o amor ao próximo como base nos relacionamentos, na convivência. Para ele, a comunhão deve ser de tal forma que se alguém “guarda escondido um objeto que lhe foi dado, que seja punido como por furto”¹¹!

Olhando propriamente para as Constituições¹² da Ordem¹³, no parágrafo 45 encontramos a regulação dos bens da Ordem e assim nos diz:

*El Maestro no pueda dar, vender, cambiar ni enajenar las posesiones de la Orden si no es para la redención de los cautivos y, en oeste caso, hágalo con el consejo del Prior y de los cuatro Definidores del Capítulo General, estando todos reunidos conjuntamente*¹⁴.

Isto significa que, desde os primórdios, a Ordem das Mercês reconhece que os bens que possui não são senão para o uso na redenção dos cativos. Aquilo que cada comunidade possui serve para a vivência e sobrevivência dos religiosos, mas deve estar colocado a serviço da missão da Ordem: a libertação dos cativos. E mesmo no desenvolvimento da missão da Ordem, o Mestre Geral não poderia se valer de qualquer forma desses bens, mas apenas em consonância com os quatro definidores no Capítulo Geral.

Toda essa forma de se organizar em relação aos bens da Ordem é para que ninguém se sinta dono daquilo que é arrecadado em prol dos cativos. E até mesmo o Mestre Geral deve dar contas daquilo que recebeu durante o ano quando for celebrado o Capítulo.

11 Regra de Santo agostinho, Capítulo 5º, parágrafo 32.

12 As constituições em uma Ordem religiosa servem para organizar a vida mesma daqueles que se reúnem em comunidade contemplando aquilo que é próprio de cada família religiosa. Difere da Regra de Santo Agostinho que é mais geral e tem formato tanto ordenativo, regulatório, espiritual e celebrativo. Atualmente, na Ordem das Mercês, foram separados do mesmo texto aquilo que se compreende como Constituições daquilo que são Normas Gerais. Além desses livros regulatórios (Regra de Santo Agostinho, Constituições da Ordem, Normas Gerais), cada província também possui seus Estatutos próprios com algumas especificações de acordo com cada realidade.

13 Aqui trabalhamos com aquelas que são chamadas de Constituições primitivas da Ordem que correspondem às promulgadas por Fr. Pedro de Amer e conhecidas como Constituições Amerianas de 1272.

14 BLANCO, 1983, página 85.

Nas constituições de 1691 se fala claramente sobre o quarto voto¹⁵ como uma *“promesa voluntaria y absoluta de redimir cautivos de los vínculos de la mente y del cuerpo, con oro o plata y aun con la entrega de sí mismo, cuando fuere necesario, por la salvación de las almas y peligro de negar la fe”*¹⁶. Aí encontramos a parte que nos cabe em relação aos bens.

Para conseguir cumprir sua missão, a Ordem estabelece um voto especial e voluntário feito pelos religiosos como uma promessa de se empenhar ao máximo na libertação dos cativos. Para o cumprimento de tal missão, devem ser empregados o ouro ou a prata, certamente aqui vinculados e expressados por causa dos descobrimentos das minas de ouro e de prata nas terras do novo mundo!

Mas, para que a redenção dos cativos aconteça plenamente, é necessário empenhar não apenas os bens, mas, tal como Cristo empenha a sua própria vida para libertar o ser humano do pecado, o Mercedário se compromete em empenhar também a sua própria vida para poder libertar os cativos. O maior bem que alguém pode ter é sua própria vida e essa o Mercedário empenha em libertar os cativos.

Nas Constituições de 1691, ainda nos informamos que *“[...] Si algún Hermano recibiere algo para la redención, debe manifestarlo dentro de 24 horas, y entregarlo a los custódios o clavíferos, los que lo colocarán en el depósito y anotarán en el libro”*¹⁷. Certamente, havia tido algum descabimento ou desencaminhamento nos bens alcançados pelos religiosos para a redenção dos cativos, por isso o legislador se vê na necessidade de indicar a brevidade, isto é, dentro de 24 horas, com que se entregará o recebido ao responsável da administração dos bens da redenção. Como se conseguiam os bens para a redenção? Como a Ordem foi estabelecendo as formas e os tempos para as coletas?

15 Além dos três votos conhecidos de pobreza, obediência e castidade, os frades da Ordem professavam um quarto voto como entrega voluntária da vida pela libertação dos cativos.

16 BEJARANO, 1983, página 236.

17 BEJARANO, 1983, página 245.

AS COLETAS REDENTORAS

Tudo o que dissemos até agora foi para compreender melhor esse tema que é central em nossa oficina: as coletas. Se antes o que vimos em muito tinha a parte bíblica que dava o sentido e embasava as coletas, agora veremos a organização própria da Ordem em relação às coletas. De início, dizemos que o mesmo sentido que teve para santo Ambrósio no século IV vender os vasos sagrados para poder libertar os cativos, também era o sentido de Pedro Nolasco em sua prática, e dos frades que o acompanharam e sucederam.

Assim, iremos nos basear nos estudos feitos sobre as temáticas da Ordem. Eles abordam o tema das coletas, as práticas mercedárias de desenvolvimento do carisma, e os estudos sobre a história da Ordem que, ainda que não tenham como foco principal o tema das coletas, acabam abordando também de forma secundária esse assunto.

Ao mesmo tempo, chegaremos aqui a abordar as coletas a partir das últimas campanhas redentoras, tratando até mesmo das campanhas que foram desenvolvidas em relação ao Jubileu do Oitavo Centenário como preparação para essa festa jubilar e símbolo de unidade na partilha e socorro aos necessitados, como outras formas de ajuda em tempos de crise referentes ao pessoal da própria Ordem.

AS COLETAS REDENTORAS NAS PRIMEIRAS CONSTITUIÇÕES

Frei Juan Devesa Blanco fez¹⁸ a transcrição paleográfica¹⁹ e a tradução das primeiras Constituições de 1272 conhecidas como Constituições Amerianas.

O parágrafo número 13 dessas citadas Constituições reza assim no seu título: *De las bailías y de los cuestores*. As bailías eram como uma espécie de demarcação territorial, uma localidade ou uma jurisdição. Os cuestores²⁰

18 BLANCO, 1983. Página 56-89.

19 A transcrição paleográfica reproduz integralmente o texto, *ipsis literis*, isto é, com todos os elementos constantes do documento.

20 BLANCO, 1983, p. 71

ou questores eram os coletores ou administradores ou responsáveis pela contabilidade:

Cada cual pida limosna en la Bailía que tiene señalada y en ella ningún otro fraile ni Cuestor entre, fuera de aquel al que pertenece la Bailía; y si, por ventura, entrare em ella algún otro fraile no se detenga em ella ni permanezca fuera de la propia Bailía más de dos días, sin licencia del Maestre o por notable utilidad de toda la Orden (BLANCO, 1983, p. 71).

Em termos de organização, a Ordem estabelecia os territórios em que cada frade ou coletor deveria fazer a sua parte em prol da redenção. Significa dizer que todos estavam implicados na tarefa de conseguir os fundos econômicos necessários para se realizar a missão redentora da Ordem. E para que não houvesse duplicidade de pedido ou um não atrapalhasse o trabalho do outro, a demarcação territorial ajudava. Da mesma forma aqueles que pertenciam a determinado território acabavam conhecendo o frade que ali pedia para a redenção dos cativos.

Os questores, diz mais à frente o mesmo número constitucional, devem saber se comportar de tal forma que não difamem a Ordem. Estes questores poderiam ser pessoas contratadas pela Ordem que deveriam assinar um contrato e jurar tendo suas mãos sobre os evangelhos, pois essa era a forma válida de juramento. Tal juramento se referia à imagem da Ordem, pois eles se comprometiam a não fazer dano ou cometer infâmia em relação à Ordem e também sobre as questões de administração e prestação de contas de tudo o que fosse recebido.

Uma última palavra sobre aqueles que iriam fazer as coletas redentoras é que eles deveriam estar com roupas brancas. A questão da cor está presente na própria vestimenta da Ordem. O hábito da Ordem, dizem as mesmas Constituições, seja de lã branca e tanto na capa como no escapulário levem o escudo da Ordem. Tais indicações serviam como referencial de pertencimento à Ordem das Mercês.

Da mesma forma os cativos que fossem libertados deveriam fazer juramente de que não se afastariam da Ordem pelo período que ela tivesse delimitado. Significa que os redimidos deveriam morar por um tempo com

os religiosos e serviam como testemunho da redenção e como uma forma de prestação de contas para aqueles que haviam doado, pois a presença deles era sinal de que o dinheiro tinha sido empregado, de fato, na redenção dos cativos.

AS COLETAS REDENTORAS NAS CONSTITUIÇÕES DE 1691

Nas constituições de 1691 diz-se que

[...] Durante el tiempo de la publicación de la redención, dos meses antes de salir la redención, el comendador debe destinar a algunos Hermanos para que pidan a los fieles las limosnas de la redención²¹”.

Tendo passado já quatrocentos anos desde as Constituições de 1272, some a figura dos questores e fica a destinação de “alguns irmãos” para pedir esmolas para a redenção. A decisão de uma redenção era uma decisão capitular. Só poderiam ir para a redenção aqueles que fossem assinalados para isso e tendo já a Ordem ajuntado uma soma de dinheiro.

Em seguida, as mesmas Constituições nos informam como deveriam ser os preparativos para uma redenção:

Los conventos de la Provincia que prepara la redención, dos meses antes de la salida, hagan solemne publicación con procesión y sermón al pueblo, en cuya oportunidad se publican las indulgencias concedidas a los cofrades y con referencia a los padecimientos de los cautivos²².

Percebe-se o apelo à população: faz-se procissão para poder proclamar solenemente que a Ordem fará uma redenção e ao mesmo tempo tem-se lugar um sermão para proclamar as indulgências àqueles que participam da redenção colaborando economicamente. Também dá-se voz aos cativos por meio da aclamação de seus padecimentos durante o cativo. Pensemos que esse momento é para sensibilizar o coração e os bolsos daqueles que estão livres e podem professar abertamente sua fé.

21 BEJARANO, 198, p. 245.

22 Idem, páginas 245 e 246.

Essas Constituições foram publicadas quando a Ordem já estava mais que estabelecida na América. Ao mesmo tempo, todas as Províncias americanas já haviam sido constituídas e até mesmo o Brasil, onde chegamos tardiamente, em 1639, já era uma Vice-Província buscando estabelecer-se e dirigir-se livremente.

A essas alturas, a maior parte do dinheiro utilizado nas redenções vinha da América, tanto pelo número maior de religiosos, como pela maior quantidade de casas e até mesmo por ser o lugar que se retiravam o ouro e a prata. O convento de Sevilla foi marcado como a porta de entrada dos bens que eram produzidos na América e destinados à redenção dos cativos.

As províncias de Quito, Cusco, Lima, Chile e Tucumán juntavam os bens em Lima e desde aí enviavam para Sevilla. As províncias de México e Guatemala juntavam-se no convento do México para remeter a Sevilla, e a Província de Santo Domingo enviava diretamente a Sevilla. Significa dizer que nas Américas existiam três lugares de concentração dos bens da redenção e que estavam encarregados de enviá-los ao convento de Sevilla que após sua chegada avisava ao Mestre Geral da Ordem. O Brasil não entrava nessa organização porque pertencia à coroa portuguesa.

Nas Constituições de 1691, assim se diz:

Deben solicitar a quien corresponda el debido permiso para colocar en las iglesias, alojamientos y lugares públicos alcancías en las que los fieles puedan depositar sus oblações²³.

As *alcancías* são pequenos cofres. Para que o povo pudesse ir ajudando durante o ano, as Constituições previam a solicitação das licenças necessárias para se colocar nas igrejas e lugares públicos esses pequenos cofres que faziam a coleta da redenção. Essas Constituições previam até mesmo a existência de “síndicos” ou “*hermanos de la redención*” com a finalidade de, nos dias festivos, mesmo não sendo ainda o tempo da redenção, pedir esmolas para a redenção dos cativos.

23 Idem, p. 248.

OUTRAS FORMAS DE COLETA REDENTORA

Na mesma natureza, mas um pouco diverso, eram os oratórios que também eram cofres. No Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, encontramos um oratório cuja ficha catalográfica nos informa que pertenceu à Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Baixo de Ouro Preto. Tais oratórios poderiam ficar nas igrejas, nos altares laterais, como também poderiam caminhar de casa em casa servindo tanto como forma de congregar a família para a oração, como uma forma de a família colaborar com os bens da redenção.

Infelizmente, não temos notícias de que as Confrarias, Irmandades e Ordens terceiras das Mercês do Sudeste colaboraram com toda a Ordem nas Campanhas redentoras, mas sabemos que boa parte dessas associações mercedárias do Sudeste estavam envolvidos com a libertação dos escravizados ou com o seu socorro diante das necessidades. Em todos os casos, era também uma forma de redenção.

Com o passar do tempo, o tipo de redenção foi se perdendo por causa da proibição da escravidão. Mas isso não significa que o trabalho da Ordem das Mercês cessou. Os frades reorganizaram sua forma de atuar e levar adiante os projetos de libertação, por isso começaram a fazer as campanhas redentoras em novos moldes, isto é: alguma comunidade apresentava alguma situação específica de catividade e era ajudada por todas as comunidades da Ordem como sinal de partilha e comunhão.

Para poder bem celebrar o jubileu dos oitocentos anos de fundação, pensou-se que cada província poderia ficar responsável em promover uma campanha redentora de acordo com suas próprias necessidades. No Brasil, se todos lembram, a Campanha foi em prol do Recanto Mercê para a libertação daqueles que estão na dependência química. Como Pedro Nolasco olha para nós hoje? O que ele nos diria? Como nos impulsionaria a continuar reinventando e fazendo renascer a Ordem das Mercês, a sua oliveira? Na próxima parte, trabalharemos com a questão dos significados.

SIGNIFICADO PRIMEIRO DA COLETA

As coletas redentoras não são feitas apenas por fazer, ou por causa das necessidades dos religiosos. Elas têm um sentido profundo que é justamente o da partilha. Na própria Sagrada Escritura nos é dito: “Deus ama ao que dá com alegria²⁴”, de tal forma que a participação nos bens da redenção em cada uma de nossas comunidades deve ser expressão de partilha; não pode ser aquilo que sobra, mas aquilo que a comunidade deseja partilhar sendo solidária.

A palavra de Deus nos diz ainda que “cada um deve dar do que se tem sem constrangimento²⁵”; significa dizer que ninguém pode doar verdadeiramente se não se encontra livre e se vai fazer falta em casa e depois passar penúria. Também, que ninguém seja coagido a doar. Para que isso não aconteça, é necessário que seja explicado aos homens de hoje o motivo de cada redenção. Assim como antigamente os frades pregavam as redenções, da mesma forma hoje, as pregações para as campanhas redentoras precisam ser claras e chegar ao coração dos irmãos para gerar neles o dom da partilha.

Esse é o momento de olhar para a figura de Pedro Nolasco que doou a si mesmo em prol da redenção. Ele entende as palavras de Jesus: “Não há maior amor que aquele que dá a vida pelos amigos²⁶”. O significado dessa frase deve ter calado fundo no peito de Pedro Nolasco muitas vezes para fazê-lo acordar do sono da indiferença para poder socorrer aos necessitados.

Por isso, podemos dizer que Pedro Nolasco é o homem da partilha, porque partilha seu dinheiro, seu tempo, sua vida e sua sabedoria. Nolasco é como o samaritano que cuida daquele que caiu nas mãos dos assaltantes.

Os cristãos foram aprisionados e Pedro Nolasco se coloca em caminho para partilhar do que tem, e quando não tem, pede. Mas não pede para si, pede para o outro, pede para os cativos.

24 2 Cor 9, 7.

25 Idem.

26 João 15, 13.

Nessa imagem de Pedro Nolasco, que pede para os cativos, lembro-me das palavras do Padre Antônio Vieira quando proferiu seu sermão de São Pedro Nolasco na inauguração da Igreja de Nossa Senhora das Mercês do convento de São Luís no Maranhão. No seu sermão Vieira assim fala de São Pedro Nolasco:

Primeiramente, digo que São Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir. E é assim. A profissão de São Pedro Nolasco, e da sagrada Ordem das Mercês, é pedir esmolas pelos fiéis, para com elas remir os cativos que estão em terras de mouros [...]. E se pedir, só por pedir, é maior ação que deixar, pedir para dar, e para dar em redenção de cativos – que são os fins deste glorioso pedir – quanto maior ação e perfeição será? A regra de perfeição que Cristo pôs aos que quisessem ser seus discípulos, foi que vendessem o que tinham, e o dessem aos pobres (VIEIRA, s/d, pp. 11-13).

Os bens e a vida de Nolasco são colocados à disposição da redenção dos cativos, da redenção dos irmãos privados da liberdade, privados da fé, privados de si mesmos. Aprendamos desse exemplo de Nolasco que pede para os outros, fazendo grandiosa a ação de pedir, pois pede para poder libertar o necessitado.

AO MODO DE CONCLUSÃO

Não podemos deixar de falar, concluindo este trabalho, de duas coisas bem práticas. Se as coletas da redenção como vimos têm seu sentido e significado tanto na Sagrada Escritura como na prática de Nolasco, que partilha do que tem e da própria vida, elas precisam também ter esse mesmo sentido e significado para nós, que é justamente a possibilidade de partilhar.

Segundo vimos, na prática dos primeiros religiosos, a organização da redenção contava com a proclamação das dificuldades que os cativos estavam passando para poder sensibilizar os ouvintes à partilha. Chamemos essa atitude de divulgação do próprio sentido da campanha redentora.

Ditas essas duas palavras (partilha e divulgação), precisamos corrigir algumas atitudes que hoje depõem contra as Campanhas redentoras. Chamemos de práticas de partilha incorreta:

- quando o padre priva a comunidade da vivência daquilo que é próprio de nossa Ordem;
- quando o padre não faz a coleta da redenção sensibilizando e chamando a atenção do povo para uma realidade específica; e
- quando o padre, a seu bem prazer, pega da conta da paróquia e envia uma quantidade X de dinheiro pensando que está corrigindo o erro que cometeu em não ter feito a sensibilização dos paroquianos em relação à Campanha redentora.

Mas podemos também relatar as práticas de partilhas que chamamos de corretas:

- sensibilização do povo sobre determinada situação opressora;
- divulgação da campanha;
- oração pelos frutos da Campanha;
- utilização de símbolos preparados (cartaz, oração, arca da redenção, vídeos etc);
- organização de um grupo que organize movimentos em prol da campanha; e
- criação de eventos que divulguem: chá da amizade, rifa, brechó, bazar, coleta redentora na festa das Mercês, artesanato, os cofres das capelinhas de nossa Senhora das Mercês etc.

Todas essas atividades ajudam a comunidade paroquial a viver o momento de Campanha Redentora, mesmo que seja a campanha de outro país ou outra comunidade. Enfim, a partilha surja nas comunidades como sinal da compreensão dos valores do evangelho que ajudam a celebrar a Campanha Redentora, reorganizando e reavaliando as metodologias que existem em cada comunidade e que cada um se sinta participante e também

responsável por esse pedir que nos eleva a Deus, pois pedimos não para nós, mas para os cativos que ainda sofrem.

CURRÍCULO

Religioso da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, atualmente cursando licenciatura em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

OFICINA: POR UMA COMUNICAÇÃO LIBERTADORA E MISERICORDIOSA

Cristina Cunha

ATIVIDADE: COMO LIDAR COM O *WHATSAPP* E COM AS *FAKE NEWS*?

Discernimento. Viver no mundo sem ser do mundo. Não pensar é dar espaço para ser enganado pelas *fake news*, é dar espaço para quem engana.

Discernir significa aprender a separar as coisas positivas das negativas que fazem parte do mesmo modo da vida atual.

Tenhamos *ATTITUDES*, no uso do *WhatsApp*, que nos reafirmem como cristãos.

TAREFA: Elaborar uma listinha de orientações sobre o uso do *WhatsApp* (incluindo o compartilhamento de *fake news*), para disseminação nos grupos da sua comunidade.

SOBRE O *WHATSAPP*:

- a. Critérios para o uso do *WhatsApp*: grau de urgência; pertinência; tempo gasto por mim e pelo outro; grau de intimidade; horário; privacidade necessária; utilidade da mensagem; reciprocidade; capacidade de armazenamento de dados; autonomia da bateria; veracidade da mensagem e da autoria; exposição do número de telefone alheio num grupo; consequências para mim, para os outros e para a sociedade etc.

PERTINÊNCIA

- b. O *WhatsApp* serve pra tudo? Pra que é que ele não serve? E quais as outras opções?

- c. Palavras em letras maiúsculas soam como gritos grosseiros e deselegantes...
- d. Quando enviar um texto longo?
- e. Identificação: por que usar um *nickname* (pseudônimo) que impeça os outros de me identificarem?
- f. Foto do meu perfil: eu não quero ser reconhecido? Por quê? Os outros têm a obrigação de se lembrar do meu nome?
- g. Mecanismo insuficiente de busca: serve para questões formais?
- h. Quando devo passar um arquivo *Word*, *Excel* ou *PDF* por *WhatsApp*?
- i. Coerência com minha vida real (solidariedade, no mundo virtual x indiferença, na vida real).
- j. Sábio é aquele que aprende com seus erros.

URGÊNCIAS

- k. Cobrança de resposta imediata às mensagens, assim que os risquinhos estiverem azuis? O critério é a minha ansiedade? Por outro lado, por que desativar a configuração que torna azuis os risquinhos?
- l. Como fazer para indicar que uma mensagem é urgente?

ATITUDES – QUE TIPO DE MENSAGENS DEVO ENVIAR?

- m. Correntes: veracidade, *fake news*, coerência, “ativista de sofá”, “por que eu?”, “só eu recebi?” etc.
- n. Piadas: para quem? Preconceito? Pornografia?
- o. Chacotas (zombaria): é cristão levar alguém ao ridículo? Mesmo sendo muito meu amigo, será que o dia dele está bom? Só na presença física podemos observar isso...

- p. Mensagens motivacionais: Por quê? O tema é relevante neste momento, para esta pessoa? Sou o dono da verdade? O que serve pra mim serve para os outros? (É muito mais uma revelação sobre mim do que uma ajuda ao outro).
- q. Áudios: como escolher entre escrever e mandar áudio? (disponibilidade de tempo, o que o outro pode estar fazendo agora, privacidade, tempo gasto por mim e pelo outro, disponibilidade de armazenamento de dados, autonomia da bateria, gasto da energia do mundo, necessidade de boa internet pra conseguir baixar).
- r. Desabafo: passar adiante, como desabafo, uma mensagem recebida?
- s. Figurinhas: como usar os *emojis* ou *emoticons* ou *stickers*? Eles são necessários? Quando?
- t. Fotos e vídeos: capacidade de armazenamento, tempo gasto, utilidade... Alternativa: dizer qual é o assunto e enviar o link: a pessoa abre se estiver interessada. Dê liberdade a ela.
- u. Fotos de situações que podem ser vistas como constrangedoras: acidentes, cirurgias, animais doentes, partos... você tem um bom motivo para compartilhá-las? Você já pensou na intimidade alheia, na possibilidade de causar um problema?
- v. A primeira mensagem para alguém deve ter um cumprimento, a identificação da pessoa e o assunto, antes da mensagem propriamente dita; e, ao final, uma palavra de despedida.
- w. A primeira mensagem do dia para alguém em privado deve ter um cumprimento simples (sem foto). (Bem diferente das fotos de bom dia diárias e gratuitas).
- x. Responder, de acordo com a situação: se está livre, responda logo; se não sabe a resposta, escreva que irá verificar e que retorna depois; se está ocupado, diga que não pode falar no momento e que retornará assim que se desocupar.

NUNCA “encaminhar” sem checar a veracidade da mensagem e de sua autoria. Se gostar do texto e quiser enviar, mas tiver certeza de que o autor não é o citado, troque a autoria do tipo “Clarice Lispector” por “autor desconhecido”. De qualquer forma, vale a reflexão: eu reenviaria a mensagem de alguém desonesto, que se faz passar por outro?

PENSANDO NAS CONSEQUÊNCIAS

- y. Excesso de mensagens: 300 mensagens não lidas: o que isso provoca? O que faz mudar na sociedade? Passamos a não respeitar os outros por não lermos o que eles enviam? É isso que queremos, que a palavra perca o valor?
- z. Excesso de exposição: fotos comprometedoras, minhas ou de outra pessoa: você está preparado para a enorme possibilidade de essa foto ser compartilhada? (afinal, celulares também são emprestados ou roubados...). Aliás, o mesmo se aplica a comentários por texto ou áudio...
- aa. Imagem: pelas mensagens que você tem enviado, qual você acha que é a sua imagem perante seus amigos?

PENSANDO NOS OUTROS

- ab. Como checar minhas mensagens sem desrespeitar as pessoas fisicamente a meu lado? (A atentação do “mais fácil”: checar agora, enviar agora...).
- ac. O toque do celular a cada mensagem e os diferentes ambientes: almoços, missas, velórios, cinemas, consultas médicas, viagens, aulas etc.
- ad. Erros de português: facilidade para você ou para o outro?
- ae. Devo fazer ao próximo o que gostaria que ele fizesse a mim mesmo.

- af. Tempo gasto por mim e pelo outro (que o meu cansaço a outros descanse).
- ag. Que fazer se eu envio uma mensagem de bom dia e não recebo resposta? Qual será a capacidade de armazenamento de dados da outra pessoa?
- ah. Será que a bateria da outra pessoa está sendo suficiente para receber tantas mensagens e ainda sobrar pra que ele possa fazer uma ligação de urgência? “Falar é prata, calar é ouro” ...
- ai. Horário de envio da mensagem: será que o outro se lembrou de desligar o celular ou o som da notificação? Por que enviar agora? Por que é mais fácil pra você, pra você não se esquecer?

NOS “GRUPOS DE WHATSAPP”

1. quantidade de notificações e de energia gasta;
2. credibilidade do grupo;
3. direito de falar (se 40 pessoas = 1/40);
4. concisão da mensagem;
5. objetivo e foco do grupo;
6. conversas individuais dentro do grupo;
7. aproveitar-se do grupo (venda de produtos individuais);
8. interrupção de um assunto por outro (cadê a educação doméstica?);
9. pedir consentimento para adicionar as pessoas a um grupo;
10. dar satisfações quando for sair de um grupo;
11. envio de mensagens de bom dia (o que se espera?);
12. participação em diversos grupos com pessoas comuns: que mensagens enviar a TODOS esses grupos?;
13. como ser o administrador de um grupo? Quais são suas responsabilidades?;

14. mensagens com teor emotivo (diferenças entre mensagens escritas e orais);
15. falar de alguém do grupo como se a pessoa não estivesse lá?;
16. responder no grupo ou no perfil privado?;
17. desconfiômetro – perceber quantas são as pessoas que enviam mensagens do mesmo tipo e analisar o que isso significa;
18. permissão para ofensas?
19. paciência com quem erra: tudo bem, mas não seria preciso se esforçar para não errar?;
20. o que pode ser virtual e o que precisa de olho no olho;
21. a posição de cada um, no virtual, tem de refletir a posição na vida real;
22. o aproveitar-se de um contato que foi disponibilizado num grupo para ter uma conversa com essa pessoa no privado... “quem lhe deu meu telefone?”;
23. que fazer quando alguém lhe pede o contato de outra pessoa?;
24. como agir quando alguém foi rude com você? Respirar? Responder? Repensar?
25. verificar a fonte das mensagens – não ser enganado (principalmente das mensagens atribuídas ao Papa);
26. passar adiante mensagens sem verificação da veracidade? Quais as consequências disso? Você se sente um jornalista? De um jornal com ou sem credibilidade? Jornalista X fofoqueiro...;
27. listas de transmissão: enviar a todos ou escolher a dedo?
28. a cada palavra ou frase, mudar de linha ou de parágrafo? Quando clicar “enviar”?
29. criar um grupo é expor o número de telefone de todos... pedir autorização;
30. como “educar” os participantes de um grupo de *WhatsApp*?

CURRÍCULO

Graduada em Letras (Alemão e Português) pela Universidade de São Paulo (USP);

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9986553029976183>.

REDE DE COMUNIDADES: NOVO MODO DE ESTRUTURAR A PARÓQUIA, EM VISTA DA MISERICÓRDIA

Pe. Manoel Godoy

O Documento de Aparecida diz que

[...] entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as paróquias. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser casas-escolas de comunhão (D. A., 170).

A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão (D. A., 172).

Como entendemos a expressão rede de comunidades? Será apenas um meio de renovação paroquial ou concretamente novo modo de estruturar a Igreja? Para que uma área pastoral possa ser conhecida como rede de comunidades, pode-se inspirar em exemplos reais.

PRIMEIRO EXEMPLO

A ocupação progressiva de terrenos na periferia de uma grande cidade deu origem a treze CEBs, que constituíram o que lá se chamava uma área pastoral. Embora socialmente homogêneas e frequentemente articuladas em movimentos sociais conjuntos, todas tinham grande autonomia nas suas atividades internas, sendo normalmente atendidas pelo padre da paróquia vizinha.

Tomando conhecimento dessa área pastoral, o bispo sugeriu que elas se constituíssem em paróquias. As lideranças ficaram com medo de a rede de treze comunidades se transformarem em doze comunidades subordinadas a uma matriz. Propuseram então, ao bispo três condições:

- (I) o padroeiro da paróquia seria diferente do padroeiro de cada comunidade;
- (II) não haveria igreja matriz, mas apenas um salão comunitário central, que continuaria sendo o local habitual para as reuniões, cursos e encontros das comunidades, e passaria a funcionar também como secretaria para os registros paroquiais; e
- (III) não haveria um pároco, mas uma equipe paroquial da qual faria parte um sacerdote nomeado pelo bispo.

SEGUNDO EXEMPLO

Outra experiência interessante: em 1994, uma arquidiocese contava com quatro “redes de comunidades” na periferia da cidade e em um município da região metropolitana. Uma delas, a “rede de comunidades de S. José Operário” contava com 18 comunidades, cada uma com seus dirigentes leigos. A serviço da rede, havia um padre e três grupos de 4-5 religiosas cada um. Uma publicação sobre essa rede, depois de ter lembrado que cada rede tinha sua história e suas características próprias, listava as características comuns às quatro:

1. Não têm a estrutura da paróquia (não existe uma igreja central ou matriz);
2. A rede é um conjunto de comunidades, cada uma coordenada por um conselho de leigos eleitos pela comunidade, enquanto a “rede” é servida no seu conjunto por alguns “agentes de pastoral”;
3. É notável a presença de religiosas inseridas no meio dos pobres;
4. A formação permanente dos leigos tem como base a realidade (a vida), a Bíblia e a experiência comunitária;

5. Os novos ministérios surgem como resposta às necessidades das comunidades;
6. Cada rede de comunidades cuida da comunicação e da ajuda mútua entre as comunidades;
7. Estão presentes a consciência missionária, a acolhida aos missionários e a atividade missionária das comunidades; e
8. Todas as comunidades nasceram da preocupação com os pobres e da convicção (missionária) dos agentes de pastoral

REDE DE COMUNIDADES E DECISÃO DOS AGENTES DE PASTORAL

São apenas dois modelos que apontam a possibilidade de organizar a paróquia na perspectiva de rede de comunidades. Porém, na estrutura eclesial atual, não podemos ser ingênuos, tudo depende da capacidade dos agentes de pastorais em questão. Sobretudo o ministério ordenado ainda detém enorme fatia do poder na Igreja e onde ele não se decide, nada acontece. É fundamental a superação de uma mentalidade centralizadora e de franco atirador. Somente agentes capazes de partilhar a missão eclesial com outros irmãos e irmãs de caminhada podem fazer acontecer uma nova experiência paroquial, que supere o velho esquema de matriz e filiais. Áreas pastorais confiadas a equipes de agentes já se configuraram como experiência válida no campo da descentralização pastoral. É preciso reforçar as experiências que existem e ampliar tal experiência.

REDE DE COMUNIDADES E REDES DE COMUNICAÇÃO

Parece-nos que a metrópole é de fato o espaço próprio para desenvolver a experiência de rede de comunidades. Aí se dá uma série de ensaios pastorais que favorecem a vivência em rede em diversas modalidades, inclusive a rede comunicação. Uma vez que o determinante para os

moradores das cidades não é tanto o espaço geográfico, mas muito mais as relações, uma rede de comunicação poderia ser muito eficaz para a ação evangelizadora. Nesse caso, há que se cuidar mais atentamente para que a mensagem alcance os fiéis nos mais diversos ambientes, servindo-se dos mais variados meios que disponibilizam as redes atuais.

Há, porém, cuidados a serem tomados. No caso do investimento na rede de comunidades, ficar atento às simulações: pode-se mudar os nomes sem alterar a realidade. A paróquia pode vir a se chamar comunidade de comunidades; a matriz, comunidade paroquial; as capelas, comunidades, sem, no entanto, nada acontecer de novo no campo das relações entre os leigos e destes com o clero. No caso das redes de comunicação, não se contentar meramente com a evangelização virtual, pois nada substitui a presença da pessoa para que o relacionamento humano gere novas formas de convivência, mais condizentes com o Evangelho.

Sendo redes de comunidades ou de comunicação, o cuidado com o conteúdo a ser circulado é de extrema importância. Numa sociedade onde a informação alcança níveis de saturação, a qualidade da mensagem é fundamental. Há muito lixo circulando nas redes em nome de evangelização. A Igreja Católica ainda não conseguiu criar um consenso entre os diversos meios que divulgam suas mensagens para que a qualidade seja resguardada.

Rede de comunidades e redes de comunicação podem e devem se articular, no sentido que uma reforça a experiência da outra. Dessa forma, formação e informação podem caminhar juntas também.

POR ONDE COMEÇAR?

Os documentos de Aparecida e da CNBB falam de setorização paroquial. Pode ser um primeiro passo, assim como a multiplicação de pequenos grupos de reflexão. O importante é não se importar com o número de participantes de cada comunidade. Lembrar sempre: “Onde dois ou três...”. Uma outra metodologia bastante conhecida em nosso meio é o das Santas Missões Populares, que articula muito bem a mobilização

de massas, com grande número de missionários nas visitas de casa e nos momentos formativos, com a formação de núcleos geradores de novas comunidades.

Para isso, é preciso inverter uma tendência que cresceu muito nos últimos anos na Igreja, que privilegia grandes templos e santuários. Voltar ao pequeno, às comunidades, às células, aos grupos de reflexão é caminho necessário para quem quer impulsar uma Igreja nos moldes da rede de comunidades.

Por onde começar? Começar como tudo começou. Exemplo cristalino é o nascimento da Igreja de Filipos, onde o apóstolo é sensível a um pequeno grupo de mulheres na beira de um rio, anunciando-lhes com convicção a Boa Nova e provocando o surgimento de uma Igreja doméstica em casa de uma comerciante da cidade. Esse pequeno núcleo resultou numa das comunidades mais amadas e queridas pelo apóstolo.

E A MISERICÓRDIA?

Acreditar no pequeno, naquilo que pode parecer insignificante, só é possível para quem tem um coração de pobre. Para quem é misericordioso.

É meu vivo desejo que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina. A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos (P. Francisco – *Misericord. Vultus*).

Os pobres se sentem muito mais em casa quando a comunidade pode significar para ele a extensão do seu barraco. Aí ele pode exercer sua liderança, seu protagonismo eclesial. Sendo assim, uma Igreja em rede de comunidades está mais apta para provocar a experiência de um Deus misericordioso, mais próximo e mais fraterno. Nas pequenas comunidades

se desenvolve um vocabulário próprio, facilitador dessa vivência misericordiosa: diálogo, encontro, proximidade, partilha, igualdade, sensibilidade com o outro.

A rede de comunidades tem tudo para desencadear um processo de humanização fecundo entre seus membros, fazendo com que a misericórdia se constitua num princípio gerador de vida em novos moldes de relações. Nas comunidades, os cristãos ganham nome, identidade e história. E tudo isso, permeado pelo relacionamento misericordioso, pode começar a gerar um novo modo de ser Igreja, onde o batismo iguala a todos e os ministérios dele decorrentes são sempre formas concretas de serviço misericordioso entre irmãos.

CURRÍCULO

Atualmente, é professor de Teologia Pastoral e Supervisor de Estágio Pastoral na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte. Professor no Centro Loyola de Belo Horizonte e no CEBITEPAL, órgão do CELAM-Bogotá, na Colômbia. Possui graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (1983) e mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2005).

DE BETÂNIA À VISITAÇÃO: O AGIR MERCEDÁRIO COMO ACOLHIDA E MISSÃO!

Viviane Quênia Brito de Jesus

Para melhor qualificar o agir mercedário, contemplemos duas cenas bastantes representativas do Evangelho de Lucas: Jesus sendo acolhido em Betânia (Lc. 10, 38-42) e a visitação de Maria à sua prima Isabel (Lc. 1, 39-46). São cenas ricas em detalhes e em significação, que têm muito a nos ensinar a como verdadeiramente ser mercedários.

Em Betânia, Jesus encontra seu lugar de refúgio. A casa de Maria e de Marta é o lugar do aconchego onde Ele pode descansar para retomar a missão. Nesse lugar, não se admite inquietações e preocupações. Também não é qualquer lugar. A casa em Betânia, o lugar de descanso, tem Jesus como presença, e sendo Ele o convidado amado, todos os sentidos devem se voltar em sua direção. Os afazeres devem ceder lugar à contemplação da Palavra do Senhor, já que Ele é o Verbo que se fez carne. Essa é a exortação que Jesus nos faz.

Outro ponto importante é que Marta e Maria podem ser compreendidas como as duas faces de nós mesmos: uma que se permite adorar o Senhor e a outra que se empenha em fazer todas as coisas para recebê-lo. Por conta das nossas limitações, podemos cair no erro de nos excedermos em cada uma dessas atitudes: viver apenas absorvendo a Palavra, sem dar frutos de conversão; ou viver no ativismo, sem encontrar o verdadeiro sentido da existência. Nosso exercício é buscar a integração e a retroalimentação entre essas duas atitudes: saborear a Palavra e a presença do Deus vivo para agir e agir para contemplar a obra de Deus.

Na cena da visitação, o encontro entre Maria e Isabel nos traz ricos aprendizados. Maria, fecundada pelo Espírito Santo, é impelida a auxiliar sua prima a melhor viver a condição em que se encontrava: dona de casa e gestante em idade avançada. Maria vai apressadamente ao encontro

do outro necessitado, para ajudá-lo no que for preciso, e não a partir das conveniências de quem se doa. Isabel, por outro lado, ao aceitar a ajuda de Maria e abrir as portas do seu coração, reconhece a ação do Senhor. É na humildade do necessitado que o Espírito Santo se apresenta e enche de alegria todo ambiente.

Também podemos compreender Maria e Isabel como duas faces de nós mesmos: em alguns momentos, estamos na condição de ajudar; em outros, somos nós que precisamos de ajuda. E ao vivenciar a dádiva de Deus em cada uma dessas condições, vamos aprofundando o sentido do dar e receber. Quanto mais sei a importância de um auxílio misericordioso em um momento de aflição, tanto mais serei misericordiosa quando estender a mão para alguém. Maria e Isabel nos ensinam a manter vivo o círculo da reciprocidade.

Nosso agir mercedário deve espelhar o amor misericordioso de Deus ao visitar os cativos para ajudá-los a se libertar das situações que os aprisionam na desesperança da vida. É um agir que se renova no aconchego de Betânia, ao contemplar a Palavra de Deus e se conectar com o sentido mais profundo de todas as coisas. Assim como é um agir missionário que é capaz de ser instrumento da beleza da luz de Deus na vida de outras pessoas, pois sabe experimentar as maravilhas dessa luz na sua vida quando alguém lhe oferece ajuda.

As cenas de Betânia e da Visitação nos colocam na dimensão da nossa humanidade: que precisa se refazer para continuar e avançar; que precisa ser ajudada para saber ajudar. E é a partir dessa condição e tendo a certeza de que Jesus é a luz e nosso alimento espiritual diário que podemos viver plenamente o agir mercedário.

Ficam, então, algumas reflexões para nos acompanhar na nossa caminhada:

- Estou me permitindo acessar a minha Betânia ou estou me deixando ludibriar pelas minhas ações, como se os frutos dependessem exclusivamente de mim?

- Eu proporciono uma Betânia para alguém, sendo acolhedor e um refúgio de paz?
- A exemplo de Maria, a mãe do Salvador, eu estou verdadeiramente indo ao encontro do outro necessitado, ou estou agindo conforme as minhas conveniências no doar?
- Eu estou vivendo o círculo da reciprocidade do dar e receber ou estou posicionado em cima do orgulho e da vaidade, achando que não preciso da ajuda do outro?

Que nosso Senhor Jesus Cristo tenha misericórdia de nós e nos auxilie a imitá-lo no nosso agir mercedário, sendo o aconchego de Betânia e o auxílio da Visitação!

CURRÍCULO

PRINCIPAIS COMPETÊNCIAS: Relacionamento Interpessoal; Articulação Intra e Interinstitucional; Formação de Equipe; Liderança; e Gestão.

MENSAGEM CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER, ARCEBISPO DE SÃO PAULO

São Paulo, 10 de junho de 2019

Reverendíssimo Padre
Frei José Maria Mohomed Junior, O. de M.,

Refiro-me à carta que me entregou em mãos no dia 8 de junho passado, relativa ao II Congresso Internacional Mercedário de Pastoral Paroquial; com a carta, entregou-me também o programa do Congresso, que será realizado em Belo Horizonte nos dias 19 a 22 de agosto deste ano.

O Congresso marca, no Brasil, a passagem dos 800 anos de fundação das Ordem das Mercês e repropõe para os nossos dias o carisma originário do fundador, São Pedro Nolasco. Pelo programa do Congresso, vejo que será um evento significativo e denso. Congratulo-me com os organizadores, desejando pleno êxito à iniciativa.

Lamento informar que, como lhe falei no dia 8 de junho, infelizmente, terei que faltar a esse Congresso e ao convite, que eu já havia aceitado, de presidir a Eucaristia do dia 22 de agosto. Acontece que sobreveio uma viagem minha a Moçambique, onde o Regional Sul 1 (Estado de São Paulo) assumiu um compromisso missionário com a diocese de Pemba, cujo bispo, Dom Luiz Antônio, é um missionário passionista brasileiro.

Estarei em visita aos nossos missionários, presentes naquele país. Também visitarei um grupo missionário da arquidiocese de São Paulo (Aliança de Misericórdia), empenhado entre os pobres de Maputo, capital do país. Meu retorno a São Paulo será no final do dia 21 de agosto, véspera de meu compromisso em Belo Horizonte; por isso, não achei conveniente manter o compromisso no seu Congresso, até mesmo porque poderia haver algum imprevisto no retomo e eu não chegar em tempo. Portanto, comunico-

Ihe logo isso, para que ainda possam ser tomadas as providências cabíveis para a substituição.

Agradecendo sua compreensão, desejo novamente grande êxito para o Congresso e renovadas bênçãos de Deus para a Ordem das Mercês na comemoração do seu Jubileu Octocentenário. Que a Virgem das Mercês os inspire e proteja sempre!

Cardeal Odilo P. Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo

CURRICULO

Nascimento: 21/09/1949

Local: Cerro Largo/RS

Filiação: Edwino Scherer e Francisca Wilma Steffens Scherer

Ordenação Presbiteral: 07/12/1976

Local: Quatro Pontes, Diocese de Toledo/PR

Nomeação Episcopal: 28/11/2001

Ordenação Episcopal: 02/02/2002

Local: Toledo/PR

Posse como Arcebispo de São Paulo: 29/04/2007

Cardeal da Igreja, com o Título Cardinalício de Sant'Andrea al Quirinale:
desde 24/11/2007

Bispo Auxiliar de São Paulo/SP (2002-2007); Secretário-Geral da CNBB (2003-2007); Delegado da Vª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (2007); Secretário-Geral Adjunto da Vª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (maio de 2007); Arcebispo Metropolitano de São Paulo (desde 29 de abril de 2007); Membro do Conselho Permanente da CNBB (desde 2007); Membro da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé da CNBB (de 2007 a 2011); Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, do título de Santo Andrea al Quirinale, no Consistório de 24 de novembro de 2007; Presidente Delegado nas Assembleias do Sínodo dos Bispos de 2008; Enviado especial do Papa Bento XVI para as comemorações do 30º aniversário da mediação da Santa Sé entre a Argentina e o Chile para a solução do conflito do Canal de Beagle, Argentina/Chile (dezembro de 2008); Membro da Congregação para o Clero (desde 2008); Membro do Conselho Ordinário do Sínodo dos Bispos (2008 a 2015); Membro da Congregação para a Educação Católica (desde 2013); Membro da Comissão de Cardeais para o estudo dos problemas organizativos e econômicos da S. Sé (2009 a 2014); Membro do Pontifício Conselho para a Família (desde 2009 a 2016); Membro da Pontifícia Comissão para a América Latina (desde 2009); Membro da Pontifícia Comissão Cardinalícia de Vigilância sobre o Instituto para as Obras de Religião, IOR (2009 a 2014); Membro do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (desde 2010); Presidente

do Regional Sul 1 da CNBB – Estado de São Paulo (2011-2015); Presidente do Grupo de Trabalhos da CNBB para a comemoração dos 50 anos do Concílio Vaticano II (2011-2015); Enviado Especial do Papa e Chefe da Delegação da Santa Sé na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20), de 20 a 22/06/2012; Membro da Comissão de implementação do Acordo Brasil-Santa Sé, da CNBB (desde 2012); Membro do Conselho Pró-Santuário Nacional de Aparecida (desde 2012); Delegado nas Assembleias do Sínodo dos Bispos de 2008, 2012, 2014, 2015; Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (desde abril de 2007); Presidente da Fundação São Paulo, Mantenedora da PUC-SP (desde abril de 2007); Grão-Chanceler do Centro Universitário Assunção (UNIFAI), de São Paulo (desde abril de 2007); Grão-Chanceler do Instituto de Direito Canônico Pe. Dr. Benito Pegoraro, de São Paulo (de 2007 a 2014); Grão-Chanceler da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo, de São Paulo (desde 2014); Membro do Conselho Superior do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã – INBRAC (Rede Vida de Televisão, desde 2009); Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (desde 15/03/2017); Representante da CNBB junto ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), desde maio de 2019; Vice-Presidente do CELAM, desde maio de 2019.

INGLÊS

**II MERCEDARIAN
PARISH PASTORAL
INTERNATIONAL
CONGRESS**

(2019)

GREETINGS TO THE PARTICIPANTS OF THE II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS!

Fr. Friar Reginaldo Roberto

On behalf of the Master General, the most reverend father, friar Juan Carlos Saavedra Lucho, O. de M., and the members of the general government, of whom i am the bearer of a fraternal embrace to all of you, i express my joy in this II Mercedarian Parish Pastoral International Congress Opening, here in Belo Horizonte city, also greeting all the mercedarian and diocesan priests, the consecrated ones, the lay people and the other members of the mercedarian family from various parts of Brazil and the world.

We gather in this Congress aiming at increasingly preparing ourselves for the most complex and profound parish challenges in the small and large cities of our countries.

However, it is necessary to emphasize the importance of communication, information exchange and mainly the organization of congresses not only at the Order level but also at the provincial level.

From Rome, through the General Secretariate for Pastoral care, you can learn about the innumerable parishes where the mercedarians carry out a beautiful pastoral work, which can still be potentialized in quantity and quality, in the light of mercedarian spirituality, the social doctrine of the Church, the pastoral plan of the local Churches, fidelity to the Church's magisterium and ecclesial tradition. My dear mercedarian brothers, the parish is not an NGO (non-governmental organization) concerned with carrying out social actions, many of them ideological; on the contrary, the parish as an canonical-ecclesial institution is called to announce the kingdom of heaven, in view of the greater law of the Church which is *salus animarum*.

In this regard, i would like to emphasize the concrete verification of how rich the mercedarian apostolic-charismatic work is, whether on visits to countries where the Mercedarian Order is present or even through the

dialogue with the parish pastoral secretariate. This charismatic mercedarian performance takes place in various social contexts present all over the globe, demonstrating a beautiful redemptive character developed in parishes, in the prison pastoral, in hospital centers, in the various rehabilitation houses, not to mention the educational projects with immigrants, refugees, the mentally or physically handicapped, indigenous communities and young people with a vocation. Also, in prevention and social reintegration with drug addicts, in human trafficking, with street children, in day care centers and so many other realities linked to our apostolate. In this way, we must realize that the pastoral work covered by the Mercedarian Order is numerous and challenging in this 21st century, given that its redemptive charisma is very current for the whole church.

Therefore, it is clear that the mercedarian presence in the church today is of paramount importance, bearing in mind the most varied forms of slavery of so many brothers, threatened by physical and especially spiritual dangers. Thus, the mercedarian apostolate must be strengthened with redemptive strategies and accurate methodologies of redemptive work. In this sense, i urge you, from now on, to commit yourself to the search for methods to better carry out the redemptive mission.

Finally, i would like to thank some brothers in what concerns the great dedication in the preparation and organization of this II Mercedarian Parish Pastoral International Congress, especially friar John Londerry Batista, Provincial of the Province of Brazil. Thanks to friar Demerval Reis Soares Filho, Pastoral Secretary, in particular to the Members of the Preparatory Commission of the Congress: Friar José Maria Mohomed Junior, fr. Friar Rogério Soares de Almeida Silveira, fr. Friar Elionaldo Ecione e Silva, fr. Friar Francisco Williams Xavier and The Other Religious of the Mercedarian Province of Brazil. Also, i would like to thank the general advisor, friar Manuel Antonio Anglés Herrero, the provincials, especially those ones who are present at the congress: friar Ricardo Guzzo Panasiti, Provincial of Argentina, friar Cesar Iván Gálvez León, Provincial of Peru and the parish pastoral advisors: friar Fernando Ramos Martines of the Province of Mexico, friar Matias Bellanich of the Province of Argentina, friar Fabián Sergio Quiroz Valdenegro of the Province of Chile, friar Jesus Bel Gaudó of the Province of

Aragon, Friar Luis Callejas Rodriguez from the Province of Castilla, friar Samuele Salis of the Province of Italy, friar Miguel Ángel Córdova Velásquez of the Province of Peru and friar Octavio Gonzalez Pineda of the Province of Ecuador.

May the Mother of Mercy and our founder saint Pedro Nolasco help us and encourage us more and more to be instruments of redemption to the captives of these modern times.

Belo Horizonte, august 19, in the year of our Lord, 2019.

II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS (1)

Congress Commission President

It is with immense pleasure that we welcome you all for an experience IN Pedro Nolasco's boat. Today we begin a new stage in this formative process of the mercies which has already covered 801 years. As one with all our brothers and sisters, and also motivated by our General Curia recommendation of the Mercedarian Province of Brazil as the organizer of the II Parish Pastoral International Congress, we continue a constructive process of freedom in view of the original continuity of redemption, as a response to the new forms of captivity present today. Thus, a team was formed in order to work towards this reality.

Our history is deeply marked by the experience of men and women who made their lives a surrender in a deep process of generous love.

UPON receiving St Eulalia's Hospital for a redemptive service, Our Father Pedro Nolasco could not have imagined that IT would become a permanent field hospital, as an explicit place of mercy. By establishing our first house of human care and new relationships, he opened us a specific perspective of respect, affection and deep tolerance for everybody.

Our congress theme is The Mercy of the Lord, which is eternal according to the Psalm 106. The congress commission chose a path that will permeate all the experiences we have had and lived. Wherever a Mercedarian is present, the mercy of the Lord is also present acting and carrying out God's immense care to heal, integrate and make life happen. We are a family of lay men and women, religious men and women and priests who are consecrated to this merciful love which extends all over the earth.

St Eulalia's Hospital Path helps us to make the historical path as our first Big House. The Mercedarian Heart was already born enlarged "*Dilatatis Cor Meum*" (Ps. 118, 32). When we look at the present time, we can see that our

parishes - our big houses - are already a place of deep fulfillment of merciful love, facing the new challenges at the present time and current reality in the existential, social, economic and political peripheries.

The II Parish Pastoral International Congress coordinating team believes that a parish should be a unique place to exercise mercy which combined with planned actions of evangelization is going to radiate God's mercy thus reaching the existential peripheries as the Church under the guidance of Pope Francis asks us. (Congress Leaflet).

The congress is going to be then built on fidelity to all this affective, creative and thinking human reality in a new means of broadening horizons to our Parish Pastoral, as a constructive challenge in order to observe the evangelical faithfulness path.

Subsequently, we are going to look at the historical path, the place of transformation that St. Eulalia of Barcelona's hospital is in the historical setting. It has become in our parishes a true "field hospital", a place where Mercedarians, both men and women, learn to welcome, to love, to serve, to cure and to integrate all realities in a project of freedom.

Given the biblical-catechetical experience, we wish to offer a reflection on the dynamics of the two great Episcopal Conferences for Latin America, as a support to redemptive love through the captivity peripheries perspective and even discovering new options for committing ourselves to merciful love for humanity. Cultivating a charisma of mercy that opens our hearts to our integral liberation as an offer proposal to be given to every human being around us. Acting in deep awareness in fidelity and conscious identity to the point of linking ourselves to the innermost part of the welcoming capacity.

Four workshops will be provided in this congress helping all of us to have specific dimensions of working in different courses of action. Being completely unbiased, we place ourselves in the same perspective that motivated the redemptive work since its beginning. For us, collections are a specific place for exercising critical and creative citizenship. The goods are not ours: they belong to the captives.

Free in all human dimensions, we transform ourselves into hope and life communicators for everyone. We will never let ourselves be dominated by the oppressive means: we will be heralds of a relational truth that will set us free instead.

Our parish is everyone's home. So, it must increasingly be a network of communities from where we can radiate mercy as a "field hospital" translated into gestures of mercy. Each welcoming space must lead to a meaningful encounter that goes from "Bethany" to the "Visitation".

The path of our Mercedarian way in this capacity to always learn from the Lord of Mercy the experience of a new option facing the new peripheries of captivity should aid our broader and more explicit look given that in our parish communities we have worked in favor of human life.

Our work is not only linked to political, social, canonical nor functional structures. We may surely take this risk, and we must do it completely, for since Pedro Nolasco we have been a "living field hospital" being practiced in the hosting love mystery ministry.

Our congress aims at opening perspectives and experiences for this creative thinking that promotes human dignity. Fr. Friar Manuel Anglés, General Councilor, is invited to reflect on the historical steps of this process, expanding our knowledge from the "St. Eulalia of Barcelona's Hospital" to the steps of Pope Francis. Our authentic parish is a hospital of mutual care and attention in redemptive love. We understand that all Mercedarian work is a parish of humane care.

Father Luís Henrique Eloy e Silva, as special envoy of the Archbishop of Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, who due to reasons beyond his control will not be able to join our congress, will offer us a reflection on mercy in the Sacred Scriptures. At that moment, we are called to put our eyes, hands and feet on this merciful march that takes place in creative fidelity and singular immersion to human situations that require a significant merciful love for us.

Father Paolo Parisi C.S., who has a unique experience on this redemptive path, is going to tell us about his experience on being welcomed into this “effective care hospital” in time and history at the first night of our congress.

The first two episcopal conferences for Latin America helped us to take significant steps towards faithfully following Jesus Christ from the perspective of the Second Vatican Council. Therefore, a closer look at them is demanded. Professor Sérgio Coutinho, Ph.D. will present us the developments in Medellín and Puebla in the peripheries of captivity. After checking the founding experiences and the paths of analysis through the Word of God in this second day, we are called to take steps following the steps taken by the people of God in history.

We will have a tour to the Sanctuary of Our Lady of Piety to celebrate as one a free look with greater scope as a gesture of love from the Mother who welcomes her child in her arms.

Dom Geovane Luís da Silva, auxiliary bishop will preside at the Eucharist. He is a special envoy of Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Metropolitan Archbishop of Belo Horizonte, who is on the Permanent Council of the Episcopal Conference of Brazil.

After the Holy Communion, there will be some time to explore a board with the works which have already been created from the “redemptive campaigns. 801 (eight hundred first year) must be a milestone for investing in the redemptive future. I do invite you to enjoy the tour, the coexistence and the cultural moment.

The third day of our meeting will be a path to the thematic workshops previously chosen by the participants. Through the interaction between the groups, the participants will be able to experience specific dynamics that will help them understand paths and options to work in our Mercedarian communities as an intense “hospital” where the mercy of the Lord continues to be radiated to enlarge, remember, and recognize that there is a house of welcoming, love, fidelity and innermost mercy in every Mercedarian work.

Our congress has been conceived dearly by the team that was called to make this achievement real in history. We are all brothers in here, coming from different places and diverse backgrounds. One day our Mother of Mercy brought us together: religious man and women, priests, lay men and women: here we are to continue this process of transformation in history today.

Let's believe in this congress! Let's make it real in our lives! We are the protagonists of our time. Let us make this coexistence, even though in the midst of linguistic differences, a place of peace and let us communicate to those who were unable to attend the joy of building and constituting a time of reflection, prayer and discernment for the most integral commitment possible in our work of mercy. Each space where a Mercedarian is located is a parish, that is, a "welcoming house" or a "field hospital". Be no Mercedarian site left out. Each one of us brings here a story of merciful love.

The adventure in "Nolasco's boat" at "Saint Eulalia's Hospital" or in the "Field Hospital" will be led by a single Master, Jesus the Redeemer of Humanity. He urges us to take significant steps, giving us a Mother for every moment, and, as brothers and sisters in mercy so that we are able to not only to walk specifically in this congress but also in all the paths that may arise in time and in history, so that our parishes are places of hope, joy, peace and full healing of every human person. I strongly suggest us to tell the ones who are not attending this congress everything we are going to do and live in these days.

I truly thank all the participants that committed themselves to this congress.

May it be a peaceful time to everyone.

II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS GUIDELINES

Dear participants,

- We truly acknowledge your participation. Here are the directions so that the congress activities may happen as scheduled. If you need any help or assistance, please talk to the coordination team.
- You have received an official congress bag with a badge, a prayer booklet, a pen and some letterhead. Do keep yourself organized.
- We have a defined schedule. We kindly ask you to be on time so that the congress may magnificently happen.

Finally, this is our team:

PROVINCIAL – Friar John Londerry Batista and Friar Demerval Reis (Parish Provincial Adviser).

COORDINATION – Friar José Maria Mohomed Junior, Friar Demerval Reis Soares, Friar Elionaldo Ecione Silva, Friar Rogério Soares and Friar Francisco Williams Xavier.

LITURGY – Friar Willian Cosme da Silva and postulants

SECRETARIAT – Friar Werlen Lopes da Silva and Friar Jociel Batista de Carvalho

WELCOMING – Friar Rogério Soares, Friar Francisco Williams and postulants.

MUSIC AND ENTERTAINMENT – Friar Inácio José Tadeu R. Martins

FINANCIAL – Cláudia Mariane and Friar Jociel Batista

FIRST AID CARE – Maria do Amparo.

COMMUNICATION – Rodrigo Sales

INTERPRETERS – Daniele Ocampo (Spanish); João Luís Saraiva (Portuguese)

II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS (2)

Fr. Friar José Maria Mohomed Júnior
Congress Comission President

Greetings and peace!

A new day has dawned! *Bom Dia!* Good Morning! *Buenos Dias!*

Welcome to this path of hope and peace. I hope everyone is well and open to what God will show us on this day.

We will have plenty of work in the redemptive service day. This day reflection will be guided by a historical axis, recalling paths previously traveled. From “Saint Eulalia of Barcelona’s Hospital” (13th century) to “Pope Francis’s Field Hospital”.

This theme has been chosen as a specific care of our time to understand how our homes are authentic homes of human integration and care. Some call them hospitals, parishes, convents, welcoming house and even meeting houses. We increasingly wish to observe the house itself, which in the dynamics of history, has been a profound residence of merciful love.

The development of this work was entrusted to our Mercedarian Brother from the Mercedarian Province of the Immaculate Conception. Fr. Manuel Anglés Herrero, O. de M., a Mercedarian religious, began his journey among us when he joined the Order and being already professed, received a Bachelor’s Degree in Church History in Valencia (Spain). Currently, he is the Mercedarian Order Government Secretary-General. His simplicity and his love for the Virgin of Mercy has brought him here to help us learn about time steps and the history of our religious family. We do hope we are able to enjoy this time and this affective human experience in the home of all of us. Our agenda is organized in four parts, following the established timetable found in your folders. Conferences, resonances, study and improvement will be

today's path. Father Luís Henrique Eloy e Silva, presbyter of the Diocese of Campanha, Minas Gerais, Brazil, will provide us a biblical reflection on the *Misericordiae Gaudium: When shoulders and hands become arms in the embrace*. He holds a doctorate in biblical science from the Pontifical Biblical Institute in Rome.

Fr. Friar Reginaldo Roberto Luiz, who is the General Adviser and responsible for the Parish department of the Order, will preside the Eucharistic celebration at the end of the day. After dinner, at 8:00 p.m., a case study which displays a true parish experience from São Paulo, Brazil will be presented. The reflection and presentation will be led by Father Paolo Parisi, C.S.

Do let the brothers in our provinces know about what we will have lived today. I wish everyone an effective participation in this congress. May we experience this day in deep fidelity to the merciful love that was made Mercy of God for us all.

II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS (3)

Fr. Friar José Maria Mohomed Júnior
Congress Comission President

Dear Participants,

Buenos Dias! Good Morning! Bom Dia!

We have already made a historical journey of participation and understanding of the reality initiated by our Father St. Peter Nolasco. The joy of seeing the “Field Hospital” being presented as the great parish of Mercy, which has been led by so many who loved Jesus until the end and have given their lives for everyone.

Let us remember our Martyrs of all time. Let us remember our saints who defended faith, love, mercy, tolerance and harmony among peoples as a gesture of welcoming in all our homes, which are for us a “Mercy Hospital”.

The ecclesial experience opened an unfathomable gap for creativity and reflection. After the Second Vatican Council, the historic construction of the Medellín and Puebla Conferences was extremely important. The historical event is linked to time, not to reflection. Just like Professor Sérgio Coutinho, who holds a doctorate in Church History, we are called to a more intelligent reading of the texts in view of our liberating work. Reflection is a source of approximation in this “field hospital”. Let us be guided by the wisdom of the text, by the theological approach and especially by the friendship that the professor has with our family. He is also a Mercedarian, since the grounding of the baptismal faith. Moreover, his family have been Mercedarians for many years.

After the morning studies, we will head to Serra da Piedade (Piety Hill), a State Sanctuary in Minas Gerais State, Brazil, where we are going to

celebrate the Eucharist. Our departure time will be at 1:00 p.m. Please be on time so that everyone is able to joyfully enjoy this unique moment.

Serra da Piedade is a geological formation located in the Brazilian municipality of *Caeté*, State of *Minas Gerais*, Brazil. It is 1,746 meters high and is nothing but an extension of *Serra do Curral* (Pen Hill), a ridge that stretches across the central area of the state, limiting the so-called Iron Quadrangle. *Serra da Piedade* has been mapped since the beginning of the 17th century. Lourenço Castanho Taques is considered the pioneer explorer of this region, as stated in the Royal Charter on March 23rd, 1664, for the discovery of the “*Sertões de Caeté*”. In fact, *Serra da Piedade* is also known as *Serra do Sabarabuçu* and, therefore, is linked to the legends of silver mines, which since the end of the 16th century encouraged adventurers who believed that there were abounding silver deposits in the area as in Potosi, Peru. The only historical building preserved to these days is the Chapel of Our Lady or Piety which is located at the top of the hill. It took about 66 years to be built, from 1704 to 1770.

Adapted from: www.wikipedia.com. Access on 07/23/2019.

After the Holy Mass we will have the chance of interacting with the Provinces redemptive works of mercy and to look at the next Redemptive Campaign. This will take place in a meeting house in *Serra da Piedade* too. Following this, there will be dinnertime and a cultural moment. Finally, we will return to the meeting house.

I hope you have a pleasant day full of great surprises. May the reflection on this day spark on us an unequivocal commitment to the desire for freedom and for the promotion and integral liberation of every human being. May love and peace be established among us. Let our Mercedarian friends and brothers know what we have been living these days so that everyone may join us in this experience of fraternal and Mercedarian life.

II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS (4)

Fr. Friar José Maria Mohomed Júnior
Congress Comission President

Dear Participants, *Buenos Dias!* Good Morning! *Bom Dia!*

Significant steps have been taken in our congress up to this moment in our history of coexistence and experience in our most integral formation. Given the present historical observation, which since the beginning has been in a hospital as caretakers of people and lives in provocation of freedom, we find ourselves in our parish works as if we were in an immense “field hospital”, as Pope Francis said. Our Father St. Peter Nolasco, after the Marian inspiration and the gaze of mercy as he reported and prayed in Psalm 106, opened us a vast field for the integral promotion of human life.

Time and history have given us unrestrained creativity. Even when human, economic, existential circumstances and disaffections occurred and almost prevented the Mercy of God from expressing itself in history, several factors also helped to take more significant steps of mercy. Let us think of the great missionary works that emerged from the primary experience of convent life. Works of mercy have always been present in our midst. Missionary charisms became active. They are merciful love workshops.

I would like to highlight some missionary names: Dom Inocência López Santamaría - Servant of God, Mother Lucia Etchepare, Venerable Maria del Refugio Aguilar, Blessed Margarita Maria Maturana, Blessed Juan Nepomuceno Zegri, Fr. José León Torres, Servant of God, Lutgarda Mas i Mateu, Fr. Francisco de Jesus Bolaños - Servant of God, Fr. Juan Gilabert Jofré - Servant of God, Mother Teresa of Jesus Bacq, Fr. Antonino Pisano - Servant of God, Fr. Pedro Urraca - Servant of God, Fr. Manuel Cereijo and fellow Martyrs, Blessed Fr. Mariano Alcalá and fellow Martyrs. They were men and women who operationalized a specific place of merciful love in history.

Today we are the builders of hope in the midst of so many challenges. Our redemptive collection speaks of a liberating commitment to an affective and effective action of history. Fr. Friar Fernando Henrique M. Brito, O. de M. will help our attendees to make more coherent decisions in favor of concrete works and creative love for the neediest brothers. Cristina Cunha will help us in a specific communication work of promoting the freedom of what we want and should convey. The removal of dignities in the form of “fake news” has provoked us to rethink our language and human approach every day. Viviane Kenya will place us in social and emotional places of divine communication, a communicative site of welcoming and mission. Father José Godoy has worked tirelessly in a parish movement that can increasingly radiate mercy through this network of communities, the Brazilian episcopal documents have suggested.

In sum beloved participants, our day is busy as we will work, listen, coexist and improve for a project of freedom in favor of people around us who provoke us to be increasingly the Mercy of God for a humanity thirsting for justice and peace.

I invite you to savor these experiences of sharing and to be open to the mystery of God’s love through individuals committed to human promotion to the effective development of people.

The workshops are gates for creative possibilities devised by the organizing committee of the congress, so that you can have experiences, share options and find specific paths to work in the “field hospital” that we call parish.

At the end of this day, we are going to have the closing act of our congress. On this day, our Eucharist will be presided at by the Provincial Fr. Friar John Londerry Batista, O. de M.

We thank in advance Dom Odilo Pedro Cardinal Scherer, Metropolitan Archbishop of São Paulo, who is present through a missive, as commitments from the Episcopal Conference prevented him from being here with us.

May this be a day of deep coexistence and joy!

CLOSING ACT OF THE II MERCEDARIAN PARISH PASTORAL INTERNATIONAL CONGRESS (5)

Fr. Friar José Maria Mohamed Júnior
Congress Comission President

Dear Participants,

We have come to the end of another congress organized by the Mercedarian Order, our Order, our family. Many lights were present at this congress. It is clear and evident that many shadows also were. We have to continuously be mercy at the places where we live. We must continue spreading the work of mercy that is in our hands.

Thanks not only to those who attended but also to the ones who stayed in our provinces and communities, watching over and promoting the experience of our “field hospital”. You will certainly leave this congress with a heart replenished with new experiences. Let’s keep sharing redemptive love wherever we go.

We hope to celebrate and live. Our Mother of Mercy has been with us at all times. Our Father Pedro Nolasco is an icon of light always shining to help us in historical disagreements. Christ the Redeemer is our model of generous and faithful love for a humanity thirsting for peace.

Once again, true gratitude for everyone who were able to come, making their journey from close and far places so that we could be united in human development. May our communication and language be increasingly effective and affective towards all captives. We are here for them.

Best Regards my dear brothers and sisters!

“THE MERCY OF THE LORD IS ETERNAL!” (PSALM 106) FROM THE PARISH EXPERIENCE TO THE EXISTENTIAL PERIPHERIES

Opening Act – Fr. Friar Demerval Reis, O. de M.

The II Mercedarian Parish Pastoral International Congress starting point is to celebrate the merciful action of God, in human experience, as a source of life and restoration for those who believe, pointing out new paths and a new historical moment. Our theme is the mercy of the Lord is eternal! (Psalm 106) – from the parish experience to the existential peripheries.

In 2019, the Order of Mercy has just turned eight hundred and one! Despite the years, we are still enveloped in a spirit of gratitude and joy motivated by the events held in the various provinces around the world, which point to a *new time* that begins with the celebration of this anniversary of the mercies. Therefore, holding this congress adds to this celebratory spirit the opportunity to look at our charismatic redemptive apostolate, rescuing the original experience, but also looking at the near future in response to the new forms of captivity present today.

Psalm 106 testifies to the historical weaknesses of the people of God and their infidelities in the face of the covenant made with God, whose mercy will always be offered to this people so that they may convert and walk again under God’s loving gaze. The psalmist proclaims a succession of ingratitude and confesses the sin of the people to the faithful God, who is always ready to offer his love to redeem and save his favorite and loved ones.

As God’s people on the road, we want to continue to experience Lord’s eternal mercy that encourages us to go ahead, despite weaknesses and inconsistencies. We believe that parishes are privileged places for the exercise of mercy and through evangelizing actions from them we can radiate it, reaching the existential peripheries as the Church under the guidance of Pope Francis asks us in our time.

The itinerary to be followed in these meeting and reflection days will be:

1. Historical axis: From Saint Eulalia's Hospital in Barcelona (13th century) to the "field hospital" of Pope Francis.
2. Biblical-catechetical axis: Mercy in the Sacred Scriptures and the Church experience in Medellín and Puebla: Mercedarians on the outskirts of captivity. We will also have a board with works of mercy led by the different Provinces of the Order.
3. Pastoral axis (workshops):
 - a. "The Collection of Redemption and the Use of Goods" – A historical review of the collection of redemption carried out by the Order of Mercy and its meaning as a living expression of the sharing of goods in favor of captives of all time;
 - b. "The Truth Will Set You Free" (Jn 8:32) – for a liberating and merciful communication – The challenge of a free and liberating communication, given the current scenario dominated by fake news and the context of mistrust. Discover the processes of construction of fake news and ways to combat them;
 - c. "The Parish as a Network of Communities Radiating Mercy" – Understanding the Parish as a network of communities based on a missionary experience translated into gestures of mercy;
 - d. From "Bethany" to "Visitation" - Experience Mercedarian life as a place for welcoming and mission in the light of the Gospel images of the House of Bethany and the encounter between Mary and Elizabeth.

So, throughout these days, we want to profess our faith in the mercy of God who was, is, and always will be together with all the captives He has set free by his love. Following Christ the Redeemer of humanity and inspired by the original charisma of St. Peter Nolasco, let us continually ask for the protection of the Virgin of Mercy, comfort for captives and mother of redeemers. May our view broaden in these awe-inspiring highlands, and let us glimpse a "beautiful horizon" where all are free, in the love of the Lord and in the works of our brothers and sisters.

A MESSAGE FROM DOM WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO ARCHBISHOP OF BELO HORIZONTE

Dear brothers and sisters,

With gratitude I truly wish you all health and peace!

The II Mercedarian Parish Pastoral International Congress proposes a very important reflection on its theme. Reaching out to people in places far from not only geographical but also existential peripheries is the duty of our Church. A task entrusted to us by the Master Jesus when he said: “Go into all the world and preach the gospel to all creation”.

The Word of God is hope as it brings a special light to the hearts of everyone and strength to humanity to face its many challenges. Bringing those who are far away suffering from exclusion, poverty and different forms of discrimination means increasingly putting into practice the model of Church proposed by Pope Francis: a Church on the way out, hospitable, a field hospital.

It is a noble and beautiful task, already undertaken with enthusiasm by the religious ones from the Order of Mercy, who testify with passion to faith in the Risen Christ. Always cultivating this missionary zeal is necessary. Thus, I thank you all who are gathered at this congress for your dedication to the Church and the proclamation of the gospel.

I rejoice in the beautiful 801-year, eight-century history of our beloved Order of Mercy. I join the Mercedarian family participating in it to celebrate this journey of so many traditions and achievements always at the service of God’s people.

May Mother Mary, Mother of Mercy, intercede for us all. May Christ the King bless us immensely. May you all receive my fraternal greetings with appreciation and friendship.

RESUME

Dom Walmor Oliveira de Azevedo is the Metropolitan Archbishop of Belo Horizonte. He holds a doctorate degree in Biblical Theology from the Pontifical Gregorian University (Rome, Italy) and a master's degree in Biblical Sciences from the Pontifical Biblical Institute (Rome, Italy). He studied Philosophy at the Archdiocesan Seminary of Santo Antônio (1972-1973) (Juiz de Fora, Brazil), and at the Dom Bosco Faculty of Philosophy, Science and Letters (1974-1975), (São João Del-Rei, Brazil). From 1974 to 1977, he studied theology at the Archdiocesan Seminary of Santo Antônio, also in Juiz de Fora. In 1977, after being ordained a priest, he was incardinated at the Archdiocese of Juiz de Fora, Brazil. He was the Parish Priest of Our Lady of Conception de Benfica Parish (1986-1995) and of Parish of the Good Shepherd (1996-1998); He was also the coordinator of the Pastoral Region of Our Lady of Lourdes (1988-1989); Archdiocesan coordinator of Vocation Ministry (1978-1984) and dean of the Archdiocesan Seminary of Santo Antônio (1989-1997).

As an academic, he taught Biblical Sciences, Theology and Logic II and coordinated the courses in Philosophy and Theology. In Belo Horizonte, he was a professor at PUC-Minas University (1986-1990). He also taught in the Masters in Theology at PUC-Rio University (1992, 1994 and 1995).

From Salvador to Belo Horizonte

Appointed Auxiliary Bishop of Salvador (Bahia, Brazil) by Pope John Paul II on January 21, 1998, he was ordained by Cardinal Dom Friar Lucas Moreira Neves, O.P. on May 10, 1998. Six years later, in 2004, he was nominated Metropolitan Archbishop of Belo Horizonte by Pope John Paul II. The beginning of his ministry was on March 26, 2004. In October 2008, Dom Walmor was chosen to be one of the four representatives of Brazil at the XII Ordinary General Assembly of the Synod of Bishops in Rome.

He was appointed by Pope Francis a member of the Congregation for Oriental Churches in February 2004. Since 2010, he has been a reference to the catholic faithfuls of the Oriental Rite residing in Brazil and deprived

of an ordinary of the rite itself. Dom Walmor has also been a member of the Congregation for the Doctrine of the Faith since 2009. At the CNBB, the Archbishop presided over the Commission for the Doctrine of the Faith during fiscal years 2003-2007 and 2007-2011. CNBB – Minas Gerais and Espírito Santo. He is a member of the Minas Gerais Academy of Letters and Honorary Citizen of Minas Gerais and also of Caeté, Ribeirão das Neves, Contagem, Nova Lima, Santa Luzia and many other cities in Minas Gerais. Dom Walmor was also awarded Dom Luciano Mendes de Almeida Commendation, from the Archdiocesan Faculty of Mariana, and the title of Doctor Honoris Causa, from the Jesuit Faculty of Philosophy and Theology (2012). He was elected the president of the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB) on May 10, 2019, during the 57th General Assembly of Bishops, for the 2019-2023 quadrennium. Dom Walmor was born on April 26, 1954, in Cocos, Bahia, Brazil.

Adapted from: <https://arquiocesebh.org.br/arquiocese/organizacao/governo/dom-walmor-oliveira-de-azevedo/> - Access on: 12-09-2019.

SCHEDULE OF THE II INTERNATIONAL MERCEDARY CONFERENCE OF PARISH PASTORAL

08/19/19

3:00 PM Registrations – Check-in

6:00 PM Dinner

8:00 PM Prayerful moment (liturgy team)

- Opening - Councilor Provincial - Brother Demerval Rei, O. de M.
- Composition of the board: General Councilor of the pastoral ministry, Provincial of Brazil, Archbishop of Belo Horizonte; President of the Conference Organizing Committee; Provincial Councilor for the pastoral ministry.
- Initial greetings: General Councilor, Provincial of Brazil, Archbishop of Belo Horizonte, President of the Organizing Committee.
- Prayerful moment (liturgy team)

10:00 PM Rest

08/20/19

7:00 AM Awakening 7:30 AM - Coffee

8:45 AM Prayerful Moment (Liturgy team)

9:00 AM Conference Brother Manoel Anglés, O. de M. (General Councilor)-
From Santa Eulália Hospital in Barcelona (13th century) to Pope Francis' "field hospital".

10:00 AM Break

10:30 AM Conference Brother Manoel Anglés, O. de M. (General Councilor)
- From Santa Eulália Hospital in Barcelona (13th century) to Pope Francis' "field hospital".

- 11:30 AM Resonances - Brother Manoel Anglés, O. de M. (General Councilor)
- 11:45 AM Break
- 12:00 PM Lunch
- 2:00 PM Entertainment
- 2:30 PM Conference - Pe. Luíz Henrique Eloy e Silva: *Misericordiae Gaudium*: when the shoulders and hands are arm in arm - for a rereading of the doctypical unity of Lc15. Special envoy from Archbishop of Belo Horizonte.
- 4:00 PM Break
- 6:00 PM Eucharistic Celebration – Fr . Brother Reginaldo Roberto Luiz – (General Councilor)
- 7:00 PM Dinner
- 8:00 PM Presentation of a “Case” – Fr. Paolo Parise, CS. – (Nossa Senhora da Paz Parish Priest - SP)
- 10:00 PM Rest

08/21/19

- 7:00 AM Awakening
- 7:30 AM Coffee
- 8:45 AM Prayerful Moment
- 9:00 AM Medellin and Puebla: the Mercedaries in the peripheries of captivity - Prof Sergio Coutinho – Doctorate degree in History (UFG); History teacher (UPIS) - Brasília - DF
- 10:00 AM Break
- 10:30 AM Conference – Prof. Sérgio Coutinho.
- 11:45 AM Break
- 12:00 PM Lunch
- 1:00 PM Departure to Serra da Piedade
- 3:00 PM Eucharistic Celebration
- 5:00 PM * Panel of works of mercy of the provinces Conference - Brother

Frei Demerval Reis Soares, O. de M. * Cedeeming Campaign
2018/2019 - Brother Manoel Anglés, O. de M. (General Councilor)

7:30 PM Cultural Dinner

9:00 PM Departure to Belo Horizonte

10:00 PM Rest

8/22/2019

7:00 AM Awakening

7:30 AM Coffee

08:45 AM Prayerful Moment

09:00 AM Workshops

- a. Collection of Redemption and the use of goods – Brother Fernando Henrique – Provincial Councilor.
- b. “The Truth shall set you free” (Jn. 8,32) – For a liberating and merciful communication – Cristina Cunha – Salvador-BA
- c. The Parish as a network of communities radiating mercy – Fr. José Manoel de Godoy – Faje.
- d. From “Bethany” to “visitation” - the mercedary acts as a welcome and mission - Viviane Quênia – Salvador - BA

10:00 AM Break

10:30 AM Workshops

12:00 PM Lunch

2:00 PM Song animation

2:30 PM Cloistered Act

4:30 PM Break

5:00 PM Eucharistic Celebration – Monsignor Odílo Pedro Cardinal Scherer – Archbishop of São Paulo – Vice President of Celam.

6:00 PM Dinner.

08/23/19

07:00 AM Awakening

07:30 AM Coffeee despedida.

08:30 AM Check out

FROM SANTA EULALIA HOSPITAL TO FIELD HOSPITAL THE MERCY OF THE LORD IS ETERNAL

Por frei Manuel A. Anglés Herrero, O. de M.¹

Introduction and greetings. The historical - theological - pastoral keys

1. The Hospitality: *hospitium, hospitalitas et hospitale*
2. The mercy. The heart of our God
3. The historical key: The Santa Eulalia Hospital of Barcelona: 3.1-. Before Peter Nolasco
 - 3.1. With Peter Nolasco
4. Captive Alms Foundation
 - 4.1. Foundation and endowment (the *Almoína*)
 - 4.2. the new home: the new Santa Eulalia Hospital
 - 4.3. the name and title of Peter Nolasco and his work the importance of lay people and sisters.
5. Mercedary hospitals (Arguines, El Puig)
6. The Juan Gilabert's Innocent Hospital (1490)
7. New World Hospital – Dry Land (Bull of Pius V: 1572-01-13) Conclusions of the first part
8. The theological key: through the tender mercy of our God
 - 8.1. the mercedary action: redeeming hospitality.
9. Pope Francis' pastoral key: field hospital.
10. Pastoral Challenges of the 21st Century Mercy.

Bibliography

1 Resume available on page 78

INTRODUCTION AND GREETINGS TO THE HISTORICAL - THEOLOGICAL - PASTORAL KEYS

Good morning! We gather to take part in this Second Mercedary Conference of Parish Pastoral that brings us to this city of Belo Horizonte, with the purpose of reflecting together on the parish pastoral key, against the background of something important such as mercy.

It always draws my attention, as I reflect on the Order of Mercês, an old Castilian saying, that goes: “the mercedaries are few, but they do it well.” And that saying was not invented by us.

Along with this little joke, when we get to know the Order of Mercês we discover a multitude of charismatic, assistential and charity works... almost endless. Recently, during the canonical visit of the General Master of the Order of Mercês, Brother Juan Carlos Saavedra Lucho, and a servant to this province of Brazil, we were impressed by the variety of initiatives that each of the communities and mercedary presences performed. Almost endless. And in all possible fields.

What has caused this proliferation of redemptive mercenary charity, this mercy with the most needy in society?

A few years ago (before the year 2000), it was reflecting on the search for a common work that would identify the mercedaries around the world. And I think I am not wrong in saying that this charismatic work was not found.

And I think it's very good. Because one thing is the charism of the redemption of the captives, which is the gift that St. Peter Nolasco received and the grace that is being transmitted to the Order from generation to generation, and another thing is the concrete works with which it is performed and made reality concrete to the action of the Spirit. And it is that the works of Mercês arise from the mercy bestowed by the Father through the Holy Spirit in all who take part in the charism and mercedary spirituality.

This initial reflection arises from a historical approach from the beginning of our being and mercedary tasks. And there is no doubt. It is up to us to ask some questions and to move forward in search of answers. Because, although history is important, the context in which we find ourselves is a pastoral context and history shows itself as a servant of this ideal that has been presented to us.

There are several elements that we must consider and which we will try to clarify.

First, because the Order of Mercês finds its deepest identity in being a redeeming order; that is, called by God - sent to the redemption of the captives, men (in its broader sense, without gender) ended up in the hands of enemies who have a different religion, and who were also subjected to slavery. The two elements: religious and social intersect and relate in the definition of captive.

We have therefore a redeemer order, which devotes most of its efforts to the release and redemption of the captives.

Secondly, it is an order of great presence of lay people, not lacking religious, clergymen, but at least in the initial moments, their presence is very small. And it turns out that we are in a conference of parish pastoral, where the presence of clerics seems at least initially important. Parishes are not formed without the presence of clerics, although the vast majority are lay people. A very interesting relationship is thus established and must also be approached from other perspectives.

And thirdly, we are dealing with a reality that perhaps escapes us, because it belongs to the origins of Mercês: hospitality, as a space and reference to the Order of Mercês itself, called "Santa Eulalia hospital".

These three elements come together and merge with Mercê throughout its history: redeeming, parochial and hospitable, and converge on today.

This historical perspective, as we shall see, is based on a theological key: divine mercy (which also gives this conference its title), which is born

from the vital experience of Peter Nolasco, is already configured in the 1272 Constitutions since the Forword (God , the father of mercy and giver of all consolation), and through the mercedary charism comes to present day.

And the theological key (along with this historical key) finds in Pope Francis's pontificate his convenient pastoral key: the Church (Mercê) as a field hospital. This pastoral side, promoted since the beginning of his pontificate, overflows huge part of the Church's vision as a place of communion, as a community in progress, and as an establishment in the middle of the world with the fragility of the campaign tent, as a hospital, as servants of the wounded humanity.

Without even entering into the subject of the conference, we realize the depth of the pastoral approach that, from the missionary parish keys, we are glimpsing, and the possibilities it offers to the mercedary path, which will require deep processes of discernment to respond to the Church's call to us.

1. THE HOSPITALITY: *HOSPITIUM, HOSPITALITAS ET HOSPITALE.*

We will take as a reference two dictionaries of the Spanish language, in their free translation into Portuguese.

The twentieth edition of the Dictionary of the Royal Spanish Academy (1984) and María Moliner's Dictionary of Spanish use (1994), in its 19th reprint.

RSA: hospice (from the Latin *hospitium*). m House intended to house and accommodate pilgrims and the poor // 2. Action and effect of hosting someone // 3. Hostel of religious communities. // 4. Asylum in which poor, maintenance and education are given to poor, exposed or orphaned children.

RSA: hospitality (from the Latin *hospitalitas-atis*). f. Virtue conducted with the needy and disadvantaged pilgrims, gathering them together and providing them with the necessary assistance in their adversities. (it has two other meanings).

RSA: hospital (from the Latin *hospitalis*). m. Friendly and charitable with guests. // 3. Facility where the sick are healed. // 4. House that serves to collect the poor and pilgrims for a limited time.

MOLINER: hospice: House where they sheltered pilgrims and beggars by alms (current meaning). Asylum for poor, orphaned and abandoned children, with the support of the provincial council in each provincial capital. (There are still two other meanings)

MOLINER: hospitality: Quality or attitude of hospitable.

MOLINER: hospital: (from the Latin, *hospitale*, derived from *hospes-itis*: guest). Facility where the sick are helped; this name is given to those who give free help to the poor, the military, etc., because when such facilities arose this type that received payment, they were given other names to distinguish them from the traditional ones of this characteristic. House where sick and pilgrims were welcomed for a limited time.

If we retain some of the data provided by these dictionaries, we will immediately enter into the work that the mercedaries were developing since its beginning and which, as fresh water springs, come to the present day, marking renewal rhythms and itineraries.

There may be several keywords:

- House place and space
- Welcoming vital attitude
- Gratuity service that lends itself
- Poor / sick / pilgrims (captives) beneficiaries.

2. MERCY. THE HEART OF OUR GOD

This is not the time to show how mercy is the key to understanding Peter Nolasco's life and his commitment to give his life for the captives; but at least we should highlight it, even indirectly, because otherwise we cannot capture the charismatic intuition that over time has become a redemption vow, to give one's life for the other.

The drama of captivity in the thirteenth century, in which Peter Nolasco's life develops fundamentally, constitutes a profound wound that marks the medieval society and the life of the Church. The continuing wars, piracy in a border society between Islam and Christianity caused a multitude of captives on both sides, who became part of the victor's spoils and slave labor, and therefore cheap, as well as wives and warriors.

A situation that, from a Christian point of view, responded by not being able to live the freedom of the children of God, conquered by the blood of Christ (Gal 5:1), with a real danger of apostasy and therefore loss of eternal salvation. Therefore, the two plans, temporal and eternal, came together and, in favor of the freedom and dignity of the children of God, begin to look for ways to promote redemption. Prior to the redemptive orders of Trinity and Mercês, city councils sought the help of merchants and travelers who could contact them across borders and seeking freedom. But for that money was needed. This is a very important matter: the goods of redemption.

Our reflection on mercy begins in the heart of our God. Only from this worldview of a merciful God is that one can understand the vital option of Peter Nolasco and many others before him, and those who have been led to live like this.

It was not possible to cover everything. I point out some texts that are significant about mercy. Of the many that are in the course of sacred writing, I refer to those belonging to the oldest mercedary heritage, such as the constitutions of 1272.

The first one I propose:

Thanks to the merciful heart of our God, who sends the rising sun from on high to visit us, to illuminate those in darkness, in the shadow of death, and to guide our steps along the way of peace. (Lk. 1, 78-79)

The text of the *Benedictus*, with so many Old Testament resonances, especially Psalm 107, expresses the situation of fallen peoples in captivity, dungeon slaves and under chains, living in darkness and shadow, chained and in misery. There they cried out to God in their distress, which saved them from suffering, brought them out of darkness and shadow... which God opens us to the Word visit experience, which is made flesh, illuminating the human reality, in which finds itself in darkness. Peter Nolasco - the Mercês also made the visit to the place of captivity, the way of being and living, illuminating with redeemer mercy the steps of the captives towards freedom.

The second text from the Gospel of Saint John:

My commandment is this: love each other, as I have loved you. Greater love has no one than this, that lay down his life for his friends. You are my friends if you do what I command. I no longer call you servants, because a servant does not know his master's business. Instead, I have called you friends, for everything that I learned from my Father I have made known to you (Jn. 15.12-15).

This is how the Mercês lived from the beginning, giving life, giving life, offering the life of their religious men, religious women and lay people in favor of the captives:

“in order to continue, make progress, to visit and to free the Christians from the power of the enemy of the Law of Jesus Christ, all the brothers of this Order, as children of true obedience, are always willing to lay down their lives, if necessary, as Jesus Christ to God for us”

In reviewing the old profession books, both nuns and brothers expressed this consecration with the words *usque ad mortem*, a clear signal of their commitment to the captives, who were offered the life and daily delivery of charitable, hospitable, and redeeming service.

Blessed be the God and Father of our Lord Jesus Christ, the Father of mercies and the God of all consolation. He comforts us in all our suffering, that with the comfort we have received from God ourselves, we may comfort those who are in every distress. (2Co. 1,3-4)

This so programmatic text, I offer it at the beginning of this reflection, because it is a text that the first lines of the forward of the old mercedary constitutions copy and that says:

“Just as God, the father of mercy and God of every comfort and giver of relief in every tribulation, by his great mercy sent Jesus Christ his Son into this world to visit all the human lineage that was in prison [...] in a similar way [...]”

In the biblical text of 2 Corinthians, the image in which christians are reflected is in the mercy of the Father. In the mercedary text, the redemption of the captives, the hospitality and, if we update to the present day, we can say the same thing: the mercy of Father.

Come, blessed of my Father, because I was hungry, I was thirsty, I was a foreigner, I was naked, sick, in prison... (Mt 25,35-36)

And the mercedary tradition has included this text in its constitutional forward to give legal force in all its actions, especially hospitable and redeemer.

And with a modification that clearly shows the purpose of the Order

“so that, on the day of Judgment, sitting on the right hand by his great mercy, they may be worthy to hear from his mouth the sweet word which Jesus Christ will say: Come, blessed of my Father, [...] because I was hungry and you gave me food to eat; I was thirsty and you gave me drink; I was a pilgrim and you welcomed me; I was naked and you clothed me; sick and you visited me; I was in prison and you came to me.”

The great modification of the text in its mercedary adaptation is clearly to put captivity and sickness first (the two essential tasks of mercedary

hospitality: redemption of the captives, hospitality at the Santa Eulalia hospital). As we see from the beginning, creativity is not only in works, but even dare to modify a sacred text, such as the Gospel of Matthew, and adapt it to what they consider primordial. A clear example of pastoral enculturation of charity and mercy, because the role being developed at Santa Eulalia Hospital must be justified.

We are invoking mercy on an anthropological, not moral, key. It is not a matter of understanding mercy in relation to sin and forgiveness, but mercy as God's relationship of friendship with man. God meets the human being in his mercy and establishes his friendship through it. It is the great news of revelation. It is not that we have reached the knowledge of divinity and worshiped him, but that God himself has become close to us by his mercy.

Peter Nolasco's spirituality is very rich and shows many elements, but the key to mercy brings together most of them; and even the Marian side, so central to him and the Order, is shown in the key of Mercês - mercy.

3. THE HISTORICAL KEY: THE SANTA EULALIA HOSPITAL OF BARCELONA:

3.1. BEFORE PETER NOLASCO

3.2. WITH PETER NOLASCO

Taking into account what we said at the beginning when exposing the hospice, hospital and hospitality terminology, we immediately realized that the christian community to manifest this mercy of the Father was creating several charities with which to help and to remedy those who need it most in society. Institutions supported and sustained by ecclesiastical support of incomes and goods to meet the needs of the poor. Thus, the miter and the government of Barcelona, with the support of the counts, created a charity institution called *Almoïna* (alms in Catalan) next to the cathedral; and next to *Almoïna*, the Santa Eulalia Hospital, named after the martyr of Barcelona. The Pia *Almoïna* and the Hospital assisted the poor, the pilgrims, the sick, and a long list of people and needs.

Francisco Zumel, master general of Mercês, in 1588 wrote two booklets for the Constitutions of the Order of Mercês, *De Vitis Patrum* and *De Initio ac Fundatione Ordinis de Mercede*. In *De Initio ac Fundatione* warns that in 1203 Peter Nolasco already rescued captives, specifically performed a redemption in Valencia. But while he said he took the data from some old codes, he did not indicate which ones they were. These ancient codes belong to the Cathedral of Barcelona, reviewed by Caresmar, and allow us to approach, even though shyly, the figure of Peter Nolasco in his stage before the founding of the Mercês. We have him as a captive alms prosecutor, with whom the institution of the Santa Eulalia Hospital is linked to the care of the redeemed captives.

The year 1218 marks in the tradition of the Order the date of the founding, which maintains different denominations, as it shows in the preserved documentation:

CAPTIVE ALMS

From the hospital of Santa Eulalia ...

From the foundation itself, no documentation has been preserved and it may not have been done with any formality, as usually happens at the beginning. Only from an excessively legal mindset we can say that there was an act of founding. I don't think that is the case. Yes, there was ecclesiastical and social support for the project that began (or continued), at least if we give credit to Zumel's text since 1203 as a lay fraternity institution that managed the captivity liberation redeeming gestures and the care of the poor, pilgrims and captives at the Santa Eulalia Hospital.

"The intervention of James I, giving the group of laymen presided by Peter Nolasco the lay character, added to the redeeming action of the captives that this group performed hospital service for the poor, sick and pilgrims. Therefore, the king granted the new order to the Santa Eulalia hospital in Barcelona (Devesa, La Orden de la Merced y Santa Eulalia, 172).

To understand these elements, we are assisted by the papal bulls that point out these particularities:

Innocent IV (January 13, 1246)

"To the beloved children, masters and brothers of the Santa Eulalia hospital of the diocese of Barcelona from the rule of Saint Augustine, in which they dedicate themselves to divine service, rescuing captives from the hands of pagans, working with all their strength while helping in the needs of the poor who come from everywhere and the sick, admonishing all faithful christians and exhorting them in the Lord, applying them in remission of sins, to make them collaborators of works of godliness, try to receive their envoys and to treat them with dignity, giving them help and godly alms "(Bulario de la Orden, p. 5, no.3).

Bull of Alejandro IV (April 5, 1255)

“Certainly, the beloved sons and brothers of the house of Saint Eulalia of Barcelona, of the rule of Saint Augustine, new Maccabees in the time of grace.”

Renouncing secular desires and abandoning their own goods, taking up their cross, they followed the Lord and loving their neighbors as themselves, they strongly considered the apostolic precept (well, they not only spend abundantly on the alms collected from the faithful of Christ in the redemption of the captives, as they do not hesitate to give their own lives), so that their Christianity may be recognized in several places and stand out in the Church, for among the works of godliness with which the Kingdom of heaven is achieved, the redemption of the captives is ineffably recommended by God and the sacred canons, because for their redemption we are commanded to alienate the ecclesiastical goods and we must expose the people themselves, the more we will have to expose the temporary goods so that by doing good business we can exchange them for heavenly?

And how, due to the magnitude of the expenses that these masters and brothers must make to help the poor pilgrims and to meet the needs of the sick, and especially to free the captives from the hands of the pagans, that their own goods are not sufficient, they need timely help from the faithful so that these brothers may open abundantly the bowels of charity to the poor and to the captives, especially if it is considered that by the redemption of the captives they have given their own goods to the point that without the great help of the faithful, they can no longer with their goods provide for the poor and the captives.

Therefore, we beg and warn the Lord, applying them in the remission of the sins, so that when such brothers or their envoys come to you, they will help them by giving them the pleasant alms of godliness. (Bullary, p. 6, no.) and some letters from Kings James II and Peter IV that give signs of how the beginning of the alms of the captives have developed.

This is how King James II expresses himself in a letter to Pope Boniface VIII (January 4, 1301):

“this is for your Holiness to know, how some laymen of our land, by exposing their possessions, they have made them the price of the redemption of captives and, finally, publicly asking for alms the faithful of Christ to redeem the captives as they could”.

And Peter IV, the Ceremonial to Pope Innocent (January 11, 1358):

“and like the illustrious James, our grandfather had the godly purpose of favoring such a work of mercy, he gave or hand over the hospital of Santa Eulalia of Barcelona, and entrusted his royal sign under the sign of the cross, to be worn it on their robes”.

The hospital that James I gave to Peter Nolasco and served not only as a home, but as a charismatic identity, in so far as it identified, named, was founded in the 10th century by a godly man named Guitardo and enlarged by count Ramón Berenguer and his wife Isabel.

It was located next to Barcelona’s Cathedral and next to the canon house of the Cathedral, and next to the Palace of the counts.

The hospital was managed by the canons and those responsible for the county house.

After the first community was established at the hospital in Santa Eulalia, it was called religious.

“In granting the Barcelona canons and first mercedaries the hospital and being founded in the same Barcelona cathedral, they were very close. They formed a single family. The mercedaries sought the choir of the cathedral and both canons and mercedaries received mutual beneficial influences. With the canons, there was a real symbiosis in relation to charisma. We know that among the ancient customs of the canons of the cathedral council, it was necessary to seek alms for the redemption of captives”. (Martí i Bonet, *The Redeeming Charism*, 112).

4. CAPTIVE ALMS FOUNDATION

4.1. FOUNDATION AND ENDOWMENT (THE *ALMOINA*)

4.2-. THE NEW HOME: THE NEW SANTA EULALIA HOSPITAL

4.2. THE NAME AND TITLE OF PETER NOLASCO AND HIS WORK

The founding of the Order of Mercês did not mean a difference in the life (in being and acting) of the community of Peter Nolasco and his fellows. Perhaps they could count on more support and greater visibility from their charismatic work. But they still took care of the same things and the same people: the poor and the captives, redeeming them and giving them back their lost freedom and their dignity ripped off.

The venerable tradition of the Order indicates how King James I, in the very act of founding, granted the hospital of Santa Eulalia as a place of residence and center of his redeeming activity, established near the royal palace and the canonical buildings of the cathedral. And the overflowing action of the mercedaries appointed to collect alms, for the preparation of redeeming travels, to buy the captives, and their return to freedom, had its own place in a hospital where they not only took care of the redeemed captives, but who worked in the many tasks of the hospital religious, with the welcome of the poor, the sick, the pilgrims... in serving their needs.

What do we know about the concrete life of assistances at the Santa Eulalia hospital? We do not know much, because the rules, customs, and constitutions of 1272 do not speak specifically about this. But it is possible to imagine in comparison with other institutions of the same kind. From the old constitutions, in its number 21, entitled "*From the redeemed captives*":

"May the captives redeemed by the brothers do it as quickly as possible, an oath and tribute to the master or one who redeemed them that they will not depart from the service of the Order until the stated time by the

master or his redeemers has passed. During this time, that they have a shaved beard and the brother conveniently meets their needs without murmuring. And after that time, shave their beard, cut their hair and give them new clothes, depending on the weather, and convenient provisions for the way so that they can go to their lands with gladness and joy”.

We know how the redeemed captives had to be sent after their stay at the Hospital: with their beard shaved and with the necessary for the way to reach their villages and homes, and convenient clothing. And it tells us how they were subject to the master general with a promise to accompany the redeemers for a certain period of time, as a justification for the proper use of the goods of redemption (presentation of accounts) and as a living argument to ask for help and alms to put in a new redemption. These two aspects, linked to the redeeming economy, are also very relevant.

In the constitutional rule, it is clear that problems of poor captives could arise who wanted to make their old situation a business. To avoid this temptation, the subjection to the redeemers and the care in the hospital of Santa Eulalia “without murmuring”.

This coexistence in Santa Eulalia hospital, in small spaces and shared with many needy people, made Peter Nolasco plan to leave the center of the medieval bourgeois. And he did this with the help of lay collaborators and committed to hospitality and redemptive work. In this case, from Raimundo de Plegamans. his generous benefactor bought, in a place called Vilanova, a piece of land on the beach, by the sea, which he generously donated in 1234 to Peter Nolasco to build his convent there, which he gave the same name as his origin: Santa Eulalia Hospital; but no longer under the guidance and patronage of the miter and the council, but under his own direction. They had grown and no guardianship was needed. And as a hospital it was born and managed until the 18th century reforms and while the captivity lasted.

And if the Santa Eulalia Cathedral Hospital continued to take care of the poor, beggars, pilgrims, and the sick, the Santa Eulalia Hospital near the sea was entirely devoted to the care of the redeemed captives.

Several aspects can be highlighted:

- the redeeming commitment of the religious;
- the collaboration of lay people,
- the birth of the Mercês feminine area: religious - Blessed.

This is something very important that we should mention at this moment, when we remember the beginning of Peter Nolasco's work.

His work was born as a brotherhood, that is, a fraternity. An experience of brothers and lay people within the great medieval stream of renovation in the life of the Church. It was not created as a monastic or anachoretic life of escape from the world, but introduced itself in the most difficult conditions (the captivity) to visit and set free.

It is a work in which the lay people come together. It would be too long to list all those who throughout Peter Nolasco's life have been joining this fraternity (in the broadest sense). We point out some:

Ferrer de Portell and his wife Escalona (as a couple join the Captives Alms) on October 25, 1234;

Raimundo de Plegamans, who buys the land for the construction of the new hospital in Santa Eulalia (1232);

Ramón de Morella, who donates to Peter Nolasco the farm of Arguines (1245), and later the hospital that is created there (1251);

Bonifacio of Valencia, who asks to be buried with the robe of Mercês (1243).

Other lay people who participate in the redeeming task as collaborators in the collection of redemption:

Juan Devesa, while studying the documentation of Peter Nolasco's time, highlights the work of the lay people who dedicate themselves to the redeeming task, following the founder's ideal of life.

The quaestors. They were lay people who were given the responsibility for the captives alms in territories where there was no presence of religious mercedaries. They had a sworn responsibility to protect the Order from all infamy and to report faithfully to all that was given to the Order and to respond to everything they had collected from the commander or lieutenant (Constitutions 1272, no. 12)

The beggars. Also lay people who collaborated voluntarily with the redeemers in the most diverse places. These usually delivered what was collected to the religious in charge or the quaestor (Constitutions 1272, no. 12).

Brotherhood of the captives alm. Although the brotherhood is not mentioned in the old constitutions as an auxiliary means of collecting alms for redemption and service in hospitals, it is evident that it was formed in the time of Peter Nolasco, who gave it a purpose, as can be seen in the Bull of Innocent IV *Si iuxta sapientis* sentenced on January 13, 1245, in which the Pope grants all who cooperated with his goods to the charitable works of the Hospital of Santa Eulalia, in favor of the captives and the poor,

“To those who help them with their goods and become partners with this holy fraternity and grant them benefits [...] and we establish with apostolic authority those who are part of their fraternity [...]”.

The opinion of F. Gazulla is that these brotherhoods of captives alms, collaborators of the redeeming and hospital task are the precursors of the Brotherhood of Mercês and of all lay people committed to the present task of carrying out the charismatic, social and redemptive works of the Order of Mercês.

The female presence of Mercês, the result of the Santa Eulalia hospital.

Although María de Cervellón is considered the first mercedary woman; before her, other women whose names were not preserved by history were involved in the hospital task of the Mercês, where they were heroically serving the attention of the poor and captives. It is in this context that this feminine implication arises, with Maria de Cervelló and other women who

can live by their own means, live in their homes and commit themselves to making vows of virginity and charitable service. With the creativity of this community in Barcelona, they are expanding to other places, especially those where mercedary convents take the form of hospitals, as we will see further on, such as El Puig de Santa María.

By pointing now to how was called the work of Peter Nolasco in the beginning and how he himself called, I want to claim this name as a reflection of the redeeming and hospitable work he took on in the early years of the Mercês; and how, while being hospitable at first, they continued to take captives in their hospital homes. A few years ago, Joaquín Millán titled an article like this:

The Mercês was born in a hospital and, for this reason, King James I did not grant a church to the new religious, but only the hospital of Santa Eulalia as a means of life and activity. In this way, the old hospital is enriched in charismatic actions, since it not only serves the poor, sick and pilgrims, but also the redeemed captives (Mercedary Work 191-192 (1989) 55).

5. MERCEDARY HOSPITALS (ARGUINES Y EL PUIG DE SANTA MARÍA)

To realize the value of the hospitality, openness and redeeming service that mercedary communities have been developing and how they have come here since the founding of the Order, I would like to introduce two former mercedary hospitals, asylums and hostels that have provided lodging, shelter and refuge to the needy. And because this creative and charismatic story can serve us as a stimulus to bring answers to present day.

ARGUINES

A gentleman who participated in the conquest of Valencia, Raimundo de Morella, offered Peter Nolasco in 1245 a property in a place called Arguines, on the royal road from Valencia to Zaragoza, so that the mercedaries could build a church and a convent. The same gentleman who remained the owner and lord of Algar, built at his expense, about three hundred meters from the Arguines convent, a hospital, where he lived with his mother, Mrs María, who was linked to his Algar farm, so that with his income keep the hospital. On November 2, 1251, he granted a will and ordered:

- that he would be buried in the church of Arguines,
- that the Arguines hospital and the Algar farm would become the domain of the Order of Mercês,
- and that the brothers of Mercês help her mother, Mrs María, while she lived.

In addition, he requested the mercedary robe and died as a religious the following year.

Thus the Arguines Hospital, built between 1244 and 1251, has since continued to be managed by religious mercedaries at the service of the poor and passers-by on the road from Valencia to Zaragoza until 1448, when some Moors murdered the brothers who assisted them, brother Juan de la Costa and brother Bertrando del Mas. The Order of Mercês not only

gave martyrs in the redemption the of captives, but also in the service of the poor and sick in their hospitals.

In the face of this situation, the mercedaries did not leave their hospital, but moved it to a safer and more secure place, that is, inside the mercenary convent grounds of the Arguines, to continue serving the poor and the pilgrims. And only in the mid 17th century they moved into the new convent within the city walls of Segorbe.

EL PUIG DE SANTA MARÍA

The founding of the convent of El Puig is famous, but let us mention the hospital that was built next to the convent and was served by the mercedaries.

There, Mrs Margarita de Lauria built a hospital in the mid 14th century, with 500 annual salaries to buy furniture, food and utensils essential for the needs of the poor who arrived there. And when she died, her possessions and furniture were distributed among other places in the same Puig hospital. Like all medieval institutions of its kind, the Margarita de Lauria Foundation, whose statutes we do not know, would be destined to charitably receive people, the pauper Christi, whatever would be the source of their needs. These hospitals were godly places where Christian charity was practiced in several ways, one of them caring for the sick. There are letters to the brother administrator of the hospital, so that, with the rents, shall be cost the breastfeeding of an abandoned child.

The exercise of charity towards the poor, in the broadest sense given to the term in the Middle Ages, was therefore the aim of this rural hospital, where the sick were certainly welcomed. This is affirmed because of the income, food and bedding that was bought for the helpless who arrived there, besides having beds to rest. This could be useful for the sick, but also for the needy retreatants who were traveling along this route to Valencia. It was not exactly a pilgrim's hostel for those who came to worship the image of the Virgen del Puig.

There is documentary evidence that, like other hospitals, it was responsible for breastfeeding abandoned children with nurses, caring for orphans and the sick, and sheltering passers-by.

6. THE JUAN GILABERT'S INNOCENT HOSPITAL (1409)

February 24, 1409. Valencia Cathedral)

Sermon of the Brother of Mercês, Brother Juan Gilabert

“In the present city of Valencia, there are many godly, charitable, and highly beneficial works for the poor; but one that is of extreme necessity is missing; that is, a hospital or home where the innocent and rejected poor are welcome. Because many innocent poor people pass through this city in great need of hunger, cold and mistreatment; for this reason, and because of their state, they do not know how to earn or ask for what they need to survive, they sleep on the streets and are hungry and cold, and there are people so wicked and godless in their conscience that they mistreat and offend and, especially if they find them sleeping, they hurt them, they kill them, and if they are innocent women, they abuse them. Likewise, the poor fools who walk around the city hurt many people and this is known throughout the city.

Therefore, it would be very holy and good that in Valencia there was a room or hospital where they could collect these innocent fools, so that they would not have to walk around the city causing damage or mistreatment” (Valencia Hospital Constitutions Book, f. 1).

In this journey through the sense of hospitality of the Order of Mercês, so that it may be a stimulus at the present moment to fulfill Pope Francis' wish that the church be a field hospital, the figure of Juan Gilabert (1350-1417) makes us stop for a moment.

In 1409, he went to the cathedral to preach the sermon on the first Sunday of Lent (February 23) when he watched the scene of the stoning of an innocent fool. This event caused him to add to the sermon the text I transcribed.

The mentally ill, mad or rejected were considered in the Middle Ages, as in earlier times, to be “irresponsible” for their actions, forcing the parents to place their crazy children in custody so that they would not hurt anyone;

and they were even locked in the towers of the walls or given to sailors to be abandoned on an island in the sea.

“The idea of creating a specific institution for the insane implies a modern and advanced vision, publicly distinguishing the insane and the innocent from the rest of the poor and helpless sick”.

Juan Gilabert distinguishes then three groups: innocent, furious and women.

There are three groups excluded for the same reason: their diminished mental abilities.

The innocent are those who suffer the harm done to them by evil people who have no God in the eyes of their conscience.

The angry are the rejected who, in the middle of their madness, attack those who are with them. Innocent women are victims of abuse, especially sexual.

Firstly, it is necessary to build a site, a hospital. It will be called the Hospital of the Innocents.

Secondly, we have to put someone who takes care of the mentally ill. A group of enthusiastic lay people will be in charge of the work of Juan Gilabert

Third, the sick are divided according to the triple division shown by the mercedary in the sermon.

Fourth, the therapies known at the time are applied: the therapeutic use of herbal infusions and manual work.

7. NEW WORLD HOSPITAL - DRY LAND

(Bull of Pius V - January 13, 1572)

Investigating and looking for some information about the order of the Mercês, I found some documents in the Archive of the Indies, about the Convent in Panama.

This convent was founded in 1522 by Father Francisco de Bovadilla, already in the South Sea, in the Pacific, in the ancient city of Panama (1519), which was later destroyed by the English pirate Henri Morgan (1670).

The convent was not built inside the city, but on the peripheries, on the way in and out of the city towards the north. It was the one that suffered the least pirate attacks, and later the church façade was dismantled and rebuilt in the new city of Panama (Corregiment of São Felipe).

Panama is the intermediate point of Dry Land between two oceans (Atlantic and Pacific) and two subcontinents (North and South America), mandatory passage to the territories of Peru, Chile, etc. The convent was a place of passage not only for religious mercedaries, but also for many others who were going to the mission, as stated in a letter from King Philip III dated from December 30, 1602 in Valladolid, in which he thanked the commander of the Order of the Mercês of Panama for the accommodation offered to the religious who went as missionaries to Peru.

Well, on January 13, 1572, Pope Pius V issued a document to the Bishop of Panama so that a hospital could be constituted in the mercedary convent. The document called *Pastoralis officii* is in the Vatican Registry 2013, p. 169r-170v, and published in *Pontifical America II*, 921-923.

As a conclusion of this review on the hospital action of the Order of Mercês, related to the Santa Eulalia Hospital, under the key of Pope Francis, as a field hospital, we can summarize this way:

The Order of Mercês was born in the city center, in the hospital of the poor and pilgrims, who since 1203 joined the captives of the fraternity created by Peter Nolasco, called Captive Alms. From 1218, as a religious order, it was still called Saint Eulalia. The hospital belongs to the municipality and has royal protection.

The first step Peter Nolasco takes is to go to the peripheries, to the beach, to the port of Barcelona, where the poor captives arrive and where the sick and needy wander around. And the first thing he builds is the hospital, the new hospital in Santa Eulalia. Only after the death of Peter Nolasco in 1249, they request to be able to build a public church. The current great convent is from the 17th century, built in what was the hospital's garden. Therefore, Peter Nolasco's first move is to go to the physical peripheries, outside the city, outside the walls, where the poor are, and there he sets up his field hospital.

Another sign of hospitality is the Arguines hospital, located near the road (an update of the good Samaritan who welcomes the fallen on the road and takes him to the lodging). The Order of Mercês has been establishing houses along the ways where pilgrims pass, where the sick are healed. Going to the peripheries is to get to where men are today. Going to the peripheries is going out in extreme condition. As we have seen, it is a place of life giving, also in a secret of martyrdom, giving life.

El Puig's hospital signal is to reach out to the existential peripheries of the most disadvantaged, especially children (rejected, orphans and abandoned) and young people to whom they offer a way into the future.

Juan Gilabert's hospital signal is to reach out to another existential periphery: the madmen. In this case, the path is the reverse. Juan Gilabert places in the city center, in the same cathedral, the rejected ones. Those who are stoned in the street are brought to the center of charity. And it is a mercedary who breaks the prejudices to which they are subjected and builds them a house and a hospital.

And finally, the hospitality in these new lands, in this continent of hope.

The mercedaries build their convent in Panama, not in the center, where foreigners built the cathedral, the town house, and made the four great missionary orders (preachers, Franciscans, Augustinians, and mercedaries), but that the Order of Mercês goes, again, to the periphery, away from the cathedral and the town house, goes to the road and settles there.

And Pope Pius V wants the bishop to set up his hospital there (as King Philip II wanted) and to submit again to his power. But the mercedaries want to be free to remain representatives of welcome and hospitality. And they can overcome the imposition of an ecclesiastical hospital (diocesan) to remain a welcoming space. In this case, we see how they receive missionaries traveling across the continent. It is the field hospital for evangelists. The church is a mother who takes care for her children and pastoral workers. It is communion and community, it is a shelter and nursing home. The Order of Mercês is to go to these peripheries to accompany the missionaries and evangelists.

CONCLUSIONS OF THE FIRST PART

When we reach this point, we have to take a short break. Not everything can be history of 800 years ago.

We'll give you tips that will take us to Pope Francis's field hospital.

The place: the hospital as an institution: royal and ecclesiastical. Downtown area.

Transformation: the hospital as charisma. Periphery. But where are the captives?

The Parish: church: hospital. Installed in the institutional, in the centers of power, where nobody bothers me

Transformation: change of place, I go out to the periphery and let myself be led and guided (discernment) by the Spirit to seek the captives of today (new slaves and captives).

But it not only means and implies a change of physical place. Instead, nothing is fixed even if it has symbolic value. It is not possible to go to the periphery unless there is a personal motion.

From the stone built buildings that cannot feel the heartbeat to the field hospitals, in which the tent is the membrane that allows one to hear and feel such beats (bowels of mercy; Hospitals of large institutions, with all the advances of medicine within reach (or within reach of those who can afford it). Field hospitals, where almost everything is missing, but where everyone is welcome with what they have.

Attitude:

Peter Nolasco, young trader (good trader, in the words of Peter Citjar, in his booklet 'Tantum quinque'). What need did he have to complicate his life?

There were ways to redeem. That others redeem: the municipal organs, the crown, the miter, the traders ...

There were hospitals to take care of the poor and the pilgrims. May others serve them. There was already the Santa Eulalia hospital, and it worked well. Why go live there?

I don't know if we'll answer these questions, but surely we all have some ideas already.

Peter Nolasco has complicated his life because, being a merchant and trader, instead of earning more money by investing in commodities, he begins to invest in the poor captives, rescuing them first with his own goods, then joining some friends... bad deal. He invests everything and spends it all.

But it gets complicated not only financially but also personally. And that's why he's going to live in the hospital. It is not a craft, like being a trader; It is a vocation, a calling and an accompaniment. That's why he has to give everything.

Peter Nolasco's attitude is what changes everything. It's the blow to the convenience, in not committing, or being more or less committed, or not letting the reality of this field hospital really touched his heart.

Gratuity:

Primordial at the Santa Eulalia hospital and the key to the present day. Creating a field hospital in the middle of the world square means bringing our reality closer to gratuity. I remember the terminology we started with. A hospital is defined like this because it serves at no cost, for free, without charging anything. It charges nothing to anyone. The church is not a business.

[To the Romans, life was idleness, leisure. And when it was not leisure, it was business (non-idleness or non-leisure). They didn't value the business very much, it was a negative thing, it was necessary to live from idleness, from leisure. Too bad for them. And we started to negotiate with everything].

THE SECOND PART

8. THE THEOLOGICAL KEY: THROUGH THE TENDER MERCY OF OUR GOD

8.1. THE MERCEDARY ACTION: REDEEMING HOSPITALITY

The Order of the Mercies, following the hospital tradition of Peter Nolasco, since his days to the present day, opened his house to transform it into a hospital, a house of welcome and giving. The mercedary has managed over the centuries to understand that it was not enough to give (alms, shelter, food, drink, education, medical care...), but he needed to give himself.

The deep meaning of the redemption vow expressed in the constitutions of 1588 and thus manifested in the records of the professions indicates the value that the mercedaries gave to the visitation and release of the captives.

Peter Nolasco opened his heart to the poor and captives as his own beneficiaries of the redeeming message of Mercy. And so, while some brothers collected alms, others were treated at the hospital and others embarked on rescue works.

Thus, Peter Nolasco and with him all the mercedaries (religious and lay people) understood that authentic christian freedom cannot be limited to the redemption of iron chains, but must cover and extend to every social situation that imprisons and captivates the children of God.

To quote Paul VI words to the Order: "There are more captives (chains) today than in the 18th century".

In Peter Nolasco's time, the Order of Mercês learned to live the charism of redemption along with hospitality as its own mission, although secondary (Devesa, *Legal Documents*, 23). Our Mercedary Order and Family was dedicated to defending the faith of the captives and hospitality in the service of the poor.

F. Gazulla comments in his work *The Order of Mercês*. *Critical historical studies*, p. 198:

“It is not surprising that Brother Peter Nolasco is also called the Guardian and Prosecutor of Captive Alms in the documents of his time, which have been preserved and dating from 1219. He would accept these names when he got hold of the hospital of Santa Eulalia in 1218, or already was he his guardian and attorney before? [...] Having he and his colleagues sold all their possessions, [...] it would be nothing strange that they were living in this hospital as true poor, dedicated to the service of the needy. Moreover, it can be said that this hostel was the only one where the redeemed captives could be accommodated”.

9. POPE FRANCIS' PASTORAL KEY: FIELD HOSPITAL

Pope Francis has surprised the Church since his choice as successor to the Apostle Peter on March 13, 2013. In his first appearance at St. Peter's Gallery, he bowed to the crowd that crowded the square to ask for their prayers and blessings before giving his. This unprecedented gesture has given way to others who mark the originality of this pontificate.

In addition to the problems that fall on the Church, we can say that there has been a change in the interpretative paradigm of ecclesial life.

Benedict XVI spoke of continuity. Francis has made change not in continuity but in highlighting how in this history and evolution there are other keys in which the life of the Church can be organized.

Since the Second Vatican Council, the church has been mentioned as: People of God, Body of Christ and Temple of the Spirit. The conciliar ecclesiology rejected and left behind the ecclesiological vision of the perfect society.

Twenty-five years after the Council of the pontificate of John Paul II, there was insistence on the ecclesiology of communion. They were definitely theological visions and deep visions into and within.

Francisco broke the dynamics of the inner look and cast a look outside. This look and attention is called HOSPITAL. The church is a field hospital. This new paradigm is a pastoral paradigm. We do not renounce what came before, but it is illuminated by the new reality to which the Pope wants to lead us.

- From the hospital, find out how to be:
- People of God
- Body of Christ
- Temple of the Spirit
- Space of communion

Thus we can understand the path that Francis shows us.

Hospitality. We came back to the beginning when we were talking about terminology: virtue that is practiced [...] by giving them proper assistance. Quality and attitude of hospitable.

More than works and actions, they are the attitudes and the way of being (*virtus*), which, in religious language, would be what makes us virtuous. This is why works are not as important as the personal attitudes that lead us to perform them.

Living the key to hospitality is the inner disposition of each of the mercedaries to discover the needs of the poor and needy and to be ready to help them. How? Mercedary style: selling all my goods and going to the hospital to live with the poor, serving them. It's a shedding of everything, to be a poor servant in the field hospital, the new hospital of Santa Eulalia.

You cannot be hospitable if you are not in the hospital.

Field hospital. The mobility, the availability. We have no permanent tent (cf. 2Co 5,1). It is good to reflect on this key of the field hospital as an image of the church and, in this case, of our Mercedary Order and Family.

Temptation and danger: We like the works, the buildings, the planning, the goals, the results.

The dynamics of the field hospital are totally different. It is the image of the exodus with the presence of God that moves with the people of Israel. The temptation will come when they enter the promised land. Build a temple that strengthens God's presence in a certain place.

In redeeming works, the temptation is to have great buildings, great works... with goals, results, many things. Ensuring visibility, like Yahweh's in Solomon's temple. And it may be that the most important thing is missing. The readiness to listen to the moans of the poor and captives and to set up the hospital tent in the middle of this cry.

The Tent: leather and resonance. We build our buildings well, with solid foundations and insulated from outside noise and adverse weather conditions. The tent is made of leather (in ancient times) or fabrics (nowadays), which do not isolate us, but make us realize everything that happens around us.

If you allow me the metaphor, it is like the beating heart membrane that is agitated, which perceives what is around you. The field hospital, with its canvas, beats in the middle, is the heart in the middle of the city, amongst the personal, social and existential peripheries.

The hospital heals and sana; or at least accompany in pain and suffering.

“We will have everything clear, everything ordered, but people who believe and seek will continue to hunger and thirst for God. In addition, I have sometimes said that the Church resembles a field hospital: so many wounded people, so many people regretted... who ask us for closeness, who ask us for what they asked of Jesus: closeness, closeness. And with this attitude of the scribes, the doctors of the law, and the Pharisees, never! - We will never give a testimony of proximity! (Francisco, speech of 09/19/2014).

It is one of many texts that can be provided to indicate this concern of Pope Francis. Following the publication of *Evangelii Gaudium*, the content was explained at several meetings. The idea of a hospital that comes to mind is always a place to go when we are sick. The healthy do not go there. Only when someone hurts something and is unable to heal on their own.

The church thus becomes a space of communion with the world and wounded humanity. But in the mercedary way.

Peter Nolasco did not wait for the State or the traders to release the captives.

He has committed himself to set them free.

Peter Nolasco did not wait for others to care and assist the poor and needy. He sold everything himself and went to live in the hospital.

Peter Nolasco is the true reflection of the authentic hospitable.

Pastoral and existential resonances for us are easy to take away. No need to wait for the other. I was the one who heard the cry, who left everything and set up the hospital tent.

Pope Francis does not ask us to solve everything, but to be a hospital. Now that so many wars and destruction are afflict mankind, the Order of Mercês resumes this deeper experience of Peter Nolasco.

He leaves the old hospital of Santa Eulalia, which is located downtown, which belongs to the king and the bishop and goes to the periphery, to the seaside of Barcelona and establishes his hospital there. By the port, where the captives arrive and land, where the poor and needy are, on the peripheries.

“To evangelize supposes in the Church the idea of leaving yourself. The Church is called to go out and go to the peripheries, not only the geographical, but also the existential peripheries: those of the mystery of sin, those of pain, those of injustice, those of ignorance and religious disrespect, those of thought, those of all misery “(Card. Bergoglio, March 9, 2013 - pre-conclave).

The field hospital does not have everything. That’s what the big hospital complexes are for; but solidarity must be present to attend what is most urgent, which cannot wait, and above all, accompany the suffering of those who have nothing.

The image of the Church as a field hospital shows its limitations and, at the same time, the impulse to be like its Lord. Limitations: you cannot do everything, you cannot heal everything, but you have the most important thing: presence, closeness, love, forgiveness, solidarity. It lies in the fragility of a tent, as something temporary, transitory, which cannot remain indefinitely (the rejection of the reference author, being the center...)

10. PASTORAL CHALLENGES IN THE ORDER OF MERCÊS OF THE 21ST CENTURY

It is not easy to synthesize and fulfill the appeals that from this mercedary event project us into the future

1. Escape the big projects and bet on the simple things that involve personal commitment.
2. To be spaces of communion, born in the community and submitted to the discernment of the Spirit, guided by the theological principle of the Mercy of the Father.
3. Not be afraid of contact with the peripheries, abandon our guarantees (leave the hospital of Santa Eulalia near the cathedral and the king and go to the beach, by the sea, to contemplate the most suffering faces of the body of Christ)
4. Going along the ways, sitting down to share with pilgrims, those who go through life without living it.
5. Understand who are always rejected (the crazy Juan Gilabert) and remove them from the peripheries to take them to the center.
6. Caring for the community, creating communion and community with all pastoral workers (the welcome of missionaries at the Panama hospital). Not to neglect the often painful peripheries of so many christians who are by our side and we almost don't realize.
7. Creating our field hospital with our canvas that separates neither distance but allows us to accompany the suffering of humanity.
8. Try to update Pope Francis' words (move out, periphery, missionary, merciful) to the present reality of his parish or place of pastoral action.
9. Take a risk until you can give your life. The hospital, or church, in field is not cemented on the ground, but is stuck there just so it won't be carried away by a storm. Free to merciful action, which implies the mercy key, to be ready to give your life as Christ gave it for us.

10. The mercedary hospital (parish, community) is the home and workshop where religious men and women live and work (Peter Nolasco's vocation was born in the former hospital of Santa Eulalia;

Maria de Cervellón, in the new hospital of Santa Eulalia) and the lay people (who also surrender themselves following the mercedary charism on the roads, collecting alms, like good Samaritans in the Mercês hospitals, which in many places were opened to make room for all captives, poor, pilgrims and sick)

And the last, the great challenge of the creativity of charity and mercy: *Caritas Christi urget nos* (2Co 5,14)

BIBLIOGRAPHY:

For the texts of the pontifical magisterium, you can refer to the Santa Sé website, where all the texts of Pope Francis are found.

DEVESA BLANCO, Juan, *Fray Pedro Nolasco en documentos notariales de su tiempo en Obra Mercedaria 142-190 (1979-1988).

*Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced o "constituciones americanas" en *Analecta Mercedaria II* (1983) 5-119.

*El 750 aniversario de la entrega de la parroquia de Santa María del Puig a la Orden de la Merced, el 27 de agosto de 1240, en *Obra Mercedaria* 195-196 (1989) 1-5.

*Aportación de la Orden de la Merced a la Iglesia y a la sociedad en 775 años por la libertad. *Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced* (1218-1993), 141-159.

*Dos huellas de la Orden de la Merced en el obispado de Segorbe en *Obra Mercedaria* 211-212 (1993) 67-72.

*La orden de la Merced y santa Eulalia de Barcelona en 800 anys fent Mercè (1203-2003), 170-183.

GAZULLA GALVE, Faustino Decoroso, *La Patrona de Barcelona y su Santuario, Barcelona 1918.

*La Orden de Nuestra Señora de la Merced. Estudios histórico críticos (1218- 1317) I, Barcelona 1934.

MARTÍ I BONET, José María, *Los grandes colaboradores de la fundación de san Pere Nolasc: el rey don Jaume I y el obispo Berenguer de Palou, en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218- 1993), 57-65.

*El carisma redentor de la Mercè en la iglesia de Barcelona en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993), 109-114.

*Els orígens de l'hospital de santa Eulalia, en 800 anys fent Mercè (1203-2003), 162-169.

MILLÁN RUBIO, Joaquín, *La Orden de Nuestra Señora de la Merced se fundó en un hospital, en Obra Mercedaria 191-192 (1989) 55-56.

*Trayectoria del compromiso redentor de la Orden de la Merced en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993), 161-177.

PIKAZA IBARRONDO, Xabier, *Fundamentación teológica de la caridad en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993), 125- 136.

*Dios, padre de misericordia. Mensaje bíblico en La Merced hacia el tercer milenio: recreando el carisma, 73-96.

RAMAJO ALISTE, Félix, *Vida y obra del padre Juan Gilabert Jofré, Valencia 1998.
RUBIO VELA, Agustín,

*El hospital medieval de El Puig de Santa María. Esbozo histórico, en Obra Mercedaria 223 (1997) 44-50.

MISERICORDIAE GAUDIUM: WHEN THE SHOULDERS AND THE HANDS BECOME ARM IN THE EMBRACE – FOR A RE-READING OF THE UNIT OF THE TRIPTYCH OF LK 15

Luís Henrique Eloy e Silva¹

Abstract: Lk 15 synthesizes structurally and consistently the biblical of *hesed* and *rahamim* in the triptych of the parables of the lost sheep, the lost coin and the father and two sons, here seen not as three parables of mercy, but as one parable.

Keywords: gospel of Luke; parable; narrative analysis; rereading; mercy.

Abstract: Luke 15 synthesizes structurally and consistently the biblical concepts of *hesed* and *rahamim* in the triptych of the parables of the lost sheep, the lost coin and the father and two sons. In this paper, the three parables of mercy are seen as a single parable.

Keywords: Gospel of Luke; parable; narrative analysis; re-reading; mercy. Luke has long been considered the evangelist of mercy. He is not only because

Dante Alighieri called him “*scriba mansuetudinis Christi*”², neither by the special attention to the sinners, the sick, the poor, and the persecuted³. It can be said that in addition to these elements just mentioned, it can be assigned such a title by masterfully condensing, in a parable, the two main semantic fields of the concept “mercy” in its biblical reach: *hesed* e *rahamim*.

In speaking in parable and mercy in the gospel of Luke, almost

1 Resume available on page 98

2 De Monarchia, I, 16, 2.

3 ELOY E SILVA, L. H. “Seest thou this woman?” In search of the “merciful point of view” according to Lk 7,36-50, pp. 17-19.

naturally comes to mind chapter 15, considered the “heart of the third gospel”⁴ and with it the parable of the father and the two sons. Parable to which the famous Rembrandt painting is plastically associated. Curiously, or perhaps opportunely, it is the picture of the seventeenth-century Dutch painter who illustrates most of the books or folders of symposiums or conferences when, in our midst, the subject is God’s mercy.

The so-called parable of the “prodigal son”, known under this title for centuries and today, preferably called “the parable of the merciful father” and, for some, “the parable of the prodigal father” serves to indicate that prodigality seen with negative eyes such as those who waste what they have, as in the case of the youngest child should also be seen as positive prodigality, as is the case of his father, who never tires of being generous.

Lk 15: A single parable about mercy

The text about the father and the two sons is preceded by two other scenes, commonly titled two parables of mercy for our bibles and most third commentators gospel, thus forming the group of the three parables of mercy. However, as intended by this exhibition, we will demonstrate that Luke chapter 15 is not composed of three parables of the mercy but by a single parable in three acts, of which the first and second acts become as if the premises that bear the masterful conclusion that it is the final act⁵.

4 FITZMYER, J.A. *The Gospel According to Luke*, p. 1071.

5 Intuition also perceived by Meynet although with nuances slightly different from those of our reading. Cf. MEYNET, R. *The Rhetorical Analysis. A New Method for Understanding the Bible*, pp. 391-408. FITZMYER believes that the term “this parable” in the singular was an original introduction to the parable of the Father and two sons. Later, the evangelist would have inserted the parables of the lost sheep and the lost drachma, thus forming a triptych about the lost and found dialectic. Cf. FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke*, p. 658. Por sua vez, Bonaventure, in turn, reads the parables as a unit: the first evokes reconciliation; the second, redemption, and the third, adoption. As to Saint Albert the Great sees a progressive thread about the repentance that weaves them. Cf. BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*, III, p. 52.

First of all, we need to start from a contiguous reading of the text. so as to reap, as far as possible, his world and the message that you want to communicate to us. As is usually the case with the large lucan parables, clearly framed by intradiegetic recipients, we are on the scenic stage early on, the interlocutors to whom Jesus will address with his speech: “All publicans and sinners approached to listen him. The pharisees and scribes, however, they murmured” (Lk 15,1-2).

At a first moment, there is an approach movement of some towards Jesus: the publicans and the sinners. They approach Jesus to listen him. If it is true that listening goes beyond the simple fact of hearing which, in itself, indicates the perception and distinction of sounds, but not their assumption and introspection, then it must be admitted that publicans and sinners approach silently, clad in silence only outer, but especially inner, without which true listening does not occur. If on one side are the publicans and sinners who come to listen Jesus, on the other hand Luke tells us that the pharisees and scribes are also characterized by another verb: “The pharisees and the scribes, however, murmured” (Lk 15,2a). In both verbs (listen and murmur) the opposite attitude is already outlined. On the one hand, publicans and sinners listen; on the other, the pharisees and scribas murmur. The murmur, almost onomatopoeic verb, in Latin and neolatine languages, marked by the repetition of “mur + mur” in Portuguese, French and Spanish and “mor + mor” in Italian brings Repeating the presence of syllables beginning with the letter m, which is very expressive in this case. Expressive because it sounds even when emitted with pursed lips, almost indicating a non-speech or the absence of clearly expressed logos. In Greek, the term is plastically marked by the disarticulation and nasalization of sound when we think of *gongýzein* and here specifically in style lucan: *diagongýzein*. In the case of lucan preference, we come across the image of continued and almost ncontained murmuring. If we think of the semantic world of murmuring as the absence of expressed verbalization that generates dialogue we can then infer that if publicans and sinners approach Jesus, the same does not occur with the pharisees and scribes. Even though they were “near Jesus,” they were not really near Him. They were physically, but not in the openness of mind, because to murmur

is not to dialogue, and as they murmured among themselves, they were not even near one another. The less of Jesus!

Non-listening becomes even clearer when one realizes that the listening attitude that characterizes publicans and sinners, after the iterative murmuring, corresponds to the speech attitude of the pharisees and scribes. Here not a “speak to” but a “speak of”. And one “speak of” in a derogatory tone or why not recriminatory: “he receives sinners and eats with them” (Lk 15,2b).

Realizing the scenario that was created around him, in the face of the speech of the pharisees and scribes, Jesus tells them a parable. According to Luke, “this parable”. The singular feminine demonstrative pronoun is perplexing to the attentive reader, who at first might be content with the first parable, that of the lost sheep. However, after the narration about the lost sheep, However, after telling the story about the lost sheep, Lucas reports a second, the lost drachma and, finally, the of the father with the two sons, or apparently of the “lost youngest son” (but we will see that it’s not like that) and does not precede them with no indicative such as for example “another parable” or any other similar expression.

While for some this would simply be a literary style in which Luke is concerned only with the first parable, here, for reasons we will clarify, we understand that Luke’s option is quite another. This is not a sequence of three parables, but actually a single parable!

If we think of the classical form of the narrative parable, we can then understand that this is an unknown element, called *primum comparationis*, placed next to an element known as *secundum comparationis* which, when placed next to each other, plastically generate a third element, the *tertium comparationis*, which is why the parable is constituted in its literary genre. In fact, that would be the difference between a parable and allegory. In the allegory two known elements are compared, in the parable a known element is placed next to an unknown to facilitate understanding of what one wishes

to communicate⁶. If Jesus, at the beginning of ch. 15, is telling “a parable,” what is being put next to what? On what understanding or image?

Let us reread chapter 15. In the first case (Luke 15: 4-7), we have the presence of a man⁷, by context a shepherd, who had a hundred sheep, and he loses one and goes looking for it until he finds it. When he finds it, he puts it on his shoulders, full of joy, and, coming home he summons his friends and neighbors, telling them: “Rejoice with me, because I have found my lost sheep” (Lk 15,6). Jesus concludes by remembering that there will be more joy in heaven for a repenting sinner than for ninety-nine righteous people who need no repentance (Lk 15: 7).

We have here, from the point of view of the text, the male imagination of the one who loses something, a sheep, and when he finds it, he celebrates with friends and neighbors, also men! The scene is permeated by the themes of loss and reunion and the theme of the joy that is present in the verses 5-7: the sheep is placed on the shoulders of the returning shepherd, glad; when he gets home he calls his friends and neighbors to rejoice with him; and in conclusion, Jesus remembers that there will be joy in heaven for a sinner who repents rather than ninety-nine righteous who need no repentance (Lk 15: 7).

In possession of these elements, we began to go through the second case, and we realize that structural similarities are patent. Here he is no longer a man but a woman who, having ten drachmas, loses one of them and goes looking for it until he finds it.

In this case, the details that make up the narration increase. While in the first case, the search act that characterizes the shepherd has no details, here they are identified by three images: the woman lights a lamp, sweeps the house, and searches diligently until she finds the drachma. Lighting the lamp involves the eyes, sweeping the house, the hands, and diligent searching

6 HAUCK, F. *Parabolē*, V, 742.

7 Although the Greek term used by Luke is *anthrōpos*, the option to translate the term not by human being in the general sense, but by man as a male, is corroborated by the fact that the evangelist refers to his father from v. 11 uses again the term 1Ki 17,18 in the New Vultate: “*Quid mihi et tibi, vir Dei?*” E na LXX: “*τί ἐμοὶ καὶ σοὶ ἄνθρωπε τοῦ θεοῦ;*”.

involves the feet, but motivated by love. Luke uses the term *epimelōs*, translated by *diligenter* in the New Vulgate. The option of the New Vulgate puts us in the semantic field of the verb *diligere* which, according to Saraiva, is the way to love with choice, because it denotes discernment⁸. Therefore, the woman's search for the lost drachma involves "tender love" or why not the tenderness that, according to the lucan narration, it corroborates the search of the gaze and the hands by the movement of the feet, the movement of the feet which here concretely indicate the movement of the whole being, since the gaze can move without the whole body, so can the hands. However, here it is about the movement of the feet, base and support of the body, and therefore the movement of the whole body. Body moved by the tenderness that runs through the house in search of what is lost!

If in the first case, we come across elements that reported to the male imagination, here, on the contrary, we stand before the female imagination. It is a woman who loses not an animal, a sheep, that can come out and disperse from the herd, but an object, a drachma, something motionless.

On finding the drachma, the woman celebrates with her friends and neighbors telling them, with a chorus almost identical to that of the shepherd: "Rejoice with me because I have found my lost sheep" (Lk 15,9). Almost identical, because a very significant detail stands out. In the case of the shepherd, he says "I found my lost sheep". In the case of the drachma, however, the possessive pronoun is missing!

Also the conclusion of Jesus, when resuming the theme is different. Here he says: "There is joy before the angels of God for a repenting sinner". There he adds that there will be greater joy for a repenting sinner than for ninety-nine righteous people who need no repentance. Statistical proportionality does not occur explicitly here, but the attentive reader has already been able to perceive it. While in the case of the lost sheep the ratio is 1% to 100%, as ninety-nine remained, but only one was lost; In the case of the dragon, the proportion multiplies. In fact, one drachma out of ten drachmas equals 10% of

8 SARAIVA, F. R., *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*, p. 375.

100%. The ratio then is much higher! On the other hand, it must be admitted that the number of sheep, as the shepherd's property, is much greater than the number of drachmas the woman had. While one had a hundred sheep, the other had ten drachmas. Even so, no matter how much they had, when they lost the sheep or drachma, they set themselves in a searching attitude.

It is necessary to advance the narrated path through the third scenario, which involves the father and the two sons. There, as we shall see, is not a third parable, but the revealing anagnoretic climax of a single parable in three.

The text begins by narrating that a certain man had two sons. The youngest asks for the part of the inheritance that he was supposed to receive and, upon receiving it, departs for a distant land and, there, consumes its goods living in an unregulated manner (literally *asōtōs* – “without health, without salvation”)⁹. After spending all he owned, he began to need. At the same time, the land on which he was located began to suffer from the famine that struck the population. Having found work, she took care of pigs. In the face of his hunger, not even what the pigs ate they gave him. The insight of lucan narrative creates a moment of tension in the plot. From that moment, the youngest son becomes aware of his situation by “coming to his senses,” as the text literally tells us (cf. Lk 15,17) and, regretting his choice, wishes to return to his father's house, starting a movement, which will be achieved in the outer movement of the return. Year XXIV No 88 Jul/Dec 2016.

He begins his return and, as he approaches his father's house in the distance, is seen by his father. At this point, the lucan narration shifts focus. The son, who until then was the subject of verbs, gives way to his father. The father becomes the subject of a succession of verbs: he sees his son, moves with compassion for him, runs to meet him, throws himself around his neck and kisses him. The sight stimulates compassion; compassion hastens the desire for the meeting and the father runs to meet his son, a meeting that ends in a hug and a kiss.

9 FITZMYER, J. A. The Gospel According to Luke, p.1088.

In front of the succession of movements involving the father, the son remains silent. Silent perhaps because at the gesture of his father he is visited by the mystery of what true love means, silent because in the hug, he is given the warmth of his father's breast, donated again the memory of belonging, silent perhaps for feeling in his father's embrace the warmth of his guts of mercy, so well represented in the report by the *splanchnízomai* verb – moved from compassion in its bowels - a term translated in the semantic field of heart, affection and tenderness, in most of our bibles for bringing to mind the inner world that moves, the bowels in their symbology as an archetype of inner warmth, coziness, from the lap!

Finally, the son speaks and when speaking verbalizes repentance who had already found space in his heart: "Father, I have sinned against heaven and before you, and I am no longer worthy to be called your son" (Lk 15,21). Behind his words, the beauty of contrition expressed, but on the other hand, comes the thread of something deeper. The youngest son does not consider himself worthy to be called a son, and although he does not express what he thought in v. 19, it is clear to the reader the contrast between being treated as a son and expecting to be treated as an employee. He desires to be treated as an employee (Lk 15,19)!

Time, however, becomes short and his words do not reach the possibility of expressing such content. The father interrupts him and summons the servants to prepare the best clothing for his son, put the ring back on his finger and the sandals on the feet, bring the fatted calf and kill it to begin the festive meal. The reason is clearly expressed by the causal *hóti* of v. 24: "This, son of mine who was dead is living again; he had gone away from me and has come back". And all: father, youngest son, and servants rejoice together!

The scene could have ended here, but the narrative introduces masterfully an inciting moment¹⁰, a new tension in the plot of the scenario. The eldest son, who until then was only a minor component of the scenario, comes to the foreground.

10 SKA, J.-L. "Our Fathers have told us". p. 25.

Upon returning from the camp, he approaches his father's house and, calling one of the servants, wants to know why the songs and dances. Informed that his youngest brother had returned and that his father had killed the fatted calf not only because he had returned but was found healthy, he was outraged. Invaded by indignation, he did not want to go home.

The father then goes out to meet him and starts calling him, as it is in most of our translations, a fact that must have had a durability or insistence due to the fact that Luke uses the verb in the imperfect. However, the verb used in Lk 15,28 is *parakalein* which indicates that the father not only calls the eldest son, he urges him, he comforts him continually, as expressed in the iterativity of the imperfect (*parakálei*). The son is justified: "I have served you for so many years, never transgressed your commandment, and never giving me a kid to rejoice with my friends. But when this son of yours who wasted your goods with harlots came, you killed for him the fatted calf". Behind the indignant words of the eldest son, the presence of discomfort regarding the father's behavior toward the youngest son, whom he does not call his brother, but refers to him with the clearly derogatory deictic "this son of yours" and not "this brother of mine". Depreciating Luke's use of *houtos* here in the mouth of the eldest son. Reflection of such a derogatory tone the reader had already seen in v. 2, in the mouth of the pharisees and scribes.

Although the reader should naturally expect different postures among the brothers there is something that brings them closer. Both present a detachment from filial identity, even momentary, even marked by the regret of one or the indignation of the other. It is true that the youngest son, when speaking with his father, begins his speech with the vocative "father", vocative that is not used by the eldest son. In the speech of the eldest son lies the semantic field of service performed under the rule. He has never broken his father's commandment, but he is still unable to look upon it as a precious and fruitful gift. Look, on the contrary, with the sadness of those who perfectly fulfilled the precept. He does not look with the freedom of the son, but with the obligation that characterizes the posture of those who serve, but is not able to re-signify the service beyond its normative soil.

So, how to expect a different fruit from such soil? In the face of this attitude, the father shows himself tenderly close also of the eldest son who at this time somehow reproach him for not acting as he expected. He felt disregarded before the youngest brother, and outraged he does not accept the behavior of the father. Even so his father approaches with tenderness no longer expressed here by the verb *splanchnizomai* but by the noun *filho* in the Greek form *teknon* which can demonstrate the familiar and fond way of the father referring to his son¹¹. And he says to him: “Son, thou art ever with me, and all that is mine is thine” (Lk 15,31).

Behind these words, scholars observe that according to the testamentary rules governing the inheritance of the time, the eldest would have the double equivalent of what the father had given the youngest son to live, because he was the firstborn and therefore he would have missed nothing¹².

However, in addition, the subject seems to be quite another in the parable. Although the normative theme is so inherent in the speech of the eldest son, it can be noticed deep down he is saddened for not understanding what flesh his father’s heart is made of. He is in his father’s house and lives with him, but he does not live by his father, does not share the reach of his horizon. In the face of this finding, the father could not demand from him a different answer. That was what he could achieve with his vision and his heart! It was his limit! Even so, the father tries to relocate the eldest son to the place that already belongs to him also using him of the same pronoun in the mouth of his eldest son a little while earlier – *houtos* – but now with a new and authentic connotation: “This, son of mine who was dead is living again; he had gone away from me and has come back” (Lk 15,32). It is as if the father says to him: he is not only my son, he is your brother! Towards the end of this course of reading, we noticed that the pieces of the three steps that constitute the parable of mercy in chapter 15 of the third Gospel are masterfully linked together in the evangelist’s pen. In every scene is present the lost element that is sought and that, when found, generates such a joy that it needs to be shared. In the case of the sheep, the friends and neighbors share the joy of

11 BOVON, F. El Evangelio según San Lucas, III, p. 72.

12 FITZMYER, J. A. The Gospel According to Luke, p. 1087. Cf., also, Lv 21,17.

the shepherd. In the case of the drachma, friends and neighbors share the joy of the woman; In the case of the youngest son, they share the joy of the father, his servants. If we hold as an exegetical-narrative hypothesis that it is a parable in three acts, then it must be accepted that just as there is a sheep that is lost outside and away from home, there is a drachma that is lost near and inside the house. Thus the sheep would be in parallel with the youngest son, who was lost out of the house, and the drachma in parallel with the eldest son who, somehow, is not found even in his father's house.

This image corroborates when with not a few authors we realize that the parables in Luke are addressed to specific interlocutors, clearly indicated in the various contexts.

Thus, the comparative element had already been expressed even before beginning the narration of the parable: on the one hand publicans and sinners; on the other, the pharisees and scribes; on the one hand, the sheep that is lost outside and away from home; on the other, the drachma that loses near and indoors; on the one hand the youngest son who expects to be away from home, away from his father; on the other, the eldest son who has not yet found himself in his true identity at home, and supposedly close to his father. The brothers are not yet found in their identity, because the youngest wants to be treated as a servant or diarist (*misthós*, Lk 15,19) and the oldest has always felt servant (*doulos*, Lk 15,29). Behind their faces the fragmented effigy of sonship, for both of them, whose identity becomes obscure to them for not recognizing their origin, their father's face.

Lk 15: Plastic synthesis of the biblical concept of mercy

The Old Testament has several terms to refer to mercy but two particularly express it commonly in most of the texts. These concepts are *hésed* and *rahamim*, faithfulness and compassion¹³. Let's see what St. John Paul II tells us in *Dives in Misericordia* briefly and clearly about this¹⁴: When defining mercy, the Old Testament Books serve mainly

13 CAMBIER, J.; LÉON- DUFOUR, X. *Misericórdia*, p. 594.

14 JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, note 52.

from two expressions, each of which has a diverse semantic hue. First of all, the term *hesed*, which indicates a deep attitude of “kindness”. When this provision is established between two people, they become not only benevolent towards each other but also reciprocally faithful by virtue of an inner commitment, therefore, also in virtue of a faithfulness to oneself. And if *hesed* is certain to mean either “grace” or “love,” this is precisely on the basis of such faithfulness. The fact that the commitment in question is not only moral, but as legal, does not change its reality. When in the Old Testament the word *hesed* is referred to the Lord, this always happens in connection with the covenant God made with Israel.

This covenant was from God a gift and a grace to Israel. However, since God, in keeping with the established Covenant, had pledged to respect it, *hesed*, in a sense, acquired legal content. God’s “legal” commitment no longer required when Israel broke the covenant and did not respect the conditions of the same. And it was precisely then that he *hesed*, no longer being a legal obligation, revealed its deepest aspect: that which was at the beginning became manifest, that is, love that gives, love more potent than betrayal, grace stronger than sin. This faithfulness to the unfaithful “daughter of my people” (cf. La 4,3.6), ultimately is God’s faithfulness to himself.

This is evident above all by how often the binomial *hesed we’emet* (= grace and fidelity) is used [...]. “I do this not because of you, O house of Israel, but for the honor of my holy name” (Eze 36,22). Thus, Israel too, although under the weight of blame for breaking the covenant, cannot make any pretensions to God’s *hesed* based on a supposed (legal) justice. However, he can and should continue to hope and have confidence in obtaining it, since the God of the covenant is really “responsible for his love.” Fruit of this love is forgiveness and reconstitution in grace, the restoration of the inner covenant.

The note refers first to the *hesed* concept, which in its semantic hue expresses a relational commitment in which the parties are not simply benevolent to each other but faithful to one another in virtue, above all because of a fidelity to themselves. The *hesed* understanding of a subject as

fidelity to himself qualifies his identity character when, in relation to God, it is seen that even in the face of Israel's unfaithfulness and, particularly in such a situation, *hesed* manifested himself as giving love, not simply because of Israel, but for God's faithfulness to himself. It is thus understood that *hesed* indicates a conscious, voluntary look and not just an emotion. In this case, the subject has mercy on the other not simply because the other deserves it, but because it is part of the subject who lives the dimension of *hesed* to be true to himself, by conscience to which he cannot be unfaithful, by identity principle. In this sense, God is *hesed* for excellence because even when human beings are unfaithful to him, he remains faithful, a concept that is applied to Christ in 2Ti.2:13 when it says "if we are unfaithful to him, he remains faithful, because he cannot deny himself".

The second word that in Old Testament terminology serves to define mercy is *rah^amim*. The hue of its meaning is somewhat different from the meaning of *hesed*. While *hesed* emphasizes the characteristics of faithfulness to oneself and "responsibility for one's own love" (which are male characteristics in a sense), *rah^amim*, at its very root, denotes the mother's love (*rehem*= maternal breast). From the deepest and most original bond, or rather, of the unity that binds the mother to the son, springs a particular relationship with him, a particular love. From this love it can be said that it is totally free, not deserving of merit, and that, in this respect, constitutes an inner necessity: it is a requirement of the heart. It's a "feminine" variant of masculine allegiance to himself, expressed by *hesed*. From this psychological background, *rah^amim* gives rise to a range of feelings, including kindness and tenderness, patience and understanding, that is to say readiness to forgive. The Old Testament attributes these characteristics to the Lord when speaking of Him, using the term *rah^amim*. We read in Isaiah: "Can a woman forget her son, and have no love for the fruit of his bowels? Though she would forget her own child, I would never forget you" (Isa 49,15).

While *hesed* is seen in its dimension of faithfulness to the rightness of an identity principle, and therefore linked to the semantic field of consciousness, *rah^amim* being linked in its etymological root to the term *rehem* (womb), binds to the semantic field of the bowels, of affections and is symbolically

linked to the feminine dimension of mercy. By its own indicative force, the womb is a materialization of tenderness, of welcome, of generous affection, for it welcomes the fetus and remains united with it, skin to skin, almost as if embracing it throughout the gestation period in a movement of increasing and constant adaptation to that developing being. Although we all find in our bibles this lucan chapter as the chapter we learn to be¹⁵. of mercy for excellence, there does not appear the Greek term dearest to the Septuagint for the translation of the *hesed* which is *éleos* (mercy). However, there is present the semantic understanding of the concept, when we come across the image of the shepherd, that, by conscience and duty of care for the flock, leaves the ninety-nine sheep and goes looking for the lost one. If this is true for *hesed*, it is even more so for *rah^amim*, for here lexically appears the verb *splanchnízomai* almost always used to express the content of *rah^amim* and thus emblematically the mystery that makes up the metaphorical world of the bowels. In this sense, *hesed* and *rah^amim* represent here the images par excellence of the biblical image of mercy masterfully synthesized by Luke in his chapter 15, in the images of the shepherd and the sheep and the woman and the drachmas, but above all of the father who in itself perfectly condenses the *hesed* we *rah^amim*, the father who acts with guts of mercy, with the conscience of a father who is faithful to his son by fidelity to the love that nourishes him (*hesed*) clothed with the affectionate bowels of his mother who welcomes him on his lap, gives affection, puts new sandals on his feet, clothes him with new clothes and gives him back the ring (*rah^amim*). Perhaps for this very reason, conscious or not, but certainly inspired Rembrandt while painting his famous painting of the return of the youngest son, he has the father's hands placed on the back of the son, as critics of art rightly point out, one of his hands with masculine characteristics and the other with feminine characteristics, plastically indicating the *hesed* we *rah^amim* of God figuratively represented in the Father who loves both sons with paternal awareness and maternal tenderness. Enzo Bianchi in an article from last October on *Avvenire* notes that since the homily of his pontificate, Pope Francis has permeated his speeches with the theme of tenderness, demonstrating that tenderness is not

15 FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, Bull of indiction of the extraordinary jubilee of mercy, Vatican, 04/11/2015

only an aspect of mercy, but tangible, touchable mercy. Not only in its aspect of *hesed* but also of *rah^amim*¹⁶.

Lk 15: The scenic triptych, the lexical diptych, and the semantic-thematic unit

At the end of this journey, we became aware of three scenarios forming a triptych: the pastor's first scenario and the sheep; the second from the woman and the drachmas and the third from the father and the two sons. Triptych construction that is interconnected by the images of the shepherd and the woman, synthesized in the figure of the father who meets what was lost outside (Lk 15,20: the father saw him and ran to meet him) and what was also lost inside. (Lk 15,28: the father went out to supplicate him).

In the same way as there is a movement of the shepherd who meets the lost sheep and a movement of the woman who goes in search of the lost drachma, there is a movement of the father who meets the youngest son and the oldest son.

The chapter also has a diptych that is repeated in the three scenarios. On the one side, the presence of what is lost and, on the other, the presence of the seeker. In the first scenario, the lost sheep. The sheep recalls the image of listening, as we can see, for example, in Jn 10: 3-8: 16.2, and within the lucan narrative style that addresses its parables to interlocutors specified in the text, the reader remembers the publicans and sinners approaching to listen Jesus at the beginning of chapter 15. On the other hand, the image of the drachma, which is lost in the house, interconnects us with the pharisees and scribes, unable to express themselves properly because they murmur and, when murmuring, they neither speak nor listen. And the worst: do not

16 BIANCHI, E. Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze: "Nell'esortazione apostolica Evangelii gaudium parla per ben 11 volte di tenerezza, ricorrendo a questa parola in modo sempre pensato, con molto discernimento. Parla di 'tenerezza combattiva contro gli assalti del male' (85), di 'infinita tenerezza del Signore' (274), di 'tenerezza' come 'virtù dei forti' (288), di 'forza rivoluzionaria della tenerezza' (ibid.), avendo coscienza che la tenerezza è appunto una virtus, una forza attiva e pratica, non solo un sentimento. Arriva a scrivere che 'Il Figlio di Dio, nella sua incarnazione, ci ha invitato alla rivoluzione della tenerezza' (88)".

listen themselves! Moreover, as it could not be different, a drachma neither speaks nor listens. Eloquent symbol of closure to listening and inability to communicate. For the reader accustomed to the lucan pen, he will have to remember the adjective “friends of money” addressed to the pharisees in Lk 16,14. The diptych of the shepherd looking for the lost sheep and the woman looking for the drachma that is lost inside home is masterfully completed by the image of the father who wants to find the son who has been lost far away and the son who is lost close and inside home, but not only that. The father condenses in himself the faithful conscience of the shepherd and the tender diligence represented by the woman.

Finally, the repetition of the semantic field of joy related to the dimension of the reunion of what was lost (the sheep and the drachma) linked to those who are lost (not only the publicans and sinners, but also the pharisees and the scribes) is clear represented in the metaphorical universe of chapter 15 by the two sons, the youngest and the oldest, respectively. While it is clear that the unity of the triptych is marked by the joy of those who find what they had lost (Lk 15, 5-7.9-10.32), as a representative axis of divine mercy always open to welcome and to reunion, there is still a very structural element. significant: the presence of a semantic inclusion. Before beginning the narration of the lost sheep, the evangelist tells us that the pharisees and scribes murmured. As we said, murmuring is not about speaking, is not about dialogging, but about the absence of logos. Even so, in the contradiction of such a stance, something inherent is expressed in limiting the gaze of those who still do not reach the horizon that illuminates the eyes of the father and therefore opposes them. Obviously the opposition of the oldest son, while apparently indicating the non- acceptance of the youngest brother’s welcome, deep down reveals something of himself. From someone for whom religion has a view that is not that proposed by the father. This semantic inclusion manifests itself magnificently as when, at the end of the chapter, the reader comes across the eldest son who, in an almost similar attitude, complains about his father. And so, as it murmurs! It is true that he dialogues with his father, but it is a resentful, almost murmuring dialogue of a son who cannot reach his father’s horizon. Even in the face of the eldest son’s recriminations,

the father loves him in his faithful *hesed*. The chapter ends with the speech of the father, but does not narrate the reaction of the eldest son...

The text of Lk 15 has yet another thread that links it. It is a very subtle, almost imperceptible thread which here and there arose at very representative moments of textual speech: the demonstrative pronoun. At the beginning of the chapter: v. 2 "he receives sinners and eats with them"; later, in v. 3 "this parable"; in v. 24 In the mouth of the father: "this is my son." in v. 30 in the mouth of the eldest brother in relation to the youngest "this tson of yours" and finally in v. 32 In the mouth of his father speaking to his eldest brother: "this is your brother".

The pronoun this demonstrates what's near and by demonstrating, looks closer. The pronoun also indicates the imminence of what needs to be perceived, or why not urgently perceived. What?

When we are born, we necessarily experience the absence of the maternal rehem, the first uterus, for as we are born from it we separate physically and forever. However, after that first experience we realize that there is a second uterus, the lap. First the mother's lap, tactile, olfactory, nourishing and welcoming memory of what was in the affective memory of what was the first uterus. Second, but not least, the lap, second womb, is also represented by the embrace that welcomes us, and now not only by the embrace of the mother, but also of the father, brother, friend, neighbor and that welcomes us when a hug is needed, which is a welcoming lap in the face of the cold contingencies of the path. However, neither the first uterus nor the second uterus match what I call the third uterus. Third, not in order of importance, but because it embraces the meaning of the previous "wombs".

The first uterus is limited and even though it can hold more than one human being in gestation, it will always remain limited by its physical constitution. The second uterus, the lap, even though broader than the first in its symbology, is also limited because metaphorically the lap, while welcomed, may be open to many people, but hardly to all by the bad things that constitute it not only as lap that is offered, but also as lap that is sought. The same does not happen with the third womb, the lap of God.

There is no limitation there. In it the full experience of mercy is made in its symbolic-paternal and symbolic-maternal dimension, *hesed we rahamim*. In fact, each time God welcomes us for His infinite mercy He returns us to ourselves, because it enables us to experience being born again through the grace of forgiveness.

He gives us. If it is true that the dimension of *hesed* is present in Lk 15 by the dynamics of seeking or meeting what has been lost, then the *rahamim* also becomes noticeable. The *rahamim* has a symbolic dimension of the womb (*rehem*) that welcomes and that, in welcoming, generates life is first represented by the shepherd who welcomes the lost sheep on his shoulders and returns it to the flock; then, by the woman who lights the lamp with her hands, she sweeps the house and finds the drachma and with her hand puts it back in the space where she probably kept her coins. Finally, it is in his father's embrace that his arms embrace his lost son and gives him back to his paternal's coziness.

The triptych is made unum by images of the shoulder, hands and arms, elements without which the lap of the hug would not be plastically possible. In every moment of the triptych joy was present. The joy of the shepherd, the woman, and the father: the joy of mercy (*misericaordiae gaudium*).

That in this year of mercy not only does the eye receive the indication of where he should turn in mercy, but his hands reach out to embrace and welcome, and thus our feet move marked by the awareness of the *hesed* called to manifest in the *rahamim* of tenderness, and having experienced the rebirth in the embrace of the Father's arms, let us find in his Father's face our face of children, and as He, the merciful Father, merciful.

BIBLIOGRAPHY

- BIANCHI, Enzo. Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze. Avve-nire, 14/10/2015.
- BOVON, François. El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15,1-19,27). Ediciones Sígueme: Salamanca, 2004.
- CAMBIER, Jules; LÉON- DUFOUR, Xavier. Misericórdia. In Xavier LÉON- DUFOUR (org.). Vocabulary of Biblical Theology. 8. ed., Vozes Publisher: Petrópolis, 2005, p. 594-598.
- ELOY E SILVA, Luís Henrique. "Do you see this woman?" In search of the "merciful point of view" according to Lk 7,36-50. In FERREIRA, Antonio Luiz Catelan (org.). Rediscover Mercy. Interdisciplinary reflections on the *Misericordiae Vultus*. CNBB Editions: Brasília, 2016, pp. 17-40.
- FITZMYER, Joseph A. The Gospel According to Luke (X-XXIV). New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1985.
- FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, Bull of indiction of the extraordinary jubilee of mercy, Vatican, 2015.
- HAUCK, Friedrich. *Parabolē*. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Tes- tament, V, 741-759.
- JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, Encyclical Letter on Divine Mercy, Vatican, 1980.
- MEYNET, Roland. The rhetorical analysis: a new method for understanding the Bible. *Brotherly* 137 (1993) 391-408.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novissimo Dicionario Latino- Portuguez: Etymological, Prosodic, Historical, Geographic, Mythological, Biographical, etc.* Rio de Janeiro: Garnier, 1927.

SKA, Jean-Louis. "Our Fathers have told us". Introduction to the Analysis of Hebrew Narratives. Subsidia Biblica 13. Editrice Pontificio Istituto Biblico: Roma, 1990.

Received in: 8/31/2016 Approved in: 9/18/2016

MEDELLÍN AND PUEBLA: THE MERCEDARIES ON THE PERIPHERIES OF CAPTIVITY

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Coutinho¹

Celebrations are part of social life, both in the public and private spheres. Births, weddings, birthdays are reasons for celebrations in private daily life. Also in the public sphere, birthdays are celebrated on historically important dates, such as “discoveries” of territories or knowledge, of city foundations, of institutions, of birth and death of characters, of works publications, and also huge ecclesial events, as the foundation of a Religious Order or Councils and Synods.

However, what seems to us quite natural would not be like this if we did not think of a chronological and historical time – as suggested by the French historian Pierre Nora. For him, commemorations are phenomena of the laicized contemporary societies, in which the great historical dates have taken the place of Christian dates. However, and disagreeing with him, the Church also recognizes itself within a chronological and historical time, so it also commemorates the most relevant dates of its trajectory in history.

The round anniversaries, the silver, gold, and diamond jubilee, the “centenarians,” etc., witness a close relationship between the passage of chronological time and the consensus that these dates should be celebrated with greater emphasis.

Each of these celebrations had its specificities, showing us that the commemorative acts have their historicity, happening in different contexts, and that can be understood as a historian’s object of study. That’s what Pierre Nora demonstrates in his chapter “*L’ère de la commémoration*”, by analyzing and discussing the political, cultural and social contexts in which they were celebrated, in France, the May 1968, the bicentenary of the French Revolution,

1 Resume available on page 125

the millennium, was celebrated in France. the capetina millennium, the tercentenary anniversary of the revocation of the Edict de Nantes, among other festive dates in French history – that is, a national history. In this way, Nora demonstrates how the present creates the “instruments of celebration, shaping them according to their needs and specificities, as well as the simultaneity of the ephemerides assume importance in political relations and in the national imagination, project political representatives”.

As a historian’s object of study, some words then fit to understand the phenomenon of celebration in Western society whose values we share, once again following in Nora’s footsteps. The French historian argues that celebrations are, par excellence, gestures that demarcate the “places of memory” a concept that synthesizes the relationship between history and memory. Although the work is about the places of memory in the context of French history and within the nation, in its theoretical discussion there are some indications that are useful for thinking about the meaning of the celebrations – in this case, Eight hundredth anniversary of the Order of Our Lady of Mercês together with two significant events for the Latin American Church: the Fiftieth anniversary of the Medellin Conference and the Fortieth anniversary of Puebla.

In the author’s view, memory and history are not synonymous. Memory is life, provided by people as a group, and is in permanent evolution. Open to the dialectic of remembering and forgetting, memory is unaware of its successive deformation and, vulnerable to all uses and manipulations, susceptible to long latencies and sudden revitalizations. History is the always problematic and incomplete reconstruction of what has passed. Memory is an always present phenomenon, a connection lived in the eternal present, while history is a representation of the past “The study of the places of memory lies precisely at the intersection of these two movements,” there where memory intersects with history.

The “places of memory” are born and live from the feeling that there is no more spontaneous memory. Nora understands that the need to create archives, to keep anniversaries, to organize celebrations, to pronounce obituaries, to draw up minutes and so on are operations that are nothing

natural and spontaneous. They are acts endowed with a complexity that reveals itself by the fact that they touch three dimensions: the material, the symbolic and the functional. For example, a file – something of a material character – only becomes a place of memory when invested with a symbolic aura. Or something very functional, such as a schoolbook, a will, an association of former combatants, need to undergo some form of ritualization to become a place of memory. Even a minute of silence, something pregnant with extreme symbolic meaning, has its materiality as a cut of a temporal unit and serves as a concentrated evocation of memory. Nora means that the three instances always coexist. But the key is that there is, on principle, the desire for memory.

We can affirm that this II International Mercedary Conference assumes, in material, symbolic and functional form, a “place of memory”. However, due to the synchronization of celebrations of the Eighth Centenary of the Mercedary Order’s foundation, the Fiftieth anniversary of Medellín and the Fortieth anniversary of Puebla, the “place of memory” par excellence is in the “peripheries of captivity”. There you can find all these events synchronously: the inspiration of St. Peter Nolasco with the “redemption of the captives” and the “preferential option for the poor” of the Latin American Church.

In order, therefore, to help awaken a more effective commitment to the libertarian cause of the impoverished on our continent, we take care to recall the central aspects of Medellín’s 50 years and Puebla’s 40 years, so that each of these Conferences can draw lesson to help us to successfully cope with the old and new challenges of today’s social ecclesial.

A distance of only ten and a half years between Medellín and Puebla can give the impression that little or nothing has happened so extraordinary in Latin America. On the contrary, in ten years the political context became even more radicalized and at the economic level followed a scenario of remarkable impoverishment. In the case of Brazil, a situation aggravated by the increase in the external debt, high inflation, increase in the cost of living, and unemployment. It is the same, the lucrative voracity of transnationals, in different sectors of the economy. The much celebrated economic growth of the military regime period start making water. In Central America, bloody

conflicts got worse, expressing the weight of the oppression of authoritarian regimes, such as El Salvador and Nicaragua, where popular forces gain ground, until the victory over Somoza in mid 1979 with the revolutionary rise of the Sandinista forces, under the strong protagonism of the Christians.

Some consider the importance of the Medellin Conference for the Church in Latin America in 1968. Some state that it was overestimated by academic and militant literature as a starting point for the ongoing changes in the Catholic Church of the continent, but that nevertheless the importance of Medellin would result much more from being a milestone in institutionalizing of positions that they had seen for some time, being adopted daily by bishops, priests and lay people.

The “Medellin event” was not an unexpected event, but it was not only the result of a “procedural causality” either. François Dosse would like historians to overcome these two most common modes of interpretation of the “event” and to see it much more “as the outcome and openness of the possible.” That is, to analyze it in its dialectic dynamics: the “event” is “instituted” as well as “instituting”.

Medellin arrives in Brazil, even before the event, generating a crisis between church and state. In the Northeast, in Recife itself, in April 1968, the newly created Institute of Regional Theology (ITER) started the discussion of the Conference working document. Monsignor Archbishop Helder Camara asked one of his theologians, a priest *fidei donum* to draw up a study text.

This was produced by the experienced Belgian theologian and sociologist, living in Latin America for several years (and invited by Monsignor Helder Camara to be the Prefect of Course Studies of Theology): Fr. Joseph Comblin.

This text had a huge repercussion and became known as “Comblin Document”. Comblin has written a critical and hard text on the social, economic, cultural and ecclesial reality of Latin America. The same was to be discussed in a restricted group of ITER theologians and teachers (twenty-five people in all), including Monsignor Helder.

However, the text came into the hands of young college students, which was reproduced and distributed widely in youth circles. And it ended up falling on the lap of Recife city councilman Vandenkolk Wanderley (of the ruling party - ARENA) and released by the press. Together with Wanderley, State Representative Adije Maranhão (ARENA) filed a lawsuit against Monsignor Helder Camara to go to jail and expel Fr. Comblin from the country because the document was “highly subversive”.

The “Comblin Document” was organized into four parts: “Historical Situation of Latin America”, “Church Responsibility for Historical Underdevelopment in Latin America”, “Political Problems” and “Pastoral Issues”. Fr. Comblin defined the Church on the continent as one of the most underdeveloped institutions and pointed out the causes for this: abandonment of the peasant masses; solidarity with the ruling elite; colonialism; class education; well-intentioned welfare, but without reality; indifference to the worker; notary bureaucracy; and inability to organize. Concerning the Latin American reality, Comblin saw, “alongside a category of mestizos, poor and marginalized, a white aristocracy that accumulates the totality of power, wealth and culture” and the Church adopts the same position as the big landowners: “Unaware of the existence of the rural masses, their human character”.

For the implementation of social reforms and the end of privileges by violent means, Comblin stated:

It would be wrong to think that “the Church” or “morals” condemn the acts of force for the conquest of Power. But a military insurrection is not the way either. Military action is only useful just when the military has been demoralized and is no longer able to resist. Until the twentieth century, the Church never condemned force. The examples are many. One of them: the Church did not condemn, but accepted the action of the force that made the 1964 Revolution in Brazil [...].²

2 Correio da Manhã. “Comblin Document Shakes Catholics”. RJ, 06/16/1968, 1st section, p.18.

And for the realization of a truly poor Church (as was the wish of Mons.

Helder and other bishops who carried out the Pact of the Catacombs during the Second Vatican Council) was very emphatic:

A significant gesture would be the immediate distribution to the poor of all unproductive ecclesiastical goods (uncultivated land, insufficiently used buildings, etc.). This gesture would be nothing heroic, it would be just a gesture of justice, because according to the Church's own social doctrine, private property is illegitimate when it does not contribute to the common good. It would only be to restore to the poor what belongs to them ex justitia. The most significant gesture would be the distribution to the poor of accumulated goods for capitalization purposes [...]. This, yes, would be a sign.³

Here was enough evidence to be called “subversive-communist”. We are also of the opinion that the document has influenced, not in all its requirements, the pact made by 48 bishops (in a kind of “Brazilian Pact of the Catacomb”) during the IX General Assembly of the CNBB (July/1968). The sheets that collected the signatures had a text with the following content:

In line with the spirit of Vatican II, which presents, according to the Gospel, the image of a poor and servant Church, inserted among the people, as an effective sign of salvation, we bring to the IX General Assembly of Bishops of Brazil the following proposition: That we renounce our honorary titles of treatment like Eminence and Excellence, a dominant expression of a past era, and we may be normally treated as other Christians and in accordance with local customs “(CNBB, Minutes of the IX General Assembly, 1968, p. 165- 169).

For this reason, besides the Pernambuco congressmen, Congressman Carvalho Neto, leader of the ARENA bench in the Legislative Assembly of former Guanabara (RJ), made a request to President Costa e Silva to promote the immediate expulsion of Fr. Comblin and the president of Guanabara Catholic Association, the Barnabite father Vicente Adamo, because they were

3 Idem.

elements “that form a gang that has been preaching subversion and disquiet in Brazil”.⁴

Also more conservative ecclesial sectors reacted strongly. The integrist movement Tradition, Family and Property (TFP) made several demonstrations in São Paulo and Belo Horizonte In Rio de Janeiro, for example, twenty men held a demonstration in front of the Church of the Saint Inácio College of Jesuit priests. With their banners they distributed leaflets (a manifest written by its founder Plínio Corrêa de Oliveira) against Monsignor Helder and Fr. Comblin.⁵

The “Comblin Document”, in some way, greatly encouraged the younger or more “progressive” wing of the Church, and it became to manifest publicly more vehemently especially by taking part in demonstrations promoted by the student movement.

Indeed, since 1967, student demonstrations were the most significant form of society’s opposition to the military regime, adding more and more demonstrators per event and reflecting growing dissatisfaction with the dictatorship. The largest and most significant of them was the “One Hundred Thousand Demonstration”. On June 26, 1968, approximately one hundred thousand people took to the streets of downtown Rio de Janeiro to protest against the oppressive and violent environment that dominated the Brazilian society of the period.

According to Vladimir Palmeira, one of the protagonists of that great demonstration, remembers that priests and nuns gathered in a large wing, bringing banners with the words “To silence our boys is to violate our consciences” and repeating slogans like “The Church wants justice”, “Freedom for the prisoners”, “The students are right”. Among the participants were the

4 Correio da Manhã. “Congressman wants to expel the priests”. RJ, 06/19/1968, 1st section, p. 3. In the issue of June 30, 1968, in the 4th section of this same journal (p. 6), Catholic intellectual Antonio Carlos Villaça writes a long article entitled “Comblin: sociology”, where he defends the analysis of the Belgian priest as a text totally “sociological” and that was not at all subversive.

5 Correio da Manhã. “Journalists Defend the Church”. RJ, 07/02/1968, 1st section, p. 2.

Auxiliary Bishop and Vicar General of Rio, Monsignor Castro Pinto, Cardinal Monsignor Jaime Camara, Father Vicente Adamo, representatives of São Vicente de Paulo, Santo as Vincentians, Ursolines, and Marians Mothers and Sisters.¹

That is why, in that second half of 1968, the military authorities started to persecute student leaders, politicians and artists, as well as priests, religious and lay people who were critical of the regime.

In the face of rising levels of violence (whether by the government or by armed resistance groups), Mons. Helder Camara proposed a “Revolution within Peace” (CAMARA, 1968) by forming a “public opinion movement”, using the ‘force of ideas’ and ‘democratic pressures’ – in clear opposition to the option for armed struggle - would lead to a transformation of social ‘structures’. This movement was called by him “Liberating Moral Pressure.”²

The newspaper *A Tribuna* (Santos-SP), of August 22 and 23, 1968 reported the launch of the movement in the city by Mons. David Picão and that received the support of local councilors and the Santos Student Center. A concrete gesture of this “liberating moral pressure” was the demonstration of about 100 priests and nuns, who left the Metropolitan Cathedral of Rio de Janeiro to 1st de Março Street, with banners and posters demonstrating against the expulsion of the French working priest Pierre Vauthier who had taken part in the workers’ strike in Osasco (SP) in the middle of that year. The demonstration lasted 10 minutes and everyone was silent. The same act had already taken place in São Paulo and Porto Alegre. A manifest entitled “Why are we on the streets” was distributed on the streets. One of the banners read “We were expelled from our Mission together with the People”.³

1 See the photos of the priests ‘and nuns’ wings in the “One Hundred Thousand” Demonstration on the home page of Vladimir Palmeira, student leader in 1968: http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.

2 CDI-CNBB, doc. nº 15894-2 (07429). Liberating Moral Pressure: Liberating Moral Pressure: what it is; how and when it arose, how it will act; programming for 1968; what to do specifically (Prepared and submitted by the Coordinating Center for the Liberating Moral Pressure - Recife - Pernambuco - Brazil). Section No. 1 - 2nd semester of 1968, 6 pp.

3 See. *Jornal do Brasil*. RJ, 09/05/1968, cover and p. 7.

In fact, the movement was legitimized during the IX General Assembly of the CNBB (July/1968), where it received the support of 43 bishops (about 25% of the total of 174 participating bishops). The launch was scheduled for the centenary of Gandhi's birth (October 2, 1968) with the expectation of taking place in 40 cities across Brazil. In addition, they were predicting two other events: on All Souls' Day (11/02) for a celebration of the "Martyrs of Liberty" and on 12/10 for the celebration of the Twentieth year of the Universal Declaration of Human Rights.⁴

However, during the Medellin Conference, Mons. Helder led his project, with the desire to expand it throughout the Latin American continent, and presented it at an informal meeting with some bishops, priests, religious, lay people and evangelical observers. The group was not very pleased with the name of the movement because they thought it was "flawed and temporary" and it became "urgent to adopt a more positive and broader name". That is why the movement of "Liberating Moral Pressure" was renamed "Justice and Peace Action", "a vigilant and determined movement to work for peace and justice in Latin America".⁵

On December 13, 1968, the government edited the AI-5, an institutional act that definitively ended individual freedoms and repressing violently any act of insubmission against the dictatorship. It struck the Church and its members in full.⁶

4 CDI-CNBB, doc. nº 15894-2 (07429). Liberating Moral Pressure, p. 4.

5 CDI-CNBB, doc. nº 15894-6 (07433). Found the name we were looking for. Found the name we were looking for. Section No. 5 - Prepared and submitted by the Information Center of the "Justice and Peace Action" - Recife - Pernambuco - Brazil, September 1968, p. 1-2. In fact, and following the established schedule, on 10/02/1968 the movement "Action Justice and Peace" was launched in São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), Barra do Piraí (RJ), Campina Grande (PB), Campinas (SP), Goiânia (GO), Manaus (AM) and João Pessoa (PB) according to the newspaper clippings collected by the coordination team (CDI-CNBB, doc. nº 15894-1 [07428]).

6 A few examples of this: March 1969, Fr. Antonio Henrique Pereira Neto, was kidnapped, tortured and killed in Recife; November 1969, death of guerrilla Carlos Marighela and the arrest of several Dominican religious, including Brother Betto and Brother Tito Alencar; September 1970, DOPS and 1st Army agents invaded the headquarters of the Brazilian Institute of Social Development (IBRADES) and arrest priests, lay people of the JOC and CNBB Secretary General Mons. Aloísio Lorscheider.

Simultaneously to all these events of 1968, the mercedarians in Brazil celebrated their 750th anniversary. In Rio de Janeiro, two moments of civic-religious solemnities. The first was a Mass celebrated at Igreja de Ramos by the priests of Rio and São Paulo, with Cardinal Mons. Jaime de Barros Câmara, auxiliary bishops, episcopal vicars. Besides them, civil authorities, the Spanish Ambassador and Consul in Brazil, the Mercedarian Sisters, Third Orders, parish communities of Ramos, Paquetá, Pavuna, Guadalupe and a large presence of the faithful.

In addition to this, another was described by Congressman Edson Teixeira Guimarães (ARENA) of the Legislative Assembly of Rio de Janeiro on September 22: "On the 22nd next past Colégio Pio XII, founded in 1951, celebrated the 750th anniversary of Order of the Mercedary Fathers, who heads the College. They made a beautiful parade, Mr. President, at Brasil Av., in Guadalupe. More than 20,000 people applauded the gracefulness and the elegance with which Pio XII College students paraded.

Mr. President, it was a parade worthy of being seen by the entire population of the State of Guanabara, because it reflected the education and sound guidance that that School gives to its students.

As a representative of the People and especially as a representative of that region, I congratulate Fr. Luís Barrero, Fr. Adolfo Estévez and Fr. Alonso Álvarez. (Diary of the Legislative Assembly of 10-01-1968)".⁷

For Maria Carmelita de Freitas, from the point of view of Pastoral Planning, Medellín's texts were only slowly and fragmentarily integrated since 1970, when the Biennial Plans of the National Organisms were prepared and when, in 1974, the General Guidelines for Pastoral Action were prepared for the 1975-1979 quadrennium. It can be said that the influence of Medellín to reach ecclesial foundations through Planning, but, according to her, it also "comes decisively in other ways". These paths were that of political confrontation: the confrontation with the dynamics of "history".

It took the experience of persecution and the evidence of the "deviations"

7 Mercedaries in Brazil. RJ: Ed. Borsoi, 1968, p. 124.

from the regime so that the Church, in all its sectors, took action. After the hesitations of the early years, the Church had to choose between the “prudence” of unconfessed submission and the unpredictable risks of “prophetic resistance”.

Involved without return in the dynamics of the events of those years between Medellín (1968) and Puebla (1979), the Church learned the difficult language of the Spirit and of evangelical freedom. With the decided choice of a church that is increasingly understood from the ground up and not from power (or relations with the State), this progressive awareness has been caused by the immediate and persistent contact with the real suffering of the people in its multiple manifestations.

By opting for “resistance” (and for regaining the freedom of the Gospel) the Church lost its immunity (censorship, defamation, supervision, torture, imprisonment, etc.) and was no longer a safe haven. In fact, the danger was not in the Church or in its political action. The very explosive nature of the Brazilian society, when confronted with a free and more evangelical Christianity, granted the prophetic action of the Church a directly political character.

Medellín, in fact, was “instituting” of the pastoral options of resistance to the regime, and the Puebla Conference (1979) would receive all this social ecclesial broth. The time has come to tell this story better.

Here we will make use of a detailed study prepared by the Ecumenical Documentation and Information Center (CEDI), Rio de Janeiro, in December 1978. This work was requested by Mons. Paulo Evaristo Arns, Archbishop of São Paulo, and by Mons. Tomás Balduino, Bishop of Goiás (GO).

With the title “Repression in the Church in Brazil: reflection of a situation of oppression (1968/1978)”⁸, the document had the purpose of analyzing the

8 The reference code of this document in the National Archives Information System (SIAN) is BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002560 The document is printed, with no indication of pages and graphic/publisher. It is the “Annex” to Information Report No. 0519/19/AC/79 of the Central Agency of the National Information Service (SNI) of 10/19/1979. The “conclusion” of the Information reads as follows: The document, published with the consent of Monsignor

problem of Human Rights in Latin America, but checking the difficult and extensive task, the authors decided to focus exclusively on Brazil.

The situation of violation of human rights in that decade in the several countries of Latin America had impressed and sensitized many sectors of society, as the level of violence reached such a high level that it became "impossible to ignore or even stop taking action on deaths, kidnappings, torture and disappearance of so many people". And one of these sensitized sectors was the Churches, "which became sources of denunciation of these very serious violations".

However, the authors of the dossier were fully aware of the limits of that investigative work "by the very situation of censorship, self-censorship, data dispersion, inaccuracies, lack of documentation about facts that occur in more distant places...". Therefore, they adopted as a methodological criteria to focus on "safer sources" (official documents), to look for the same facts in different sources so that they could complete the information and not to cite the names of those involved in the reported facts to prevent them from allowing themselves to "new persecutions".

Taking as a reference the final document of the CNBB General Assembly.. From April 1978, the authors present the "structural reasons" for the violation of Human Rights in Latin America: exacerbation of oppressive and oppressed conflicts, due to a situation of alarming social inequity; injustice in land ownership and use that also affected indigenous peoples; the unjust distribution of incomes; possession of the means of production concentrated in the hands of "powerful groups or the State"; growing domain of multinationals; the increase of urban peripheries by migration through the rural exodus; and the rise of military regimes supported by the National Security Doctrine.

PAULO EVARISTO ARNS, constitutes an advertisement for the performance of a portion of the Brazilian Catholic Church, committed to actions of contesting the established order and that will gain strength with the action of avid ex-exiled in alliances that will allow them to challenge the regime with greater credibility "(sh.05).

On this last point, for the CEDI team the concept of “total war”, inserted in the National Security Doctrine, favored the security of investments and guaranteed profits, since any criticism or contestation to the State was considered a weapon of the “enemies of the regime” and its authors, individuals, or institutions, were considered subversive and subject to repression.

However, with the economic crisis that began in 1973, and which affected the “Brazilian economic miracle” that served as a model for Latin American militarism, started to show alarming symptoms that it would worsen with the oil crisis. With the market in sharp decline, the model of development of military regimes has only aggravated the international crisis.

It was in this context that the US revised its relations with Latin American militarism and concluded that it should withdraw all support from the military regimes in such a way that in the short term power would be transferred to civilian hands. This is because the global economic crisis demanded that domestic markets be encouraged as much as possible, giving the most vulnerable sectors greater purchasing power.

Obviously, this “plan” did not want profound structural changes, nor of regimes where workers’ interests were dominant. Under the banner of Human Rights, the central countries of capitalism wanted to “liberalize” certain very harsh political situations and thus enable “relative democracies”.

Thus, in view of that “new context” (not humanitarian, but rather economic) and with the awareness of the Church “and of the workers themselves”, the theme of Human Rights came to be looked at from other perspectives.

From then on the dossier looks at the “repression and oppression” of the Church in Brazil. The document draws attention to the fact that in the period from 1970 to 1975, with as apex 1974, there was “a void of records”. This was due, the CEDI staff believed, to increased censorship in the period as well as a change in repression strategy. That is, at this time it was not possible to publicly report news of attacks on Church members, nor could mention be made of the arrest of priests and lay people. However, it was during

this period that one could notice, with a greater incidence of “dead and missing” in the whole of Brazilian society.

The CEDI team built a typologization of the aggressions suffered by the Church in Brazil during those ten years: defamatory attacks, invasions, arrests, tortures, deaths, kidnappings, prosecutions, subpoenas, expulsions, censorship, prohibitions and falsifications.

We will present the data of some of these types.

The survey of defamatory attacks demonstrated the tone in which reference was made to the Church or to persons of the Church (bishops, priests, religious, lay people) traditionally revered that were rudely attacked through the use of adjectives such as “subversive,” “communist”, “agitator”, “insufflator”, “Marxist”, “clandestine”, with the purpose of denigrating the action that many were taking with the most impoverished social groups.

Among the many examples listed in the dossier, we highlight this below: Some media reports refer to imprisoned foreign priests as follows:

“It is known that priests were arrested because they abandoned preaching the gospel to devote themselves to political preaching, the organization of subversion and armed guerrilla movements, to overthrow the regime”.

As for the invasions type, CEDI subdivided into: invasions of Churches; Episcopal headquarters, Curias, CNBB dependencies; of residences; of parish houses; pastoral headquarters; work centers; prelature and mission areas; pastoral areas; headquarters of the Christian movements; from Catholic Universities; of various services; of Meetings. About the invasions in movements of “Catholic Workers”, describe like this:

JOC headquarters, São Paulo, which was banned, 1968; ACO’s headquarters in Recife, 1969; the headquarters of JOC International in 1970; ACO headquarters in Recife in 1973 and 1977, when they seized books, documents, magazines, correspondence from the movement and, in particular, banned the telephone and detained the ecclesiastical assistant in his office.

In ten years there were 122 arrests of Church members distributed as follows: 09 bishops, 84 priests, 13 seminarians/brothers and 06 nuns. Of these, 36 were foreigners.

Already the number of Christians engaged in pastoral work who were arrested totaled 273. Most of these were peasant-farmers, followed by a significant number of workers, pastoral workers (catechists, young people...) and others (members of the JOC), ACO, Justice and Peace, National Labor Front, Christian Family Movement, lawyers in labor matters).

However, during this same period, there has been a clear advance of popular resistance against the Dictatorship, which is losing strength, and is counting down, mainly thanks to the increase of resistance led by union movements and segments of the "Church at the Base". Including counting on the decisive support of the CNBB, which in 1977 launches its courageous document "Christian Requirements of a Political Order". Thanks also to the widespread contestation, especially in the period of General Figueiredo. On the other hand, the popular movements and other grassroots organizations of our society are advancing, culminating, still in 1979, with the rise of the Pro-PT Movement, in the case of Brazil.

The "Church at the Base" does not cease to expand its role, especially from the Social Pastoral (CIMI, CPT, CPO, PJMP, CDDHs, Justice and Peace Commission, among others). Even within the Catholic Church, the trauma of death died in the year before the start of Pope Paul VI's Puebla conference, acknowledged for his decisive support for the Church's initiatives at the base, mainly through bishops-prophets. In this regard, his statement to the Civil-Military Dictatorship of Brazil and his accomplices who persecuted Monsignor Pedro Casaldáliga in his pastoral support to the indigenous peoples and peasants of the Araguaia region: "Whoever messes with Peter, messes with Paul".

At the most directly ecclesial level, the holding of the II Latin American Episcopal Conference in Medellin represented a true Pentecost in the Roman Catholic Church, especially in relation to Latin America and the Caribbean. It went far beyond what its protagonists had hoped for, who would be content

with being a continent-wide application of the decisions made by the II Vatican Council. It meant a refounding of the Latin American Church, by giving it its own face, unprecedented prophetic role, on the part of a significant portion of its episcopate, committed to the liberating cause of its people – traditional, indigenous, Afro-descendants, young people, peasants, workers, women, ... The theme then worked. The Church in the present transformation of Latin America in the light of the Second Vatican Council” – was a suggestive appeal in view of the challenges and their commitment. Of this also spoke their sixteen subjects included in the Final Document. Among the key themes were included: Justice, Poverty, Peace, Family, Education, lay Men and Women, Communication, Collegiality, etc. More than the event itself, it spoke strongly of the commitment of its protagonists to echo both the continent and the world beyond the cries of the poor through the “option for the poor”. In this sense, it is important to highlight the significant advances made by the most diverse forms of ecclesial organization, especially through the Social Pastoral, important services, associations and lay movements. In fact, post-Medellin, especially throughout the 1970s, was able to resound throughout the world, on the most different continents, with compelling messages in search of a broad reform of the Roman Catholic Church, especially in its prophetic mission of commitment to the cause of the oppressed. Particularly from Medellin, they are gaining ground, for example, CIMI, CEBs, CPT, CPO, PJMP, PCIs, Liberation Theology, CEBI, Center for the Defense of Human Rights, the Justice and Peace Commission and other reference organizations.

The Legacy of Medellin, therefore, goes well beyond the year in which the Conference was held. It marks, in an emblematic way, the impetuous effort of ecclesial renewal, especially with regard to its prophetic voice that will echo and disturb the conservative forces, inside and outside the ecclesial spaces, so that, years later, the conservative forces of the Roman Catholic Church, together with the forces of the great powers, the United States ahead, are trying to articulate vigorous combat strategies at the ecclesiastical and political levels, pressuring the Vatican to contain such a wave of renewal that threatened the current order...

Shortly after, still under the influence of the gains made at the Medellin Conference, the Third Latin American Episcopal Conference was organized

in 1979 in Puebla, Mexico, which reaffirms Medellín's commitments quite convincingly, even given the quality of the mediatorial intervention of qualified advisors to the most prophetic group of Bishops participating in that conference. Already in its introduction, the final document signs its relevant aspects addressed at the conference, of which we underline the following (from the Introduction):

“How can we act pastorally in Latin America in total fidelity to the Gospel? What are the criteria and the lines of a true and authentic evangelization for Latin America? What should be the fundamental pastoral choices for the Gospel to be a current and present event, with all its vitality and original strength? [...] It is necessary to think about the building of a new reality, of an evangelical insertion in the new society that emerges in Latin America, closely linked to the people of the world today and tomorrow. It is a matter of seeking the way for the Gospel, through the witness of our life and its ever new proclamation, to be light, leaven, salt, living water for the peoples of our Continent. [...]

Such ubiquity in our concrete history will make us sensitive to the vitality of our churches and to a set of problems. Vitality: in the present of our Churches a new vitality is perceived; God's thirst and his search for prayer and contemplation; episcopal collegiality increasingly lived; the great development of small ecclesial communities in communion with the hierarchy; the new ministries; a deeper life of faith on the part of many young people; the intense pastoral action of men and women religious, especially the increasing community insertion in the poorer areas; pastoral planning in its process of participation, at all levels, of the communities and people concerned, educating them in and for a methodology of reality analysis, for reflection on reality from the Gospel, the objectives and the most suitable means. and its most rational use for pastoral action; the ever greater presence of bishops among the people; increasing freedom from the secular arm; a more acute awareness of lay people regarding their ecclesial identity and mission.”

As Puebla realizes, not only does she take on Medellín's commitments, but she tries to update them, as is the case in her admirable effort to synthesize

the priority targets that deserve her attention, in other words what were the poor, specifically, for whom did the Latin American Church make its choice? Here's a very representative list of these faces:

“Upon further examination of this situation, we find that this poverty is not a casual step but the product of certain economic, social and political situations and structures, although there are also other causes of misery. The internal situation of our countries is in many cases rooted in and supported by mechanisms which, because they are impregnated not with genuine humanism, but with materialism, produce, at an international level, rich become even richer at the expense of the poor people even poorer. This situation of widespread extreme poverty acquires, in real life, very concrete features, in which we should recognize the suffering features of Christ the Lord (who questions and challenges us); 32. – childlike features, struck by poverty even before birth, prevented from being realized because of irreparable mental and bodily deficiencies that will accompany them throughout their lives; abandoned and often exploited children of our cities, the result of poverty and the moral disorganization of the family; 33 – Characteristics of young people, disoriented for not finding their place in society and frustrated, especially in marginalized rural and urban areas, due to lack of training and occupation opportunities; 34. – Features of indigenous and often African-Americans, who, living in segregation and inhumane situations, may be considered the poorest of the poor. 35. – features of peasants, who, as a social group, live relegated almost all over our continent, landless, in a situation of internal and external dependence, subjected to trade systems that deceive and exploit them; 36. – features of workers, often underpaid, who have difficulty organizing and defending their own rights; 37. – features of the underemployed and unemployed, fired by the hard demands of economic crises and often of developmental models that subject workers and their families to cold economic calculations; 38. – features of the marginalized and crowded of our cities, suffering the double impact of the lack of material goods and the ostentation of the wealth of other social sectors; 39. – features of ever-increasing numbers of elders, often on the fringes of the society of progress, which disregards those who do not produce.”

Note the profound affinity of proposals and values assumed in these two conferences, which we regard as the most striking, with regard to the Evangelical commitment to the liberating cause of the impoverished, having gone well beyond what the subsequent Conferences (Santo Domingo) achieved. in 1992, and Aparecida's in 2007), because because these last ones took place under the pontificates of John Paul II and Benedict XVI (that of Puebla, although already with the presence of John Paul II, was already solidly underway).

Recalling the central aspects of the Medellin and Puebla conferences, we have the challenge of updating them, taking into account the great and new challenges that surround us today. This is why, in the next item, we take care to raise questions regarding such challenges, inside and outside the ecclesial spaces..

What lessons can be learned from Medellin and Puebla in view of the successful confrontation of major socio-ecclesial challenges today? What does Medellin and Puebla have to say today to the pastoral practices of the Mercedaries on our continent?

The prophetic spark of Medellin and Puebla continues to inspire and move libertarian agents and actions today, mainly - or almost only - in the "underground currents" of our society and our Churches. In surface waters, it is almost impossible to notice their action. How, then, to rekindle more and more the sparks of Medellin and Puebla, when they have to do with today's challenges? How to get into the "deep waters" in the "peripheries of captivity" in Latin America?

Perhaps more in terms of their content, would it not be above all in their method that we would have more to learn from them?

The methodology used by those Conferences is effective:

- Examine carefully the social and ecclesial reality, in its dynamic movement, in its historical clashes, in the deep interconnection of its elements, related to a diversity of fields of knowledge, as a knowledge (in the perspective of "Interculturality" or, in terms of Francis, current

Bishop of Rome, “Culture of the Encounter”) is the first moment offered to those who want to help transform reality. In the face of so many misconceptions reiterated in today’s reality readings, is it not quite the case to better gather the lessons of Medellin and Puebla? In the face of the pitfalls of today, under the aegis of a “post-truth” age, disbelief in scientific data, the fakenews, how to “see” the historical reality in which we are inserted?

- How have we exercised the confrontation between understanding reality and the referential criteria proposed by the practice of Jesus (Judge)? How does the Gospel challenge us when we “judge” reality?
- And, above all, from the point of view of action, of intervention in our reality, except for exceptions gathered mainly in the “underground currents”, such as resuming the “groundwork”, in a new style, that is, with the eyes and the heart. facing the new challenges faced today?

Methodological learning makes sense only if it helps us concretely to (re) assume burning themes, old and new, which were also present in Medellin and Puebla, and which today continue to challenge us: what themes do we prioritize today?

How to update the great questions then faced, and from which became emblematic documents such as: *Gaudium et Spes*, *Populorum Progressio*, the Manifest written by bishops and religious superiors of the Northeast, entitled “I Heard the Cries of My People” (1973); the Midwest Bishops’ Manifest, “The Church of the Midwest in Conflict with the Latifundium” (1974); the CNBB document, “Christian Requirements of a Political Order” (1977); CNBB’s 1981 document on land in Brazil, making a good distinction between working land and business land. Initiatives of an emblematic prophetism, in full harmony with the spirit of Medellin and Puebla How to rekindle these commitments today on the peripheries of captivity?

THE COLLECTIONS OF REDEMPTION

Brother Fernando Henrique Marques Brito, O. de M.¹

INTRODUCTION

The purpose of our workshop is to understand the need to update the Ark of redemption as a concrete way of visibility of the Order's Redeeming Campaigns through the collection of redemption. Taking into account what we have received as part of the history of our Order and beyond, the practices of collection throughout the eight hundred years of history, let us take a path contemplating four moments or four themes. After an introduction to the captive situation in Nolasco's time and its generous response, we will notice with the question of economic aid present in Holy Scripture, especially in the writings of the New Testament. In a second moment, starting from the bible we will realize the use of goods in the legal body of our Order; in the third moment the collection of redemption over time will be contemplated as a mercedary practice and we will conclude in a fourth moment by assessing the first meaning of the redemption collections.

At first, a word of clarification fits. The work we are presenting here is not finished as a final word, but want to be a help in reflection and awareness for the improvements and enhancement of the sharing of goods through redemptive collections. The inconclusiveness of this work is due to research limitations, that is, we did not have access to the large bibliography that - by its own limitations - we know exists and could further enrich this work. Also, we want this small sharing to serve as our reflection and open the horizons of our practices in each community to understand that above the economic values are the people who collaborate with them and who need to be inserted in that same network of love that already lasts for more than eight centuries: the Mercês.

1 Resume available on page 145

BIBLICAL PERSPECTIVE – THE COLLECTIONS IN SACRED SCRIPTURE

From the beginning of Christianity those who were in need were the target of Christian living and received the help of their brothers. Certainly propelled by the words of Christ Himself, who said of the necessity of selling goods, he gives alms (Lk 12, 33a). For the sake of the truth, the practice of almsgiving was already present in the people of Israel as a help to the needy. At the same time Christ Jesus himself often spoke about alms and offerings.

For us, from the experience of the first communities of Christianity, we will realize that the help of the poor and needy was present as a way of experiencing sharing, following the precept and word of Christ, taking as an example the Christ himself who became poor to enrich us.

Thus, four passages from the New Testament will guide us in this first moment. They are: 1Co 15, 58 – 16, 7; 2Co 8, 1 – 9.2; Ro 15, 25-31 and Php 4, 10-19. The character who speaks in these four readings is the apostle Paul. It inserts us into what will become a church practice of economic relief organization. In these readings we see the way of collecting, the basis and foundation of the collection, the need for the brothers, the joy of sharing, the example that infects other communities, the search for equality and also the joy of being helped.

We will walk through each of them to understand what we can learn or how we can understand the collections of redemption from the collections that were made in the rising communities. But we need to differentiate that these collections were not tithes. The biblical tithe was an institution for the sustenance of the temple and the priestly family of the levites. The institution of biblical tithing is most clearly found in the books of Numbers (chapter 18 – which discusses the priesthood of Aaron and the Levites who will organize the liturgical service and, since they have not received an inheritance of land, should live by the tithes given by the people to the temple of the Lord) and Deuteronomy (chapter 14 – which tells of things that are pure to eat and unclean and to be avoided, as well as the tithes of all that has been produced to be brought into the temple of the Lord).

1Co 15, 58 – 16, 7

Therefore, my beloved brothers, be steadfast and unshakable, applying yourselves more and more to the work of the Lord. You know that your labor in the Lord is not in vain. As for the collection and benefit of the saints, follow you also the guidelines which I set out to the churches of Galatia. On the first day of the week, each of you should put aside what you have been able to save so that you do not wait for my arrival to collect. When I arrive, I will send with a letter those you have chosen to bring your offering to Jerusalem. If it's worth me to go too, they'll go with me. I will come to you after I have passed through Macedonia; I will just pass by there. Maybe stay with you or even spend the whole winter so you can take me where I have to go. This time I want to see you not only in passing, but I hope to take some time with you if the Lord permits.

The parties in bold tell us both about the collection, how to do it, and how to organize the community so that the collection reaches those in need. It can be seen from this reading that there is a guideline given by the apostle to the communities of Galatia. It means that the support of the needy was like a care network where brothers in one community could help brothers in another community.

The symbol of sharing is not what is left, but what each can spare. It means that it was a sharing of what could have been spent on oneself that had been spared on behalf of other brothers. All this giving is understood as participation in the work of the Lord or in the labor of the Lord. This means that the apostle recognizes that the Lord acts in mercy and helps those in need by the generous sharing of those who possess.

The five loaves and two fishes of the past symbolize the sharing of those who have with those who have nothing, but who are experiencing the same basic needs, the fruits of poverty and persecution that Christians suffered. Those to be contemplated with these collections were the brothers of the Jerusalem community. The collection would reach the community of Jerusalem through the brothers of the Corinthian community themselves who were chosen to carry it along with a letter from the apostle.

This first gesture of sharing solidarity will continue and will also spread to other brothers and communities to the same gesture of mercy towards those in need. Thus the second biblical passage we choose informs us (2Co8,1 – 9,2). In this passage Paul first says that God has given grace to the communities of Macedonia. Such grace was precisely to be joined, even with its poverty, in the generosity of the help to the brothers.

Wanting to encourage even more the community of the Corinthians, in addition to making available the communities of Macedonia, Paul also recalls other gifts of the community such as faith, eloquence, zeal and affection, and asks that they also be remarkable in charitable works.

In this charity the apostle reminds Christ Himself as an example and model, for Christ being rich became poor to enrich us. It also recalls the collection made a year earlier and that such collection was suggested by the community itself. Remember that help cannot leave the community in poverty and that those who help today to be rescued tomorrow! While the one who in reading the gospel produces many grains and enlarges the barns ends up dying, the example for the community is that no one is in need realizing that “He who reaped much was not left over; and what little he reaped was not lacking. ”because the sharing was present among brothers. Paul ends this moment aware and confident of the brothers’ willingness to share and concludes by reaffirming that the Corinthian example has also motivated Achaia since last year.

Such passages from the experience of the early Christian communities put us fully in what is helping the needy. No one can go through the trial without the help of the brothers. The third passage is found in the letter to the Romans (15, 25-31). In this passage from his letter Paul tells what he is doing and his wishes. He says he is turning to the Jerusalem community to help the brothers. Such help is the collection that the brothers from Macedonia and Achaia made for the community that was experiencing poverty.

He recalls that sharing is not only of material goods, but also of spiritual goods. That is, while the brothers of Jerusalem share the spiritual goods with the macedonians, they share the material goods with them. Paul’s desire

after personally delivering the collection to the Jerusalem brothers is to go through Rome and to Spain. In charity, the apostle asks that the brothers of Rome be united to him in combat and prayer.

Finally, our last biblical passage informs us of the help given to the apostle himself. In the letter to the Philippians (4: 10-19) Paul reminds us that it is one thing to desire to help and another to help itself. The desire to help needs to meet the opportunity for help. He recalls that at the beginning of his ministry no community other than the Philippians wanted to share anything with him.

He puts the help of the philippians to the aid he has twice received from this community when he was in thessalonica. The apostle sees help as a sweet scent, as a sacrifice that pleases God and ends by praying that God will provide the glory of Christ in the needs of the community.

With this we wanted to show that the collections are part of a sharing of who owns with those who need to be relieved and helped. At the same time we wanted to place as a time frame the institution of this help within the experience of the Christian communities who shared the goods they had: spiritual and material to strengthen our awareness of the need to share with the captives who suffer today and also need help and relief. The emergence of these collections is well circumscribed: the need and want that the Jerusalem community is experiencing.

Unlike this reality is that of persecution that Christians experience even in the fourth century. Regarding this we have a beautiful testimony of St. Ambrose who speaks of liberality in helping the captives, the Christians who are imprisoned and who need to be set free and their liberation must be bought.

In these terms Saint Ambrose refers:

How have we been criticized at one time because we sold the sacred vessels to redeem captives; but who can be so hard, so inhuman, so cruel, that it is displeasing to deliver a man from death, a woman from the abuse of barbarians, more painful than death, girls, teenagers and children from the contagion of infidelity, to which he was, induced by fear of death?

Even when we had good reasons to do so, we made sure that the people knew and understood that it is far better to protect souls for the Lord than gold: because he sent the apostles without gold, he assembled the churches without gold.

One day the Lord will say: Why have you allowed so many poor people to starve to death? You had gold: you had to offer them food. How were so many captives put up for sale and because they were not rescued they were killed by the enemy? It would have been better to save the children of God than the metal vessels .

Saint Ambrose informs us in his text that there were Christians who were imprisoned and needed liberation; that they needed someone to relieve them! The idea that the saint has is precisely to sell the sacred vessels, that is, the objects used in the liturgy! How can he allow this? Because you understand that what matters most are people, not objects. In the language of Pope Francis, St. Ambrose did not rule out the needy, but helped them by understanding that the most important thing was to protect souls.

If, on the one hand, the Holy One tells us about selling the sacred objects to free the captives, thus committing the church's goods to redemption; on the other hand he informs us that he was criticized for doing such a charitable work! It is very true that the zeal for the things of the house of the Lord and for the liturgical objects often outweighs the zeal for the Christ who is present in captivity.

As long as we are a church with the same mindset as the apostles before the multiplication of the loaves – that is, as long as we are a church that has the crowds fired because the food we have is little and only for the few in the church – we will never be a Samaritan church who gives of its poverty by helping the captives, the needy, the fallen on the corners of life.

Saint Ambrose does not do it anyway. He does not engage the sacred vessels out of sordid gain, but makes the community realize what is right in the Lord! Therefore it informs the community of the need to understand where the objects of the Church were being engaged. Let us ask ourselves: are we informed about redemptive campaigns? Do we know that we are part

of a family that has a beautiful mission to free the captives today? Do we understand each other's limitations and needs? Have we come to understand the use of goods? This will be our next theme.

THE USE OF GOODS

A moment later we recall the parable of the good samaritan. Certainly we all know her. A man who is traveling sees the other who is lying dead on the ground. He is interested in the one who is down and ends up teaching us about the use of goods. Initially we can ask ourselves: everything we have, we know how to use well? Or are we bringing together for others to fight after our departure?

That Samaritan commits not only his money, but his goods, his wisdom, his transportation, his time; in a word he commits himself! As soon as he sees him, he commits his time, because he cares, halts his journey, takes a different route and heads for a hostel. He who was fallen could not move, so he engaged his own mount, meaning that whoever was on the ground is now led on the animal and what was on the animal now walks like a slave leading his master.

The samaritan commits his wisdom, for his attitudes show that he understands the healing procedures: pour vine to purify and pour olive oil to protect. Wine and oil are also his goods, and he commits them to him who is in need. He does not retain wine and oil, but puts them at the service of the sick. In addition, he pledges his money, because in the hostel gives a silver coin and even indicates that what you spend more later will pay! Finally, he commits himself because he has put himself in the service of those in need; He put his energies, wisdom, goods, time, transportation into the service of the fallen. How to look at all these good samaritan attitudes? Only through the parable of the talents.

In the parable of the talents the employer gives some of his talents to his employees and goes to a distant land hoping that his employees will manage the talents he has distributed well. Those who were stingy with the talents

they received hid their talent. He dug a hole, threw the talent there, and still gave his master's severity as an excuse.

On the contrary, those who had attitudes like those of the samaritan put their talents at risk, but made them multiply. He did not let the talents be buried in the earth, but worked to multiply them, so you can attend the feast of life. In several other passages Jesus shows us that the life and goods we obtain must be shared; They are not for greed, but for sharing.

Thus we can say that the right use of goods is oriented towards sharing. From what little one has - as in the case of the multiplication of the loaves - one can satisfy many; or as in the examples from Paul's collections that infected other communities to share also because the example touches deep on the heart and attitudes guiding and leading to sharing.

In St. Augustine's rule we find both in the first chapter - which talks about the ideal of the early Christians - and in a chapter of its own, which is chapter 5, the theme of the use of goods within religious life. In the first chapter, when he tells us about the ideal of the early christians, he puts the communion of goods as one of those ideals. Thus he legislates us: 'And call nothing your own, but all things be common among you'; and "Your prior distribute [...] to each one according to his need" . It means that the goods are not personal, but communal and must be delivered according to one's needs and not equally, because not everyone has the same needs.

Later, in Chapter 5, the Holy lawmaker informs us that the common good must be above the private. Thus he informs us: "[...] let no one work for himself, but each of us work for all. [...] This means that the common good must come before the particular good and not the particular good. And so you can measure your growth."

Saint Augustine's interpretation of the goods within religious life is in line with the desire of the early Christians who sought to have everything in common and who sold their goods and placed them at the apostles' feet. To be able to understand that common interests must be above particular interests

means placing love of neighbor as the basis of relationships, coexistence. For him the communion must be such that if someone 'keeps an object given to him hidden, that he be punished as for theft'!

Looking properly at the Constitutions of the Order , in paragraph 45 we find the regulation of the Order's goods, and thus tells us:

The Master may not give, sell, change or alienate the possessions of the Order if it is not for the redemption of the captives and, in this case, do so with the advice of the Prior and the four Definitors of the General Chapter, all being together.

This means that from the beginning the Order of Mercês recognizes that the goods it possesses are only for use in the redemption of the captives. What each community has is for the living and survival of the religious, but it must be placed at the service of the mission of the Order: the liberation of the captives. And even in developing the mission of the Order the Master General could not avail himself of these goods in any way, but only in line with the four definers in the General Chapter.

This whole way of organizing in relation to the goods of the Order is so that no one will feel what is collected for the captives. And even the Master General must give an account of what he received during the year when the Chapter is celebrated.

The constitutions of 1691 clearly speak of the fourth vow as a 'voluntary and absolute promise to redeem captives from the links of the mind and body, with gold or silver and even with the surrender of oneself, when necessary, for the salvation of souls and the danger of denying faith' . Then we find the part that belongs to us in relation to goods.

In order to fulfill its mission, the Order establishes itself with a special and voluntary vow made by the religious as a promise to make every effort to free the captives. For the fulfillment of such a mission gold or silver must be employed, certainly bound and expressed here because of the discoveries of gold and silver mines in the lands of the new world!

But for the redemption of the captives to take place fully, it is necessary not only to commit the goods, but, just as Christ commits his own life to free the human being from sin, the Mercedary commits himself to commit his own life in order to liberate the captives. The greatest good anyone can have is their own life, and this the Mercedary commits to free the captives.

In these 1691 Constitutions we have been informed that 'If any Brother receives something for redemption, see it manifest within 24 hours, and deliver it to the custodians or clavigers, who will place it in the deposit and write it down in the book'. Certainly there had been some mismatch or misdirection in the goods obtained by the religious for the redemption of the captives, so the legislator is in need of indicating the brevity, that is, within 24 hours, with which the recipient will be handed over to the head of goods of redemption. How were the goods for redemption obtained? How was the Order establishing the forms and times for the collections?

THE REDEPTIVE COLLECTIONS

All we have said so far has been to better understand this theme which is the central theme of our workshop: the collections. If before what we saw a lot had the biblical part that gave meaning and based the collections, now we will see the proper organization of the Order in relation to the collections. At first we say that the same sense that had for Saint Ambrose in the fourth century to sell the sacred vessels in order to free the captives, was also the sense of Pedro Nolasco in his practice and the brothers who accompanied and succeeded him.

Thus, we will be based on studies done on the themes of the Order that address both the theme of collecting, mercedary practices of charism development and studies on the history of the Order that, although not focusing on the theme of collecting, but they also come to secondarily address this which is our central theme here.

At the same time we will come here to approach the collections from the latest redemptive campaigns even addressing the campaigns that were

developed in relation to the Eighth Centenary Jubilee as preparation for this Jubilee celebration and symbol of unity in sharing and helping the needy, as well as other forms. help in times of crisis concerning the staff of the Order itself.

THE REDEMPTIVE COLLECTIONS IN THE EARLY CONSTITUTIONS

Brother Juan Devesa Blanco made the paleographic transcription and translation of the first Constitutions of 1272 known as the American Constitutions. Paragraph 13 of these cited Constitutions reads as follows: The Bailiwicks and the Quaestors . The balls were like a kind of territorial demarcation, a locality or a jurisdiction. The guarantors or quaestors were the collectors or administrators or accounting officers.

Each one asks for alms in the Bailiwick that he has indicated and in it no other brother nor Questioner enters, outside of the one to which the Bailiwick belongs; and if, by chance, some other friar will enter it, do not stop in it or remain outside of Bailiwick itself for more than two days, without a license from the Master or for the remarkable utility of the entire Order. (BLANCO, 1983, 71)

In terms of organization, the Order established the territories in which each brother or collector should do his part for redemption. It means that everyone was involved in the task of getting the economic funds necessary to carry out the Order's redeeming mission. And so that there was no duplication of request or one did not disturb the other's work, territorial demarcation helped. In the same way those who belonged to a certain territory end up knowing the brother who asked for the redemption of the captives.

The Quaestors, the same constitutional number says later, must know how to behave in such a way that they do not detract from the Order. These Quaestors could be people hired by the Order who should sign a contract and swear to have their hands on the gospels, as this was the valid form of oath. This oath referred to the image of the Order, as they pledged not

to harm or commit infamy in relation to the Order and also in matters of administration and accountability of all that was received.

One last word about those who would make the redemptive collections is that they should be wearing white clothes. The issue of color is present in the very dress of the Order. The robe of the Order, the same Constitutions say, be of white wool, and on the cover and in the scapular bear the shield of the Order. These indications served as references for belonging to the Order of Mercês.

Likewise the captives who were released should swear that they would not depart from the Order for as long as it had delimited. it means that the redeemed should live for a time with the religious and served as a testimony of redemption and as an accountability to those who had given, as their presence was a sign that the money had indeed been used in the redemption of the captives.

THE REDEMPTIVE COLLECTIONS IN THE 1691 CONSTITUTIONS

In the constitutions of 1691 it is said that “During the time of the publication of the redemption, two months before leaving the redemption, the commander must assign some Brothers to ask the faithful for the alms of redemption” . Four hundred years have passed since the Constitutions of 1272, the figure of the Quaestors is added, and the “few brothers” are destined to beg for redemption. he decision of a redemption was a chapter decision. Only those who were marked for it could go to redemption, and the Order had already collected a sum of money.

Then the same Constitutions inform us how the preparations for a redemption should be: ‘The convents of the Province that prepares the redemption, two months before departure, make solemn publication with procession and sermon to the people, in whose opportunity the indulgences granted to the confreres are published and with reference to the sufferings of the captives’ .

The call to the population is perceived: a procession is made to solemnly proclaim that the Order will make a redemption and at the same time a sermon is held to proclaim indulgences to those who participate in redemption by collaborating economically and also giving voice to captives through the acclamation of their sufferings during captivity. Let us think that this moment is to sensitize the hearts and pockets of those who are free and can openly profess their faith.

These Constitutions were published when the Order was already more than established in America. At the same time all the American Provinces had already been constituted and even Brazil, which we arrived late in 1639, was already a Vice-Province seeking to settle and run freely.

By now most of the money used for redemption comes from America, both for the larger number of religious, for the larger number of houses, and even for being the place of gold and silver. The convent of Seville was marked as the gateway to the goods that were produced in America and destined for the redemption of the captives.

The provinces of Quito, Cusco, Lima, Chile and Tucuman gathered the goods in Lima and from there sent to Seville. The provinces of Mexico and Guatemala joined in the convent of Mexico to send to Seville and the Province of Santo Domingo sent directly to Seville. It means that in the Americas there were three places of concentration of the goods of redemption and that they were in charge of sending them to the convent of Seville that after their arrival advised the Master General of the Order. Brazil does not join this organization because it belongs to the Portuguese crown.

In the Constitutions of 1691, they say that “We must ask for the corresponding allowance to place in churches, accommodation and public places what the faithful may deposit in their oblations”. The alcancías are little coffers. So that the people to be able to help during the year, the Constitutions provided for the necessary permits to be placed in the churches and public places for those little coffers that were collecting redemption. These Constitutions foresaw even the existence of ‘trustees’ or ‘brothers of redemption’ for the purpose of on holiday, even though it is not yet the time of redemption, to beg for the redemption of captives.

OTHER REDEMPTIVE COLLECTION FORMS

In the same nature, but a little different were the oratories that were also coffers. In the National Historical Museum of Rio de Janeiro we find an oratory whose catalog card informs us that it belonged to the Church of Our Lady of Lower Mercês in Ouro Preto. Such oratories could be in the churches on the side altars, or they could walk from house to house serving both as a way of bringing the family together for prayer, as a way for the family to collaborate with the goods of redemption.

Unfortunately we have no news that the Southeastern Brotherhoods, Fraternities, and Third Orders collaborated with the entire Order in the Redemptive Campaigns, but we know that a large part of these Southeast Mercedary Associations were involved in the liberation of the slaves or their help before the needs. In all cases, it was also a form of redemption.

Over time the kind of redemption was lost because of the prohibition of slavery.

But that does not mean that the work of the Order of Mercês has gone away. The brothers reorganized their way of working and carrying out the liberation projects, so they began to make redemptive campaigns in a new way, that is, some community has some specific situation of captivity and is helped by all communities of the Order with a sign of sharing and communion.

In order to be able to celebrate the jubilee of the eight hundred years of foundation, it was thought that each province could be responsible for promoting a redeeming campaign according to its own needs. In Brazil, if everyone remembers, the Campaign was in favor of Recanto Mercê for the liberation of those who are in chemical dependency. How does Pedro Nolasco look at us today? What would he tell us? How would it drive us to continue reinventing and reviving the Order of Mercês, its olive tree? in the next part we will work on the question of meanings.

FIRST MEANING OF THE COLLECTION

The redemptive collections are not just done, or because of the needs of the religious. They have a deep meaning that is precisely that of sharing. In Holy Scripture itself we are told: 'God loves the giver with joy' such that participation in the goods of redemption in each of our communities must be an expression of sharing; It cannot be what is left, but what the community wants to share in solidarity.

The word of God also tells us that 'each one must give of one's own without embarrassment'; this means that no one can truly give if he or she is not free and will be missed at home and then go on penury. Also, let no one be coerced to donate. To prevent this from happening, it is necessary to explain to men today the reason for each redemption. Just as the friars once preached redemption, so today, the preaching for redemptive campaigns must be clear and reach the hearts of the brothers to generate in them the gift of sharing.

This is the time to look at the figure of Pedro Nolasco who gave himself for redemption. He understands the words of Jesus 'There is no greater love than one who gives his life for friends'. The meaning of this phrase must have fallen deep into Pedro Nolasco's chest many times to make him wake up from the sleep of indifference in order to help the needy.

That is why we can say that Pedro Nolasco is the man of sharing, because he shares his money, his time, his life and his wisdom. Nolasco is like the samaritan who cares for the one who fell into the hands of the robbers. Christians have been imprisoned and Pedro Nolasco stands on his way to share what he has and when he does not, he asks. But don't ask for yourself, ask for the other, ask for the captives.

In this image of Pedro Nolasco who asks the captives I remember the words of Father Antonio Vieira when he delivered his sermon on St. Peter Nolasco at the inauguration of the Church of Our Lady of Mercês of the Convent of St. Louis in Maranhão. In his sermon, Vieira thus speaks of St. Peter Nolasco:

First I say that St. Peter Nolasco did more than leave, because he professed to ask. And it's like that. The profession of St. Peter Nolasco, and of the sacred Order of Mercês, is to beg the faithful for alms, to redeem the captives who are in moorish lands [...] And if asking, just for asking, is greater action than leaving, asking for giving, and for giving in captivity redemption – which are the ends of this glorious asking – how much greater action and perfection will it be? Christ's rule of perfection for those who would be His disciples was to sell what they had and give it to the poor. (VIEIRA, s/d, page 11 and 13).

Nolasco's goods and life are made available to the redemption of the captives, the redemption of brothers deprived of liberty, deprived of faith, deprived of themselves. Let us learn from this example of Nolasco that I asked others by doing the action of asking, because it asks to be able to release the needy.

TO COMPLETION MODE

We cannot stop talking about concluding this work with two very practical things. If the collections of redemption as we have seen have their sense and meaning both in Holy Scripture and in Nolasco's practice of sharing what they have and of life itself, they must also have that same sense and meaning to us which is precisely the possibility of sharing.

According to we saw in the practice of the early religious that the organization of redemption relied on the proclamation of the difficulties the captives were experiencing in order to be able to sensitize listeners of sharing. Let us call this attitude of spreading the meaning of the Redemptive Campaign itself.

Having said these two words (sharing and spreading) we need to correct some of the attitudes that stand today against Redemptive campaigns. Let's call it incorrect sharing practices:

- When the priest deprives the community of the experience of what is proper to our Order;

- When the priest does not collect redemption by sensitizing and drawing people's attention to a specific reality;
- When the priest, at his pleasure, takes the parish account and sends X amount of money thinking that he is correcting the mistake he made in not making the parishioners aware of the Redemptive campaign.

But we can also report the sharing practices we call correct:

- Sensitization of the people about a certain oppressive situation;
- Disclosure of the campaign;
- Prayer for the fruits of the Campaign;
- Use prepared symbols (poster, prayer, ark of redemption, videos, etc);
- Have a group in front that organizes campaign movements;
- Events to publicize: Friendship Tea, raffle, charity shop, bazaar, redemptive collection in the feast of Mercês, handicrafts, the safes of the chapels of Our Lady of Mercês;

All of these activities help the parish community to live the moment of Redemptive Campaign, even if it is the campaign of another country or another community. Finally, sharing emerges in communities as a sign of understanding the values of the gospel that help celebrate the Redemptive Campaign by reorganizing and reevaluating the methodologies that exist in each community and that each participant feels responsible for asking us to elevate us to God because we ask not for ourselves but for the captives who still suffer.

WORKSHOP: FOR A LIBERATING AND MERCIFUL COMMUNICATION

Cristina Cunha

Prof. of Communication at Bahia State University

ACTIVITY: HOW TO DEAL WITH WHATSAPP AND FAKE NEWS?

Discernment. Live in the world without being of the world. Not think about it is to make room to be deceived by fake news, is to make room for those who deceives. Discerning means learning to separate the positive things from the negative ones that are likewise part of today's life. Let us have **ATTITUDE** in the use of WhatsApp that reassure us as christians.

TASK: Develop a short list of guidelines for using WhatsApp (including sharing fake news), for dissemination in your community groups.

ABOUT WHATSAPP:

- a. The criteria for using WhatsApp: degree of urgency / relevance / time spent by myself and others / degree of intimacy / time / privacy required / msg utility / reciprocity / data storage capacity / battery life / msg veracity and authorship /display of someone's phone number in a group / consequences for me, others and society / etc
RELEVANCE
- b. Is WhatsApp good for everything? What is it not for? And what are the other options?
- c. Words in capital letters sound like rude and inelegant shouts...
- d. When sending a long text?
- e. Identification: Why use a nickname (pseudonym) that prevents others from identifying me?

- f. Profile picture: Don't I want to be recognized? Why? Do people have the obligation to remember my name?
- g. Insufficient search engine: Is it for formal issues? When should I send a Word, Excel, or PDF file via WhatsApp?
- h. Coherence with my real life (solidarity in the virtual world vs. indifference in the real life);
- i. Wise is one who learns from his/her mistakes. URGENCIES
- j. Do you ask for immediate reply to messages as soon as double check marks are blue? Is the criteria my anxiety? On the other hand, why disable the setting that makes the double check marks turn blue?
- k. What to do to indicate that a message is urgent? ATTITUDE – what kind of messages should I send?
- l. Chain messages: veracity, Fake News, coherence, “couch activist”, “why me?”, “only I received?”, etc.
- m. Jokes: To whom? Prejudice? Pornography?
- n. Laughing stocks (mockery): Is it christian to lead someone to ridicule? Even though he is my very friend, is his day good? Only in the physical presence we can notice that ...
- o. Motivational messages: Why? Is the subject relevant at this time for this person? Am I the owner of the truth? What is good for me is good for other people? (It is much more a revelation about me than a help to another person.)
- p. Audios: How to choose between writing and sending audio? (availability of time, what the other person may be doing now, privacy, time spent by myself and other people, availability of data storage, battery life, world energy expenditure, need for good internet connection to download)
- q. Outburst: Do you pass on, as a relief, a received message?
- r. Pictures: How to use emojis [] or emoticons [;] or stickers? Are they necessary? When?

- s. Photos and Videos: storage capacity, time spent, utility... Alternative: say what the subject is and send the link: the person opens if he/she is interested. Give freedom to the person.
- t. Photos of situations that can be seen as embarrassing: accidents, surgeries, sick animals, births ... do you have a good reason to share them? Have you ever considered someone else's intimacy, in the possibility of causing a problem?
- u. The first message of the day to someone in private should have a simple greeting, the person's identification and the subject, before the message itself; and in the end a farewell word.
- v. The first message of the day to someone in private should have a simple greeting (no photo). (Quite different from the free daily good morning photos.)
- w. Reply according to the situation: if you are free: reply immediately; if you do not know the answer: write that will check and return later; if you are busy: say that you cannot speak at the moment and that you will return as soon as you are free.
- x. NEVER "forward" without checking the veracity of the message and its authorship. If you like the text and want to send, but if you are sure that the author is not the one mentioned, change the authorship for example "Clarice Lispector" for "unknown author". Anyway, it is the reflecting that counts: would I resend the message of someone dishonest, who pretends to be another person?

THINKING ABOUT THE CONSEQUENCES

- y. Too many messages: 300 unread messages: what does this cause? What does that change in society? Do we not respect people because we do not read what they send? Is that what we want? May the word lose its value?
- z. Overexposure: compromising photos of me or someone else: are you prepared for the huge possibility that this photo will be shared?

(after all, cell phones are also borrowed or stolen...) Besides, the same applies to text or audio comments...

aa. Image: From the messages you have been sending, what do you think your image is to your friends?

THINKING ABOUT OTHER PEOPLE

ab. How to check my messages without disrespecting people physically by my side? (The temptation of "the easiest": check now, send now...)

ac. The cell phone ring tone with every message and the different environments: lunchtime, funerals, cinemas, medical appointments, trips, classes, etc.

ad. Portuguese grammar mistakes: easy for you or for the other person?

ae. I must do to my neighbor that which I would like him to do to myself.

af. Time spent by me and by the other person (may my tiredness to other people rest).

ag. What to do if I send a good morning message and get no reply?

ah. What is the data storage capacity of the other person?

ai. Is the other person's battery charged enough to receive so many messages and still has spare power so he can make an emergency call? "Speak is silver, silence is gold"...

aj. Message sending time: Did the other person remember to turn off the phone or the notification sound? Why send now? Why is it easier for you, to avoid forgetting?

IN "WHATSAPP GROUPS"

1. amount of notifications and energy spent
2. group's credibility
3. right to speak (if 40 people = 1/40)

4. message conciseness
5. group's objective and focus
6. individual conversations within the group
7. take advantage of the group (selling individual products)
8. interruption of one subject for another (where is home education?...)
9. ask for permission to add people to a group
10. give satisfaction when leaving a group
11. good morning messages sending (what is it expected? that everyone replies?)
12. participation in various groups with ordinary people: what messages do you send to ALL these groups?
13. how to become a group administrator?: what are your responsibilities?
14. messages with emotional content (differences between written and oral messages)
15. talk about someone in the group as if the person was not there?
16. reply in the group or in the private profile?
17. distrust meter – realize how many people are sending similar messages and analyze what that means
18. permission for insults?
19. patience with those who make mistakes: ok, but you would not have to work hard to make a mistake?
20. what can be virtual and what needs eye to eye?
21. one's position in the virtual world has to reflect the position in real life
22. take advantage of a contact that was made available in a group to have a conversation with that person in private... "who gave you my phone?"
23. what to do when someone asks somebody else's contact?

24. how to act when someone was rude to you? breathe? reply? rethink?
25. check the source of the messages - don't be deceived (especially the messages attributed to the Pope)
26. pass on messages without verifying veracity? what are the consequences of this? do you feel like a journalist? from a newspaper with or without credibility? journalist X gossip...
27. sending lists: send to everyone or hand-pick?
28. with every word or phrase, change line or paragraph? when you click "send"?
29. creating a group is exposing everyone's phone number ... ask for permission.
30. how to "educate" participants in a WhatsApp group?

NETWORK OF COMMUNITIES: A NEW WAY OF STRUCTURING THE PARISH, IN VIEW OF MERCY

Fr. Manoel Godoy¹

The Aparecida Document says: "Among the ecclesial communities in which the disciples and missionaries of Jesus Christ live and form, Parishes. They are living cells of the Church and the privileged place in which most believers have a concrete experience of Christ and ecclesial communion. They are called to be schools of communion" (DA 170). Also: "The renewal of the parishes at the beginning of the third millennium requires the reformulation of their structures to be a network of communities and groups, able to articulate themselves so that their members truly feel like disciples and missionaries of Jesus Christ in communion" (DA 172).

How do we understand the term network of communities? Is it only a means of parish renewal or a new way of structuring the Church? For a pastoral area to be known as a network of communities one can draw on real examples.

THE FIRST EXAMPLE

"The progressive occupation of land on the peripheries of a large city gave rise to thirteen CEBs, which constituted what was called a pastoral area there. Although socially homogeneous and often articulated in joint social movements, they all had great autonomy in their internal activities, and were usually attended by the neighboring parish priest"². Taking note of this pastoral area, the bishop suggested that they be built in parishes. The leaders

1 Resume available on page 158

2 RIBEIRO de Oliveira, Pedro Antônio – "CEB: structuring unit of the church", in "The Base Communities in Question", Paulinas, São Paulo, 1997. RIBEIRO de Oliveira, Pedro Antônio – "CEB: structuring unit of the church", in "The Base Communities in Question", Paulinas, São Paulo, 1997.

were afraid that the network of thirteen communities would become twelve communities subordinate to main one. Then, they proposed to the bishop three conditions:

- “(I) the patron saint of the parish would be different from the patron saint of each community;
- (II) there would be no main church, but only a central community hall, which would remain the usual venue for meetings, courses and gatherings of the community, and would also work as a secretariat for parish registers, and
- (III) there would not be a parish priest, but a parish team of which would be part a priest appointed by the bishop”.³

THE SECOND EXAMPLE

Another interesting experience. “In 1994, an archdiocese had four” networks of communities ”on the peripheries of the city and in a municipality in the metropolitan region. One of them, the “S. José Operário network of community” had 18 communities, each with its lay leaders. At the service of the network there was a priest and three groups of 4-5 nuns each. A publication about this network, after remembering that each network had its own history and characteristics, listed the characteristics common to the four “networks”:

1. They do not have the structure of the parish (there is no central church or main church).
2. The network is a set of communities, each coordinated by a lay people council elected by the community, while the “network” is served as a whole by some “pastoral workers”.
3. It is remarkable the presence of religious inserted among the poor.
4. The permanent formation of lay people is based on reality (life), the Bible, and community experience.

3 RIBEIRO de Oliveira, Pedro Antônio o. c. p.

5. New ministries arise in response to the needs of the communities.
6. Each network of communities takes care of communication and mutual help between communities.
7. Missionary awareness, acceptance of missionaries and missionary activity of the communities are present.
8. All communities were born out of concern for the poor and the (missionary) conviction of pastoral workers. "

NETWORK OF COMMUNITIES AND DECISION OF PASTORAL WORKERS

There are only two models that point out the possibility of organizing the parish from the perspective of a network of communities. But in the present ecclesial structure we cannot be naive, it all depends on the capacity of the pastoral workers in question. Above all, ordained ministry still holds a huge amount of power in the Church, and where it is not decided, nothing happens. Overcoming a centralizing and sniper mentality is crucial. Only agents capable of sharing the ecclesiastical mission with other brothers and sisters on the journey can bring about a new parish experience that goes beyond the old model and branch scheme. Pastoral areas entrusted to teams of agents have already been configured as valid experience in the field of pastoral decentralization. It is necessary to reinforce the existing experiences and to extend such experience.

NETWORK OF COMMUNITIES AND NETWORKS OF COMMUNICATION

It seems to us that the metropolis is indeed the proper space for developing the experience of network of communities. This gives a series of pastoral essays that favor networking in various forms, including communication. Since the determinant for city residents is not so much geographic space, but rather relationships, a network of communication could be very effective for evangelizing action. In this case, care must be taken to ensure that the

message reaches the faithful in the most diverse environments, using the most varied means available in today's networks.

There are, however, cautions to be taken. In the case of investing in the community network, be aware of the simulations: you can change the names without changing the reality. The parish may be called community of communities; the main church, parish community; however, the chapels, communities, without nothing new happening in the field of relations between the lay people and these with the clergy. In the case of networks of communication, do not be satisfied merely with virtual evangelization, because nothing replaces the presence of the person so that the human relationship generates new ways of living, more consistent with the Gospel.

As networks of communities or communication, the care with the content to be circulated is extremely important. In a society where information reaches saturation levels, message quality is critical. There is a lot of trash circulating in the nets in the name of evangelism. The Catholic Church has not yet succeeded in building consensus among the various media that spread their messages to ensure quality.

Networks of communities and networks of communication can and should articulate, in the sense that they reinforce the experience of the other. This way, training and information can go together as well.

Where to start from?

The Aparecida and CNBB documents speak of parish sectorization. It can be a first step, as well as multiplying small reflection groups. The important thing is not to care about the number of participants in each community. Always remember: "Where two or three...". Another well-known methodology in our country is that of the Holy Popular Missions, which articulates the mass mobilization very well, with a large number of missionaries on home visits and formative moments, with the formation of nucleus that generate new communities.

This requires reversing a trend that has grown greatly in recent years in the Church, which favors large temples and shrines. Going back to the small,

the communities, the cells, the reflection groups is a necessary way for those who want to propel a church along the lines of the community network.

Where to start from? Start as it all began. crystalline example is the birth of the Church of Philippi, where the apostle is sensitive to a small group of women on a river bank, announcing with conviction the Good News and provoking the appearance of a domestic church in the home of a city trader. This small nucleus resulted in one of the apostle's most loved and willed communities.

AND THE MERCY?

Believing in the small, what may seem insignificant, is only possible for those with a poor heart. For those who are merciful.

“It is my lively desire that the Christian people reflect during the Jubilee on the works of bodily and spiritual mercy. It will be a way of awakening our conscience, often asleep in the face of the drama of poverty, and of entering more and more into the heart of the Gospel, where the poor are the privileged of divine mercy. The preaching of Jesus presents us with these works of mercy so that we can understand whether or not we live as his disciples” (P. Francisco – *Misericord. Vultus*)

The poor feel much more at home when the community can mean to them the extension of their shack. Then he can exercise his leadership, his ecclesial role. Thus, a networked church is better able to provoke the experience of a merciful, closer, more fraternal God. In small communities their own vocabulary develops, facilitating this merciful experience: dialogue, encounter, closeness, sharing, equality, sensitivity with each other.

The network of communities has everything to trigger a fruitful process of humanization among its members, making mercy a life-giving principle in new forms of relationships. In communities, Christians gain name, identity and history. And all this, permeated by the merciful relationship, can begin to give birth to a new way of being Church, where baptism equals all and the ministries that follow from it are always concrete forms of merciful service among brothers.

BASE TEXT FOR THE WORKSHOP “FROM BETHANY TO THE VISITATION: THE MERCEDARY ACTS AS A WELCOME AND MISSION!”

Viviane Quênia Brito de Jesus⁴

To better qualify the mercedary act, let us contemplate two quite representative scenes from the Gospel of Luke: Jesus being welcomed at Bethany (Lk 10: 38- 42) and Mary’s visitation to her cousin Elizabeth (Lk 1, 39-46). These are scenes rich in details and significance that have a lot to teach us on how truly to be mercedaries.

In Bethany Jesus finds his place of refuge. The house of Mary and Martha is the place of warmth where He can rest to resume his mission. In this place, no worries and concerns are admitted. It is not anywhere either. The house in Bethany, the resting place, has Jesus as presence, and being Him the beloved guest, all senses must turn toward Him. Chores must give way to contemplation of the Word of the Lord, since He is the Word that became flesh. This is the exhortation that Jesus gives us. Another important point is that Martha and Mary can be understood as the two faces of ourselves: one that allows yourself to worship the Lord and the other one that engages yourself in doing all things to receive Him. Because of our limitations, we may make the mistake of exceeding ourselves in each of these attitudes: living only by absorbing the Word, without bearing fruit of conversion; or live in activism without finding the true meaning of existence. Our exercise is to seek integration and feedback between these two attitudes: to savor the Word and the presence of the living God to act and act to contemplate the work of God. In the visitation scene, the meeting between Maria and Elizabeth brings us rich learning. Mary, impregnated by the Holy Spirit, is impelled to help her cousin better to live the condition in which she was: housewife and pregnant woman in advanced age.

4 Resume available on page 159

Mary goes in a hurry to meet the other needy, in order to help him with what he needs and not from the convenience of who gives oneself. Elizabeth, on the other hand, by accepting Mary's help and opening the doors of her heart, recognizes the Lord's action. It is in the humility of the needy that the Holy Spirit presents and fills the whole environment with joy. We can also understand Mary and Elizabeth as two faces of ourselves: sometimes we are in a position to help; in other people, we need help. And as we experience God's gift in each of these conditions, we deepen the meaning of giving and taking. The more I know the importance of merciful help in a time of distress, the more merciful I will be when I reach out a hand to someone. Mary and Elizabeth teach us to keep the circle of reciprocity alive.

Our mercedary acts should mirror God's merciful love when visiting the captives to help them to free themselves from the situations that imprison them in the hopelessness of life. It is an act that renews itself in the warmth of Bethany as it contemplates the Word of God and connects with the deepest meaning of all things. But also, it is a missionary act that is capable of being the instrument of the beauty of God's light in other people's lives, because you know how to experience the wonders of this light in your life when someone offers, you help.

The scenes of Bethany and the Visitation put us in the dimension of our humanity: that needs to be redone to continue and advance; that needs to be helped in order to know how to help. And it is from this condition and making sure that Jesus is the light and our daily spiritual food that we can fully live mercedary acts. Here are some thoughts to accompany us on our journey:

- Am I allowing myself to access my Bethany or am I being deceived by my actions, as if the fruits depended exclusively on me?
- Do I provide a Bethany to someone, being welcoming and a haven of peace?
- Following the example of Mary, the Savior's mother, am I truly meeting the other in need, or am I acting according to my convenience in giving myself?

- Am I living in the circle of reciprocity of giving and taking, or am I placed above pride and vanity, thinking that I do not need the help of other people? May our Lord Jesus Christ have mercy on us and help us to imitate Him in our mercedary acts, being the warmth of Bethany and the help of the Visitation!

CASTELLANO

**II CONGRESO
MERCEDARIO
INTERNACIONAL
DE LA PASTORAL
PARROQUIAL
(2019)**

SALUDO A LOS PARTICIPANTES DEL II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL

P. Fr. Reginaldo Roberto Luiz, O. de M.
Consejero General de Pastoral

En nombre del Maestro General, el reverendo padre fray Juan Carlos Saavedra Lucho, O. de M., y de los miembros del Gobierno General, de quienes les traigo un abrazo fraternal a todos, expreso mi alegría por esta apertura del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial, aquí en la ciudad de Belo Horizonte/MG, mientras saludo a todos los sacerdotes mercedarios y diocesanos, las personas consagradas, los laicos y otros miembros de la familia mercedaria de diversas partes de Brasil y del mundo.

El propósito por el cual nos reunimos en este Congreso es prepararnos cada vez más para los desafíos parroquiales más complejos y profundos en las ciudades pequeñas y grandes de nuestros países.

Sin embargo, es importante enfatizar la importancia de la comunicación, el intercambio de información y, sobre todo, en la organización de congresos tanto a nivel de Orden como a nivel provincial.

Desde Roma, por medio de la Secretaría General de la Pastoral, se puede comprender mejor sobre las numerosas parroquias donde los mercedarios llevan a cabo un hermoso trabajo de cuidado pastoral, el cual se puede mejorar en cantidad y calidad a la luz de la espiritualidad mercedaria, la doctrina social de la Iglesia, el plan pastoral de las iglesias locales, de la fidelidad a la enseñanza de la Iglesia y la tradición eclesial. Esto se debe, queridos hermanos mercedarios, a que la parroquia no es una ONG (organización no gubernamental) preocupada en la realización de acciones sociales, muchas de ellas ideológicas; por el contrario, la parroquia como institución canónico-eclesial está llamada a anunciar el Reino de los Cielos en observancia de la principal ley de la Iglesia, que es *salus animarum*.

Me gustaría enfatizar, por cierto, mediante verificación concreta, ya sea en visitas a países donde está presente la Orden de la Merced, o incluso por intermedio de diálogo con las secretarías pastorales provinciales, la inmensa riqueza del trabajo apostólico-carismático mercedario. Esta carismática actividad mercedaria se lleva a cabo en los diversos contextos sociales presentes en los cuatro rincones del mundo, demostrando un hermoso carácter redentor desarrollado en parroquias, ministerios penitenciarios, centros hospitalarios, varias casas de rehabilitación y proyectos educativos con inmigrantes, refugiados, discapacitados mentales o físicos, con comunidades indígenas, con jóvenes, en prevención y reinserción social, con drogadictos, en el caso de trata de personas, con niños en situación de calle, en guarderías y muchas otras realidades vinculadas a nuestro apostolado. Por lo tanto, debemos darnos cuenta de que el trabajo pastoral cubierto por la Orden de la Merced es innumerable y desafiante en este siglo XXI, dado que su carisma redentor está muy presente para toda la Iglesia.

De ese modo, se puede ver que la presencia mercedaria en la Iglesia de hoy es de suma importancia, teniendo en cuenta las variadas formas de esclavitud de tantos hermanos, amenazados por peligros físicos y especialmente espirituales. Por ello, el apostolado mercedario debe ser mejorado con estrategias redentoras y metodologías refinadas de trabajo redentor. En este sentido, los invito a participar en la búsqueda de métodos para cumplir mejor la misión redentora.

Para finalizar, me gustaría agradecerles por su gran dedicación en la preparación y organización de este II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial en la persona del P. Fr. John Londerry Batista, Provincial de la Provincia de Brasil; P. Fr. Demerval Reis Soares Filho, Secretario de Pastoral; y en particular a los miembros de la Comisión Preparatoria del Congreso: P. Fr. Jose Maria Mohomed Junior; P. Fr. Rogério Soares de Almeida Silveira; P. Fr. Elionaldo Ecione e Silva; P. Fr. Francisco Williams Xavier, y otros religiosos de la Provincia de la Merced de Brasil. También agradezco al consejero general, el P. Fr. Manuel Antonio Anglés Herrero, y a los provinciales, especialmente aquellos presentes en el congreso: P. Fr. Ricardo Guzzo Panasiti, Provincial de Argentina; P. Fr. Cesar Iván Gálvez León, Provincial de Perú, y los consejeros provinciales de pastoral: P. Fr.

Fernando Ramos Martines, de la Provincia de México; P. Fr. Matias Bellanich de la Provincia de Argentina; P. Fr. Fabián Sergio Quiroz, Valdenegro de la Provincia de Chile; P. Fr. Jesús Bel Gaudó, de la Provincia de Aragón; P. Fr. Luis Callejas Rodriguez, de la Provincia de Castilla; P. Fr. Samuele Salis, de la Provincia de Itália; P. Fr. Miguel Ángel Córdova Velásquez, de la Provincia de Perú; y P. Fr. Octavio Gonzalez Pineda, de la Provincia de Ecuador.

Que la Madre de la Merced y nuestro fundador, San Pedro Nolasco, nos ayuden y animen cada vez más a ser instrumentos de redención para los cautivos de estos tiempos modernos.

Belo Horizonte, 19 de agosto, Año del Señor de 2019.

II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL (1)

P. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente de la Comisión del Congreso

Con inmensa alegría os damos la bienvenida a todos para vivir una experiencia en la barca de Pedro Nolasco. Hoy empezamos una nueva etapa en este proceso formativo en la Merced, pasados ya 801 años. En hermandad con todos los religiosos y motivados por nuestra Curia General, que indicó a la Provincia Mercedaria del Brasil la preparación de este II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial, llevamos adelante a un proceso constructivo de libertad para la continuidad original de la redención, como respuesta a las nuevas formas de cautiverio presentes en la actualidad. Así, se formó un equipo que ha trabajado por esta realidad.

Nuestra historia está profundamente marcada por la experiencia de hombres y mujeres que hicieron de su vida una entrega en un profundo proceso de amor generoso.

Nuestro Padre Pedro Nolasco, al recibir el Hospital de Santa Eulalia para un servicio redentor, no podía imaginar que ese se convertiría en un “hospital de campaña” permanente, como un lugar explícito de misericordia. Al establecer nuestra primera casa de cuidado humano y de nuevas relaciones, nos abrió una mirada específica de respeto, cariño y profunda tolerancia hacia todas las personas.

El tema que iluminará nuestro Congreso será el de “la misericordia del Señor” (Sal. 106), que es eterna. La comisión eligió un camino que pasará por todas las experiencias que hemos tenido y vivido. Todo espacio geográfico donde hay un mercedario o mercedaria que se hace presente, ahí estará la misericordia del Señor actuando y realizando su inmenso cuidado para curar, integrar y hacer que la vida suceda. Somos una familia de legos y legas, religiosos y religiosas, presbíteros, consagrados a este amor misericordioso que se extiende por la faz de la tierra.

El Camino del Hospital de Santa Eulalia ayuda a hacer del camino histórico nuestra primera “Grande Casa”. El Corazón Mercedario ya nació agrandado “*dilatatis cor meum*” (Sal. 118, 32), hasta el punto de que, cuando miramos el tiempo presente, podemos ver que nuestras parroquias, nuestras “inmensas casas”, ya están, en las periferias existenciales, sociales, económicas y políticas, un lugar de profunda realización del amor misericordioso, frente a los nuevos retos de los tiempos y de la realidad presente.

El equipo coordinador del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial cree que la parroquia debe ser un sitio privilegiado para el ejercicio de la misericordia y, desde ese sitio, necesita, con sus acciones planificadas de evangelización, “irradiar la misericordia de Dios, alcanzando las periferias existenciales, como nos pide la Iglesia bajo la dirección del Papa Francisco” (cf. folleto comunicativo del Congreso).

El tiempo del Congreso se construirá en fidelidad a toda esta realidad humana afectiva, creativa y pensante, en una nueva manera de abrir horizontes a nuestra pastoral parroquial, como un reto constructivo para observar el camino de la fidelidad evangélica. Veremos luego el camino histórico, el espacio de transformación que este espacio histórico del Hospital de Santa Eulalia de Barcelona ha convertido en nuestras parroquias: en un verdadero “hospital de campaña”, un sitio donde mercedarios y mercedarias aprenden a acoger, amar, servir, curar e integrar todas las realidades en un proyecto de libertad.

Con la experiencia bíblico-catequética, buscaremos ofrecer una reflexión sobre la dinámica de las dos grandes Conferencias Episcopales para América Latina, como soporte del amor redentor en vista de mirar las periferias del cautiverio e incluso descubrir nuevas opciones para comprometernos al amor de Merced por la humanidad. Cultivar una mística de la misericordia que abra nuestros corazones para nuestra liberación integral como propuesta de ofrenda a todos los seres humanos que nos rodean. Actuar con profunda conciencia en la fidelidad e identidad consciente, hasta el punto de vincularnos en lo más profundo de la capacidad de aceptación.

Los cuatro talleres del Congreso nos ayudarán a tener dimensiones específicas de trabajo en diferentes líneas de acción. Libres en relación libre

con todos y a todos nos ponemos a disposición, en la perspectiva que motivó la obra redentora desde el principio. Para nosotros, las colectas son un sitio específico para el ejercicio de la ciudadanía crítica y creativa, los bienes no son nuestros, pertenecen a los cautivos.

Libres en todas las dimensiones humanas, nos transformamos en comunicadores de esperanza y vida para todos, nunca nos dejaremos dominar por los medios que oprimen, pero seremos presentadores de una verdad relacional que nos harán libres.

Nuestra parroquia, que es la casa de todos, debe ser cada vez más una red de comunidades desde las que podamos, como “hospital de campaña”, irradiar la bondad que se traduzca en gestos de misericordia. Cada espacio de acogida debe propiciar un encuentro significativo que va desde la “Betania” hasta la “Visitación”.

El recorrido de nuestro camino mercedario en esta capacidad de aprender siempre del Señor de la Misericordia la experiencia de una nueva opción frente a las nuevas periferias del cautiverio, debe ayudar a nuestra mirada más amplia y explícita a la medida que, en nuestras comunidades parroquiales, trabajamos a favor de la vida humana.

Nuestro trabajo no solo está vinculado a estructuras políticas o sociales, canónicas o funcionales, es cierto que podemos correr ese riesgo, debemos hacerlo en su totalidad, porque desde Pedro Nolasco hemos sido un “hospital de campaña” vivo, realizando en el ministerio del misterio del amor en la acogida.

Nuestro Congreso buscará abrir perspectivas y experiencias para este pensamiento creativo que promueve la dignidad humana. Se invita al Fray Manuel Anglés, consejero general, a reflexionar sobre los pasos históricos de este proceso, ampliando para nosotros el conocimiento desde el Hospital de Santa Eulalia de Barcelona hasta los pasos del Papa Francisco. Nuestra auténtica parroquia es un hospital de mutuo cuidado y atención en el amor redentor. Entendemos que todo trabajo mercedario es una parroquia de cuidado humano.

El padre Luís Henrique Eloy e Silva, como enviado especial del arzobispo de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, quien por causas de fuerza mayor tuvo que ausentarse de nuestro Congreso, nos ofrecerá una reflexión sobre la misericordia en las Sagradas Escrituras. En ese momento, estamos llamados a poner nuestros ojos, manos y pies en esta marcha misericordiosa que se realiza en fidelidad creativa e inmersión singular en situaciones humanas que nos exigen un amor expresivo de misericordia.

El padre Paolo Parisi, C.S., que vive una experiencia única en este camino redentor, nos contará su experiencia de acogida en este “hospital de cuidados” efectivo en el tiempo y la historia, por la noche del primer día de este Congreso.

El tiempo que sigue también requiere una mirada a las dos primeras conferencias episcopales para América Latina que ayudaron a dar pasos significativos hacia el seguimiento fiel a Jesucristo en la perspectiva del Vaticano II. El profesor Dr. Sérgio Coutinho nos presentará los desarrollos en Medellín y Puebla en las periferias del cautiverio. Este segundo día, después de haber visto las experiencias fundacionales y los caminos de análisis mediante la Palabra de Dios, somos llamados a caminar en los pasos dados en la historia por el pueblo de Dios.

Nuestro recorrido será una visita al Santuario de la “Serra da Piedade” para que celebremos juntos una mirada a la libertad con mayor alcance como gesto de amor de la Madre que recibe a su hijo en sus brazos. La Eucarística será presidida por Dom Geovane Luís da Silva, obispo auxiliar – enviado especial de Dom Walmor Oliveira de Azevedo – arzobispo metropolitano de Belo Horizonte, en la necesidad de estar en el Consejo Permanente de la Conferencia Episcopal del Brasil. Después de la celebración tendremos tiempo para un “panel” para conocer las obras ya creadas a partir de las “campañas redentoras 801” (octingentésimo primero año); debería ser un hito para que invirtamos en el futuro redentor. Y también los invito a disfrutar del recorrido, la convivencia y el momento cultural.

El tercer día de nuestro encuentro será un camino a los talleres temáticos que cada participante ya ha elegido y podrá experimentar por medio de la interacción entre los grupos conocer dinámicas específicas que ayudarán

a entender caminos y opciones para trabajar en nuestras comunidades mercedarias como un intenso “hospital”, donde la misericordia del Señor sigue irradiando para expandirse, recordar y reconocer que, en toda obra mercedaria, hay una casa de acogida, amor, fidelidad y entrañas de misericordia.

Este II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial fue pensado con inmenso cariño por el equipo que fue convocado para hacer real este logro en la historia. Todos los que estamos por aquí somos hermanos. Venimos de diferentes lugares y de las más variadas situaciones. Un día nuestra Madre de la Merced nos reunió, y hoy, religiosos y religiosas, presbíteros, legos y legas, estamos aquí para continuar este proceso de transformación en la historia.

Apostemos por este Congreso, hagámoslo realidad en nuestras vidas. Somos los protagonistas de esa época. Hagamos de esta convivencia, incluso en medio de las diferencias lingüísticas, un lugar de paz y comuniquemos a los que no pudieron asistir a la alegría de construir y constituir un tiempo de reflexión, oración y discernimiento para el compromiso más integral posible de nuestro trabajo de misericordia. Cada espacio donde se ubica un mercedario es una parroquia, es decir, una “casa de acogida” o un “hospital de campaña”. Que ningún espacio mercedario sea desechado. Cada uno trae aquí una historia de amor misericordioso.

La aventura en la “barca de Nolasco” en el Hospital de Santa Eulalia o en el “hospital de campaña”. será conducida por un solo maestro, Jesús Redentor de la Humanidad, que nos urge a dar pasos significativos. Él nos da una Madre para cada momento, para que como hermanos y hermanas en la merced podamos caminar específicamente en este Congreso y en todos los caminos que surjan, para que en el tiempo y en la historia, nuestras parroquias sean lugares de esperanza, alegría, paz y cura integral de cada persona humana. Los invito a usar nuestras comunicaciones sociales para decir a los demás, que aquí no están, todo lo que vamos a hacer y vivir aquí.

Agradezco a todos los participantes que hicieron el esfuerzo de llegar hasta aquí.

Sea un tiempo de paz para todos.

ORIENTACIONES PARA EL II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL

Los Sres. y Sras. participantes del II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial, nos damos las gracias por su participación y les comunicamos lo siguiente para el buen desarrollo de todos los trabajos:

1. Cualquier necesidad, puede contactar el equipo de coordinación del Congreso;
2. Ustedes recibieron un bolso que contiene algunos materiales para su organización: etiqueta con su nombre, folleto de oración, bolígrafo y papel para membrete;
3. Nuestros horarios son muy explícitos, les pedimos que estén muy organizados para que el Congreso se desarrolle sin problemas; y
4. El equipo está organizado de la siguiente manera:

PROVINCIAL – Fray John Londerry Batista y Fray Demerval Reis (consejero provincial para el área pastoral);

COORDINACIÓN – Fray José Maria Mohomed Junior, Fray Demerval Reis Soares, Fray Elionaldo Ecione Silva, Fray Rogério Soares y Fray Francisco Williams Xavier;

LITURGIA – Fray Willian Cosme da Silva y postulantes;

SECRETARIO – Fray Werlen Lopes da Silva y Fray Jociel Batista de Carvalho;

BIENVENIDA Y RECEPCIÓN – Fray Rogério Soares, Fray Francisco Williams y postulantes;

ANIMACIÓN Y CANTO – Fray Inácio José Tadeu R. Martins;

FINANCIERO – Cláudia Mariane y Fray Jociel Batista;

PRIMEROS AUXILIOS – Maria do Amparo;

COMUNICACIÓN – Rodrigo Sales;

INTÉRPRETES – Daniele Ocampo (español); João Luís Saraiva (inglés).

II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL (2)

P. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente de la Comisión del Congreso

Saludo y paz.

Empezamos un nuevo día. *Bom dia! Good morning!* ¡Buenos días!

Bienvenidos a todos a este camino de esperanza y paz. Espero que todos estén bien y abiertos a lo que Dios nos mostrará en este día.

Tendremos mucho trabajo para el día redentor del servicio. Nuestra reflexión sobre ese día estará guiada por un eje histórico, recordando los caminos recorridos. Desde el Hospital Santa Eulalia de Barcelona (siglo XIII) hasta el “hospital de campaña” del Papa Francisco.

Elegimos este tema como un cuidado específico de nuestro tiempo para entender cómo nuestros hogares son auténticos hogares de cuidado e integración humana. Unos los llaman hospitales, otros de parroquias, otros conventos, otros casa de acogida, otros casa de reunión, queremos cada vez más observar la casa, que, en la dinámica de la historia, fue un sitio profundo de amor misericordioso.

El desarrollo de este trabajo se lo ha confiado a nuestro hermano mercedario de la Provincia Mercedaria de la Inmaculada Concepción. El padre Manuel Anglés Herrero, O. de M., religioso mercedario, inició su camino entre nosotros cuando se incorporó a la Orden y ya profeso estudió en Valencia (España), además de haber cursado licenciatura en Historia de la Iglesia. Actualmente, desempeña el cargo de secretario general en el Gobierno de la Orden Mercedaria. Su sencillez y su amor por la Virgen de la Merced lo trajeron aquí para ayudarnos a conocer los pasos del tiempo y de la historia de nuestra familia religiosa.

Que en este día podamos disfrutar de este tiempo y esta afectiva experiencia humana en los hogares de todos nosotros. Nuestro tiempo se dividirá en cuatro partes, observando los tiempos establecidos que se encuentran en sus carpetas. Conferencias, resonancias, estudio y el perfeccionamiento de sus conocimientos serán los caminos para ese día. El padre Luís Henrique Eloy e Silva, presbítero de la Diócesis de Campanha/MG hará a nuestro grupo una reflexión bíblica sobre la *“misericordiae gaudium”*: Cuando los hombros y las manos se convierten en brazos en el abrazo. Tiene un doctorado en ciencia bíblica del Pontificio Instituto Bíblico de Roma.

La celebración eucarística será al final de la jornada. Presidirá el P. Fray Reginaldo Roberto Luiz, consejero general y responsable del área pastoral de la Orden. Luego de la cena, a las 8 de la noche, tendremos un “caso”, una experiencia parroquial vivida en la ciudad de São Paulo, la reflexión y presentación del tema estará a cargo del padre Paolo Parisi, C.S., quien estará presente en nuestro Congreso.

No dejen de comunicar a los hermanos de nuestras provincias lo que viviremos en este día. Les deseo a todos una exitosa participación en este Congreso, que podamos vivir este día en profunda fidelidad al amor misericordioso que se ha hecho por todos nosotros, Merced de Dios.

II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL (3)

P. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente de la Comisión del Congreso

Estimados Congresistas, ¡buenos días! *Good morning! Bom dia!*

Ya hemos hecho un camino histórico de participación y comprensión de esta realidad iniciado por nuestro Padre San Pedro Nolasco en la alegría de ver al “hospital de campaña” presentarse como la gran parroquia de la Merced que estaba siendo dirigida por tantos y tantas que amaron hasta el fin a Jesús y dieron la vida por todos.

Recordemos a nuestros Mártires, de ayer y de hoy. Recordemos a nuestros santos y santas que defendieron la fe, el amor, la misericordia, la tolerancia y la armonía entre los pueblos, como gesto de acogida en todas nuestras casas, que son para nosotros un “Hospital de Mercê”.

La experiencia eclesial abrió un espacio insondable para la creatividad y la reflexión. Después del Vaticano II, fue de suma importancia para la construcción histórica de las Conferencias de Medellín y Puebla. El hecho histórico está vinculado al tiempo, no a la reflexión. Como el profesor Sérgio Coutinho, doctor en Historia de la Iglesia, estamos llamados a una lectura más inteligente de los textos en vista de nuestra obra liberadora. La reflexión es fuente de aproximación en este “hospital de campaña”. Dejémonos guiar por esta sabiduría del texto, por el enfoque teológico y, de manera especial, por la amistad que el profesor tiene con nuestra familia. Él también es mercedario, desde la fundación de la fe bautismal. Su familia es mercedaria hace muchos años.

Después de los estudios por la mañana, visitaremos y celebraremos la Eucaristía en Serra da Piedade, Santuario Estatal del pueblo de Minas Gerais. Nuestra hora de salida será a la 1 de la tarde, echemos un buen vistazo a la hora para que todos podamos celebrar con alegría este momento.

Según la Wikipédia,

Serra da Piedade es una formación geológica ubicada en el municipio brasileño de Caeté, Estado de Minas Gerais. Su altitud alcanza un máximo de 1.746 metros sobre el nivel del mar. Corresponde a una continuación de la Serra do Curral, delimitando el límite norte del Cuadrilátero Ferrífero. Serra da Piedade ya era conocida desde principios del siglo XVII. Lourenço Castanho Taques es considerado el pionero de la región de Caeté, según consta en la Carta Régia del 23 de marzo de 1664, por el descubrimiento de las “Sertões de Caeté”. De hecho, la Serra da Piedade es la misma montaña que Sabarabuçu y, por tanto, está vinculada a las leyendas de las minas de plata, que desde finales del siglo XVI excitaban a los espíritus aventureros que querían creer que había abundancia de plata en esa latitud, como la que tuvo lugar en las montañas de Potosí, en Perú. El único edificio histórico que se conserva hoy es la Capilla de Nossa Senhora da Piedade, ubicada en la cima de la montaña, cuya construcción comenzó alrededor de 1704 y se completó alrededor de 1770.

Después de la santa misa tendremos tiempo para un “panel” observando las obras redentoras de misericordia de las Provincias y una mirada a la próxima Campaña de Redención. El sitio será en una casa de reuniones en la misma Serra da Piedade, luego cenaremos, tendremos un momento cultural y regresaremos a la casa de reuniones.

Espero que tengan un agradable día, lleno de sorpresas. Que la reflexión de hoy genere en nosotros un compromiso sano por el amor a la libertad y la promoción y liberación integral de toda persona humana. Que el amor y la paz se establezcan entre nosotros. Comuniquemos a nuestros amigos y hermanos mercedarios lo que estamos viviendo estos días, para que todos y todas puedan unirse a nosotros en esta experiencia de vida fraterna y mercedaria.

II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL (4)

P. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente de la Comisión del Congreso

¡Estimados Congresistas, buenos días! *Good morning! Bom dia!*

Se dieron pasos significativos en este II Congreso Internacional de la Pastoral Parroquial, hasta este momento de nuestra historia de convivencia y experiencia en nuestra formación más integral. Hoy, con la observación histórica de que desde un principio estuvimos en un hospital como cuidadores de personas y vidas en provocación de libertad, nos encontramos en nuestras obras parroquiales como un inmenso “hospital de campaña”, como dijo el Papa Francisco. Nuestro Padre San Pedro Nolasco, después de la inspiración mariana, esa mirada de misericordia como relató y rezó en el salmo 106, nos abrió un vasto campo para la promoción integral de la vida humana.

El tiempo y la historia nos han dado una profunda creatividad. Incluso cuando ocurrieron circunstancias y desafectos humanos, económicos, existenciales y casi impidieron que la Merced de Dios se expresara en la historia, varios factores también ayudaron a dar pasos más significativos de Merced. Pensemos en las grandes obras misioneras que surgieron de la experiencia primaria de la vida conventual. Las obras de misericordia siempre han estado presentes en nuestro entorno. Los carismas misioneros se hicieron activos. Son talleres de amor misericordioso.

Me gustaría destacar algunos nombres misioneros: Siervo de Dios Don Inocêncio López Santamaría, Madre Lucía Etchepare, Venerable María del Refugio Aguilar, Beata Margarita María Maturana, Beato Juan Nepomuceno Zegri, Siervo de Dios Fr. José León Torres, Lutgarda Mas i Mateu, Siervo de Dios Fray Francisco de Jesús Bolaños, Siervo de Dios

Fray Juan Gilabert Jofré, Madre Teresa de Jesús Bacq, Siervo de Dios Fray Antonino Pisano, Siervo de Dios Fray Pedro Urraca, Fray Manuel Cereijo y compañeros Mártires, Beato P. Mariano Alcalá y compañeros mártires, fueron hombres y mujeres que operacionalizaron en la historia un lugar específico de amor misericordioso.

Hoy somos los constructores de esperanza en medio de tantos desafíos. Nuestra colecta redentora habla de un compromiso liberador con una acción afectiva y efectiva de la historia.

El P. Fray Fernando Henrique M. Brito, O. de M., ayudará a nuestros talleristas a tomar decisiones más coherentes a favor de obras concretas y de amor creativo por los hermanos más necesitados. Cristina Cunha nos ayudará en un trabajo específico de comunicación para promover la libertad de lo que debemos y queremos comunicar.

La destitución de dignidades en forma de “*fake news*” nos ha provocado cada día a repensar nuestro lenguaje y aproximación humana. Viviane Kenia nos colocará en lugares sociales y afectivos de comunicación divina, un espacio comunicativo de acogida y misión. El padre José Godoy ha trabajado inmensamente en una parroquia que puede irradiar cada vez más misericordia a través de esta “red de comunidades”, como sugieren los documentos episcopales brasileños.

Congresistas, nuestro día está lleno de servicio, trabajo, escucha, convivencia y perfeccionamiento de nuestros conocimientos por un proyecto de libertad a favor de las personas que nos rodean y que nos provoquen a ser cada vez más Merced de Dios para una humanidad sedienta de justicia y paz.

Los invito a saborear estas experiencias de compartir y estar abiertos al misterio del amor de Dios a través de personas comprometidas con la promoción humana, con el desarrollo efectivo de las personas.

Los talleres son aperturas de posibilidades creativas pensadas por el comité organizador del Congreso, para que puedan tener experiencias,

compartir opciones y encontrar caminos específicos para trabajar en el “hospital de campaña” que llamamos parroquia.

Al final de este día tendremos el acto de clausura de nuestro Congreso. En este día, nuestra Eucaristía será presidida por el Provincial P. Fray John Londerrey Batista, O. de M.. Queremos agradecer a Don Odilo Pedro Cardeal Scherer, arzobispo metropolitano de São Paulo, que se hace presente a través de una carta, ya que los compromisos de la Conferencia Episcopal le impidieron de estar presente con nosotros.

¡Sea este día de profunda convivencia y alegría!

ACTO DE CLAUSURA DEL II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL (5)

P. Fr. José Maria Mohomed Júnior
Presidente de la Comisión del Congreso

Estimados congresistas,

Hemos llegado al final de más un Congreso organizado por la Orden de la Merced, nuestra Orden, nuestra familia. Muchas luces estuvieron presentes en este Congreso. Es claro y evidente que también se manifestaron muchas sombras. Necesitamos continuar en cada lugar donde vivimos y somos Merced, continuar difundiendo la obra de misericordia que está en nuestras manos.

Gracias a quienes asistieron, agradecemos a todos los que se quedaron en nuestras provincias y comunidades, vigilando y promoviendo la experiencia de nuestro “hospital de campaña”, ustedes regresarán con el corazón lleno de nuevas experiencias. Sigamos compartiendo el amor redentor donde quiera que vayamos.

Tenemos esperanza por celebrar y vivir. Nuestra Madre de Merced nos acompaña en todo momento. Nuestro Padre Pedro Nolasco es un ícono de luz que siempre brilla para ayudarnos en los desencuentros históricos. Cristo Redentor es nuestro modelo de amor generoso y fiel por una humanidad sedienta de paz.

Una vez más agradecimiento por el esfuerzo de viajar tan cerca y tan lejos, para que podamos estar unidos en la promoción humana. Que nuestra comunicación y lenguaje sea cada vez más efectiva y afectiva con todos los cautivos. Son por ellos que estamos aquí.

¡Abrazo fraterno a todos y todas!

“¡LA MISERICORDIA DEL SEÑOR ES ETERNA!” (SL. 106) – DE LA EXPERIENCIA PARROQUIAL A LAS PERIFERIAS EXISTENCIALES

Acto de apertura – P. Fr. Demerval Reis, O. de M.

El II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial, cuyo tema es: “¡La misericordia del Señor es eterna!” (Salmo 106) - de la experiencia parroquial a las periferias existenciales, su punto de partida es celebrar la acción misericordiosa de Dios, en la experiencia humana, siendo fuente de vida y restauración para los que creen, señalando nuevos caminos y un nuevo momento histórico.

En este año de 2019, en el que la Orden de la Merced acaba de cumplir ochocientos un años de su fundación, seguimos envueltos en un espíritu de gratitud y alegría motivado por los eventos realizados, en las distintas provincias, alrededor del mundo, y que apuntan a “un nuevo tiempo” que comienza con las conmemoraciones de los ochocientos años de Merced. Así, la realización de este Congreso se suma a este espíritu de celebración, la oportunidad de mirar hacia nuestro apostolado carismático redentor, haciendo un rescate de la experiencia original, pero también mirando hacia el futuro próximo, como respuesta a las nuevas formas de cautiverio presentes hoy.

El salmo 106 da testimonio de las debilidades históricas del pueblo de Dios y de sus infidelidades ante la alianza hecha con Dios, cuya misericordia será siempre ofrecida a este pueblo, para que se convierta y vuelva a caminar bajo la mirada amorosa de Dios. El salmista proclama una sucesión de ingratitudes y confiesa el pecado del pueblo al Dios fiel, siempre dispuesto a ofrecer su amor para redimir y salvar a sus predilectos y amados.

Como pueblo de Dios en camino, queremos seguir experimentando la misericordia del Señor, que es eterna y nos anima a seguir adelante, a pesar de las debilidades e inconsistencias. Creemos que las parroquias son

sitios privilegiados para el ejercicio de la misericordia, y que, desde allí, por medio de acciones evangelizadoras, podemos irradiarla, llegando a las periferias existenciales, como nos pide la Iglesia bajo el pastoreo del Papa Francisco, en nuestro tiempo.

El itinerario a seguir, en estos días de encuentro y reflexión, incluirá:

1. **Eje histórico:** Del Hospital de Santa Eulalia de Barcelona (siglo XIII) al “hospital de campaña” del Papa Francisco;
2. **Eje bíblico-catequético:** La misericordia en la Sagrada Escritura y la experiencia de la Iglesia en “Medellín y Puebla: los mercedarios en la periferia del cautiverio”. También contaremos con un “Panel con obras de misericordia” asumido por las diferentes Provincias de la Orden; y
3. **Eje pastoral (talleres):**
 - a. “La colecta de la redención y el uso de los bienes” – Un rescate histórico de la colecta de la redención, realizado por la Orden de la Merced y su significado como expresión viva del compartir de los bienes a favor de los cautivos de todos los tiempos;
 - b. “La verdad os hará libres” (Jn. 8, 32) – por una comunicación liberadora y misericordiosa – El desafío de una comunicación libre y liberadora, dado el panorama actual dominado por las noticias falsas (*fake news*) y el contexto de la desconfianza. Descubrir los procesos de construcción de noticias falsas y formas de combatirlas;
 - c. “La parroquia como red de comunidades que irradian misericordia” – Entender la parroquia como una red de comunidades, basada en una experiencia misionera, traducida en gestos de misericordia;
 - d. De “Betania a la Visitación” – Experimente la vida mercedaria como un “espacio” de acogida y misión, a la luz de las imágenes evangélicas de la casa de Betania y del encuentro entre María e Isabel.

Así, a lo largo de estos días, queremos profesar nuestra fe en la misericordia de Dios que fue, es y siempre será, hacia todos los cautivos liberados por su amor. Siguiendo a Cristo, redentor de la humanidad, e inspirados por el carisma original de San Pedro Nolasco, pidamos continuamente la protección de la Virgen de la Merced, consuelo para los cautivos y madre de los redentores. Que nuestra mirada no se ensanche, en este altiplano, y vislumbremos un “hermoso horizonte” en el que todos son libres, en el amor del Señor y en el servicio de nuestros hermanos y hermanas.

MENSAJE DEL ARZOBISPO DE BELO HORIZONTE

Don Walmor Oliveira de Azevedo

Queridos hermanos y hermanas,

Con agradecimiento, reciba mis mejores deseos de buena salud, mucha paz.

El II Congreso Mercedario Internacional de la Pastoral Parroquial propone una reflexión muy importante sobre el tema “¡La Misericordia del Señor es eterna!” - De la experiencia parroquial a las periferias existenciales”: llegar a personas en lugares alejados de las muchas periferias, no solo geográficas sino también existenciales, es deber de nuestra Iglesia. Una tarea que nos encomendó el maestro Jesús cuando dijo: “Id por el mundo y proclamad la buena noticia a toda criatura”.

La Palabra de Dios es esperanza, aporta una luminosidad especial al corazón de todos, fuerza para que la humanidad enfrente a sus muchos retos. Llevar a los que están lejos, que sufren de exclusión, pobreza y diferentes formas de discriminación, significa poner en práctica cada vez más el modelo de Iglesia propuesto por el Papa Francisco, una Iglesia en salida, hospitalaria, un hospital de campaña.

Es una tarea noble y hermosa, ya asumida con entusiasmo por los religiosos de la Orden de la Merced, que dan testimonio con ardor de su fe en Cristo Resucitado. Es necesario cultivar siempre este ardor misionero. Así que agradezco a todos los aquí reunidos por su dedicación a la Iglesia y la proclamación del evangelio.

Me regocijo en la hermosa historia de 800 años, ocho siglos, de nuestra amada Orden de la Merced. Me uno a la familia Mercedaria, participando en ella para celebrar este camino de tantas tradiciones y logros, siempre al servicio del pueblo de Dios.

Que la Madre María, Madre de la Merced, interceda por todos nosotros. Cristo Rey nos bendiga mucho. Recibe mi abrazo fraterno con aprecio y amistad.

CURRÍCULUM

El arzobispo metropolitano de Belo Horizonte, Don Walmor Oliveira de Azevedo, es doctor en Teología Bíblica por la Pontificia Universidad Gregoriana (Roma, Italia) y máster en Ciencias Bíblicas por el Pontificio Instituto Bíblico (Roma, Italia). Estudió Filosofía en el Seminario Arquidiocesano de Santo Antônio (1972-1973), en Juiz de Fora (MG), y en la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras Dom Bosco (1974-1975), en São João Del-Rei (MG). De 1974 a 1977 estudió Teología en el Seminario Arquidiocesano de Santo Antônio, en Juiz de Fora. En 1977, tras ser ordenado sacerdote, fue incardinado en la Arquidiócesis de Juiz de Fora. Fue párroco de la Parroquia de Nossa Senhora da Conceição de Benfica (1986-1995) y de la Parroquia del Buen Pastor (1996-1998); coordinador de la Región Pastoral de Nuestra Señora de Lourdes (1988-1989); Coordinador Arquidiocesano de Pastoral Vocacional (1978-1984) y rector del Seminario Arquidiocesano de Santo Antônio (1989-1997).

En el ámbito académico impartió clases de Ciencias Bíblicas, Teología y Lógica II; coordinó los cursos de Filosofía y Teología. En Belo Horizonte fue profesor en la PUC-Minas (1986-1990). También enseñó en la Maestría en Teología de la PUC-Rio (1992, 1994 y 1995).

De Salvador a Belo Horizonte

Nombrado Obispo Auxiliar de Salvador (BA) por el Papa Juan Pablo II el 21 de enero de 1998, fue ordenado por el Cardenal Monseñor Fray Lucas Moreira Neves, O.P. el 10 de mayo de 1998. Seis años después, en 2004, fue nombrado arzobispo Metropolitano de Belo Horizonte por el Papa Juan Pablo II. El inicio de su ministerio fue el 26 de marzo de 2004. En octubre de 2008, Don Walmor fue elegido para ser uno de los cuatro representantes de Brasil en la XII Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos, celebrada en Roma.

En febrero de 2014, el Papa Francisco lo nombró miembro de la Congregación para las Iglesias Orientales. Desde 2010, el arzobispo es un referente para los fieles católicos de rito oriental residentes en Brasil y privados del ordinario del propio rito. Don Walmor también ha sido miembro de la Congregación para la Doctrina de la Fe desde 2009. En la CNBB, el arzobispo presidió la

Comisión para la Doctrina de la Fe durante los ejercicios 2003-2007 y 2007-2011. También ocupó la presidencia de la Regional Oriente II de la CNBB - Minas Gerais y Espírito Santo. Miembro de la Academia de Letras de Minas Gerais, ciudadano de honor de Minas Gerais, de los municipios de Caeté, Ribeirão das Neves, Contagem, Nova Lima, Santa Luzia y muchas otras ciudades de Minas Gerais. Don Walmor también fue galardonado con la condecoración *Dom Luciano Mendes de Almeida*, de la Facultad Arquidiocesana de Mariana, y el título de Doctor Honoris Causa, de la Facultad de Filosofía y Teología de los jesuitas (2012). Fue elegido presidente de la Conferencia Nacional de Obispos de Brasil (CNBB) el 10 de mayo de 2019, durante la 57a Asamblea General de Obispos, para el cuatrienio 2019-2023. Nacido en Cocos (BA), Dom Walmor nació el 26 de abril de 1954.

Fuente: <https://arquidiocesbh.org.br/arquidiocese/organizacao/governo/dom-walmor-oliveira-de-azevedo/> - Consultado el: 12-09-2019.

AGENDA DEL II CONGRESO MERCEDARIO INTERNACIONAL DE LA PASTORAL PARROQUIAL

19/08/2019

3:00 PM Acreditación - *Check-in*

6:00 PM Cena

8:00 PM Momento de oración (equipo de liturgia)

- Acto de apertura - Fray Demerval Reis, O. de M (Consejero Provincial).
- Composición de la mesa: Consejero General del Área Pastoral; Provincial de Brasil; Arzobispo de Belo Horizonte; Presidente del Comité Organizador del Congreso; y Consejero Provincial del área pastoral.
- Saludos iniciales: Consejero General; Provincial de Brasil; Arzobispo de Belo Horizonte; y Presidente del Comité Organizador.
- Momento de oración (equipo de liturgia)

10:00 PM Descanso

20/08/2019

7:00 AM Despertar

7:30 AM Desayuno

8:45 AM Momento de oración (equipo de liturgia)

9:00 AM Conferencia - Fray Manoel Anglés, O. de M. (Consejero general)
-Desde el Hospital Santa Eulalia de Barcelona (siglo XIII) al
"hospital de campaña" del Papa Francisco.

10:00 AM Descanso

- 10:30 AM Conferencia - Fray Manoel Anglés, O. de M. (Consejero general)
- Desde el Hospital Santa Eulalia de Barcelona (siglo XIII) al
"hospital de campaña" del Papa Francisco.
- 11:30 AM Resonancias - Fray Manoel Anglés, O. de M. (Consejero general).
- 11:45 AM Pausa.
- 12:00 PM Almuerzo.
- 2:00 PM Animación.
- 2:30 PM Conferencia - P. Luís Henrique Eloy e Silva: "*Misericordiae
Gaudium*: Cuando los hombros y las manos vuélvanse brazo en el
abrazo: por una relectura de la unidad del tríptico de Lucas 15".
Enviado especial del Arzobispo Walmor Oliveira de Azevedo,
Arzobispo de Belo Horizonte y Presidente de CNBB.
- 4:00 PM Pausa.
- 6:00 PM Celebración Eucarística - Padre Fray Reginaldo Roberto Luiz, O.
de M. (Consejero general).
- 7:00 PM Cena.
- 8:00 PM Presentación de un "Caso" - Padre Paolo Parisi, CS. - (Pastor
Nuestra Señora de la Paz/SP).
- 10:00 PM Descanso.

21/08/2019

- 7:00 AM Despertar.
- 7:30 AM Desayuno.
- 08:45 AM Momento de Oración.
- 09:00 AM Conferencia - "Medellín y Puebla: Los Mercedarios en las periferias
del cautiverio" - Prof. Sérgio Coutinho – Doctorado en historia
(UFG); profesor de Historia (UPIS) – Brasília/DF.
- 10:00 AM Descanso.
- 10:30 AM Conferencia - Prof. Sérgio Coutinho.
- 11:45 AM Pausa.
- 12:00 PM Almuerzo.

- 1:00 PM Salida hacia Serra da Piedade.
- 3:00 PM Celebración eucarística
- 5:00 PM * Panel de Obras Provinciales de Misericordia - Fray Demerval Reis Soares, O. de M.
- * Campaña Redentora 2018/2019 - Fray Manoel Anglés, O. de M. (Consejero general).
- 7:30 PM Cena Cultural.
- 9:00 PM Salida hacia Belo Horizonte/MG.
- 10:00 PM Descanso.

22/08/2019

- 7:00 AM Despertar.
- 7:30 AM Desayuno.
- 08:45 AM Momento de Oración.
- 09:00 AM Talleres.
- a. "Colección de Redención y Uso de Bienes" - Fray Fernando Henrique, O. de M. - Consejero Provincial.
 - b. "La verdad te hará libre" (Juan. 8, 32) - Por una Comunicación liberadora y misericordiosa - Cristina Cunha - Salvador/BA.
 - c. "Parroquia como red de comunidad que irradia misericordia" - Padre José Manoel de Godoy – Faje/MG.
 - d. "De Betania a Visitación - el actuar mercedario como Bienvenida y Misión" - Viviane Kenia – Salvador/BA
- 10:00 AM Descanso.
- 10:30 AM Talleres.
- 12:00 PM Almuerzo.
- 2:00 PM Animación.
- 2:30 PM Acto de Clausura.

4:30 PM Descanso.

5:00 PM Celebración Eucarística - Arzobispo Odilo Pedro Cardenal Scherer
- Arzobispo de Sao Paulo - Vicepresidente de Celam.

6:00 PM Cena.

23/08/2019

07: 00 AM Despertar.

07:30 AM Desayuno y despedida.

08.30 AM *Check-out*.

DEL HOSPITAL DE SANTA EULALIA AL HOSPITAL DE CAMPAÑA DEL PAPA FRANCISCO

Fr. Manuel A. Anglés Herrero, O. de M.

INDICE

Parte 1

Introducción y saludo. Las claves históricas – teológicas – pastorales

1. La hospitalidad: *Hospitium, Hospitalitas et Hospitale*.
2. La misericordia en las constituciones de 1272.
3. La clave histórica: El Hospital de Santa Eulalia de Barcelona:
 - 3.1. Antes de Pedro Nolasco;
 - 3.2. Con Pedro Nolasco.
4. Fundación de la Limosna de los Cautivos:
 - 4.1. Fundación y dotación (*la Almoína*);
 - 4.2. La nueva casa: el nuevo Hospital de Santa Eulalia;
 - 4.3. El nombre y título de Pedro Nolasco y de su obra;
 - 4.4. La importancia de los laicos y las hermanas.
5. Hospitales mercedarios: Arguines, El Puig de Santa María.
6. El Hospital de Inocentes de Juan Gilabert (1409).
7. Hospital en el Nuevo Mundo – Tierra Firme: Panamá.

Conclusiones de la primera parte

Parte 2

La clave teológica: por la entrañable misericordia de nuestro Dios

8. La clave teológica: por la entrañable misericordia de nuestro Dios:

8.1. La acción mercedaria: hospitalidad redentora.

9. La clave pastoral del Papa Francisco: hospital de campaña.

10. Desafíos pastorales a la Merced del s. XXI.

Bibliografía

INTRODUCCIÓN: LAS CLAVES HISTÓRICAS – TEOLÓGICAS – PASTORALES

Nos hemos reunido para participar en este segundo congreso de Pastoral Parroquial mercedaria que nos convoca en esta ciudad de Belo Horizonte, con el propósito de reflexionar juntos en clave de pastoral parroquial, con un trasfondo importante como es la misericordia.

Un antiguo refrán castellano asevera: “los mercedarios son pocos, mas hacen bien”. ¿A qué se debe esta proliferación de la caridad redentora mercedaria, esta misericordia con los más necesitados de la sociedad?

Hace unos años se reflexionaba sobre la búsqueda de una obra común que identificase a los mercedarios de todo el mundo. Pero no se encontró un camino que sirviese para actualizar el carisma mercedario en una sola obra que visibilizase el ser y el quehacer de la Orden de la Merced.

Y es que una realidad es el carisma de redención de cautivos, que es el don que recibió san Pedro Nolasco, y por lo tanto, la gracia que se va transmitiendo a la Orden de generación en generación, y otra cosa, son las obras concretas con las que se lleva a cabo y se hace realidad concreta la acción del Espíritu. Así, las obras de la Merced brotan de la misericordia derramada por el Padre a través del Espíritu Santo en todos aquellos que participan del carisma y espiritualidad mercedaria.

Esta reflexión inicial surge desde un planteamiento histórico, desde los arranques de nuestro ser y quehacer mercedario. Y eso qué duda cabe, exige hacernos algunas preguntas, desde las cuales poder ir avanzando y dando respuestas; porque, aunque la historia es importante, el contexto en el que nos encontramos es un contexto pastoral y la historia se muestra como servidora de este ideal que se nos ha planteado.

Varios son los elementos que debemos tener en cuenta y que vamos ir tratando de clarificar.

En primer lugar, porque la Orden de la Merced encuentra su identidad más profunda en ser una orden redentora; esto es, llamada por Dios – enviada para el rescate de los cautivos, hombres (en su acepción amplia, sin género) caídos en manos de enemigos que profesan una religión diversa, y que se veían también sometidos a la esclavitud. Los dos elementos: religioso y social se cruzan y alían en la definición de cautivo.

Tenemos, por tanto, una orden redentora, que dedica la mayor parte de sus esfuerzos a la liberación y rescate de los cautivos.

En segundo lugar, es una orden de gran presencia de laicos, no faltan religiosos sacerdotes, pero por lo menos en los momentos iniciales su presencia es muy reducida. Y resulta que estamos en un congreso de pastoral parroquial, donde la presencia de los clérigos parece por lo menos inicialmente algo importante. No se entienden las parroquias sin la presencia de los clérigos, aunque la inmensa mayoría sean laicos. Se establece pues una relación muy interesante, que también se deberá abordar desde otras perspectivas.

Y, en tercer lugar, estamos tratando una realidad que quizá se nos escapa, por pertenecer a los orígenes de la Merced: la hospitalidad, como espacio y referencia de la misma Orden de la Merced, llamada de Hospital de Santa Eulalia.

Estos tres elementos confluyen y se mezclan en la Merced a lo largo de su historia: redentora, parroquial y hospitalaria, y convergen hoy.

Esta perspectiva histórica, como veremos, se sustenta en una clave teológica: la misericordia divina (frase tomada del salmo 106 que da título a este congreso), y que nace de la experiencia vital de Pedro Nolasco, se configura en las constituciones mercedarias de 1272, ya desde el proemio (Dios padre de misericordia y dador de todo consuelo), y mediante el carisma mercedario llega hasta nuestros días.

Y la clave teológica, (junto con esta clave histórica) encuentra en el pontificado del Papa Francisco su conveniente clave pastoral: la Iglesia (la

Merced) como hospital de campaña. Esta vertiente pastoral, impulsada desde el comienzo de su pontificado, que desborda con mucho de visión de la Iglesia, como espacio de comunión, como comunidad en marcha, como itinerancia, y como establecimiento en medio del mundo con la fragilidad de la tienda de campaña, como hospital, como servidores de la humanidad herida.

Sin ni siquiera entrar en el tema del congreso percibimos la profundidad del planteamiento pastoral, que desde las claves de la parroquia misionera estamos vislumbrando, y las posibilidades que ofrece al camino mercedario, que necesitará de procesos profundos de discernimiento para responder a la llamada que la Iglesia nos hace.

1. LA HOSPITALIDAD: *HOSPITIUM*, *HOSPITALITAS ET HOSPITALE*

Para poder tomar un punto de partida que nos sirva para entendernos, vamos a tratar de descubrir cómo definen dos grandes diccionarios de la lengua española las siguientes palabras: hospicio, hospitalidad y hospital. Estos dos diccionarios son los siguientes: Diccionario de la Academia Española¹ y Diccionario de uso del español².

En primer lugar, señalamos la definición de la RAE, y en segundo la de María Moliner.

RAE:

hospicio (del latín *hospitium-i*). m. Casa destinada para albergar y recibir peregrinos y pobres // 2. Acción y efecto de hospedar a alguien // 3. Hospedería de las comunidades religiosas. // 4. Asilo en el que se da mantenimiento y educación a niños pobres, expósitos o huérfanos.

hospitalidad (del latín *hospitalitas-atis*). f. Virtud que se ejercita con peregrinos, menesterosos y desvalidos, recogiendo y prestándoles la debida asistencia en sus necesidades. (Tiene otras dos acepciones).

hospital (del latín *hospitalis-e*). 1. Afable y caritativo con los huéspedes // 2. Establecimiento donde se curan los enfermos. // 3. Casa que sirve para recoger pobres y peregrinos por tiempo limitado.

MOLINER:

hospicio: casa donde se albergaba de limosna a peregrinos y mendigos (acepción corriente). Asilo para niños pobres, huérfanos y abandonados, sostenido por la diputación provincial en cada capital de provincia. (siguen otras dos acepciones)

1 Real Academia Española, Diccionario de la Lengua Española, Madrid 201984

2 María Moliner, Diccionario de uso del español, Madrid 191994.

hospitalidad: cualidad o actitud de hospitalario.

hospital: (del lat. *hospitale*, derivado de *hospes-itis*: huésped). Establecimiento donde se asiste a los enfermos; se da este nombre a los de asistencia gratuita, para pobres, militares etc.; pues al crearse establecimientos de esta clase de pago han ido recibiendo otros nombres para diferenciarlos de los tradicionales que tenían este carácter. Casa donde se acogía por tiempo limitado a los enfermos y peregrinos.

Si retenemos algunos de los datos que nos proporcionan estos diccionarios, enseguida nos iremos adentrando en esa obra que los mercedarios fueron desarrollando desde sus orígenes y que como manantiales de agua fresca llegan hasta el día de hoy marcando ritmos e itinerarios de renovación.

Con las definiciones que nos han proporcionado los diccionarios podemos ir identificando algunos elementos que nos ayuden a situarnos ante la hospitalidad como clave histórica, teológica y pastoral. ¿Qué es y para qué sirve un hospital?

¿A quién se acoge? ¿Qué servicios se le ofrece? ¿Cómo se lleva a cabo?

Dónde	Cómo	A quién	Qué
Casa Asilo Establecimiento	Actitud Virtud Cualidad Afabilidad Caritativo Hospitalario	Peregrinos Pobres Niños pobres Niños huérfanos Niños expósitos Niños abandonados Menesterosos Desvalidos Enfermos Mendigios Militares	Albergar Recibir Hospedar Recoger Asistir Educar Mantener Curar
Gratuidad – estancia de tiempo limitado			

2. LA MISERICORDIA EN LAS CONSTITUCIONES MERCEDARIAS DE 1272

No es el momento en el que hacer una muestra de cómo la misericordia es la clave para entender la vida de Pedro Nolasco y su compromiso de dar la vida por los cautivos; pero por lo menos conviene señalarla, aunque sea de manera indirecta, porque si no, no podremos captar la intuición carismática que con el paso del tiempo se convirtió en voto de redención, de dar la vida.

El drama del cautiverio en el siglo XIII, en el que se desarrolla fundamentalmente la vida de Pedro Nolasco constituye una herida profunda que marca a la sociedad medieval y a la vida de la Iglesia. Las continuas guerras, corso, piratería en una sociedad de frontera entre el Islam y la Cristiandad provocaba multitud de cautivos en los dos bandos, que pasaban a formar parte del botín del vencedor y mano de obra esclava y por lo tanto barata, así como esposas y guerreros.

Una situación que, desde la mirada cristiana, respondía a no poder vivir la libertad de los hijos de Dios, ganada por la sangre de Cristo (Gal. 5, 1), con un peligro real de apostasía y, por tanto, de pérdida de la salvación eterna. Por lo tanto, los dos planos, temporal y eterno se unían, y en favor de la libertad y de la dignidad de los hijos de Dios se comenzó a buscar modos de promover la redención. Antes de las órdenes redentoras de la Trinidad y de la Merced, los concejos municipales buscaron la ayuda de comerciantes y viajeros que podrían entrar en contacto atravesando las fronteras y procurando la libertad de los cautivos. Pero para eso se necesitaba el dinero. Ese es un tema muy importante: los bienes de la redención.

Nuestra reflexión sobre la misericordia comienza desde las entrañas mismas de nuestro Dios³. Sólo desde esa cosmovisión de un Dios misericordioso se puede llegar a entender la opción vital de Pedro Nolasco y de tantos como le han sucedido, y los que se han visto impulsados a vivir desde ella.

3 Juan Devesa Blanco, *Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced o "Constituciones Americanas"*. Códice de Nadal Gaver, en *Analecta Mercedaria* 2(1983) 59.

No se podría abarcar todo. Señalo algunos textos que son significativos de la misericordia. De los muchos que hay a lo largo y ancho de la Sagrada Escritura, hago referencia a aquellos que pertenecen al patrimonio más antiguo mercedario, como son las constituciones de 1272.

El primer texto bíblico que propongo que brota en el texto constitucional pertenece al evangelio de Lucas:

Por la entrañable misericordia de nuestro Dios, nos visitará el sol que nace de lo Alto, para iluminar a los que están en las tinieblas y en las sombras de la muerte, y para dirigir nuestros pasos por el camino de la paz (Lc. 1, 78-79).

El texto del *Benedictus*, con tantas resonancias veterotestamentarias, especialmente el salmo 107, expresa la situación del pueblo caído en cautiverio, esclavo de mazmorras y cadenas, viviendo en tinieblas y sombras, encadenados y en la miseria. Allí clamaron a Dios en su angustia y los salvó de la aflicción, los sacó de las tinieblas y de las sombras... en el que Dios nos abre a la experiencia de la visita de la Palabra, que se hace carne, iluminando la realidad humana, que se encuentra en las tinieblas. Pedro Nolasco – la Merced – ha hecho también de la visita al lugar del cautiverio, la forma de ser y de vivir, iluminando con la misericordia redentora los pasos de los cautivos hacia la libertad. Así lo recoge y actualiza el proemio:

[...] envió a Jesucristo, su Hijo a este mundo para visitar a todo el linaje humano que se hallaba como en cárcel, cautivo en poder del diablo y del infierno, y para visitar y librar a todos los amigos que le estaban esperando como en la cárcel, en poder del antedicho enemigo, y llevarlos a la gloria [...], el maestro y los frailes trabajen de buen corazón y de buena voluntad y con toda obra buena en visitar y librar a los cristianos que están en cautividad [...], según la buena determinación y buena voluntad del maestro de esta Ordem⁴.

4 Juan Devesa Blanco, Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced, en *Analecta Mercedaria* (1983) 59-61.

El segundo texto bíblico pertenece al evangelio de Juan:

Mi mandamiento es éste: amaos los unos a los otros, como yo os he amado. Nadie tiene amor más grande que el que da la vida por sus amigos. Vosotros sois mis amigos si hacéis lo que yo os mando. En adelante no os llamaré siervos, porque el siervo no sabe lo que hace su señor. Desde ahora os llamo amigos, porque os he dado a conocer todo lo que he oído a mi Padre (Jn. 15, 12-15).

Así lo ha vivido la Merced desde el principio, dando vida, dando la vida, ofreciendo la vida de sus religiosos, religiosas y laicos en favor de los cautivos:

para seguir, adelantar, visitar y librar a los cristianos del poder del enemigo de la Ley de Jesucristo, todos los frailes de esta Orden, como hijos de verdadera obediencia, estén siempre dispuestos a dar sus vidas, si es menester, como Jesucristo la dio por nosotros⁵.

Al repasar los antiguos libros de profesiones tanto de monjas como frailes expresaban esta consagración con las palabras *usque ad mortem*, signo inequívoco de su compromiso con los cautivos a los cuales se les ofrecía la vida y la entrega cotidiana del servicio caritativo, hospitalario y redentor.

El tercer texto bíblico pertenece a la tradición paulina:

Bendito sea Dios, padre de nuestro señor Jesucristo, Padre de misericordia y Dios de todo consuelo. Él es quien nos conforta en todas nuestras tribulaciones, para que gracias al consuelo que recibimos de Dios, podamos nosotros consolar a todos los que se encuentran atribulados (2 Cor. 1, 3-4).

Este texto paulino lo ha asumido la Merced en las primeras líneas del proemio constitucional, de tal forma que prácticamente se transcribe en su literalidad:

Así como Dios, padre de misericordia y Dios de todo consuelo y dador de alivio en toda tribulación, por su gran misericordia, envié a Jesucristo,

5 Juan Devesa Blanco, Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced, en *Analecta Mercedaria* 2(1983) 57.

su Hijo a este mundo para visitar a todo el linaje humano que se hallaba en cárcel [...] de semejante manera⁶.

En el texto bíblico de 2 Corintios, la imagen en la que se reflejan los cristianos es en la misericordia del Padre. En el texto mercedario, la redención de los cautivos, la hospitalidad, y si actualizamos en nuestro hoy, podemos decir lo mismo: la misericordia del Padre.

Y el cuarto texto pertenece al evangelio de Mateo, que tiene tantas resonancias en la vida de la Merced, y en su propia liturgia:

Cuando el Hijo del hombre venga en su esplendor acompañado de todos sus ángeles, se sentará en su trono y se reunirán ante él todas las naciones. Y separará a unos de otros como un pastor separa las ovejas de las cabras, y pondrá a las ovejas a su derecha y a las cabras a su izquierda. Entonces el rey les dirá a los de la de su derecha: Venid, benditos de mi Padre; heredad el reino preparado para vosotros desde la creación del mundo. Porque tuve hambre y me disteis de comer, tuve sed y me disteis de beber, fui forastero y me acogisteis, estuve desnudo y me vestisteis, enfermo y me visitasteis, estuve en la cárcel y fuisteis a verme (Mt. 25, 31-36).

Y la tradición mercedaria incluyó este texto en su proemio constitucional para dar fuerza de ley a toda su actuación, especialmente hospitalaria y redentora. Además de una modificación que muestra claramente la finalidad de la Orden:

a fin de que en el día del Juicio, sentados a la derecha por su gran misericordia, sean digno de oír aquella dulce palabra que de su boca dirá Jesucristo: Venid, benditos de mi Padre, [...] porque estaba en la cárcel y vinisteis a mí, estaba enfermo y me visitasteis, tenían hambre y me disteis de comer, tenía sed y me disteis de beber, estaba desnudo y me vestisteis, no tenía posada y me acogisteis⁷.

6 Juan Devesa, Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced, en *Analecta Mercedaria* 2 (1983) 61.

7 Juan Devesa, Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced, en *Analecta Mercedaria* 2 (1983) 61..

Presento esquemáticamente la modificación que hace la tradición mercedaria con el texto bíblico:

Evangelio de Mateo	Proemio Constituciones
Hambre	Cárcel
Sed	Enfermo
Forastero	Hambriento
Desnudo	Sediento
Enfermo	Desnudo
Cárcel	Forastero

La gran modificación del texto, en su adaptación mercedaria es claramente poner en primer lugar, el cautiverio y la enfermedad (las dos tareas esenciales de la hospitalidad mercedaria: redención de los cautivos, hospitalidad en el Hospital de Santa Eulalia). Como vemos ya desde el principio, la creatividad no está solo en las obras, sino que se atreven incluso a modificar un texto sagrado, como es el evangelio de Mateo, y lo adaptan a lo que consideran que es primordial. Un claro ejemplo de inculturación pastoral caritativa y misericordiosa, porque hay que justificar el papel que se está desarrollando en el Hospital de Santa Eulalia.

Estamos invocando la misericordia en clave antropológica, no moral. No se trata de entender la misericordia en relación al pecado y el perdón, sino a la misericordia como relación de amistad de Dios con el hombre. Dios se encuentra con el ser humano en su misericordia, y establece su amistad por intermedio de ella. Es la gran novedad de la revelación. No es que nosotros hayamos alcanzado el conocimiento de la divinidad y le rindamos culto, sino que Dios mismo se ha hecho cercano a nosotros por su misericordia.

La espiritualidad de Pedro Nolasco es muy rica, y muestra muchos elementos, pero la clave de la misericordia aglutina gran parte de ellas; e incluso la vertiente mariana, tan central en él y la Orden, se muestra en clave de merced – misericordia.

3. LA CLAVE HISTÓRICA: EL HOSPITAL DE SANTA EULALIA DE BARCELONA

3.1. ANTES DE PEDRO NOLASCO

3.2. CON PEDRO NOLASCO

Considerando lo que hemos dicho al inicio al exponer la terminología de hospicio, hospital y hospitalidad, nos damos cuenta enseguida que la comunidad cristiana para manifestar esa misericordia del Padre fue creando diversas instituciones caritativas para socorrer y remediar a los más necesitados de aquella sociedad.

Instituciones apoyadas y sostenidas por las rentas y bienes eclesiásticos con las que la iglesia barcelonesa trataba de subvenir a las necesidades de los menesterosos. Así, la mitra y el cabildo de Barcelona, con el apoyo de los condes crearon junto a la catedral una institución caritativa llamada *Almoína* (limosna, en catalán); y junto a esa *Almoína*, el Hospital de Santa Eulalia, en honor a la mártir barcelonesa. Esa Pía Almoína y ese hospital atendían a pobres, peregrinos, enfermos y un largo etcétera de personas y necesidades.

Francisco Zumel, Maestro General de la Merced, en 1588 escribió dos opúsculos para las Constituciones de la Orden de la Merced: "*De Vitis Patrum y De Initio ac Fundatione Ordinis de Mercede*". En *De Initio ac Fundatione* advierte que, en 1203, Pedro Nolasco ya redimía cautivos, en concreto realizó una redención en Valencia. Pero, aunque dijo haber tomado el dato de unos códices antiguos, no señaló cuales eran. Esos códices antiguos pertenecen a la Catedral de Barcelona, donde Jaime Caresmar⁸ los reseñó, y nos permiten acercarnos, aunque sea tímidamente a la figura de Pedro Nolasco en su etapa anterior a la fundación de la Merced. Lo tenemos como procurador de la limosna de los cautivos, con el cual se vincula la institución del Hospital de

8 Marina Garí – Raimon Masdeu – Manuela Urbina, Jaume Caresmar. *L'home i la seva obra*, en *Manuscripts* 10 (1992) 331-371. El código donde se encuentra este documento en la Col. lecció de documents de l'Arxiu de la Catedral de Barcelona, Còdex 1: I-A (800-1233).

Santa Eulalia con la atención de los cautivos redimidos.

El año 1218 marca en la tradición de la Orden la fecha de la fundación de la Orden de la Merced.

Según la tradición mercedaria, el 10 de agosto de 1218, por la maternal inspiración de la Virgen María, se llevó a cabo la fundación de este nuevo movimiento religioso en la catedral de Barcelona.

De los orígenes de La Merced como de su fundador, san Pedro Nolasco, se conserva poca documentación acreditada. La historiografía mercedaria, con el tiempo, fue creando, con los elementos principales, su relato áureo y entrañable.

De lo que estamos ciertos es de que La Merced tuvo unos orígenes humildes. Un puñado de hombres encabezados por Pedro Nolasco, en Barcelona, con los necesarios permisos y ayuda de la Corona de Aragón, en tiempos de Jaime I, y con las oportunas bendiciones de la Iglesia, como la del obispo de la ciudad, Berenguer de Palou, fundaron el Hospital de caridad de santa Eulalia de Barcelona⁹.

De la fundación en sí, no se conserva documentación alguna, y es posible que no se hiciera con ninguna formalidad, como suele acontecer con los inicios. Solo desde una mentalidad excesivamente jurídica podemos plantear que existió un acta de fundación. No creo que sea el caso. Sí que hubo apoyo eclesiástico y social al proyecto que se iniciaba (o que continuaba) por lo menos, si damos crédito al texto de Zumel, desde 1203, como una institución tipo cofradía laical que gestionaba los gestos redentores de liberación de los cautivos y la atención a los pobres, peregrinos y cautivos en el Hospital de Santa Eulalia.

La intervención de Jaime I, dando al grupo de laicos presididos por Pedro Nolasco, el carácter laical añadió a la acción propiamente redentora de cautivos que aquel grupo desempeñaba, el servicio hospitalario a

9 Instituto Histórico de la Orden de la Merced, 800 años de La Merced. Envió la redención a su pueblo, en Carisma, marzo 2018, 3.

pobres, enfermos y peregrinos. Por eso, el rey dotó a la nueva orden con el hospital de santa Eulalia de Barcelona¹⁰.

Para percibir estos elementos nos sirven las bulas pontificias que señalan estas particularidades:

La primera bula *Si iuxta sapientis sententiam*, del Papa Inocencio IV (13 de enero de 1246):

A los amados hijos, maestro y frailes del Hospital de Santa Eulalia de la diócesis de Barcelona de la regla de san Agustín, en el cual se dedican al servicio divino redimiendo cautivos de manos de los paganos, trabajan con todas sus fuerzas al mismo tiempo en socorrer las necesidades de los pobres que acuden de todas partes y de los enfermos, os amonestamos a todos los fieles cristianos y os exhortamos en el Señor y os lo aplicamos en remisión de los pecados, para convertirlos en cooperadores de las obras de piedad, procuréis recibir a sus enviados y tratarlos con dignidad dándoles ayudas y piadosas limosnas¹¹.

La segunda bula *Quoniam ut ait Apostolus*, del Papa Alejandro IV (5 de abril de 1255):

Ciertamente, los amados hijos y frailes de la casa de Santa Eulalia de Barcelona, de la regla de San Agustín, nuevos macabeos en el tiempo de la gracia, renunciando a los deseos seculares y abandonando los bienes propios, tomando la cruz, siguieron al Señor y amando a sus prójimos como a sí mismos, tienen muy presente el precepto apostólico (pues, no solo gastan abundantemente las limosnas que recogen de los fieles de Cristo en la redención de los cautivos, sino que además no vacilan en dar sus propias vidas), por lo que se reconoce su cristianísima utilidad en diversos lugares y sobresalen en la Iglesia,

10 Juan Devesa Blanco, *La Orden de la Merced y santa Eulalia*, en Joaquín Millán Rubio (ed.), *800 anys fent Mercè (1203-2003). Memòria de l'any de la Mercè. Recull de textos i documents*, 172.

11 José Linas, *Bullarium coelestis, ac regalis Ordinis B. Mariae Virginis de Mercede redemptionis captivorum*, *Barcinone 1696*, 5, n. 3; la traducción es de Juan Devesa Blanco, *Fray Pedro Nolasco en los documentos notariales de su tiempo*, en *Obra Mercedaria 149* (1980) 14.

ya que entre las obras de piedad, con las que se alcanza el reino de los cielos, la redención de los cautivos es inefablemente recomendada por Dios y por los sagrados cánones pues para la redención de los mismos se nos manda enajenar los bienes eclesiásticos y debemos exponer las propias personas, ¿Cuánto más habremos de exponer los bienes temporales para que, haciendo buen negocio, podamos cambiarlos por los celestiales?

Y como, debido a la magnitud de las expensas que los dichos maestro y frailes deben hacer para socorrer a los pobres peregrinos y atender a las necesidades de los enfermos, y principalmente para librar a los cautivos de las manos de los paganos, no sean suficientes sus propios bienes, necesitan el oportuno auxilio de los fieles para que puedan dichos frailes abrir con abundancia las entrañas de la caridad a los pobres y a los cautivos, sobre todo, si se considera que por la redención de los cautivos han entregados sus propios bienes hasta el punto de que sin gran ayuda de los fieles no pueden ya con sus haberes, proveer a los pobres y a los cautivos.

Por tanto, os rogamus y amonestamos en el Señor, aplicándooslo en remisión de los pecados, que cuando dichos frailes o sus enviados llegaren hasta vosotros, los socorráis entregándoos las agradables limosnas de la piedad¹².

Y también algunas cartas de los reyes Jaime II y Pedro IV dan algunos trazos de cómo se desarrolló el inicio de la limosna de los cautivos.

Así se expresa el rey Jaime II, en una carta al Papa Bonifacio VIII (4 de enero de 1301):

Summe uestre sanctitate tenore presentium declaratur, quod olim quídam laici terre nostre magnam habentem devocionem ad Christum qui suo precioso sanguine, nos redemit, pro redimendis captiuis fidei orthodoxe a

12 José Linas, *Bullarium coelestis, ac regalis Ordinis B. Mariae Virginis de Mercede redemptionis captivorum*, *Barcinone* 1696, 5, n. 3; la traducción es de Juan Devesa Blanco, Fray Pedro Nolasco en los documentos notariales de su tiempo, en *Obra Mercedaria* 149 (1980) 15.

*captionibus barbarorum, bona sua exponentes in redemptione illorum precia conuerterunt, ac demum publice per ecclesias a Chisti fidelibus elemosinas postulantes captivos inde, prout poteran, redimebant*¹³.

Y Pedro IV, el Ceremonioso, al Papa Inocencio VI (11 de enero de 1358):

*Serenissimus princeps dominus Iacobus Aragonum rex abuuus noster memorie recolende [...] uere christianitatis instinctu comonitus, post tractatus aliquos, ob reuerenciam dominici crucis in qua gloriabatur continue toto corde, coram altari principali sedis ciuitatis Barchinoe, in qua corpus beate Eulalie virginis et martiris est honorifice tumulatum sub inuocacione sancte Crucis hedificato, ordinem Sancte Marie mercedis captiuorum, qui in multis mundo partibus ordo beate Eulalie nuncupatur constituit, et in ipso fratres laicos ordinauit, qui circa fidelium captiuorum in sarracenorum detentorum carceribus redemptionem fideliter laborarent, quibus habitum ordinauit et tradidit, scuto quodam modico sub signo sancte crucis superius, et inferius signo suo tunch nunque nostro regali, apposito in eodem*¹⁴.

Este hospital que Jaime I entregó a Pedro Nolasco y sirvió no solo como domicilio, sino como identidad carismática, en cuanto que los identificaba y los denominaba, fue fundado en el siglo X por un hombre piadoso llamado Guitardo, y ampliado por el conde Ramón Berenguer y su esposa Isabel.

Estaba situado junto a la catedral de Barcelona y próximo a la casa de los canónigos de la Catedral, y colindante también con el palacio de los condes.

El hospital fue administrado por los canónigos y los responsables de la casa condal.

Establecida la primera comunidad en el Hospital de Santa Eulalia, así comenzó a denominarse a los religiosos.

13 Barcelona, ACA, Cartas reales núm. 1335; Faustino Gazulla Galve, La Orden de Nuestra Señora de la Merced, Barcelona 1934, 178-179.

14 Barcelona, ACA, Registro 557, fol. 248; Faustino Gazulla Galve, La Orden de Nuestra Señora de la Merced, Barcelona 1934, 177.

Los canónigos de Barcelona y los primeros mercedarios al concederles a estos el hospital y al ser fundados en la misma catedral de Barcelona estaban muy unidos. Formaban una sola familia. Los mercedarios acudían al coro de la catedral y ambos, canónigos y mercedarios recibían mutuas influencias muy beneficiosas. Con los canónigos hubo una auténtica simbiosis en cuanto al carisma. Sabemos que entre las antiguas costumbres de los canónigos del cabildo de la catedral se imponía buscar limosnas para la redención de los cautivos¹⁵.

15 J. M. Martí i Bonet, *El carisma redentor de la Mercè en la iglesia de Barcelona, en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993)*, Barcelona 1993, 112.

4. FUNDACIÓN DE LA LIMOSNA DE LOS CAUTIVOS

- 4.1. FUNDACIÓN Y DOTACIÓN (LA ALMOINA).
- 4.2. LA NUEVA CASA: EL NUEVO HOSPITAL DE SANTA EULALIA .
- 4.3. EL NOMBRE Y TÍTULO DE PEDRO NOLASCO Y DE SU OBRA.

La fundación de la Orden de la Merced no significó una diferencia en la vida (en el ser y el actuar) de la comunidad de Pedro Nolasco y sus compañeros. Quizá podían contar con más apoyo y una mayor visibilidad de su obra carismática. Pero se seguían ocupando de los mismos: los pobres y los cautivos, redimiéndolos y devolviéndoles la libertad perdida y la dignidad arrebatada.

La venerable tradición de la Orden señala cómo el rey Jaime I en el acto mismo de la fundación otorgó como lugar de residencia y centro de su actividad redentora el Hospital de Santa Eulalia, establecido en el espacio cercano al palacio real y a los edificios canonicos de la catedral. Y la desbordante acción de los mercedarios dados a recolectar limosnas, a la preparación de los viajes redentores, a la compra de los cautivos y a su retorno a la libertad, tenían como lugar propio un hospital, donde no sólo se ocupaban de los cautivos redimidos, sino que se desempeñaban en las múltiples tareas de religiosos hospitalarios con la acogida de pobres, enfermos, peregrinos etc., con atención a sus necesidades.

¿Qué sabemos de la vida concreta de atención en el Hospital de Santa Eulalia?

En realidad, no contamos con fuentes directas del funcionamiento del Hospital de Santa Eulalia durante el tiempo en el que Pedro Nolasco y los mercedarios permanecieron en él. No se han conservado las normas propias que a este fin se debieron asumir. Además, el así llamado primer cuerpo

constitucional de 1272, *Constitucions dels pares antichs de la Mercè de 1272*, no hablan específicamente de ello.

Así se expresan en su número 21, titulado “De los cautivos redimidos”:

los cautivos redimidos por los frailes hagan cuanto antes, cada uno, juramento y homenaje al maestro o a aquel o aquellos que los redimieron de que no se apartarán del servicio de la Orden hasta que haya pasado el tiempo que les fue señalado por el maestro o por los redentores. Durante aquel tiempo señalado, rasúreseles la barba y el fraile que los lleve atienda convenientemente a sus necesidades, sin murmurar. Y transcurrido aquel tiempo, rasúreseles la barba y el córteseles el cabello y dénseles vestiduras nuevas, según el tiempo que sea, y provisiones convenientes para el camino, para que vayan a sus tierras con gozo y alegría¹⁶.

Sabemos cómo se tenía que despedir a los cautivos redimidos tras su estancia en el hospital: rasurados y con viático hasta llegar a sus pueblos y casa, y las ropas convenientes. Y también nos expresa, cómo quedaban sujetos al Maestro General con promesa para acompañar a los redentores durante un cierto tiempo, como justificación del buen uso de los bienes de la redención (rendición de cuentas), y como argumento vivo para solicitar la ayuda y limosna para adentrarse en una nueva redención. Estos dos aspectos, ligados con la economía redentora son también muy relevantes.

En las normas de las constituciones se percibe que podían surgir problemas de cautivos pobres que querían hacer de su antigua situación un negocio. Para evitar esa tentación, la sujeción a los redentores y la atención en el Hospital de Santa Eulalia “sin murmurar”.

Esta convivencia en el Hospital de Santa Eulalia, en espacios reducidos y compartidos con muchos menesterosos, hizo que Pedro Nolasco plantease salir del centro del burgo medieval. Y lo consiguió con la ayuda de los laicos

16 Juan Devesa Blanco, *Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced*, en *Analecta Mercedaria* 2 (1983) 74-75.

colaboradores y comprometidos con la obra hospitalaria y redentora. En este caso, Raimundo de Plegamans. Este generoso benefactor compró en el espacio llamado de la Vila Nova, un arenal junto al mar, que generosamente donó en 1234 a Pedro Nolasco, para que allí construyera su casa convento, al que le dio el mismo nombre que el de procedencia: Hospital de Santa Eulalia; pero ya no bajo la guía y patrocinio de la corona y el cabildo, sino bajo su propia dirección. Ya habían crecido y no se necesitaban tutelas. Y como hospital nació, y se gestionó hasta las reformas del rey Carlos III en el siglo XVIII, con las que se puso final al cautiverio y por tanto también a las instituciones redentoras y hospitalarias en el sentido redentor.

Cuando en la actualidad se visita Barcelona y se contemplan los edificios mercedarios de la basílica de la Merced y el antiguo convento es necesario volver la mirada siglos atrás y visualizar donde actualmente está la iglesia neoclásica, encontrarnos con un hospital (iniciado en 1234) y una iglesia gótica (iniciada en 1249). El edificio conventual era el huerto del convento; y no fue hasta el siglo XVII cuando comenzaron las obras de edificación de este bajo el priorato de fray Dalmacio Sierra. Solo después del final del cautiverio es cuando se derroca el antiguo hospital e iglesia para la construcción de la actual.

Y si el Hospital de Santa Eulalia de la Catedral siguió cuidando a los pobres, mendigos, peregrinos y enfermos; el Hospital de Santa Eulalia, junto al mar se entregó de lleno al cuidado de los cautivos redimidos.

Se pueden resaltar diversos aspectos:

- el compromiso redentor de los religiosos;
- la colaboración de los laicos; y
- el nacimiento de la rama femenina de la Merced: religiosas – beatas.

Es algo muy importante sobre lo que nos detenemos en estos momentos, en que recordamos del inicio de la obra de Pedro Nolasco.

Su obra nace como una cofradía, es decir, una con-fraternitas. Una experiencia de hermanos, laical, dentro de la gran corriente medieval de

renovación de la vida de la Iglesia. No se crea como vida monástica, ni anacorética, de huida del mundo, sino introduciéndose en medio de las condiciones más duras (el cautiverio), para visitar y liberar.

Es una obra en la que se van asociando los laicos. Sería muy largo enumerar todos los que a lo largo de la vida de Pedro Nolasco se van incorporando a esta hermandad (en el sentido más amplio). Señalamos algunos de diversa índole:

Ferrer de Portell y su esposa Escalona (como matrimonio se adhieren a la Limosna de los Cautivos), el 25 de octubre de 1234;

Raimundo de Plegamans, que compra el solar para la construcción del nuevo Hospital de Santa Eulalia (1232);

Ramón de Morella, que hace donación a Pedro Nolasco de la alquería de Arguines (1245), y más tarde del hospital que se crea allí (1251); y que muere fraile de la Merced en 1252;

Bonifacio de Valencia, que pide ser enterrado con el hábito de la Merced (1243).

Otros laicos que se incorporan a la tarea redentora, como colaboradores en la colecta de la redención:

Juan Devesa, al estudiar la documentación del tiempo de Pedro Nolasco resalta la labor de los laicos que se van comprometiendo en la tarea redentora siguiendo el ideal de vida del fundador.

Los cuestores: eran laicos a los que se les asignaba la responsabilidad de la limosna de los cautivos en territorios donde no había presencia de religiosos mercedarios. Se obligaban bajo juramento a que guardarían a la Orden de toda infamia y que fielmente contabilizarían todo lo que fuera dado a la Orden y que responderían de todo lo que hubieran recogido al comendador o lugarteniente (Constituciones de 1272, nº 12).

Los limosneros: también laicos que voluntariamente colaboraban con los redentores en los lugares más diversos. Estos entregaban normalmente lo recogido al religioso encargado o al cuestor (Constituciones de 1272, nº 12).

Cofradía de la limosna de los cautivos: Aunque la cofradía no se nombra en las antiguas constituciones, como medio auxiliar de la colecta de las limosnas de la redención y del servicio en los hospitales, es evidente que se fue formando en tiempo de Pedro Nolasco, y que le dio esta finalidad, tal como se desprende de la bula de Inocencio IV, *Si iuxta sapientis sententiam*, del 13 de enero de 1245, en la que el Papa concede a cuantos cooperaban con sus bienes a las obras de caridad del Hospital de Santa Eulalia, en favor de los cautivos y de los pobres¹⁷.

Es opinión de Faustino Gazulla¹⁸ que estos cofrades de la limosna de los cautivos, colaboradores en la tarea redentora y hospitalaria son los precursores de la cofradía de la Merced y de todos los laicos comprometidos en la tarea actual de llevar adelante las obras carismáticas, sociales y redentoras de la Orden de la Merced.

LA PRESENCIA FEMENINA DE LA MERCED, FRUTO DEL HOSPITAL DE SANTA EULALIA

Aunque se considera a María de Cervellón la primera mercedaria, ya antes de ella otras mujeres, cuyos nombres no ha conservado la historia se enrolaron en la tarea hospitalaria de la Merced, donde fueron desempeñando con caridad heroica la atención a los pobres y a los cautivos. En este contexto que brota esa implicación femenina, con María de Cervellón y otras mujeres, que pueden vivir por sus medios, habitan en sus casas y se comprometen con unos votos a la virginidad y al servicio caritativo. Con la creatividad de esa comunidad de Barcelona se van expandiendo por otros lugares, especialmente

17 Cfr. Juan Devesa Blanco, Fray Pedro Nolasco en los documentos notariales de su tiempo, en *Obra Mercedaria* 156 (1981) 12.

18 Cfr. Faustino Gazulla Galve, *La Orden de Nuestra Señora de la Merced* II, 150 ss.

en aquellos donde los conventos de los mercedarios adquieren la forma de hospitales, tal como veremos luego, como El Puig de Santa María.

Al señalar ahora cómo fue llamada la obra de Pedro Nolasco en sus inicios y cómo era llamado él mismo, quiero reivindicar ese nombre como reflejo de la obra redentora y hospitalaria que asumió en los primeros años de la Merced; y cómo sin dejar de ser hospitalarios de la primera hora siguieron acogiendo a los cautivos en sus casas hospitalares. Ya hace unos años, Joaquín Millán titulaba un artículo de esta manera:

La Merced nació en un hospital, y por ese motivo, el rey Jaime I no concedió una iglesia para los nuevos religiosos, sino justamente el Hospital de Santa Eulalia como medio de vida y de actividad. De esa manera, el antiguo hospital se enriquece en acción carismática, ya que no solo atienden a los pobres, enfermos y peregrinos, sino también a los cautivos .

5. HOSPITALES MERCEDARIOS (ARGUINES Y EL PUIG DE SANTA MARÍA)

Para darnos cuenta del valor de la hospitalidad, la apertura y el servicio redentor que las comunidades mercedarias desde la fundación de la Orden han ido desarrollando, y cómo llegan hasta hoy, quiero presentar dos antiguos hospitales mercedarios, hospicios y albergues que dieron posada, cobijo y refugio a los necesitados. Y porque esta historia creativa y carismática puede servirnos a nosotros de estímulo para responder en nuestro hoy.

ARGUINES

Un caballero que participó en la conquista de Valencia, Raimundo de Morella, ofreció a Pedro Nolasco en 1245 una propiedad en un lugar llamado Arguines, en el camino real de Valencia a Zaragoza, para que los mercedarios construyeran una iglesia y un convento. Este mismo caballero que seguía siendo dueño y señor de Algar, construyó a sus expensas, a unos trescientos metros del convento de Arguines un hospital, en el que vivió con su madre, D^a María, y al que vinculó su alquería de Algar para que con sus rentas mantuviera el hospital. El 2 de noviembre de 1251 otorgó testamento y dispuso:

- que se le sepultara en la iglesia de Arguines; yy
- que el hospital de Arguines y la alquería de Algar pasaran al dominio de la Orden de la Merced, y que los frailes de la Merced asistieran a su madre, D^a María, mientras viviera.

Además, pidió el hábito mercedario y murió como religioso al año siguiente.

Así pues, el hospital de Arguines, construido entre 1244 y 1251 continuó desde entonces regido por los religiosos mercedarios al servicio de los pobres y transeúntes del camino de Valencia a Zaragoza, hasta 1448, cuando unos moriscos asesinaron a los frailes que lo atendían, fray Juan

de la Cosa y fr. Bertrando del Mas. La Merced no solo dio mártires en la redención de cautivos, sino también en el servicio a los pobres y enfermos en sus hospitales.

Ante esta situación, los mercedarios no renunciaron a su hospital, sino que lo trasladaron a un lugar más seguro y defendido, es decir, dentro del recinto del convento mercedario de Arguines para seguir atendiendo a los pobres y peregrinos. Y solo a mediados del siglo XVII se trasladaron al nuevo convento dentro de las murallas de la ciudad de Segorbe.

EL PUIG DE SANTA MARÍA

Es famosa la fundación del convento de El Puig, pero vamos a referirnos al hospital que se construyó junto al convento, atendido por los mercedarios.

Y es que allí, D^a Margarita de Lauria, la misma que reedificó la iglesia de Jaime I, construyó a mediados del siglo XIV un hospital, dotándolo de 500 sueldos anuales para comprar muebles, comida y utensilios imprescindibles para las necesidades de los pobres que se llegasen allí. Cuando ella murió se distribuyeron sus bienes y muebles entre otros lugares en el mismo hospital del Puig. Como todas las instituciones medievales de este género, la fundación de Margarita de Lauria, cuyos estatutos desconocemos, estaría destinada a acoger caritativamente a las personas necesitadas, los pauper Christi, cualquiera que fuera el origen de su necesidad. Estos hospitales eran lugares piadosos en los que se practicaba la caridad cristiana en diversas formas, siendo una de ellas, el cuidado de los enfermos. Hay cartas al fraile administrador del hospital para que con las rentas se costeara la lactancia de un niño expósito¹⁹.

El ejercicio de la caridad para con el pobre, en su sentido más amplio que en la edad media se daba al término, constituía pues, el objetivo de este hospital rural, donde con toda seguridad se daba acogida a las personas

19 A. Rubio Vela, El hospital medieval de El Puig de Santa María. Esbozo histórico, en *Obra Mercedaria* 223 (1997) 45-50.

enfermas, como consta porque de las rentas se compraba comida y ropa de cama para los desvalidos que allí llegaban, así como que disponía de camas para darles reposo. Estas podrían servir para los enfermos, pero también para los caminantes necesitados que transitaban por esa ruta de entrada a Valencia. No era exactamente un albergue de peregrinos de aquellos que llegaban a venerar la imagen de la Virgen del Puig.

Hay constancia documental en el Archivo del Ayuntamiento de Valencia de que al igual que otros hospitales se hacía cargo de la lactancia de niños expósitos con nodrizas, atención de niños huérfanos y abandonados, junto con la atención de enfermos y albergue de transeúntes.

6. EL HOSPITAL DE INOCENTES DE FRAY JUAN GILABERT (1409)

En este recorrido que vamos haciendo por la acción hospitalaria de la Merced a lo largo de los siglos hasta abocar en la pastoral de hospital de campaña impulsada por el Papa Francisco hay un momento, un personaje y un acontecimiento que sobresale en el contexto de la Orden de la Merced y que llega hasta nuestros días.

El momento es el siglo XV, saliendo de la durísima peste negra que a lo largo del siglo XIV diezmó las poblaciones de Europa. Es el siglo XV el primer momento de recuperación, y que se irá abocando hacia el renacimiento en Italia, y a la unificación de los reinos españoles en las personas de Isabel de Castilla y Fernando de Aragón, con la unidad dinástica y el acontecimiento que transformó la imagen del mundo como es el encuentro de dos mundos en 1492. En este siglo, aunque nacido en 1350 la figura emergente de fray Juan Gilabert, que en Valencia creó el primer hospital psiquiátrico del mundo. Este acontecimiento que significó la aportación de la Orden de la Merced al mundo hospitalario debe reseñarse porque la acción del religioso mercedario, por tres veces redentor en África con su palabra y su gesto caritativo gestó la creación del hospital y con su presencia, tal como se percibe en el archivo de la Cofradía de la Virgen, logró la construcción y los primeros pasos de su andadura.

Los locos y enajenados eran considerados irresponsables de sus actos tanto en el derecho romano como en los fueros valencianos, herederos de aquel. Esta situación de incapacidad avalaba que o fueran exorcizados como endemoniados, o fueran entregados a marineros para ser llevados lo más lejos posible, acrecienta todavía más la labor generosa e innovadora de fray Juan Gilabert.

La expulsión de los locos por vía marítima, el rechazo a asistirles en los hospitales y en cualquier otra institución pública; la exclusión de cualquier acto y la persecución como a posesos y endemoniados demuestra la novedad del Espital de Santa Maria dels Inocents en

Valencia. Mientras en Europa se entregaba a los locos a los marineros para liberar de esa carga a las ciudades; mientras se aherrojaban y encerraban en las torres de las murallas, hasta dejarlos perecer en medio de feroces aullidos, en Valencia y en la nueva institución comienza a tratárseles como a enfermos y a cuidarles como a verdaderos seres humanos²⁰.

Solo desde esta situación previa se puede llegar a entender la acción hospitalaria que emprende la Merced por medio de fray Juan Gilabert en 1409:

La fama de orador sagrado que había aureolado la figura de fray Juan Gilabert en su ciudad natal, seguía en su esplendor y el cabildo de la catedral confió al comendador de la Merced el sermón del primer domingo de cuaresma del año 1409, que cayó el 24 de febrero. Narran la tradición valenciana y mercedaria que, dicho día, al ir desde su convento a la catedral para predicar el sermón, se vio sorprendido por un tropel de muchachos que gritando “al loco, al loco” huían de un loco furioso que los perseguía, ensangrentado por las pedradas que había recibido. Fray Juan se interpuso entre perseguidor y perseguidos, calmó al furioso demente, lo acogió con inmenso cariño, para que no hiciera más daño y lo llevó a su convento para que sus frailes le curaran las heridas, y el con la escena del loco furioso perseguido, apedreado y enfurecido en el alma, subió al púlpito de la catedral²¹.

20 Félix Ramajo Aliste, *Vida y obra del padre Juan Gilabert Jofré*, 52-53.

21 Juan Devesa Blanco, *Fray Juan Gilabert, el mercedario medieval para quien la demencia era enfermedad*, Folletos Familia Mercedaria 26, Madrid 2008, pp. 12-13.

Texto del sermón de Juan Gilabert	Traducción castellana
<p>En la present ciutat ha molta obra pia e de gran caritat e sustentacio; empero una hi manca, que es de gran necessitat, co es un hospital o casa on los pobres ignoscent e furiosos foren acollits. Car molts pobres ignocens van per aquesta ciutat, los quals pasen gran desaires de fam, fret e injurries. Per tal, con sa ignoscencia e furor no saben guanyar ni demanar lo que han menester per sustentació de llur vida; e per so domern per les carreres e pereixen de fam e de fret, e de moltes malvades persones, no havents Deu davanta los ulls de sa conciencia, los fan moltes injurries e enuchs; e moltes malvades persones, no havents Deu davant, senyaladament lla hom troben adormits los nafran e maten alguns, e a moltes fembres ignoscens ahonten. E aixi mateix los pobres furiosos fan dany a moltes persones anants per la ciutat e aquestes coses son notories a tota la ciutat; per que seria sancta cosa e obra molt sancta que en la ciutat de Valencia fos feta una habitacio o hospital en que semblants folls e ignocens estiguesen en tal manera que no anasen per la ciutat, ni poguesen fer dany nils ne fos fet²²</p>	<p>Hay en la presente ciudad de Valencia muchas obras pías, caritativas y de gran provecho para los pobres; pero falta una que es de suma necesidad; es decir, un hospital o casa donde los pobres inocentes y enajenados fueran acogidos. Pues muchos pobres inocentes van por esta ciudad pasando grandes necesidades de hambre, frío y malos tratos; por esta razón y tal como por su estado no saben ganar ni pedir lo que necesitan para su sustento, duermen por las calles y perecen de hambre y de frío, y hay personas tan malvadas y tan sin Dios en su conciencia, que los maltratan y ofenden y especialmente si los encuentran dormidos los hieren, matan a algunos, y si son mujeres inocentes, sucede que abusan de ellas. Asimismo, los pobres locos andando por la ciudad, dañan a muchas personas y esto lo conoce toda la ciudad. Por lo cual, sería muy santo, y muy bueno, que en Valencia se hiciese una habitación u hospital en la que los dichos locos inocentes estuvieran recogidos, de modo que no tuviesen que andar por la ciudad haciendo y recibiendo daño</p>

En este recorrido por el sentido de hospitalidad de la Orden de la Merced, de tal forma que pudiera ser un estímulo en el tiempo presente para hacer realidad el deseo del Papa Francisco de que la iglesia sea un hospital

22 Valencia, ADV. *Llibre de Constitucions, ordinacions e indults apostolichs concedits en favor del Espital General de Valencia*, fol. 1.

de campaña, la figura de Juan Gilabert (1350-1417), hace que nos detengamos un momento.

En 1409, se dirige a la catedral a predicar el sermón del primer domingo de cuaresma (23 de febrero), cuando asiste a la escena del apedreamiento de un loco inocente. Este suceso le hizo que añadiese a su sermón el texto que he transcrito.

Los enfermos mentales, locos o enajenados eran considerados en la edad media, como en los tiempos anteriores como “irresponsables” de sus actos, y obligando a los padres a poner en custodia a sus hijos locos para que no dañasen a nadie; e incluso se los encerraba en las torres de las murallas o se los entregaban a marineros para que los abandonasen en alguna isla del mar.

La idea de crear una institución específica para los locos supone una visión moderna y avanzada, al distinguir públicamente a los locos e inocentes, de los restantes enfermos pobres y desamparados.

Juan Gilabert distingue pues tres grupos: inocentes, furiosos y mujeres. Son tres grupos excluidos por la misma razón: sus mermadas capacidades mentales.

Los inocentes son los que sufren el daño que les ocasionan gente malvada que no tiene a Dios en los ojos de su conciencia; los furiosos son aquellos enajenados que en medio de su locura agreden a los que se encuentran con él; y las mujeres inocentes son víctimas de abusos, especialmente, sexual.

En primer lugar, se hace necesario la construcción de un local, un hospital. Será el llamado Hospital de Inocentes.

En segundo lugar, hay que poner a quien cuide a los enfermos mentales. Se encargará a un grupo de laicos entusiastas de la obra de Juan Gilabert.

En tercer lugar, se dividen a los enfermos según la triple división que muestra el mercedario en el sermón.

En cuarto lugar, se aplican las terapias conocidas en el momento: el uso terapéutico de las infusiones de hierbas y el trabajo manual.

7. HOSPITAL EN EL NUEVO MUNDO – TIERRA FIRME

Pío V, Bula Pastoralis officii – 13 de enero de 1572²³

Investigando y buscando algunos datos sobre la orden de la Merced me encontré con unos papeles en el Archivo de Indias, sobre el convento de Panamá.

Este convento fue fundado en 1522, por el padre Francisco de Bovadilla, ya en el Mar del Sur, el Pacífico, en la antigua ciudad de Panamá (1519), que fue destruida posteriormente por el pirata inglés Henri Morgan (1670).

El convento no se construyó en el interior de la ciudad, sino en las periferias, en el camino de entrada y salida de la ciudad hacia el norte. Es el que menos sufrió en el ataque pirata, y que posteriormente fue desmontada la fachada de la iglesia y reconstruida en la nueva ciudad de Panamá (Corregimiento de San Felipe).

Panamá es el punto intermedio de la Tierra Firme entre dos océanos (Atlántico y Pacífico) y dos subcontinentes (América del Norte y del Sur), paso obligado para los territorios del Perú, Chile... el convento era lugar de paso no solo de los religiosos mercedarios, sino también de otros muchos que iban a misionar, como consta por una carta del rey Felipe III, dada en Valladolid el 30 de diciembre de 1602, en el que agradece al comendador de la Merced de Panamá por el hospedaje dado a religiosos que iban de misioneros a Perú.

Pues bien, ya el 13 de enero de 1572, el Papa Pío V emitió un documento al obispo de Panamá, para que constituyese en el convento mercedario un hospital.

A modo de conclusión a este repaso de la acción hospitalaria de la Orden de la Merced, en este espacio que es el Hospital de Santa Eulalia en

23 AAV, Registro Vaticano 2013, fol. 169r-170v., publicado en *América Pontificia* II, 921-923.

clave del Papa Francisco, como hospital de campaña, podemos resumirlo de esta manera:

La Merced nace en el centro de la ciudad, en el hospital de pobres y peregrinos, a los que a partir de 1203 se suman los cautivos de la cofradía que crea Pedro Nolasco llamada de la Limosna de los Cautivos. A partir de 1218, ya como orden religiosa, llamada todavía de santa Eulalia. El hospital pertenece al cabildo y cuenta con la protección real.

El primer paso que da Pedro Nolasco es irse a las periferias, a la playa, al puerto de Barcelona, donde llegan los pobres cautivos y por donde deambulan los enfermos, necesitados. Lo primero que construye es el hospital, el nuevo Hospital de Santa Eulalia. Solo después de muerto Pedro Nolasco, en 1249, solicitan poder construir iglesia pública; y el gran convento actual es del siglo XVII construido en lo que era el huerto del hospital. Por lo tanto, el primer movimiento de Pedro Nolasco es dirigirse a las periferias físicas, fuera de la ciudad, fuera de las murallas, donde están los pobres, y allí pone su hospital de campaña.

Otro signo de hospitalidad es el hospital de Arguines, colocado junto al camino (una actualización del buen samaritano que acoge al caído en el camino y lo lleva a la posada). La Merced fue estableciendo casas a lo largo de los caminos, por donde los peregrinos pasan, en donde los enfermos son curados. Salir a las periferias, es llegar a donde están los hombres de hoy. Salir a las periferias es salir a la intemperie, y como vimos es también lugar de entrega de la vida, también en clave martirial, dar la vida.

El signo hospitalario de El Puig, es llegar a las periferias existenciales de los más desfavorecidos, especialmente los niños (expósitos, huérfanos y abandonados) y jóvenes a los que ofrecer un camino de futuro.

El signo hospitalario de Juan Gilabert es alcanzar otra periferia existencial: los locos. En este caso el camino es el inverso. Juan Gilabert pone en el centro de la ciudad, en la misma catedral a los enajenados. Aquellos que son apedreados por la calle los trae al centro de la caridad. Y es un mercedario el que rompe con los prejuicios a los que son sometidos y les construye casa y hospital.

Y, por último, la hospitalidad en las nuevas tierras conocidas, en este mundo que es este continente de esperanza.

Los mercedarios construyen su convento de Panamá no en el centro, en el lugar en el que los adelantados construían la catedral, la casa de la ciudad y colocaban a las cuatro grandes órdenes misioneras (dominicos, franciscanos, agustinos y mercedarios), sino que la Merced se va fuera, otra vez a la periferia, alejada de la catedral y de la casa de la ciudad, se va al camino y allí pone casa.

Y el Papa Pío V quiere que el obispo ponga allí su hospital, (lo mismo que quería hacer el rey Felipe II) que se sometan otra vez al poder. Pero los mercedarios quieren ser libres para seguir siendo signos de acogida y de hospitalidad. Y logran vencer la imposición de un hospital eclesiástico (diocesano) para seguir siendo espacio de acogida. En este caso vemos como acogen a los misioneros que se desplazan por el continente. Es el hospital de campaña para los evangelizadores. La iglesia es madre que se ocupa de sus hijos, también de los agentes de pastoral. Es comunión y comunidad, es casa de acogida y casa de reposo. La Merced es signo de ir a estas periferias para acompañar a los misioneros y evangelizadores.

Al llegar a este punto, tenemos que hacer una pequeña parada. Vamos a darnos pistas que nos conduzcan a desembocar en el hospital de campaña del Papa Francisco.

EL LUGAR

El hospital como institución: real y eclesiástica. Centro de la ciudad.

Transformación: el hospital como carisma. Periferia. Pero, ¿dónde están los cautivos?

Parroquia – iglesia – hospital: instalados en lo institucional, en los centros de poder, donde nadie les molesta.

Transformación: cambio de lugar, salgo a la periferia, y me dejo llevar

y guiar (discernimiento) por el espíritu para ir a buscar a los cautivos de hoy (nuevas esclavitudes y cautividades).

Pero no sólo significa e implica cambiar de lugar físico. Mas bien no se arregla nada, aunque tenga valor simbólico. No se puede ir a la periferia sino hay un traslado personal.

De casas construidas en piedra, que no pueden sentir el latido, a hospitales de campaña, en el que la lona es la membrana, que permite escuchar y sentir el latido (entrañas de misericordia). Hospitales de grandes instituciones, con todos los avances de la medicina a nuestro alcance (o al alcance de los que se lo pueden pagar). Hospitales de campaña, donde falta casi el imprescindible, pero donde todos son acogidos con los medios con los que se cuenta.

ACTITUD

Pedro Nolasco, joven mercader (buen mercader, en palabras de Pedro Citjar, en su opúsculo *Tantum quinque*). ¿Qué necesidad tenía de complicarse la vida?

Existían medios para redimir. Que rediman otros: los concejos municipales, la corona, la mitra, los exeas, los mercaderes...

Existían hospitales para la atención de los pobres y peregrinos. Que los atiendan otros. Ya estaba el Hospital de Santa Eulalia; y funcionaba bien.

¿Para qué ir a vivir allí?

No sé si sabremos responder a estas preguntas, pero seguro que todos tenemos ya alguna intuición.

Pedro Nolasco se complica la vida, porque siendo mercader y comerciante, en lugar de ganar más dinero invirtiendo en mercancías, comienza a invertirlo en los pobres cautivos rescatándolos, primero con sus propios bienes, luego asociando a algunos amigos... mal negocio. Lo invierte todo y lo gasta todo.

Pero se complica la vida no solo con sus bienes, sino con su propia persona. Por eso va a vivir al hospital. No es un oficio, como ser mercader; es una vocación, una llamada y un seguimiento. Por eso tiene que darlo todo.

La actitud de Pedro Nolasco es la que lo cambia todo. Es el golpe a la comodidad, a quedarte a un lado sin comprometerse, o comprometerse a medias o no dejar que la realidad de este hospital de campaña te toque de verdad el corazón.

GRATUIDAD

Clave importante en este Hospital de Santa Eulalia; y clave para nuestro hoy. Levantar un hospital de campaña en medio de la plaza del mundo significa acercarse a nuestra realidad desde la gratuidad. Recuerdo la terminología con la que hemos comenzado. Un hospital se define porque atiende gratis, gratuito, sin cobrar nada. No cobrar nada a nadie. La Iglesia no es un negocio.

8. LA CLAVE TEOLÓGICA: POR LA ENTRAÑABLE MISERICORDIA DE NUESTRO DIOS

LA ACCIÓN MERCEDARIA: HOSPITALIDAD REDENTORA

La Orden de la Merced desde sus orígenes, siguiendo la tradición hospitalaria de Pedro Nolasco, desde sus días hasta ahora ha abierto su casa para hacer de ella hospital, casa de acogida y de entrega. El mercedario ha sido capaz a lo largo de los siglos de entender que no bastaba dar limosna, albergue, comida, bebida, educación, atención sanitaria etc., sino que había que darse.

El sentido profundo del voto de redención expresado en las constituciones a partir de 1588 y así manifestado en las actas de las profesiones indica el valor que los mercedarios concedían a la visita y liberación de los cautivos.

Pedro Nolasco abrió su corazón a los pobres y cautivos como destinatarios propios del mensaje redentor de la Merced. Y así, mientras algunos frailes colectaban limosnas, otros atendían el hospital y otros se embarcaban en las empresas redentoras.

De esta manera, Pedro Nolasco y con él todos los mercedarios (religiosos/as y laicos/as) han comprendido que la auténtica libertad cristiana no puede limitarse a redimir de unas cadenas de hierro, sino que debe abarcar y extenderse a toda situación social que aprisione y cautive a los hijos de Dios.

En palabras de Pablo VI a la Orden: “existen más cautivos [cadenas] hoy que en el siglo XIII”.

En el tiempo de Pedro Nolasco la orden de la Merced aprendió a vivir el carisma de redención unido a la hospitalidad como misión propia, aunque secundaria (Devesa, Documentos notariales, 23)²⁴. Nuestra Orden y Familia Mercedaria se dedicó a la defensa de la fe de los cautivos y a la hospitalidad al servicio de los pobres.

24 Juan Devesa Blanco. Fray Pedro Nolasco en los documentos notariales de su tiempo, en *Obra Mercedaria*, 149 (1980) 15.

Faustino Gazulla en su obra cumbre presenta esta reflexión:

No deja de llamar la atención que a Fr. Pedro Nolasco le digan también Custodio y Procurador de la Limosna de los Cautivos en las escrituras que de su tiempo se ha conservado, desde el año 1219. ¿Tomaría estos nombres al posesionarse del hospital de santa Eulalia en 1218, o era ya antes su custodio y procurador? [...]. Habiendo tanto él como otros compañeros suyos vendido todos sus bienes [...], nada extraño fuera que vivieran en este hospital como verdaderos pobres, dedicados al servicio de los más necesitados. Además, este albergue bien podemos decir que era entonces el único, donde podían acomodar a los cautivos redimidos²⁵.

25 Faustino D. Gazulla Galve. La Orden de la Merced. Estudios historicocríticos, Barcelona, 1934, p. 198.

9. LA CLAVE PASTORAL DEL PAPA FRANCISCO: HOSPITAL DE CAMPAÑA

El Papa Francisco ha ido sorprendiendo a la Iglesia desde su elección como sucesor del apóstol Pedro el 13 de marzo de 2013. En su primera aparición en la *loggia* de San Pedro se inclinó ante la multitud que abarrotaba la plaza para pedir sus oraciones y bendiciones antes de impartir la suya. Aquel gesto inaudito, ha ido dando paso a otros que marcan la originalidad de este pontificado.

Más allá de los problemas que se abaten sobre la Iglesia, podemos afirmar que se ha producido un cambio de paradigma interpretativo de la vida eclesial.

Benedicto XVI hablaba de la continuidad. Francisco ha hecho que el cambio no lo sea en la continuidad, sino resaltando o dando relieve a cómo en esta historia y evolución hay otras claves en las que puede organizarse la vida de la Iglesia.

Desde el Concilio Vaticano II se viene hablando de la iglesia como: Pueblo de Dios, Cuerpo de Cristo y Templo del Espíritu. La eclesiología conciliar rechazó y dejó en un segundo plano la visión eclesiológica de sociedad perfecta, para expresarla como misterio, signo y sacramento de la unión con Dios y de la unidad de todo el género humano²⁶.

A los veinticinco años del Concilio, en el pontificado de Juan Pablo II, el Papa insistía en la eclesiología de comunión. Eran en definitiva visiones teológicas y profundamente miradas desde el interior y hacia el interior²⁷.

Francisco ha roto la dinámica de mirada interior y ha lanzado una mirada hacia afuera. Esa mirada y atención se llama hospital. La Iglesia es un hospital de campaña. Este nuevo paradigma es un paradigma pastoral.

26 Concilio Vaticano II, Constitución Dogmática sobre la Iglesia, 1.

27 Congregación para la Doctrina de la Fe, Carta a los obispos de la Iglesia Católica sobre algunos aspectos de la Iglesia considerada como comunión, 1-3.

No se renuncia al anterior, sino que se ilumina desde la nueva realidad a la que el Papa quiere conducir.

Desde el hospital descubrir cómo se es:

Pueblo de Dios;

Cuerpo de Cristo;

Templo del Espíritu; y

Espacio de comunión.

Así podemos entender la ruta que nos marca Francisco.

Hospitalidad: volvemos al inicio, cuando hablábamos de la terminología: virtud que se ejercita [...] prestándoles la debida asistencia. Cualidad y actitud de hospitalario.

Más que obras y acciones, es actitudes y forma de ser (*virtus*), lo que, en lenguaje religioso, sería lo que nos hace virtuosos. Por eso no son tan importantes las obras, cuanto las actitudes personales que nos llevan a realizarlas.

Vivir la clave de la hospitalidad es la disposición interior de cada uno de los mercedarios de descubrir las necesidades de los pobres y menesterosos y estar dispuestos a socorrerlas. ¿Cómo? Estilo mercedario: vendiendo todos mis bienes y yendo al hospital a vivir con los pobres, sirviéndoles. Es un despojarse de todo, para ser un pobre servidor en el hospital de campaña, el nuevo Hospital de Santa Eulalia.

No se puede ser hospitalario si no estás en el hospital.

Hospital de campaña: la movilidad, la disponibilidad. No tenemos tienda permanente (cf. 2 Cor 5, 1). Es bueno reflexionar en esta clave del hospital de campaña, como imagen de la iglesia y en este caso de nuestra Orden y Familia Mercedaria.

Tentación y peligro: nos gustan las obras, los edificios, las planificaciones, los objetivos, los resultados.

La dinámica del hospital de campaña es totalmente diversa. Es la imagen del éxodo con la presencia de Dios que se mueve con el pueblo de Israel. La tentación llegará cuando entren en la tierra prometida. Construir un templo que afiance la presencia de Dios en un lugar determinado.

En las obras redentoras la tentación es tener grandes edificios, grandes obras, con objetivos, resultados, muchas cosas. Asegurando así una visibilidad, como la de Yavé en el templo de Salomón. Y puede ser que falte lo más importante. La disponibilidad para la escucha de los gemidos de los pobres y cautivos, y plantar la tienda del hospital en medio de ese clamor.

La Tienda – piel y resonancia: nuestros edificios los construimos bien, con sólidos fundamentos, aislados del ruido exterior y de las inclemencias de la climatología. La tienda está hecha de piel (en la antigüedad), o de lonas (actualmente), que no nos aíslan, sino que nos hacen percibir todo lo que acontece a nuestro alrededor.

Si se me permiten, la metáfora es como la membrana del corazón que late, que se agita, que percibe. El hospital de campaña con su lona palpita en medio, es el corazón en medio de la ciudad, en medio de las periferias personales, sociales y existenciales.

El hospital cura y sana: o por lo menos acompaña en el dolor y el sufrimiento.

Tendremos todo claro, todo ordenado, pero el pueblo creyente y en búsqueda continuará a tener hambre y sed de Dios. También, he dicho algunas veces que la Iglesia se parece a un hospital de campaña: tanta gente herida, tanta gente herida que nos pide cercanía, que nos piden aquello que pedían a Jesús: cercanía, proximidad. Y con esta actitud de los escribas, de los doctores de la ley y fariseos, ¡jamás! - ¡jamás! - daremos un testimonio de cercanía²⁸.

28 Francisco. Discurso del 19 de septiembre de 2014.

Es uno de los muchos textos que se pueden aportar para indicar esta preocupación del Papa Francisco. Tras la publicación de *Evangelii Gaudium*, fue explicando el contenido en diversos encuentros. La idea del hospital que viene a nuestra mente es siempre como un lugar donde uno va cuando está enfermo. No van los sanos allí. Se va cuando a uno le duele algo y no es capaz de sanar por sí mismo.

La iglesia se convierte de esta manera en espacio de comunión con el mundo y la humanidad herida. Pero a la manera mercedaria.

Pedro Nolasco no esperó a que el estado, o los comerciantes liberasen a los cautivos. Se comprometió él mismo para liberarlos.

Pedro Nolasco no esperó a que los otros cuidaran y atendieran a los pobres y necesitados. Él mismo lo vendió todo y se fue a vivir al hospital.

Pedro Nolasco es el fiel reflejo del auténtico hospitalario.

Resonancias pastorales y existenciales para nosotros son fáciles de dibujar. No hay que esperar a otro. Soy yo el que escucho el clamor, el que lo dejo todo y planto la tienda del hospital.

El Papa Francisco no nos pide que lo solucionemos todo, sino que seamos hospital. Ahora que tantas guerras y destrucciones afligen a la humanidad, la Merced retoma esta experiencia más profunda de Pedro Nolasco.

Deja atrás el antiguo Hospital de Santa Eulalia, que está en el centro, que pertenece al rey y al obispo, y se va a la periferia, al arenal junto al mar de Barcelona, y allí coloca su hospital. Junto al puerto, donde llegan y desembarcan los cautivos, donde están los pobres y necesitados, en las periferias.

Evangelizar supone en la Iglesia la parresía de salir de sí misma. La Iglesia está llamada a salir de sí misma e ir hacia las periferias, no solo las geográficas, sino también las periferias existenciales: las del misterio del pecado, las del dolor, las de la injusticia, las de la

ignorancia y prescindencia religiosa, las del pensamiento, las de toda miseria²⁹.

El hospital de campaña no lo tiene todo. Para eso están los grandes complejos sanitarios; pero necesita la presencia solidaria para atender lo más urgente, lo que no puede esperar; y, sobre todo, acompaña el sufrimiento de los que no tienen nada.

La imagen de la Iglesia como hospital de campaña muestra sus limitaciones y, a la vez, el impulso que la lleva a ser como su Señor. Limitaciones: no lo puede hacer todo, no lo puede curar todo, pero lleva lo más importante, la presencia, la cercanía, el amor, el perdón, la solidaridad. Se sitúa en la fragilidad de una tienda, como algo temporal, transitorio, que no puede permanecer indefinidamente (el rechazo de la autorreferencialidad, ser el centro).

29 Jorge Mario Bergoglio. Discurso en el pre-cónclave, del 9 de marzo de 2013.

10. DESAFÍOS PASTORALES A LA MERCED DEL SIGLO XXI

No es fácil sintetizar y concretar las llamadas que desde este acontecer mercedario nos proyectan para el futuro:

1. Huir de los grandes proyectos y apostar por las cosas sencillas que impliquen el compromiso personal.
2. Ser espacios de comunión, que nacen dentro de la comunidad y que se someten al discernimiento del Espíritu, guiados por el principio teológico de la misericordia del Padre.
3. No tener miedo al contacto con las periferias, abandonar nuestras seguridades (dejar el Hospital de Santa Eulalia junto a la catedral y el rey, y marcharte junto a la orilla del mar, a contemplar los rostros más doloridos del cuerpo de Cristo).
4. Salir a los caminos, para sentarte a compartir con los peregrinos, por los que pasan por la vida sin vivir (los hospitales de Arguines y de El Puig).
5. Darte cuenta de quienes son los rechazados en cada momento (los locos de Juan Gilabert) y sacarlos de las periferias para llevarlos al centro.
6. Cuidar de la comunidad, crear comunión y comunidad con todos los agentes pastorales (la acogida de los misioneros en el hospital de Panamá). No descuidar las periferias muchas veces dolorosas de tantos cristianos que están a nuestro lado y casi no nos damos cuenta.
7. Crear nuestro hospital de campaña con nuestra lona que no separa ni distancia, sino que permite acompañar el sufrimiento de la humanidad.
8. Tratar de actualizar las palabras del Papa Francisco (salida, periferia, misionera, misericordiosa) a la realidad actual de tu parroquia o lugar de acción pastoral.

9. Arriesgarte hasta ser capaz de dar la vida. El hospital o una iglesia en campaña no se cimienta sobre la tierra, sino que solo se sujeta para que no se la lleve una tormenta. Libres para la acción misericordiosa, que implica en clave mercedaria, estar dispuesto a dar la vida como Cristo la dio por nosotros.
10. El hospital mercedario (parroquia, comunidad) es hogar y taller donde viven y trabajan los religiosos y religiosas (la vocación de Pedro Nolasco nace en el antiguo Hospital de Santa Eulalia; la de María de Cervellón en el nuevo Hospital de Santa Eulalia) y los laicos (que se entregan también siguiendo el carisma mercedario en los caminos, recolectando limosnas, como buenos samaritanos en los hospitales de la Merced que en tantos lugares fue abriendo para dar cabida a todos los cautivos, pobres, peregrinos y enfermos)

Y el último, el gran desafío de la creatividad de la caridad y de la misericordia: *Caritas Christi urget nos* (2 Cor 5, 14).

SIGLAS Y BIBLIOGRAFÍA:

Siglas

- AAV Archivo Apostólico Vaticano;
CVII Concilio Vaticano II;
LG Constitución Dogmática sobre la Iglesia, Lumen Gentium.

BIBLIOGRAFÍA

BLANCO DEVESA, Juan. *Fray Pedro Nolasco en documentos notariales de su tiempo en Obra Mercedaria*, 142-190 (1979-1988).

- * *Las primitivas constituciones de la Orden de la Merced o "constituciones americanas" en Analecta Mercedaria II*, (1983) 5-119.
- * *El 750 aniversario de la entrega de la parroquia de Santa María del Puig a la Orden de la Merced*, el 27 de agosto de 1240, en *Obra Mercedaria* 195-196 (1989) 1-5.
- * *Aportación de la Orden de la Merced a la Iglesia y a la sociedad en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced* (1218-1993), 141-159.
- * *Dos huellas de la Orden de la Merced en el obispado de Segorbe*, en *Obra Mercedaria* 211-212 (1993) 67-72.
- * *Fray Juan Gilabert (1350-1417)*, en *Obra Mercedaria* 53 (1998) 49-104.
- * *Fray Juan Gilabert Jofré (1350-1417). Su fama de santidad y culto público a través de los siglos*, en *Obra Mercedaria* 54 (1999) 17-212.
- * *La orden de la Merced y Santa Eulalia de Barcelona*, en *800 anys fent Mercè* (1203-2003), 170-183.

GAZULLA GALVE, Faustino Decoroso. *La Patrona de Barcelona y su Santuario*. Barcelona, 1918.

* *La Orden de Nuestra Señora de la Merced*. Estudios históricos críticos (1218-1317) I, Barcelona 1934.

MARTÍ I BONET, José Maria. *Los grandes colaboradores de la fundación de san Pere Nolasc: el rey don Jaume I y el obispo Berenguer de Palou, en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993)*, 57-65.

* *El carisma redentor de la Mercè en la iglesia de Barcelona en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993)*, 109-114.

* *Els orígens de l'hospital de Santa Eulalia, en 800 anys fent Mercè (1203- 2003)*, 162-169.

MILLÁN RUBIO, Joaquín. *La Orden de Nuestra Señora de la Merced se fundó en un hospital*, en *Obra Mercedaria 191-192* (1989) 55-56.

* *Trayectoria del compromiso redentor de la Orden de la Merced en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993)*, 161-177.

PIKAZA IBARRONDO, Xabier. *Fundamentación teológica de la caridad en 775 años por la libertad. Celebraciones del 775 aniversario de la Orden de la Merced (1218-1993)*, 125-136.

* *Dios, padre de misericordia. Mensaje bíblico en La Merced hacia el tercer milenio: recreando el carisma*, 73-96.

RAMAJO ALISTE, Felix. *Vida y obra del padre Juan Gilabert Jofré*. Valencia, 1998.

RUBIO VELA, Agostinho. *El hospital medieval de El Puig de Santa María*. Esbozo histórico, en *Obra Mercedaria 223* (1997) 44-50.

CURRÍCULUM

Datos personales

Nació el 24 de enero de 1970 en Alcañiz (Teruel).

Profesión simple el 15 de agosto de 1988, en el covento del Olivar (Esteruel), en las manos del provincial fray Primo Abella.

Profesión solemne el 16 de septiembre de 1995, en el covento de Nuestra Señora de los Ángeles (El Puig de Santa María - Valencia), en manos del maestro general fray Emilio Aguirre.

Ordenación diaconal el 30 de diciembre de 1995, en el covento del Olivar, por Mons. Antonio Algora, obispo de Teruel y Albarracín.

Ordenación sacerdotal el 27 de julio de 1996, en la colegiata de Alcañiz (Teruel), por Mons. Luis Martínez Sistach, obispo de Tortosa.

Estudios

Licenciado en Estudios Eclesiásticos por la facultad de Teología San Vicente Ferrer de Valencia (junio de 1994).

Licenciado en Teología Bíblica por la Pontificia Universidad Gregoriana (junio de 1998).

Licenciado en Historia por la Universidad de Valencia (enero de 2009).

Responsabilidades en la Orden de la Merced

2007 – 2010 – Miembro de la Comisión General de revisión de las Constituciones.

2009 – Miembro del Instituto histórico de la Orden de la Merced.

2016 – Consejero General de la Orden de la Merced. Secretario General.

2016 – 2018 – Coordinador General de la Comisión Jubileo Mercedario.

MISERICORDIAE GAUDIUM: CUANDO LOS HOMBROS Y LAS MANOS SE HACEN BRAZO EN EL ABRAZO: POR UUA NUEVA LECTURA DE LA UNIDAD DE TRÍPTICO DE LC15

Luis Henrique Eloy e Silva³⁰

Resumen: Lucas 15 sintetiza conceptos bíblicos estructurales y coherentes de *hesed* y *rahamim* en el tríptico de las parábolas de la oveja perdida, la dracma perdida y el padre y los dos hijos, que aquí no se ven no como tres parábolas de la misericordia, sino como una sola parábola.

Palabras-llave: evangelio de Lucas; parábola; análisis narrativo; releer; misericordia.

Abstract: Luke 15 synthesizes structurally and consistently the biblical concepts of *hesed* and *rahamim* in the triptych of the parables of the lost sheep, the lost coin and the father and two sons. In this paper, the three parables of mercy are seen as a single parable.

Keywords: Gospel of Luke; parable; narrative analysis; re-reading; mercy.

Lucas ha sido considerado el evangelista de la misericordia. No es solo porque Dante Alighieri lo llamó "*scriba mansuetudinis Christi*"[1], ni por la atención especial a los pecadores, los enfermos, los pobres y los perseguidos[2]. Se puede decir que, además de estos elementos que se acaban de citar, se le puede atribuir dicho título al condensar magistralmente, en una parábola, los dos campos semánticos principales del concepto "misericordia" en su alcance bíblico: *hesed* y *rahamim*.

Cuando hablamos de parábola y misericordia en el Evangelio de Lucas, casi naturalmente nos viene a la mente el capítulo 15, considerado

30 Currículum disponible en la página 98.

el “corazón del tercer evangelio”[3] y con él la parábola del padre y los dos hijos. Parábola a la que se asocia plásticamente la famosa pintura de Rembrandt. Curiosamente o tal vez oportunamente, es la imagen del pintor holandés del siglo XVII que ilustra la mayoría de los libros o carpetas de simposios o congresos cuando en nuestro medio el tema es la misericordia de Dios.

La llamada parábola del “hijo pródigo”, conocida bajo este título durante siglos y, hoy, se conoce preferiblemente como “la parábola del padre misericordioso” y, para algunos, “la parábola del padre pródigo” sirve para indicar que la prodigalidad vista con ojos negativos como el que desperdicia lo que tiene, como en el caso del hijo menor, también debe verse como prodigalidad positiva, como es el caso del padre, que nunca se cansa de ser generoso.

LUCAS 15: UNA SOLA PARÁBOLA SOBRE LA MISERICORDIA

El texto sobre el padre y los dos hijos está precedido por otras dos escenas, comúnmente tituladas dos parábolas de la misericordia por nuestras biblias y la mayoría de los comentaristas del tercer evangelio, formando así el grupo de las tres parábolas de la misericordia. Sin embargo, como pretende esta exposición, demostraremos que el capítulo 15 de Lucas no está compuesto por tres parábolas de la misericordia, sino una sola parábola en tres actos, de los cuales el primero y el segundo acto se convierten en premisas que llevan a la conclusión magistral, que es el acto final [4].

En primer lugar, es necesario comenzar desde una lectura contigua del texto para reunir, tanto como sea posible, su mundo y el mensaje que desea comunicarnos. Como suele ser el caso con las grandes parábolas de Lucas, claramente enmarcadas por los receptores intradiegticos, los interlocutores a quienes Jesús se dirigirá a él con su discurso se colocan en el escenario desde el principio: “Todos los publicanos y los pecadores se acercaban a él para oírle. Los fariseos y los escribas murmuraban” (Lucas 15, 1-2). Al principio, hay un movimiento de acercamiento de algunos hacia Jesús: los publicanos y los pecadores. Se acercan a Jesús para escucharlo. Si

es cierto que escuchar va más allá del mero hecho de oír que, en sí mismo, indica la percepción y distinción de los sonidos, pero no su suposición e introspección, entonces debe admitirse que los publicanos y los pecadores se acercan silentes, revestidos del silencio no solo externo, pero especialmente interno, sin el cual la verdadera escucha no ocurre. Si por un lado están los publicanos y los pecadores que vienen a escuchar a Jesús, por otro lado, Lucas nos dice que los fariseos y los escribas también se caracterizan por otro verbo: “Los fariseos y los escribas, sin embargo, murmuraban” (Lc 15, 2a). En ambos verbos (escuchar y murmurar) la actitud opuesta ya está delineada.

Por un lado, los publicanos y los pecadores escuchan; por el otro, los fariseos y los escribas murmuran. El murmullo, casi un verbo onomatopéyico, en latín y neolatino, marcado por la repetición de “mur + mur” en portugués, francés y español y “mor + mor” en italiano, repite la presencia de sílabas que comienzan con la letra m, consonante muy expresiva en este caso. Expresiva porque suena incluso cuando se emite con los labios fruncidos, casi indicando que no habla o la ausencia de logotipos claramente expresados.

En griego, el término está marcado plásticamente por la desarticulación y nasalización del sonido cuando pensamos en *gongýzein* y aquí, específicamente, en estilo lucano: *diagongýzein*. En el caso de la preferencia de Lucas, nos encontramos con la imagen de murmullos continuos y casi incontenibles. Si pensamos en el mundo semántico del murmullo como la ausencia de la verbalización expresa que engendra el diálogo, entonces podemos inferir que, si los publicanos y los pecadores se acercan a Jesús, lo mismo no ocurre con los fariseos y los escribas. Aunque estaban “cerca de Jesús”, no estaban realmente cerca de Él. Lo estaban físicamente, pero no en la apertura del espíritu, porque murmurar no es dialogar, y como murmuraban entre ellos, ni siquiera estaban cerca el uno del otro. ¡Cuánto menos de Jesús! La no-escucha se vuelve aún más clara cuando uno se da cuenta de que la actitud de escucha que caracteriza a los publicanos y pecadores, después del murmullo iterativo, corresponde a la actitud del habla de los fariseos y los escribas. Aquí no un “hablar con” sino un “hablar de”. Y un “habla de” en tono despectivo y, porque no, de reproche: “este recibe a los pecadores y come con ellos” (Lc. 15, 2b).

Al darse cuenta del escenario que se creó a su alrededor, mientras hablaban los fariseos y los escribas, Jesús les cuenta una parábola. Según Lucas, “esta parábola”. Sin embargo, el pronombre demostrativo femenino singular es desconcertante para el lector atento, que al principio podría contentarse con la primera parábola, la de la oveja perdida. Sin embargo, después de narrar la oveja perdida, Lucas reporta la segunda, la de la dracma perdida y finalmente la del padre y los dos hijos, o aparentemente la del “hijo menor perdido” (pero veremos que esto no es así) y no las precede con ningún indicativo como “otra parábola” o cualquier otra expresión similar.

Mientras que para algunos esto sería simplemente un estilo literario en el que Lucas solo se ocupa de la primera parábola, aquí, por razones que aclararemos, entendemos que la opción de Lucas es otra muy diferente. ¡Esta no es una secuencia de tres parábolas, sino una sola parábola!

Si pensamos en la forma clásica de la parábola narrativa, entonces podemos entender que es un elemento desconocido, llamado *primum comparationis*, colocado junto a un elemento conocido, llamado *secundum comparationis*, que, cuando se coloca uno al lado del otro, genera plásticamente un tercer elemento, el *tertium comparationis*, razón por la que se constituye la parábola en su género literario. De hecho, esa sería la diferencia entre una parábola y una alegoría. En la alegoría se comparan dos elementos conocidos, en la parábola se coloca un elemento conocido junto a un desconocido para facilitar la comprensión de lo que se desea comunicar[5]. Si Jesús al comienzo del cap. 15, está contando “una parábola”, ¿qué se está poniendo al lado de qué? ¿En función de qué entendimiento o imagen?

Volvamos al capítulo 15. En el primer caso (Lucas 15, 4-7) tenemos la presencia de un hombre[6], por contexto, un pastor que tenía cien ovejas, pierde una y va a buscarla hasta que la encuentra. Cuando la encuentra, la pone sobre sus hombros, lleno de alegría, y cuando llega a casa convoca a sus amigos y vecinos, diciéndoles: “Alegraos conmigo, porque he hallado la oveja que se me había perdido” (Lc. 15, 6).

Jesús concluye recordando que habrá más gozo en el cielo por un pecador arrepentido que por noventa y nueve personas justas que no

necesitan arrepentirse (Lucas 15, 7). Tenemos aquí, desde el punto de vista del texto, el imaginario masculino del que pierde algo, una oveja, y cuando la encuentra, celebra con amigos y vecinos, ¡también hombres!

La escena está impregnada de los temas de pérdida y reencuentro y el tema de la alegría que está presente en los versículos 5-7: la oveja se coloca sobre los hombros del pastor que regresa, alegre; cuando llega a casa, llama a sus amigos y vecinos para que se regocijen con él; y, en conclusión, Jesús recuerda que habrá más gozo en el cielo por un pecador que se arrepiente en lugar de noventa y nueve justos que no necesitan arrepentimiento (Lucas 15, 7).

Con estos elementos en mente, comenzamos a pasar por el segundo caso y nos damos cuenta de que las similitudes estructurales son patentes. Aquí ya no es un hombre sino una mujer que, teniendo diez dracmas, pierde uno de ellos y va a buscarlo hasta que lo encuentra. En este caso, los detalles que componen la narración aumentan. Mientras que en el primer caso el acto de búsqueda que caracteriza al pastor no tiene detalles, aquí se identifican por tres imágenes: la mujer enciende una lámpara, barre la casa y busca diligentemente hasta encontrar la dracma. Encender la lámpara involucra los ojos, barrer la casa, las manos, y la búsqueda diligente involucra los pies, pero motivados por el amor. Lucas usa el término *epimelōs*, traducido por diligente en la Nueva Vulgata. La opción de la Nueva Vulgata nos coloca en el campo semántico del verbo *diligere* que, según Saraiva, es la forma de amar con elección, porque denota discernimiento[7]. Por lo tanto, la búsqueda de la mujer de la dracma perdida implica “amor tierno” o, por qué no, la ternura que, según la narración de Lucas, corrobora la búsqueda de la mirada y de las manos por el movimiento de los pies; un movimiento de los pies que aquí indica concretamente el movimiento de todo el ser, ya que el ojo puede moverse sin todo el cuerpo, al igual que las manos. Sin embargo, aquí está el movimiento de los pies, la base y el soporte del cuerpo y, por lo tanto, el movimiento de todo el cuerpo. ¡Cuerpo movido por la ternura que recorre la casa en busca de lo perdido!

Si en el primer caso, nos encontramos con elementos que nos referían al imaginario masculino, aquí, por el contrario, nos enfrentamos al imaginario

femenino. Es una mujer que no pierde un animal, una oveja, que puede salir y dispersarse del rebaño, sino un objeto, una dracma, algo inmóvil. Cuando la mujer encuentra la dracma, celebra con sus amigas y vecinas diciéndoles, con un coro casi idéntico al del pastor: “Alegraos conmigo, porque he hallado la dracma que había perdido” (Lc. 15, 9). Casi idéntico, ya que salta a la vista un detalle muy significativo. En el caso del pastor, él dice: “Encontré mi oveja perdida”. ¡En el caso de la dracma, sin embargo, está ausente el pronombre posesivo!

También la conclusión de Jesús, al resumir el tema, es diferente. Aquí él dice: “Hay alegría ante los ángeles de Dios por un pecador que se arrepiente”. Allí agrega que habrá mayor alegría para un pecador arrepentido que por noventa y nueve justos que no necesitan arrepentirse. La proporcionalidad estadística no ocurre explícitamente aquí, pero el lector atento ya ha podido intuirlo. Mientras que, en el caso de la oveja perdida, la proporción es del 1% en relación al 100%, ya que quedan noventa y nueve, pero solo se perdió una; en el caso de la dracma, la proporción se multiplica. De hecho, una dracma de cada diez dracmas equivale al 10% del 100%.

¡La relación es mucho más alta! Por otro lado, debe admitirse que el número de ovejas, como propiedad del pastor, es mucho mayor que el número de dracmas que tenía la mujer. Mientras que uno tenía cien ovejas, la otra tenía diez dracmas. Aun así, sin importar cuánto tenían, cuando perdieron la oveja o la dracma, se pusieron en una actitud de búsqueda. Es necesario avanzar en el camino narrado por medio del tercer escenario, que involucra al padre y a los dos hijos. Allí, como veremos, no está una tercera parábola, sino el revelador clímax anagorético de una única parábola en tres.

El texto comienza narrando que cierto hombre tuvo dos hijos. El hijo menor pide la parte de la propiedad que le correspondía a él, y al recibirla, se fue a una tierra lejana, y allí disipa sus bienes de manera desenfrenada (literalmente *asōtōs* - “sin salud, sin salvación”[8]). Habiendo gastado todo lo que tenía, comenzó a aguantar hambre. Al mismo tiempo, la tierra en la que se encontraba comenzó a sufrir la hambruna que afectó a la población. Al haber encontrado trabajo, fue cuidar de cerdos. Dado su hambre, ni

siquiera lo que comían los cerdos le daban. La perspicacia de la narrativa de Lucas crea un momento de tensión en la trama. A partir de ese momento, el hijo más joven se da cuenta de su situación “entrando en sí mismo”, como el texto literalmente nos dice (cf. Lc. 15, 17) y, lamentando su elección, desea regresar a la casa de su padre, comenzando un movimiento interno que se materializará en el movimiento externo del retorno.

Comienza su regreso y, cuando se acerca a la casa paterna, a lo lejos, es visto por su padre. En este punto, la narración de Lucas cambia de foco. El hijo, que hasta entonces era el sujeto de los verbos, deja paso a su padre. El padre se convierte en sujeto de una sucesión de verbos: ve a su hijo, se mueve con compasión por él, corre a su encuentro, se arroja al cuello y lo besa. La vista despierta compasión; la compasión acelera el deseo de la reunión y el padre corre para encontrarse con su hijo, una reunión que termina en un abrazo y un beso.

Ante la sucesión de movimientos que involucran al padre, el hijo permanece en silencio. Tal vez silencioso porque, por el gesto de su padre, es visitado por el misterio de lo que significa el verdadero amor, silencioso porque en su abrazo, se le da la calidez del seno de su padre, el recuerdo de pertenencia nuevamente se le dona, en silencio tal vez por sentir en el abrazo del padre la calidez de sus vísceras de misericordia, tan bien representadas en el relato por el verbo *splanchnízomai* - movido con compasión, en sus entrañas - término traducido en el campo semántico de corazón, afecto y ternura, en la mayoría de nuestras biblias para traer a la memoria el mundo interior en movimiento, las entrañas en su simbología como arquetipo del calor interno, la calidez, el regazo!

Finalmente, el hijo habla y al hablar verbaliza el arrepentimiento que ya había encontrado espacio en su corazón: “Padre, he pecado contra el cielo y ante ti, y ya no soy digno de ser llamado tu hijo” (Lc. 15, 21). Detrás de sus palabras, la belleza de la contrición expresada, pero, por otro lado, surge el hilo de algo más profundo. El hijo menor no se considera digno de ser llamado hijo, y aunque no expresa lo que pensaba en el v. 19, es claro para el lector el contraste entre ser tratado como un niño y el hecho de esperar ser tratado como un empleado. ¡Él desea ser tratado como un empleado (Lucas 15, 19)!

Sin embargo, el tiempo se vuelve breve y sus palabras no alcanzan la posibilidad de expresar dicho contenido. El padre lo interrumpe y convoca a los sirvientes para que preparen la mejor ropa para su hijo, se le pongan el anillo en la mano y las sandalias en los pies, traigan el novillo cebado y lo maten para comenzar la comida festiva. La razón se expresa claramente en el v. 24: “este hijo mío estaba muerto y ha vuelto a la vida; estaba perdido y ha sido hallado”. Y todos: ¡padre, hijo menor y sirvientes se regocijan juntos!

La escena podría haber terminado aquí, pero la narración presenta magistralmente un inciting momento[9], una nueva tensión en la trama del escenario. El hijo mayor, que hasta ese momento era solo un componente secundario de la historia, pasa a primer plano.

Al regresar del campo, se acerca a la casa de su padre y, llamando a uno de los sirvientes, quiere saber el porqué de las canciones y los bailes. Informado de que su hermano menor había regresado y que su padre había matado al novillo cebado no solo porque había regresado, sino porque se lo encontró sano, se indignó. Invasado por la indignación, no quiso entrar en la casa.

Luego, el padre sale a su encuentro y comienza a llamarlo, como en la mayoría de nuestras traducciones, un hecho que debe haber tenido durabilidad o insistencia porque Lucas usó el verbo en imperfecto. Sin embargo, el verbo utilizado en Lucas 15, 28 es *parakalein*, que indica que el padre no solo llama al hijo mayor, sino que lo exhorta, lo consuela continuamente, ya que expresa la iteratividad de lo imperfecto (*parakalei*). El hijo se justifica: “Hace tantos años que te sirvo, y jamás dejé de cumplir una orden tuya, pero nunca me has dado un cabrito para tener una fiesta con mis amigos; y ¡ahora que ha venido ese hijo tuyo, que ha devorado tu hacienda con prostitutas, has matado para él el novillo cebado!”. Detrás de las palabras indignadas del hijo mayor, la presencia de malestar con respecto al comportamiento del padre hacia el hijo más joven, a quien no llama a su hermano, sino que se refiere a él con deíctico claramente despectivo ‘este hijo tuyo’ y no ‘este hermano mío’. Despreciando el uso de *houtos* por parte de Lucas aquí en la boca del hijo mayor. Reflejo de un

tono tan despectivo que el lector ya había visto en el v. 2, en boca de los fariseos y los escribas.

Aunque el lector debería esperar naturalmente diferentes actitudes entre los hermanos, hay algo que los acerca. Ambos presentan un desapego de la identidad filial, aunque momentánea, aunque marcada por el arrepentimiento de uno o la indignación del otro. Es cierto que el hijo menor, cuando habla con su padre, comienza su discurso con el vocativo “padre”, lo que no utiliza el hijo mayor. En el discurso del hijo mayor se encuentra el campo semántico de servicio realizado bajo la norma. Él nunca ha roto el mandamiento de su padre, pero es capaz de considerarlo como un regalo precioso y fructífero. Por lo contrario, mira con la tristeza de aquellos que cumplieron perfectamente el precepto. No mira con la libertad del hijo, sino con la obligación que caracteriza la postura de quienes sirven, pero no es capaz de resignificar el servicio más allá de su terreno normativo. Entonces, ¿cómo esperar un fruto diferente de ese suelo?

Frente a esta actitud, el padre también se muestra tiernamente cercano a su hijo mayor que en este momento, de alguna manera, lo reprocha por no actuar como él esperaba. Se sintió ignorado por su hermano menor e indignado no aceptó el comportamiento de su padre. Sin embargo, su padre se acerca con ternura ya no expresada aquí por el verbo *splanchnizomai* sino por el sustantivo hijo en la forma griega *teknon*, que puede demostrar la forma familiar y cariñosa del padre referirse a su hijo[10]. Y él le dice: “Hijo, siempre estás conmigo y todo lo que es mío es tuyo” (Lc. 15, 31). Detrás de estas palabras, los estudiosos señalan que, de acuerdo con las reglas testamentarias que rigen la herencia de la época, el mayor se quedaría con el equivalente al doble de lo que el padre le había dado a su hijo menor para vivir, porque él era el primogénito y, por lo tanto, no habría perdido nada[11]. Sin embargo, la pregunta parece ser otra muy distinta en la parábola. Aunque el tema normativo es tan inherente al discurso del hijo mayor, está claro que en el fondo está triste por no entender de qué carne está hecho el corazón de su padre. Está en la casa de su padre y vive con él, pero no vive de su padre, no comparte el alcance de su horizonte. Ante esto, el padre no podía exigirle una respuesta diferente. ¡Era lo que lograba con su visión y su corazón! ¡Era su límite!

Aun así, el padre intenta volver a colocar al hijo mayor donde ya pertenece, también usando el mismo pronombre colocado en la boca de su hijo mayor un poco antes, *houtos*, pero ahora con una connotación nueva y auténtica: “Este hermano tuyo estaba muerto y revivió; se perdió y fue encontrado” (Lucas 15, 32). Es como si el padre le dijera: él no es solo mi hijo, ¡es tu hermano!

Llegando al final de este trayecto de acto de lectura, se observa que las piezas de los tres pasos que constituyen la parábola de la misericordia en el capítulo 15 del tercer evangelio, se entrelazan magistralmente en la pluma del evangelista.

En cada escena está presente el elemento perdido que se busca y que, cuando se encuentra, genera tal alegría que necesita ser compartida. En el caso de las ovejas, los amigos y vecinos comparten la alegría del pastor; en el caso del dracma, amigas y vecinas comparten la alegría de la mujer; en el caso del hijo menor, comparten la alegría del padre, sus sirvientes.

Si sostenemos como una hipótesis exegética-narrativa el hecho de que es una parábola en tres actos, entonces debe aceptarse que, así como hay una oveja que se pierde afuera y lejos de casa, hay una dracma que se pierde cerca y dentro de la casa. Así, la oveja estaría en paralelo con el hijo menor, que se perdió afuera de la casa, y la dracma en paralelo con el hijo mayor que, de alguna manera, tampoco se encuentra, ni siquiera en la casa de su padre.

Esta imagen se corrobora cuando, con no pocos autores, nos damos cuenta de que las parábolas narrativas en Lucas están dirigidas a interlocutores específicos, claramente indicados en los diversos contextos.

Así, el elemento comparativo ya se había expresado incluso antes de que comenzara la narración de la parábola: por un lado, los publicanos y los pecadores; por el otro, los fariseos y los escribas; por un lado, la oveja que se pierde afuera y lejos de casa; por el otro, el dracma que se pierde cerca y adentro; por un lado, el hijo menor que espera encontrarse fuera de casa, lejos de su padre; por otro, el hijo mayor que aún no se ha encontrado en su verdadera identidad dentro de casa, en el hogar, y supuestamente cerca

a su padre. Los hermanos aún no se encuentran en su identidad, porque el más joven quiere ser tratado como un sirviente o un diarista (*misthós*, Lucas 15, 19) y el mayor siempre se ha sentido sirviente (*doulos*, Lucas 15, 29). Detrás de sus rostros, la efigie fragmentada de la filiación, ambos, cuya identidad se oscurece al no reconocer su origen, el rostro de su padre.

LUCAS 15: SÍNTEISIS PLÁSTICA DEL CONCEPTO BÍBLICO DE LA MISERICORDIA

El Antiguo Testamento tiene varios términos para referirse a la misericordia, pero dos particularmente la expresan comúnmente en la mayoría de los textos. Estos conceptos son *hesed* y *rahamim*, fidelidad y compasión[12].

Veamos lo que San Juan Pablo II nos dice en “*Dives in Misericordia*” de una manera sintética y clara al respecto[13]:

Al definir la misericordia, los Libros del Antiguo Testamento usan principalmente dos expresiones, cada una de las cuales tiene un tono semántico diferente. En primer lugar, el término *hesed*, que indica una actitud profunda de “bondad”. Cuando esta disposición se establece entre dos personas, se vuelven no solo benevolentes entre sí, sino también mutuamente fieles en virtud de un compromiso interno, por lo tanto, también en virtud de una fidelidad a sí mismos. Y si es seguro que *hesed* significa “gracia” o “amor”, esto es precisamente sobre la base de tal fidelidad. El hecho de que el compromiso en cuestión no solo sea de naturaleza moral sino legal no altera su realidad. Cuando en el Antiguo Testamento la palabra *hesed* se refiere al Señor, esto siempre sucede en relación con el pacto que Dios hizo con Israel. Este pacto fue de Dios un regalo y una gracia para Israel. Sin embargo, dado que Dios, de acuerdo con el Pacto establecido, se había comprometido a respetarlo, *hesed*, en cierto sentido, adquiriría el contenido legal. El compromiso “legal” de Dios dejó de obligar cuando Israel rompía el pacto y no respetaba sus condiciones. Y fue, precisamente, entonces que *hesed*, dejó de ser una obligación legal, reveló su aspecto más profundo: lo que al principio se hizo manifiesto, es decir, el amor que

da, el amor más potente que la traición, la gracia más fuerte que el pecado. Esta fidelidad a la infiel “hija de mi pueblo” (cf. Lamentaciones 4, 3-6) es, en última instancia, la fidelidad de Dios a sí mismo. Esto es evidente sobre todo por la frecuencia con la que se utiliza el binomial *hesed we’emet* (= gracia y fidelidad) [...]. “No hago esto por ti, oh casa de Israel, sino por el honor de mi santo nombre” (Ezequiel 36, 22). Por lo tanto, aunque bajo el peso de la culpa por romper el pacto, Israel tampoco puede hacer ninguna pretensión al *hesed* de Dios sobre la base de la supuesta justicia (legal). Sin embargo, puede y debe seguir esperando y teniendo confianza para obtenerlo, ya que el pacto de Dios es realmente “responsable de su amor”. Fruto de este amor es el perdón y la reconstitución en la gracia, la restauración del pacto interno.

La nota se refiere primero al concepto *hesed*, que en su tono semántico expresa un compromiso relacional en el que las partes no son simplemente benevolentes entre sí sino fieles entre sí principalmente debido a la fidelidad a sí mismas. La comprensión *hesed* en un sujeto como fidelidad a sí mismo califica su carácter de identidad cuando, en relación con Dios, se ve que incluso ante la infidelidad de Israel y, particularmente en tal situación, *hesed* se manifestó como amor que se dona, no simplemente debido a Israel, pero por la fidelidad de Dios a sí mismo. Se entiende, por lo tanto, que *hesed* indica una mirada consciente, voluntaria y no solo una emoción. En este caso, el sujeto tiene misericordia del otro, no simplemente porque el otro lo merece, sino porque es parte del sujeto que vive la dimensión de *hesed* ser fiel a sí mismo, por una conciencia a la que no puede ser infiel, por identidad. En este sentido, Dios es *hesed* por excelencia, porque incluso cuando los seres humanos le son infieles, él permanece fiel, un concepto que se aplica a Cristo en 2 Tim. 2, 13 cuando dice “si le somos infieles, él permanece fiel, porque no puede negarse a sí mismo”.

La segunda palabra que en la terminología del Antiguo Testamento sirve para definir la misericordia es *rahamim*. El matiz de su significado es algo diferente del significado de *hesed*. Mientras *hesed* enfatiza las características de la fidelidad a uno mismo y “responsabilidad por el amor propio” (que son características, de cierto modo, masculinas), *rahamim*, en

su raíz, denota el amor de la madre (rehem = pecho materno). Desde el vínculo más profundo y original, o más bien, de la unidad que une a la madre con el hijo, surge una relación particular con él, un amor particular. De este amor se puede decir que es totalmente libre, no fruto del mérito, y que a este respecto es una necesidad interna: es un requisito del corazón. Es una especie de variante “femenina” de fidelidad masculina a sí mismo, expresada por *hesed*. En este contexto psicológico, *rahamim* da lugar a una variedad de sentimientos, que incluyen bondad y ternura, paciencia y comprensión, es decir, disposición para perdonar. El Antiguo Testamento atribuye estas características al Señor cuando habla de Él, usando el término *rahamim*. Leemos en Isaías: “¿Puede una mujer olvidar a su hijo y no amar el fruto de sus entrañas? Porque, aunque una mujer olvidara a su propio hijo, yo nunca te olvidaría a ti” (Isaías 49, 15).

Si bien *hesed* se ve en su dimensión de fidelidad a la rectitud de un principio de identidad y, por lo tanto, vinculado al campo semántico de la conciencia, *rahamim*, al estar vinculado en su raíz etimológica al término rehem (útero), se une al campo semántico de las entrañas, afectos y está simbólicamente vinculado a la dimensión femenina de misericordia. Por su propia fuerza indicativa, el útero es una materialización de la ternura, de acogida, de afecto generoso, porque acoge al feto y permanece unido a él, piel a piel, casi como si lo abrazara durante todo el período de gestación en un movimiento de adaptación creciente y constante a ese ser en desarrollo.

Aunque todos encontramos en nuestras biblias este capítulo de Lucas como el capítulo que aprendemos a ser de misericordia[14] por excelencia, allí no aparece el término griego más querido a la Septuaginta para la traducción del hebraico *hesed*, que es *éleos*. Sin embargo, está presente la comprensión semántica del concepto, cuando nos encontramos con la imagen del pastor, quien, consciente y con el deber de cuidar al rebaño, deja a las noventa y nueve ovejas y busca a la perdida. Si esto es cierto para el *hesed*, es aún más cierto para el *rahamim*, ya que aquí aparece lexicamente el verbo *splanchnízomai* casi siempre usado para expresar el contenido de *rahamim*, y por lo tanto el misterio simbólico que constituye el mundo metafórico de las entrañas.

En este sentido, *hesed* y *rahamim* representan aquí las imágenes por excelencia de la imagen bíblica de la misericordia sintetizada magistralmente por Lucas en su capítulo 15, en las imágenes del pastor y las ovejas y la mujer y los dracmas, pero sobre todo del padre, quien en sí mismo condensa perfectamente al *hesed we rahamim*, el padre que actúa con las entrañas de la misericordia, con la conciencia de un padre que es fiel a su hijo por fidelidad al amor que tiene por él (*hesed*), revestido de las entrañas cariñosas de su madre que le acoge en su regazo, le da cariño, le pone sandalias nuevas a los pies, le pone ropa nueva y le restituye el anillo (*rahamim*). Quizás por esta misma razón, consciente o no, pero ciertamente inspirado, Rembrandt, al pintar su famosa pintura del regreso del hijo más joven, tenga las manos del padre en la espalda de su hijo; y como señalan los críticos del arte con razón, una de sus manos con características masculinas y la otra con características femeninas, indicando plásticamente el *hesed we rahamim* de Dios representados figurativamente en el Padre que ama a los dos hijos con conciencia paterna y ternura materna.

Enzo Bianchi en un artículo del pasado octubre en el *Avvenire* señala que, desde la homilía de su papado, el Papa Francisco, ha impregnado sus discursos con el tema de la ternura que demuestra; la que ternura no es solo un aspecto de la misericordia, sino que es misericordia tangible, palpable. No solo en su aspecto *hesed* sino también *rahamim*[15].

LUCAS 15: EL TRÍPTICO ESCÉNICO, EL DÍPTICO LÉXICO Y LA UNIDAD SEMÁNTICO-TEMÁTICA

Al final de este trayecto, nos dimos cuenta de tres escenarios que forman un tríptico: el primer escenario del pastor y la oveja; el segundo de la mujer y las dracmas; y el tercero del padre y los dos hijos. Construcción tríptica que está interconectada por las imágenes del pastor y la mujer, sintetizadas en la figura del padre que va al encuentro del que se perdió afuera (Lucas 15, 20 - el padre lo vio y corrió a su encuentro) y del que también se perdió adentro (Lucas 15, 28 - el padre salió a suplicarle).

Así como hay un movimiento del pastor que va al encuentro de la oveja perdida y un movimiento de la mujer que va en busca de la dracma perdida, hay un movimiento del padre que va al encuentro del hijo menor y el hijo mayor.

El capítulo también tiene un díptico que se repite en los tres escenarios. Por un lado, la presencia de lo que se pierde y, por otro, la presencia del que busca. En el primer escenario, la oveja perdida, que nos recuerda la imagen de la escucha, como podemos vislumbrar, por ejemplo, en Juan 10, 3-8 y 16, 2; y dentro del estilo narrativo de Lucas, que dirige sus parábolas a los interlocutores especificados en el texto, el lector se recuerda de los publicanos y pecadores, quienes se acercan para escuchar a Jesús al comienzo del capítulo 15. Por otro lado, la imagen de la dracma, que se pierde en la casa, nos interconecta con los fariseos y los escribas, incapaces de expresarse adecuadamente porque murmuran y, cuando murmuran, ni hablan ni oyen. Y lo peor: ¡no escuchan! Además, como no podía ser de otra manera, una dracma no habla ni escucha. Símbolo elocuente del cierre a la escucha e incapacidad para comunicarse. El lector acostumbrado a la pluma de Lucas se acordará el adjetivo “amigos del dinero” dirigido a los fariseos en Lucas 16, 14. El díptico del pastor que busca la oveja perdida y la mujer que busca la dracma que se pierde dentro de la casa se completa magistralmente con la imagen del padre que quiere encontrar al hijo que se ha perdido lejos y afuera de la casa y al hijo que se ha perdido cerca y adentro, pero no solo eso. El padre condensa dentro de sí la conciencia fiel del pastor de ovejas y la diligencia tierna representada por la mujer.

Finalmente, la repetición del campo semántico de la alegría relacionada con la dimensión del reencuentro de lo que se perdió (la oveja y la dracma) vinculado a los que están perdidos (no solo los publicanos y los pecadores, sino también los fariseos y los escribas) representados en el universo metafórico del capítulo 15 por los dos hijos, el más joven y el mayor, respectivamente. Está claro que la unidad del tríptico está marcada por la alegría del que busca lo que se había perdido (Lucas 15, 5-7, 9-10, 32), como un eje representativo de la misericordia divina siempre abierto a la acogida y al reencuentro, hay aún un elemento estructural muy significativo: la presencia de una inclusión semántica. Antes de comenzar la narración de la oveja perdida, el evangelista nos dice que murmuraron los fariseos y los escribas. Como dijimos, murmurar no se trata de hablar, sino de la ausencia de logos. Aun así, en la contradicción de tal postura, algo inherente se expresa al limitar la mirada de aquellos que aún no alcanzan el horizonte que ilumina los ojos del padre y, por lo tanto, se opone a ellos.

Obviamente, la oposición del hijo mayor, aunque aparentemente indica la no aceptación de la bienvenida del hermano menor, en el fondo revela algo de sí mismo. De alguien para quien la religión tiene una opinión que no es la propuesta por el padre. Esta inclusión semántica se manifiesta magníficamente como cuando, al final del capítulo, el lector se encuentra con el hijo mayor que, en una actitud casi similar, se queja de su padre. ¡Y así murmura! Es cierto que dialoga con su padre, pero es un diálogo resentido, casi murmurante, de un hijo que no puede alcanzar el horizonte de su padre. Incluso ante las recriminaciones del hijo mayor, el padre lo ama en su fiel *hesed*. El capítulo termina con el discurso del padre, pero no narra la reacción del hijo mayor.

El texto de Lucas 15 tiene otro hilo que lo conecta. Es un hilo muy sutil, casi imperceptible, que ha ido y venido en momentos muy representativos del discurso textual: el pronombre demostrativo. Al comienzo del capítulo: “**Este** recibe a los pecadores y come con ellos”; más tarde, en el v.3 “**esta** parábola”; en el v. 24 desde la boca del padre “**este** mi hijo”; en el v. 30, desde la boca del hermano mayor en relación al menor “**este** hijo tuyo”; y finalmente, en el v. 32, desde la boca del padre hablando con el hermano mayor “**este** tu hermano”.

El pronombre “**este(o/a)**” demuestra lo que está cerca y, cuando lo demuestra, acerca la mirada. El pronombre también indica la inminencia de lo que debe percibirse, o por qué no percibirse con urgencia. ¿Qué?

Cuando nacemos, experimentamos necesariamente la ausencia del rehem materno, el primer útero, ya que a medida que nacemos de él nos separamos físicamente y para siempre. Sin embargo, después de esa primera experiencia, nos damos cuenta de que hay un segundo útero, el regazo. Primero, el regazo de la madre, recuerdo táctil, olfatorio, nutritivo y cálido de lo que estaba en la memoria afectiva de lo que fue el primer útero. Segundo, pero no menos importante, el regazo, el segundo útero, también está representado por el abrazo que nos acoge, y ahora no solo por el abrazo de la madre, sino también del padre, hermano, amigo, vecino y que nos acoge cuando se necesita un abrazo, que es un regazo acogedor frente a las contingencias frías del camino. Sin embargo, ni el primer útero ni el segundo útero coinciden con lo que yo llamo el tercer útero. Tercero, no en orden de importancia, sino porque abarca el significado de los úteros anteriores.

El primer útero es limitado y, aunque puede contener a más de un ser humano en gestación, siempre estará limitado por su constitución física. El segundo útero, el regazo, aunque más ancho que el primero en su simbología, también es limitado, ya que metafóricamente el regazo es acogida y puede estar abierto a muchas personas, difícilmente lo estará a todos por los males que lo constituyen, no solo como un regazo que se ofrece, pero también como regazo que se busca. Lo mismo no es cierto para el tercer útero, el regazo de Dios. No hay limitación allí. En él, la experiencia integral de la misericordia se hace en su dimensión simbólico-paterna y simbólica-materna, *hesed we rahamim*. De hecho, cada vez que Dios nos recibe por su infinita misericordia, nos devuelve a nosotros mismos, ya que nos permite experimentar el renacer a través de la gracia del perdón que nos da.

Si es cierto que la dimensión de *hesed* está presente en Lucas 15 por la dinámica de buscar o encontrar lo que se ha perdido, entonces el *rahamim* también se vuelve notorio. *Rahamim*, como dimensión simbólica del útero (*rehem*) acogedor y vivificante, es representado primero por el pastor que recibe a la oveja perdida sobre sus hombros y la devuelve al rebaño; luego, junto a la mujer que enciende la lámpara con las manos, barre la casa y encuentra la dracma y con la mano lo vuelve a colocar en el espacio donde probablemente guardó sus monedas.

Finalmente, es en el abrazo del padre que sus brazos acogen a su hijo perdido y lo devuelven al calor de su padre. El tríptico está hecho por las imágenes del hombro, manos y brazos, elementos sin los cuales el regazo del abrazo no sería plásticamente posible. En cada momento del tríptico, la alegría estaba presente. La alegría del pastor de ovejas, la mujer y el padre: la alegría de la misericordia (*mercicordiae gaudium*).

Que en este año de misericordia, no solo la mirada reciba la indicación en la cual debe volverse misericordioso, sino que las manos se extiendan para abrazar y acoger, y así nuestros pies se muevan marcados por la conciencia del *hesed* llamado a manifestarse en el *rahamim* de la ternura, y habiendo experimentado el renacimiento en el abrazo del Padre, encontremos en Su cara nuestro rostro de hijos, y como Él, Padre misericordioso, misericordiosos seamos.

BIBLIOGRAFIA

- BIANCHI, Enzo. *Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze*. Avvenire, 14/10/2015.
- BOVON, François. *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15,1-19,27)*. Ediciones Sígueme: Salamanca, 2004.
- CAMBIER, Jules; LÉON-DUFOUR, Xavier. *Misericórdia*. In Xavier LÉON-DUFOUR (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 8. ed., Editora Vozes: Petrópolis, 2005, p. 594-598.
- ELOY E SILVA, Luís Henrique. “*Vês esta mulher?*” *Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc 7,36-50*. In FERREIRA, Antonio Luiz Catelan (org.). *Redescobrir a Misericórdia. Reflexões interdisciplinares sobre a Misericordiae Vultus*. Edições CNBB: Brasília, 2016, pp. 17-40.
- FITZMYER, Joseph A. *The Gospel According to Luke (X-XXIV)*. New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1985.
- FRANCISCO, *Misericordiae Vultus, Bula de proclamação do jubileu ex-traordinário da misericórdia*. Vaticano, 2015.
- HAUCK, Friedrich. *Parabolē*. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, V, 741-759.
- JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia, Carta Encíclica sobre a Misericórdia Divina*. Vaticano, 1980.
- MEYNET, Roland. *A análise retórica: um novo método para compreender a Bíblia*. Brotéria 137 (1993) 391-408.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novissimo Dictionario Latino-Portuguez: Etymologico, Prosodico, Historico, Geographico, Mythologico, Biographico etc.* Rio de Janeiro: Garnier, 1927.
- SKA, Jean-Louis. “*Our Fathers have told us*”. *Introduction to the Analysis of Hebrew Narratives*. Subsidia Biblica 13. Editrice Pontificio Istituto Biblico: Roma, 1990.

CURRÍCULUM

Presbítero de la Diócesis de Campaña/MG; es doctor en Ciencias Bíblicas del Pontificio Instituto Bíblico de Roma; miembro de la Pontificia Comisión Bíblica; profesor de exégesis del Nuevo Testamento en el curso de pregrado de Teología de PUC Minas y en el curso de pregrado y postgrado en Teología de la Facultad Jesuita de Belo Horizonte; coordinador de la revisión Bíblica de CNBB; experto de la Comisión Episcopal Pastoral para la Doctrina de la Fe de la CNBB.

NOTAS

1. ELOY E SILVA, L. H. “*Vês esta mulher?*” *Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc 7,36-50*, pp. 17-19.
2. FITZMYER, J.A. *The Gospel According to Luke*, p. 1071.
3. La intuición también es percibida por Meynet, aunque con matices ligeramente diferentes a los de nuestra lectura. Cf. MEYNET, . *Análise Retórica. Um novo método para compreender a Bíblia*, pp. 391-408. FITZMYER cree que el término “esta parábola”, en singular, fue una introducción original a la parábola del Padre y los dos hijos. Más tarde, el evangelista habría insertado las parábolas de la oveja perdida y la dracma perdida, formando así un tríptico sobre la dialéctica ‘perdido y encontrado’. FITZMYER, JA A. *The Gospel According to Luke*, p. 658. San Buenaventura, a su vez, lee las parábolas como una unidad: la primera evoca la reconciliación; la segunda, la redención, y la tercera, la adopción. San Alberto Magno ya ve un hilo progresivo sobre el arrepentimiento que los teje. BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*, III, p. 52
4. HAUCK, F. *Parabolē*, V, 742.
5. Aunque el término griego usado por Lucas es *anthrōpos*, la opción de traducir el término no por ser humano en el sentido general, sino por hombre como varón, se corrobora por el hecho de que el evangelista se refiere al padre desde el v. 11 nuevamente usando el término *anthrōpos* y no *anēr*. Por cierto, debemos comparar la

terminología en 1 Reyes 17, 18 en la Nueva Vulgara: “*Quid mihi et tibi, vir Dei?*” Y en la LXX: “*τί ἐμοὶ καὶ σοί ἄνθρωπε τοῦ θεοῦ;*”.

6. SARAIVA, F. R., *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*, p. 375.
7. FITZMYER, J.A. *The Gospel According to Luke*, p.1088.
8. SKA, J.-L. “*Our Fathers have told us*”. p. 25.
9. BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas, III*, p. 72.
10. FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke*, p. 1087. Cf., también, Lv 21,17.
11. CAMBIER, J.; LÉON- DUFOUR, X. *Misericórdia*, p. 594.
12. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.
13. FRANCISCO, *Misericordiae Vultus, Bula de proclamação do jubileu extraor- dinário da misericórdia*. Vaticano, 11/04/2015.
14. BIANCHI, E. *Rivalutare la tenerezza: anche Dio dà le carezze: “Nell’esortazione apostolica Evangelii gaudium parla per ben 11 volte di tenerezza, ricorrendo a questa parola in modo sempre pensato, con molto discernimento. Parla di ‘tenerezza combattiva contro gli assalti del male’ (85), di ‘infinita tenerezza del Signore’ (274), di ‘tenerezza’ come ‘virtù dei forti’ (288), di ‘forza rivoluzionaria della tenerezza’ (ibid.), avendo coscienza che la tenerezza è appunto una virtus, una forza attiva e pratica, non solo un sentimento. Arriva a scrivere che ‘Il Figlio di Dio, nella sua incarnazione, ci ha invitato alla rivoluzione della tenerezza’ (88)”*.

MEDELLÍN Y PUEBLA: LOS MERCEDARIOS EN LAS PERIFERIAS DEL CAUTIVERIO

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Coutinho¹

Las celebraciones son parte de la vida social, tanto en la esfera pública como en la privada. Los nacimientos, bodas, cumpleaños son razones para celebraciones en la vida privada diaria. También en la esfera pública, se celebran los cumpleaños considerados como fechas históricamente importantes, como el “descubrimiento” de territorios o conocimientos, la fundación de ciudades, instituciones, nacimiento y muerte de personajes, obras y publicaciones también de grandes eventos eclesiales, como la fundación de una Orden Religiosa, así como Consejos y Sínodos.

Sin embargo, lo que nos parece bastante natural no sería así, si no pensamos en un tiempo cronológico e histórico, como lo sugiere el historiador francés Pierre Nora. Para él, las celebraciones son fenómenos de las sociedades seculares contemporáneas, en las que las grandes fechas históricas han tomado el lugar de las fechas cristianas. Sin embargo, y en desacuerdo con él, la Iglesia también se reconoce dentro de un tiempo cronológico e histórico, por lo que también celebra las fechas más relevantes de su trayectoria en la historia.

Los aniversarios redondos, el jubileo de plata, oro, diamante, los “centenarios” etc., dan testimonio de una relación íntima entre el paso del tiempo cronológico y el consenso de que estas fechas deben celebrarse con mayor énfasis.

Cada una de estas celebraciones tenía sus particularidades, mostrando así que los eventos conmemorativos tienen su historicidad, en contextos diferentes, y eso puede entenderse como un historiador del tema. Esto es lo que Pierre Nora demuestra en su capítulo “*L'ère de la commémoration*”,

1 Currículum disponible en la página 125.

al analizar y discutir los contextos políticos, culturales y sociales en los que Francia se celebró en mayo de 1968, el bicentenario de la Revolución Francesa, el milenio capetíngio, el tricentenario de la revocación de Edicto de Nantes, entre otras fechas festivas en la historia de Francia, es decir, una historia nacional. A lo largo de este camino, Nora demuestra cómo el presente crea los “instrumentos de celebración, moldeándolos de acuerdo con sus necesidades y especificidades, así como la simultaneidad de los eventos que adquieren relevancia en las relaciones políticas y en la imaginación nacional, el diseño de los representantes políticos”.

Como objeto de estudio del historiador, hay algunas palabras para comprender el fenómeno de la celebración en la sociedad occidental, cuyos valores compartimos, siguiendo los pasos de Nora. El historiador francés sostiene que las celebraciones son, por excelencia, gestos que demarcan los “lugares de la memoria”, un concepto que sintetiza la relación entre la historia y la memoria. Aunque el trabajo aborda los lugares de memoria en el contexto de la historia de Francia y dentro de la nación, en su discusión teórica hay algunas indicaciones que nos son útiles para pensar sobre el significado de las celebraciones, en este caso, los 800 años de La Orden de Nuestra Señora de la Merced junto con dos eventos importantes para la Iglesia latinoamericana: los 50 años de la Conferencia de Medellín y los 40 años de Puebla.

Según el autor, memoria e historia no son sinónimos. La memoria es la vida, dirigida por las personas, en grupos, y está en constante evolución. Abierto a la dialéctica de recordar y olvidar, la memoria no es consciente de su deformación sucesiva y, vulnerable a todos los usos y manipulaciones, es susceptible a largas latencias y revitalizaciones repentinas. La historia siempre es problemática y la reconstrucción incompleta de lo que ha pasado. La memoria es un fenómeno siempre presente, una conexión vivida en el presente eterno, mientras que la historia es una representación del pasado. “El estudio de los lugares de la memoria es precisamente en la intersección de estos dos movimientos”, donde la memoria se cruza con la historia.

Los “lugares de la memoria” nacen y viven de la sensación de que no hay más memoria espontánea. Nora comprende que la necesidad de

crear archivos, recordar cumpleaños, organizar celebraciones, pronunciar obituarios, registrar minutos, etc. son operaciones que no tienen nada natural y espontáneo. Son actos dotados de una complejidad que se revela por el hecho de que tocan tres dimensiones: lo material, lo simbólico y lo funcional. Por ejemplo, un archivo, algo de naturaleza material, solo se convierte en un lugar de memoria cuando se invierte con un aura simbólica. O algo muy funcional, como un libro de texto, un testamento, una asociación de excombatientes, necesita someterse a alguna forma de ritualización para convertirse en un lugar de memoria. Hasta un minuto de silencio, algo lleno de un significado simbólico extremo, tiene su materialidad como parte de una unidad temporal y sirve como una evocación concentrada de la memoria. Con esto, Nora quiere decir que las tres instancias siempre coexisten. Pero lo fundamental es que hay, en principio, un deseo de memoria.

Podemos afirmar que este II Congreso Mercedario Internacional asume, de manera material, simbólica y funcional, un “lugar de memoria”. Sin embargo, debido a la sincronización de las celebraciones de los 800 años de la Orden de la Merced, 50 de Medellín y 40 de Puebla, el “lugar de memoria” de la excelencia está en las “periferias de cautiverio”. Están bien sincronizados estos eventos: la inspiración de San Pedro Nolasco con la “redención de los cautivos” y la “opción preferencial por los pobres” de la Iglesia latinoamericana.

Por lo tanto, para ayudar a despertar un compromiso más efectivo con la causa libertaria de los empobrecidos en nuestro continente, nos ocupamos de recordar los aspectos centrales de los 50 años de Medellín y los 40 años de Puebla, para que cada una de estas Conferencias atraiga lecciones que nos ayuden a enfrentar con éxito viejos y nuevos desafíos de la actual situación socio-ecclesial.

Una distancia de solo diez años y medio entre Medellín y Puebla puede dar la impresión de que poca cosa o nada haya sucedido de tan extraordinario en Latinoamérica. Por el contrario, en diez años el contexto político se radicalizó aún más y el ambiente económico siguió un notable empobrecimiento. En el caso de Brasil, una situación agravada por el

aumento de la deuda externa, la alta inflación, el aumento del costo de vida, el desempleo. Así como la rentable voracidad de las empresas transnacionales, en diferentes sectores de la economía. El famoso crecimiento económico del período del régimen militar comienza a hacer agua. En Centroamérica, los conflictos sangrientos empeoran, para expresar el peso de la opresión de los regímenes autoritarios, como El Salvador y Nicaragua, donde las fuerzas populares ganan terreno hasta la victoria sobre Somoza a mediados de 1979 con el surgimiento revolucionario de las fuerzas sandinistas, bajo el fuerte liderazgo de los cristianos.

Hay quienes suavizan la importancia de la Conferencia de Medellín para la Iglesia en América Latina en 1968. Algunos afirman que fue sobrestimada por la literatura académica y militante como punto de partida para los cambios en curso en la Iglesia Católica del continente, sin embargo, la importancia de Medellín sería mucho más por ser un hito de institucionalización de posiciones que hace un tiempo ya venían siendo adoptadas cotidianamente por obispos, sacerdotes y laicos.

El “evento de Medellín” no fue un evento inesperado, pero tampoco fue el resultado de una “causalidad procesal”. François Dosse quisiera que los historiadores superen estas dos formas más comunes de interpretar el “evento” y que lo vean mucho más “como el resultado y la apertura de lo posible”. En otras palabras, analizarlo en su dinámica dialéctica: el “evento” está “instituido” y también “instituyente”.

Medellín llega a Brasil, incluso antes del evento, creando una crisis entre la Iglesia y el Estado. En el Nordeste, en sí mismo Recife, en abril de 1968, el recién creado Instituto de Teología Regional (ITER) comenzó la discusión del documento de trabajo de la Conferencia. Dom Helder Camara le pidió a uno de sus teólogos, un sacerdote *fidei donum*, preparara un texto de estudios.

Este fue producido por el experimentado teólogo y sociólogo belga, que vive en América Latina durante varios años (e invitado por Dom Helder Camara para ser el Coordinador de Estudios para Cursos de Teología): el P. Joseph Comblin.

Este texto tuvo una gran repercusión y se hizo conocido como "Documento Comblin". Comblin escribió un texto crítico y duro sobre la realidad social, económica, cultural y eclesial en América Latina. Lo mismo debía discutirse en un grupo restringido de teólogos y profesores en ITER (veinticinco personas en total), incluido Dom Helder.

Sin embargo, el texto llegó a manos de jóvenes universitarios, y se reprodujo y distribuyó ampliamente en los círculos juveniles. Y esto terminó cayendo en el regazo del concejal de la ciudad Vandenkolk Wanderley (del partido gubernamental - ARENA) y liberado por la prensa. Junto con Wanderley, el diputado de estado Adije Maranhão (ARENA) presentó una demanda contra Dom Helder Camara para que fuera preso y también se pedía la expulsión del P. Comblin del país, ya que el documento era "altamente subversivo".

El "Documento Comblin" se organizó en cuatro partes: "Situación histórica en América Latina", "Responsabilidad de la Iglesia por el subdesarrollo histórico en América Latina", "Problemas políticos" y "Cuestiones pastorales". El P. Comblin definió a la Iglesia en el continente como una de las instituciones más subdesarrolladas y señaló las causas de esto: el abandono de las masas campesinas; solidaridad con la elite gobernante; colonialismo; enseñanza clasista; asistencia bien intencionada, pero no basada en la realidad; indiferencia hacia el trabajador; burocracia notarial; e incapacidad para organizarse. Con respecto a la realidad latinoamericana, Comblin vio, "junto a una categoría de mestizos, pobres y marginados, una aristocracia blanca, que acumula la totalidad del poder, la riqueza y la cultura" y la Iglesia adopta la misma posición que los grandes terratenientes: "Sin darse cuenta de la existencia de las masas rurales, su carácter humano".

Para la implementación de reformas sociales y el fin de los privilegios por medios violentos, Comblin declaró:

Sería un error pensar que "la Iglesia" o la "moralidad" condenan las acciones de la fuerza por la conquista del poder. Pero un levantamiento militar tampoco es el camino. La acción militar solo es útil cuando las

fuerzas armadas ya han sido desmoralizadas y ya no pueden resistir. Hasta el siglo XX, la Iglesia nunca condenó la fuerza. Los ejemplos son muchos. Uno de ellos: la Iglesia no condenó, pero aceptó la acción de la fuerza que hizo la Revolución de 1964 en Brasil [...] [1].

Y para la realización de una Iglesia verdaderamente pobre (como fue el deseo de D. Helder y otros obispos que llevaron a cabo el Pacto de las Catacumbas durante el Concilio Vaticano II) fue bastante enfático:

Un gesto significativo sería la distribución inmediata a los pobres de todos los bienes eclesiásticos improductivos (tierras no cultivadas, edificios infrautilizados etc.). Este gesto no sería algo heroico, solo sería un gesto de justicia, porque, según la doctrina social de la Iglesia misma, la propiedad privada es ilegítima cuando no contribuye al bien común. Sería simplemente restaurar a los pobres lo que les pertenece ex justitia. Un gesto más significativo sería la distribución a los pobres de los bienes acumulados para capitalización [...]. Esto sería una señal [2].

Aquí ya había pruebas suficientes para llamarlo “comunista subversivo”. También somos de la opinión de que el documento ha influido, no en todos sus requisitos, en el pacto asumido por 48 obispos (en una especie de “Pacto de Catacumbas de Brasil”) durante la IX Asamblea General de CNBB (julio/1968). Las hojas que recogieron las firmas tenían un texto con el siguiente contenido:

En línea con el espíritu del Vaticano II, que presenta, según el Evangelio, la imagen de una Iglesia pobre y servidora, insertada entre la gente, como un signo efectivo de salvación, llevamos a la IX Asamblea General de Obispos de Brasil la siguiente propuesta: que renunciemos a nuestros títulos honoríficos de tratamiento de Eminencia y Excelencia, la expresión dominante de una era pasada y que seamos tratados normalmente como otros cristianos y de acuerdo con las costumbres locales (CNBB, Acta de la IX Asamblea General, 1968, p. 165-169).

Por esta razón, además de los diputados de Pernambuco, el diputado Carvalho Neto, líder del banco ARENA en la Asamblea Legislativa del exGuanabara (RJ), solicitó al presidente Costa e Silva que promoviera la

expulsión inmediata del P. Comblin y del presidente de la Asociación Católica de Guanabara, el sacerdote barnabite Vicente Adamo, porque eran elementos “que forman una pandilla que ha estado predicando la subversión y la intranquilidad en Brasil” [3].

Además, los sectores eclesiales más conservadores reaccionaron fuertemente. El movimiento integrador Tradición, Familia y Propiedad (TFP) realizó varias manifestaciones en São Paulo y Belo Horizonte. En Río de Janeiro, por ejemplo, veinte hombres se manifestaron frente a la Iglesia del Colégio Santo Inácio de los sacerdotes jesuitas. Con sus pancartas distribuyeron panfletos (un manifiesto escrito por su fundador Plínio Corrêa de Oliveira) contra Dom Helder y el P. Comblin [4].

El “Documento Comblin”, en cierto modo, alentó mucho al ala “más joven” o más “progresista” de la Iglesia, y esto comenzó a manifestarse con más vehemencia, especialmente participando en manifestaciones promovidas por el movimiento estudiantil.

De hecho, desde 1967, las manifestaciones estudiantiles fueron la forma más importante de oposición por parte de la sociedad al régimen militar, agregando más y más manifestantes por evento y reflejando la creciente insatisfacción con la dictadura. La más grande y significativa de todas fue la caminata “Cem Mil”. El 26 de junio de 1968, aproximadamente cien mil personas salieron a las calles del centro de Río de Janeiro para protestar por la opresión y la violencia que dominaron la sociedad brasileña de la época.

Según Vladimir Palmeira, uno de los protagonistas de esa gran manifestación, recuerda que sacerdotes y monjas se reunieron en un ala grande, llevando pancartas con las palabras “Silenciar a nuestros jóvenes es violar nuestras conciencias” y repetir eslóganes como “La Iglesia quiere justicia”, “Libertad para los prisioneros”, “Los estudiantes tienen razón”. Entre los participantes se encontraban el obispo auxiliar y el vicario general de Río, Dom Castro Pinto, el cardenal Dom Jaime Câmara, el padre Vicente Adamo, representantes de los colegios de San Vicente de Paulo, San Agustín, Sion, Zacarias, miembros de la Orden de los Lázaros, además de las madres y hermanas Vicentinas, Ursolinas y Marianas [5].

Es por eso que, en esa segunda mitad de 1968, las autoridades militares comenzaron a perseguir líderes estudiantiles, políticos y artistas, así como sacerdotes, religiosos y laicos, críticos con el régimen.

Ante el aumento de los niveles de violencia (ya sea por parte del gobierno o de grupos de resistencia armados), D. Helder Camara propuso una “Revolución dentro de la paz” (CAMARA, 1968) mediante la formación de un “movimiento de opinión pública”, utilizando la “fuerza de ideas” y “presiones democráticas”, en oposición directa a la opción de lucha armada, conducirían a una transformación de las “estructuras” sociales. Este movimiento fue llamado por él “Presión Moral de Liberación”[6].

El periódico “A Tribuna” (Santos/SP), del 22 y 23/08/1968 informó el lanzamiento del movimiento en la ciudad por D. David Picão y que recibió el apoyo de los concejales locales y el Centro de Estudiantes de Santos. Un gesto concreto de esta “presión moral liberadora” fue la manifestación de unos 100 sacerdotes y monjas, que salieron de la Catedral Metropolitana de Rio de Janeiro hacia la Rua 1º de Março, con pancartas y signos de protestas contra la expulsión del sacerdote-trabajador francés Pierre Vauthier, que había participado en la huelga de trabajadores en Osasco (SP) a mediados de ese año. La manifestación duró 10 minutos y todos guardaron silencio. El mismo acto ya había tenido lugar en São Paulo y Porto Alegre. Se distribuyó un manifiesto con el título “Por qué estamos en las calles”. Una de las pancartas decía “Fuimos expulsados de nuestra misión junto al pueblo”[7].

De hecho, el movimiento fue legitimado durante la IX Asamblea General de la CNBB (julio/1968), donde recibió el apoyo de 43 obispos (alrededor del 25% del total de 174 obispos participantes). El lanzamiento estaba programado para el centenario del nacimiento de Gandhi (10/02/1968) con la expectativa de que sucediera en 40 ciudades de todo Brasil. Además, estaban anticipando otras dos manifestaciones: el Día de los Muertos (02/11) para una celebración de los “Mártires de la Libertad” y el 10/12 para la celebración del vigésimo año de la Declaración Universal de Derechos Humanos [8].

Sin embargo, durante la Conferencia de Medellín, D. Helder tomó su proyecto, con el deseo de expandirlo por todo el continente latinoamericano

y lo presentó en una reunión informal con algunos obispos, sacerdotes, religiosos, laicos y observadores evangélicos. El grupo no estaba muy satisfecho con el nombre del movimiento, ya que lo encontró “imperfecto y provisional” y se volvió “urgente adoptar un nombre más positivo y más amplio”. Por esta razón, el movimiento “Presión de Liberación Moral” pasó a llamarse “Acción de Justicia y Paz”, “un movimiento vigilante y decidido para trabajar por la paz, haciendo justicia en América Latina”[9].

El 13 de diciembre de 1968, el gobierno emitió el AI-5, un acto institucional que puso fin definitivamente a las libertades individuales y reprimió violentamente todo acto de sumisión contra la dictadura. Esto golpeó duramente a la Iglesia y a sus miembros[10].

Simultáneamente a todos estos eventos de 1968, los mercedarios en Brasil celebraron su 750º aniversario. En Río de Janeiro, dos momentos ocurrieron dos solemnidades cívico-religiosas. La primera fue una misa celebrada en la iglesia de Ramos, por los sacerdotes de Río y Sao Paulo, con el cardenal D. Jaime de Barros Camara, obispos auxiliares, obispos vicarios. Además de ellos, autoridades civiles, embajador y cónsul de España en Brasil, hermanas Mercedárias, Ordenes Terceras, comunidades parroquiales de Ramos, Paqueta, Pavuna, Guadalupe y gran presencia de creyentes.

Además de esto, otro fue descrito por el diputado Edson Teixeira Guimarães (ARENA), de la Asamblea Legislativa de Río de Janeiro el 22/09:

En el pasado 22, el Colégio Pio XII, fundado en 1951, celebró el 750º aniversario de su fundación de la Orden de los Padres Mercedarios, que dirige el Colegio, hicieron una hermosa parada, señor presidente, en Av. Brasil, en Guadalupe. Más de 20.000 personas aplaudieron el entusiasmo y la elegancia con que desfilaron los estudiantes en el Colegio Pio XII.

Señor Presidente, fue un desfile digno de ser visto por toda la población del estado de Guanabara, porque reflejaba la educación y la orientación saludable que esa Colegio brinda a sus estudiantes. Como representante del pueblo y especialmente como representante de esa

región, felicito al p. Luís Barrero, p. Adolfo Estévez y el p. Alonso Álvarez. (Diario de la Asamblea Legislativa del 1-10-1968)[11].

Para María Carmelita de Freitas, desde el punto de vista de la Planificación Pastoral, los textos de Medellín solo se integraron de manera lenta y fragmentada desde 1970, cuando se elaboraron los Planes Bienales de Organismos Nacionales y cuando, en 1974, se elaboraron las Directrices de Acción Pastoral para el cuatrienio 1975-1979. Se puede decir que la influencia de Medellín llega a las bases eclesiales a través de la Planificación, pero, según ella, también “llega decisivamente de otras maneras”. Estos caminos fueron el de la confrontación política: confrontación con la dinámica de la “historia”.

La experiencia de la persecución y la evidencia de las “desviaciones” del régimen eran necesarias para que la Iglesia, en todos sus sectores, actuara. Después de las dudas de los primeros años, la Iglesia tuvo que elegir entre la “prudencia” de la sumisión no confesada y los riesgos impredecibles de la “resistencia profética”.

Involucrada sin retorno en la dinámica de los acontecimientos de aquellos años entre Medellín (1968) y Puebla (1979), la Iglesia aprendió el difícil lenguaje del Espíritu y de la libertad evangélica. Con la elección decidida de una Iglesia que se entiende cada vez más desde la base y no desde el poder (o desde las relaciones con el Estado), esta conciencia progresiva se produjo por el contacto inmediato y persistente con el sufrimiento real de las personas, en sus manifestaciones múltiples.

Al optar por la “resistencia” (y por la recuperación de la libertad del Evangelio), la Iglesia perdió su inmunidad (censura, difamación, supervisión, tortura, cárceles etc.) y dejó de ser un refugio seguro. De hecho, el peligro no estaba en la Iglesia ni en su actividad política. La naturaleza muy explosiva de la sociedad brasileña, cuando se enfrenta con un cristianismo libre y más evangélico, le dio a la actuación profética de la Iglesia un carácter directamente político.

Medellín, de hecho, fue el “instigador” de las opciones pastorales de resistencia al régimen, y la Conferencia de Puebla (1979) recibiría todo este caldo socio-eclesial. Ha llegado el momento de contar mejor esta historia.

Aquí haremos uso de un estudio detallado preparado por el Centro Ecuménico de Documentación e Información (CEDI), en Río de Janeiro, en diciembre de 1978. Este trabajo fue solicitado por D. Paulo Evaristo Arns, arzobispo de São Paulo, y por D. Tomás Balduino, obispo de Goiás (GO).

Con el título “Represión en la Iglesia en Brasil: un reflejo de una situación de opresión (1968/1978)”[12], el documento tenía el objetivo central de analizar el tema de los Derechos Humanos en América Latina, pero al señalar la difícil y extensa tarea, los autores decidieron centrarse exclusivamente en Brasil.

La situación de las violaciones de los derechos humanos, en esa década, en los diferentes países de América Latina, había impresionado y sensibilizado a muchos sectores de la sociedad, ya que el grado de violencia alcanzó un nivel tan alto que se había hecho “imposible ignorarlo o incluso dejar de hacerlo tomar medidas ante las muertes, los secuestros, la tortura y la desaparición de tantas personas “. Y uno de estos sectores sensibilizados fue la Iglesia, “que comenzó a constituirse como fuente que denuncia estas violaciones tan graves”.

Sin embargo, los autores del expediente eran plenamente conscientes de los límites de ese trabajo de investigación “debido a la situación de la censura, auto- censura, la dispersión de los datos, inexactitudes, falta de documentación relativa a los hechos que ocurren en lugares más distantes...”. Por esta razón, adoptaron como criterio metodológico enfocarse en “fuentes más seguras” (documentos oficiales), buscar los mismos hechos en diferentes fuentes para poder completar la información y no mencionar los nombres de aquellos involucrados en los hechos reportados. evitar que se permitan “nuevas persecuciones”.

Tomando como referencia el documento final de la Asamblea General de la CNBB. Desde abril de 1978, los autores presentan las “razones estructurales” para la violación de los derechos humanos en América Latina: exacerbación de los conflictos opresivos y oprimidos, debido a una situación de marcada inequidad social; la injusticia en la posesión y uso de la tierra que también afectó a las poblaciones indígenas; la distribución desigual de los

alquileres; posesión de los medios de producción concentrados en manos de “grupos poderosos o el Estado”; creciente dominio de las multinacionales; el aumento de las periferias urbanas debido a la migración a través del éxodo rural; y el surgimiento de regímenes militaristas apoyados por la Doctrina de Seguridad Nacional.

En este último punto, para el equipo de CEDI, el concepto de “guerra total”, insertado en la Doctrina de Seguridad Nacional, favorecía la seguridad de la inversión y garantizaba ganancias, ya que cualquier crítica o desafío al Estado se consideraba un arma de “enemigos del régimen” y sus autores, individuos o instituciones, fueron considerados subversivos y sujetos a represión.

Sin embargo, con la crisis económica que comenzó en 1973 y que afectó el “milagro económico brasileño” que sirvió de modelo para el militarismo latinoamericano, comenzó a mostrar síntomas alarmantes que empeorarían con la crisis del petróleo. Con el mercado en fuerte contracción, el modelo para el desarrollo de regímenes militares no hizo más que agravar la crisis internacional.

Fue en este contexto que Estados Unidos revisó sus relaciones con el militarismo latinoamericano y concluyó que deberían retirar todo el apoyo de los regímenes militares de tal manera que en el corto plazo el poder pasara a manos civiles. Esto se debe a que la crisis económica mundial exigió que los mercados internos se alentaran tanto como sea posible, permitiendo que los sectores más vulnerables tengan un mayor poder adquisitivo.

Obviamente, este “plan” no quería cambios estructurales profundos, ni regímenes donde los intereses de los trabajadores fueran dominantes. Bajo la bandera de los Derechos Humanos, los países centrales del capitalismo querían “liberalizar” ciertas situaciones políticas muy duras y, por lo tanto, hacer posibles “democracias relativas”.

Así, frente a ese “nuevo contexto” (no del todo humano, sino más bien económico) y con la conciencia de la Iglesia “y de los propios trabajadores”, el tema de los Derechos Humanos llegó a ser visto desde otras perspectivas.

A partir de entonces, el dossier se centra en la “represión y opresión” de la Iglesia en Brasil. El documento llama la atención sobre el hecho de que en el período comprendido entre 1970 y 1975, que tuvo su apogeo en 1974, hubo “un vacío de registros”. Esto se debió, según el equipo del CEDI, a un aumento de la censura en el período, así como a un cambio en la estrategia de represión. En otras palabras, en este momento no era posible transmitir públicamente noticias de ataques contra miembros de la Iglesia, ni era posible mencionar el arresto de sacerdotes y laicos. Sin embargo, fue en este período que fue posible notar, con mayor incidencia “muertos y desaparecidos” en la sociedad brasileña en su conjunto.

El equipo de CEDI creó una tipología de las agresiones sufridas por la Iglesia en Brasil en esos diez años: ataques difamatorios, invasiones, arrestos, torturas, muertes, secuestros, procesos, citaciones, expulsiones, censuras, prohibiciones y falsificaciones.

Presentaremos los datos de algunos de estos tipos. La encuesta realizada sobre ataques difamatorios demostró el tono en el que se hizo referencia a la Iglesia o al pueblo de la Iglesia (obispos, sacerdotes, religiosos, laicos), tradicionalmente venerados, que fueron atacados brutalmente mediante el uso de adjetivos como “subversivo”, “comunista”, “agitador”, “insuflador”, “marxista”, “clandestino”, con el propósito de denigrar la acción que muchos desarrollaron con los grupos sociales más empobrecidos.

Entre los muchos ejemplos enumerados en el dossier, destacamos que algunas agencias de prensa se refieren a sacerdotes extranjeros encarcelados, en los siguientes términos:

Se sabe que los sacerdotes fueron arrestados porque abandonaron la predicación del evangelio para dedicarse a la predicación política, a la organización de la subversión y a los movimientos armados de guerrilla, para derrocar al régimen.

En cuanto al tipo de invasiones, CEDI se subdivide en: invasiones de Iglesias; sede Episcopal, Curias, oficinas de CNBB; de residencias; casas parroquiales; sede pastoral; centros de trabajo; áreas de prelatura y misiones; zonas de pastoreo; sede de movimientos cristianos; Universidades Católicas;

varios servicios; Reuniones Sobre las invasiones en los movimientos de “Trabajadores Católicos”, describen lo siguiente:

Sede de JOC, São Paulo, que fue cerrada, 1968; Sede de ACO en Recife, 1969; la sede de JOC Internacional en 1970; La sede de ACO en Recife, en 1973 y 1977, cuando confiscaron libros, documentos, revistas, correspondencia del movimiento y, en particular, prohibieron el teléfono y detuvieron al asistente eclesiástico en su oficina.

En diez años, 122 detenciones de miembros de la Iglesia fueron hechas, distribuidos de la siguiente manera: 09 obispos, 84 sacerdotes, 13 seminaristas/hermanos y 06 monjas. De estos, 36 eran extranjeros.

Sin embargo, el número de cristianos dedicados al trabajo pastoral que fueron arrestados fue de 273. La mayoría de ellos eran campesinos, seguidos por un número significativo de trabajadores, agentes pastorales (catequistas, jóvenes...) y otros (miembros de la JOC, ACO, Justicia y Paz, Frente Nacional del Trabajo, Movimiento Familiar Cristiano, abogados en materia laboral).

Aun así, en este mismo período, hay un claro avance de la resistencia popular contra la Dictadura, que está perdiendo fuerza, principalmente gracias al aumento de la resistencia liderada por los movimientos sindicales y por segmentos de la “Iglesia en la Base”. Incluso, contando con el apoyo decisivo de la CNBB, que, en 1977, lanzó su valiente documento “Demandas cristianas de un orden político”. Gracias también a la oposición generalizada, especialmente durante el período del general Figueiredo. Por otro lado, los movimientos populares y otras organizaciones de base en nuestra sociedad avanzando, culminando, aún en este año de 1979, con la aparición del Movimiento Pro PT, en el caso de Brasil.

La “Iglesia en la Base” no deja de ampliar su papel, principalmente de Pastorales Sociales (CIMI, CPT, CPO, PJMP, CDDHs, Comisión de Justicia y Paz, entre otros). Aún dentro del alcance de la Iglesia Católica, el trauma de la muerte del Papa Pablo VI se hizo eco, en el año anterior al comienzo de la conferencia de Puebla, ya que él era reconocido por su decisivo apoyo a las iniciativas de la Iglesia en la Base, principalmente por intermedio de

los obispos-profetas. En este sentido, su declaración, dirigida a la Dictadura Civil-Militar de Brasil y sus cómplices que persiguieron a Dom Pedro Casaldáliga, en su apoyo pastoral a los pueblos indígenas y campesinos en la región de Araguaia, sería famosa: “Quien se mete con Pedro, se mete con Pablo “.

En la esfera eclesial más directa, la celebración de la II Conferencia Episcopal Latinoamericana en Medellín, representó un verdadero Pentecostés en la Iglesia Católica Romana, especialmente en relación con América Latina y el Caribe. Fue mucho más allá de lo que sus protagonistas esperaban, que se contentaría con ser una aplicación a nivel del continente de las decisiones tomadas por el Concilio Vaticano II. Significó una refundación de la Iglesia Latinoamericana, al darle su propia cara, un papel profético sin precedentes, por parte de un grupo significativo de su episcopado, comprometido con la causa liberadora de su pueblo: tradicional, indígena, pueblo de afrodescendientes, jóvenes, campesinos, trabajadores, mujeres. El tema trabajado “La Iglesia en la transformación actual de América Latina a la luz del Concilio Vaticano II” - fue un llamamiento sugerente en vista de los desafíos y su compromiso. Sus dieciséis temas incluidos en el Documento Final también hablaban fuertemente sobre esto. Entre los temas clave estaban: Justicia, Pobreza, Paz, Familia, Educación, Laicos y Laicas, Comunicación, Colegialidad etc. Más que el evento en sí, el compromiso de sus protagonistas habló fuertemente, de hacer eco tanto en el continente como en todo el mundo de los gritos de los pobres, por medio de la “opción por los pobres”. En este sentido, es importante resaltar los significativos avances realizados por las más diversas formas de organización eclesial, especialmente con la ayuda de Pastorales Sociales, servicios importantes, asociaciones y movimientos laicos. De hecho, después de Medellín, especialmente a lo largo de la década de 1970, logró resonar en todo el mundo, en los continentes más diferentes, mensajes fuertes en busca de una amplia reforma de la Iglesia Católica Romana, principalmente en su misión profética de compromiso con la causa de los oprimidos. Especialmente desde Medellín, van ganando terreno, CIMI, CEB, CPT, CPO, PJMP, PCI, Teología de la Liberación, CEBI, Centros de Defensa de Derechos Humanos, la Comisión de Justicia y Paz y otras organizaciones reconocidas.

El legado de Medellín, por lo tanto, va mucho más allá del año en que se celebró la Conferencia. Marca, de manera emblemática, el impetuoso esfuerzo de renovación eclesial, especialmente con respecto a su voz profética que hará eco y perturbará a las fuerzas conservadoras, dentro y fuera de los espacios eclesiales, de tal manera que, años más tarde, las fuerzas conservadoras de la Iglesia Católica Romana, junto con las fuerzas de las grandes potencias, Estados Unidos en el frente, trató de articular, en el plan eclesiástico y político, estrategias vigorosas de combate, presionando al Vaticano para contener tal ola de renovación, que amenazó el orden actual.

Poco después, aún bajo el efecto de los logros obtenidos en la Conferencia de Medellín, la III Conferencia Episcopal Latinoamericana se organizó en 1979 en la ciudad de Puebla (México), lo que reafirma los compromisos de Medellín de una manera muy convincente, incluso dada la calidad de la intervención mediadora de asesores calificados con el grupo más profético de obispos que participaron en esa conferencia. En su introducción, el documento final señala los aspectos relevantes tratados en la conferencia, de la que destacamos el siguiente fragmento (de la Introducción):

¿Cómo actuar pastoralmente en América Latina, en total fidelidad al Evangelio? ¿Cuáles son los criterios y las pautas para una verdadera y auténtica evangelización para América Latina? ¿Cuáles deben ser las opciones pastorales fundamentales para que el Evangelio sea un evento actual y presente, con toda su vitalidad y fortaleza originales? [...]. Es necesario pensar en la construcción de una nueva realidad, de una inserción evangélica en la nueva sociedad que aparece en América Latina muy estrechamente vinculada a las personas del mundo hoy y mañana. Se trata de buscar el camino para que el Evangelio, a través del testimonio de nuestra vida y su proclamación siempre nueva, sea luz, levadura, sal, agua viva para los pueblos de nuestro continente. [...]. Tal posición en nuestra historia concreta nos hará sensibles a la vitalidad de nuestras Iglesias y a un conjunto de problemas. En el presente de nuestras Iglesias se percibe una nueva vitalidad; la sed de Dios y su búsqueda en oración y contemplación; la colegialidad episcopal cada vez más experimentada; el gran desarrollo de pequeñas comunidades

eclesiales en comunión con la jerarquía; los nuevos ministerios; una vida de fe más profunda por parte de muchos jóvenes; la intensa acción pastoral de religiosos y religiosas, especialmente la creciente inserción comunitaria en las zonas más pobres; planificación pastoral en su proceso de participación, en todos los niveles, de comunidades y personas interesadas, educándolas en y para una metodología de análisis de la realidad y reflexión de la misma basada en el Evangelio, los objetivos y medios más adecuados y su uso más racional para acción pastoral; la presencia cada vez mayor de obispos entre la gente; creciente libertad del brazo secular; Una conciencia más aguda de los laicos en cuanto a su identidad y misión eclesial.

Como puede verse, Puebla, no sólo asume los compromisos de Medellín como los actualiza, al igual que lo que sucede en su admirable esfuerzo para sintetizar los objetivos prioritarios que merecen su atención, es decir, ¿quiénes eran los pobres, en particular, por los cuales la Iglesia Latinoamericana hizo su elección? Aquí hay una lista muy representativa de sus rostros:

Al analizar esta situación con mayor profundidad, encontramos que esta pobreza no es un paso casual, sino el producto de ciertas situaciones y estructuras económicas, sociales y políticas, aunque también hay otras causas de miseria. La situación interna de nuestros países encuentra, en muchos casos, su origen y apoyo en mecanismos que, debido a que están impregnados no de un humanismo auténtico, sino de materialismo, producen, a nivel internacional, personas cada vez más ricas a expensas de personas cada vez más pobres. pobre. Esta situación de extrema pobreza generalizada adquiere, en realidad, características muy específicas, en las que debemos reconocer las características de sufrimiento de Cristo, el Señor (que nos cuestiona y desafía) ; 32. - las características de los niños, afectados por la pobreza incluso antes del nacimiento, impiden su realización, debido a deficiencias mentales y corporales irreparables, que los acompañarán durante toda su vida; niños abandonados y a menudo explotados de nuestras ciudades, resultado de la pobreza y la desorganización moral de la familia; 33 - Características de los jóvenes, desorientados

por no encontrar su lugar en la sociedad y frustrados, especialmente en las zonas rurales y urbanas marginadas, debido a la falta de oportunidades de formación y ocupación; 34. - Característica indígena y con frecuencia también de los afroamericanos, que, viviendo en situaciones inhumanas y segregados, puede ser considerado como el más pobre de los pobres. 35. - características de los campesinos, que, como grupo social, viven relegados en casi todo nuestro continente, sin tierra, en una situación de dependencia interna y externa, sometidos a sistemas comerciales que los engañan y explotan; 36 - características de los trabajadores con frecuencia mal pagados, a quienes les resulta difícil organizarse y defender sus derechos; 37. - características de los subempleados y desempleados, rechazados por las duras demandas de las crisis económicas y, a menudo, de modelos de desarrollo que someten a los trabajadores y sus familias a cálculos económicos fríos; 38. - características de los marginados y abarrotados en nuestras ciudades, que sufren el doble impacto de la falta de bienes materiales y la ostentación de la riqueza de otros sectores sociales; 39 - características de los ancianos cada día más personas, frecuentemente relegadas a los márgenes del progreso de la sociedad, que dispensa a las personas que no producen.

Tenga en cuenta la profunda afinidad de las propuestas y los valores asumidos en estas dos conferencias, que consideramos lo más llamativo, con respecto al compromiso evangélico con la causa liberadora de los empobrecidos, que ha ido mucho más allá de lo que lograron las Conferencias posteriores (la de Santo Domingo, en 1992, y Aparecida, en 2007), porque este último tuvo lugar bajo los pontificados de Juan Pablo II y Benedicto XVI (el de Puebla, aunque ya con la presencia de Juan Pablo II, ya estaba en marcha).

Rememora aspectos centrales de las conferencias de Medellín y Puebla, que se quedan con el reto de actualización, consideran nuevos e importantes retos que nos rodean, en este momento presente. Por eso, en el siguiente ítem, nos encargamos de plantear preguntas sobre estos desafíos, dentro y fuera de los espacios eclesiales.

¿Qué lecciones se pueden aprender de Medellín y Puebla, en vista de una confrontación exitosa de grandes desafíos socio-eclesiales en la actualidad?

¿Qué tienen que decir hoy Medellín y Puebla a las prácticas pastorales de los mercedarios en nuestro continente?

La chispa profética de Medellín y Puebla continúa inspirando y moviendo agentes y acciones libertarias, hoy, principalmente, o casi solo, en las “corrientes subterráneas” de nuestra sociedad y nuestras Iglesias. En aguas superficiales, es casi imposible notar su acción. ¿Cómo, entonces, reavivar cada vez más las chispas de Medellín y Puebla, en lo que tienen que ver con los desafíos de hoy?

¿Cómo ingresar a las “aguas profundas” en las “periferias del cautiverio” en América Latina?

Quizás más en términos de su contenido, ¿no es principalmente en el método que siguen que tenemos más para aprender de ellos?

La metodología experimentada por esas conferencias es efectiva:

- Examine cuidadosamente la realidad social y eclesial, en su movimiento dinámico, en sus enfrentamientos históricos, en la profunda interconexión de sus elementos, relacionados con una diversidad de campos del conocimiento, como un conocimiento (en la perspectiva de “Interculturalidad” o, en términos de Francisco, actual obispo de Roma, “Cultura do Encontro”), el primer momento que se ofrece a cualquiera que quiera ayudar a transformar la realidad. Ante tantas ideas falsas reiteradas en las lecturas de la realidad de hoy, ¿no es el caso de una mejor recopilación de las lecciones de Medellín y Puebla? Ante las trampas de hoy, bajo los auspicios de una era “post- verdad”, de incredulidad en los datos científicos, de las noticias falsas, ¿cómo “ver” la realidad histórica en la que estamos insertos?
- ¿Cómo hemos ejercido la confrontación entre la comprensión de la realidad y los criterios referenciales propuestos por la práctica de

Jesús (Juzgar)? ¿Cómo nos desafía el Evangelio cuando “juzgamos” la realidad?

- Y, sobre todo, desde el punto de vista de la acción, la intervención en nuestra realidad, con algunas excepciones recogidas principalmente en las “corrientes subterráneas”, ¿cómo retomar el trabajo de base en el nuevo estilo, es decir, con los ojos y el corazón puestos en los nuevos desafíos enfrentados hoy?

El aprendizaje de naturaleza metodológica solo tiene sentido si nos ayuda concretamente a (re)asumir temas candentes, antiguos y nuevos, que también estuvieron presentes en Medellín y Puebla, y que hoy continúan desafiándonos: ¿qué temas priorizar hoy?

Actualizando grandes preguntas que luego se enfrentaron, y que se han convertido en documentos emblemáticos como *Gaudium et Spes*, el *Populorum Progressio*, el Manifiesto escrito por obispos y superiores religiosos del Noreste, titulado “Oigo los gritos de mi pueblo” (1973); el Manifiesto de los Obispos del Medio Oeste, “La Iglesia del Medio Oeste en conflicto con el Latifundio” (1974); el documento de la CNBB, “Requisitos cristianos para un orden político” (1977); el documento CNBB de 1981 sobre el tema de la tierra en Brasil, que hace una distinción entre tierra de trabajo y tierra de negocios. Iniciativas de un profeta emblemático, totalmente en sintonía con el espíritu de Medellín y Puebla. ¿Cómo podemos reavivar estos compromisos hoy en las periferias del cautiverio?

CURRÍCULUM

Graduado (1987-1992) y máster en Historia por la Universidad de Brasilia (1992-1995). Doctor en Historia por la Universidad Federal de Goiás (2015). Es profesor, desde 2016, del Departamento de Historia de las Facultades Integradas UPIS (DF). Fue asesor en la CNBB (2005-2014). Fue investigador y coordinador del Centro “Memoria y Caminada de las Comunidades Eclesiales en Brasil” en la Universidad Católica de Brasilia (UCB).

NOTAS

1. *Correio da Manhã*. “El documento de Comblin sacude a los católicos”. RJ, 06/16/1968, primera sección, p. 18.
2. Idem.
3. *Correio da Manhã*. “Diputado quiere expulsar a los sacerdotes”. RJ, 06/19/1968, primera sección, p. 3. En la edición del 30/06/1968, en la cuarta sección de este mismo periódico (p. 6), el intelectual católico Antonio Carlos Villaça escribe un largo artículo titulado “Comblin: sociologia”, donde defiende el análisis de Sacerdote belga como texto totalmente “sociológico” y que no había nada subversivo.
4. *Correio da Manhã*. “Los periodistas defienden la Iglesia”. RJ, 07/02/1968, primera sección, p. 2.
5. Cf. fotos de las alas de los sacerdotes y monjas en la Caminata “Cem Mil” en la página de inicio de Vladimir Palmeira, líder estudiantil en 1968: http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.html.
6. CDI-CNBB, doc. No. 15894-2 (07429). Presión moral liberadora: qué es; cómo y cuándo apareció, cómo actuará; Programación de 1968; concretamente qué hacer (Elaborado y remitido por el Centro Coordinador de Presión Moral Libertadora - Recife - Pernambuco Brasil). Cuaderno nº 1 - 2º semestre de 1968, 6 pp.
7. Cf. *Jornal do Brasil*. RJ, 09/05/1968, portada y pág. 77.
8. CDI-CNBB, doc. No. 15894-2 (07429). Presión moral liberadora, p. 44.
9. CDI-CNBB, doc. No. 15894-6 (07433). Encontré el nombre que estábamos buscando. Cuaderno nº 5 - Elaborado y enviado por el Centro de Información de “Ação Justiça e Paz” - Recife Pernambuco - Brasil, septiembre de 1968, p. 1-2. De hecho, y siguiendo el calendario establecido, el 10/02/1968 se lanzó el

- movimiento “Justicia y Acción por la Paz” en São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), Barra do Pirai (RJ), Campina Grande (PB), Campinas (SP), Goiânia (GO), Manaus (AM) y João Pessoa (PB) según los recortes de periódico recopilados por el equipo de coordinación (CDI-CNBB, doc. N° 15894-1 [07428]).
10. Algunos ejemplos de esto: en marzo de 1969, el p. Antonio Henrique Pereira Neto, fue secuestrado, torturado y asesinado en Recife; Noviembre de 1969, la muerte del guerrillero Carlos Marighela y el arresto de varios religiosos dominicanos, incluidos Frei Betto y Frei Tito Alencar; Septiembre de 1970, agentes del DOPS y del 1er Ejército invaden la sede del Instituto Brasileño de Desarrollo Social (IBRADES) y arrestan a sacerdotes, laicos del JOC y el secretario general de la CNBB, D. Aloísio Lorscheider.
 11. Mercedarios en Brasil. RJ: Ed. Borsoi, 1968, p. 124
 12. El código de referencia para este documento en el Sistema Nacional de Información de Archivos (SIAN) es BR DFANBSB V8.MIC, GNC. AAA.79002560. El documento se imprime, sin indicación de páginas y gráficos / editor. Es el “Anexo” del Informe de Información No. 0519/19/AC/79 de la Agencia Central del Servicio Nacional de Información (SNI) del 19/10/1979. En la “conclusión” de la Información, se lee lo siguiente: “El documento, publicado con la aprobación de DOM PAULO EVARISTO ARNS, constituye un anuncio publicitario para el desempeño de una parte de la Iglesia Católica brasileña, comprometida en acciones de desafíos a lo establecido orden y que ganará fuerza con la acción de los exiliados en alianzas que les permitirán desafiar al régimen con mayor credibilidad” (fl.05).

LAS RECOLECCIONES DE LA REDENCIÓN

Fr. Fernando Henrique Marqués Brito, O. de M.

INTRODUCCIÓN

El propósito de nuestro taller es comprender la necesidad de actualizar el Arca de la Redención como una forma concreta de visibilidad de las Campañas Redentoras de la Orden por medio de la recolección de la redención. Considerando lo que hemos recibido como parte de la historia de nuestra Orden y las prácticas de recolección a lo largo de los ochocientos años de historia, vamos a hacer un camino contemplando cuatro momentos o cuatro temas. Después de una introducción a la situación de cautiverio en el tiempo de Nolasco y su generosa respuesta, veremos cómo la ayuda económica está presente en la Sagrada Escritura, especialmente en los escritos del Nuevo Testamento. En un segundo momento, comenzando por la Biblia, encontraremos el uso de bienes en el cuerpo legal de nuestra Orden; en el tercer momento, la recolección de redención a lo largo del tiempo será contemplada como una práctica mercedaria; y concluiremos en un cuarto momento evaluando la importancia de las recolecciones de redención.

En principio, cabe una palabra de aclaración. El trabajo que presentamos aquí no es como una palabra final, sino más bien como una ayuda para la reflexión y la conciencia de las mejoras y del compartir de los bienes a través de recolecciones redentoras. La falta de conclusión de este trabajo se debe a las limitaciones de la investigación, es decir, no teníamos acceso a la gran bibliografía que, por sus propias limitaciones, sabemos que existe y podría enriquecer aún más este trabajo. Además, queremos que esta pequeña presentación sirva como nuestra reflexión y abra los horizontes de nuestras prácticas en cada comunidad para comprender que por encima de los valores económicos están las personas que colaboran con ellos y que necesitan insertarse en esa misma red de amor que ya dura más de ocho siglos: la Merced.

PERSPECTIVA BÍBLICA - LAS RECOLECCIONES EN LA SAGRADA ESCRITURA

Desde el comienzo del cristianismo, los necesitados fueron el objetivo de la vivencia cristiana y recibían la ayuda de sus hermanos. Ciertamente, impulsado por las palabras del propio Cristo, quien dijo sobre la necesidad de vender sus bienes y dar limosnas (Lc. 12, 33a). Por el bien de la verdad, la limosna ya estaba presente en el pueblo de Israel como una ayuda para los necesitados. Al mismo tiempo, Cristo Jesús mismo hablaba a menudo sobre limosnas y ofrendas.

Para nosotros, a partir de la experiencia de las primeras comunidades del cristianismo, nos daremos cuenta de que la ayuda de los pobres y necesitados estaba presente como una forma de vivir compartiendo, siguiendo el precepto y la palabra de Cristo, tomando como ejemplo al Cristo mismo que se hizo pobre para enriquecernos.

Así, cuatro pasajes del Nuevo Testamento nos guiarán en este primer momento. Son: 1 Cor 15, 58-16, 7; 2 Cor 8, 1-9, 2; Rm 15, 25-31 y Fil 4, 10-19.

El personaje que habla en estas cuatro lecturas es el apóstol Pablo. Él nos inserta en lo que se convertirá en una práctica eclesial de organización de ayuda económica. En estas lecturas vemos la forma de hacer la recolección, la base y su base y fundamento, la necesidad de los hermanos, la alegría de compartir, el ejemplo que impulsa a otras comunidades, la búsqueda de la igualdad y también la alegría de ser ayudado.

Recorreremos cada uno de ellos para comprender qué podemos aprender o cómo podemos entender las recolecciones de redención de las recolecciones que se hicieron en las comunidades nacientes. Pero debemos diferenciar que estas recolecciones no eran diezmos. El diezmo bíblico era una institución para el sustento del templo y la familia sacerdotal de los levitas. La institución del diezmo bíblico se encuentra más claramente en los libros de Números (capítulo 18), que discute el sacerdocio de Aarón y los levitas que organizarán el servicio litúrgico y, como no habían recibido la herencia de la tierra, debían vivir de acuerdo con los diezmos dados por la gente al templo del Señor) y Deuteronomio (capítulo 14, que habla

de cosas que son puras para comer, inmundas y para evitar, así como los diezmos de todo lo que se ha producido para ser llevado al templo del Señor).

1Cor 15, 58-16, 7

Así pues, hermanos míos amados, manteneos firmes, incommovibles, progresando siempre en la obra del Señor, conscientes de que vuestro trabajo no es vano en el Señor. En cuanto a la colecta en favor de los santos, haced también vosotros tal como mandé a las Iglesias de Galacia. Cada primer día de la semana, cada uno de vosotros reserve en su casa lo que haya podido ahorrar, de modo que no se hagan las colectas cuando llegue yo. Cuando me halle ahí, enviaré a los que hayáis considerado dignos, acompañados de cartas, para que lleven a Jerusalén vuestra liberalidad. Y si vale la pena de que vaya también yo, irán conmigo. Iré donde vosotros después de haber atravesado Macedonia; pues por Macedonia pasaré. Tal vez me detenga entre vosotros y hasta pase ahí el invierno, para que vosotros me encaminéis adonde haya de ir. Pues no quiero ahora veros sólo de paso: espero estar algún tiempo entre vosotros, si así lo permite el Señor [2].

Las partes en negrita nos cuentan sobre la recolección, cómo hacerlo y cómo organizar la comunidad para que la recolección llegue a los necesitados. Se puede ver en esta lectura que hay una guía dada por el apóstol a las comunidades de Galacia. Significa que el sustento de los pobres era como una red de apoyo en el cual los hermanos de una comunidad podían ayudar a los hermanos de otra comunidad.

El símbolo de compartir no es dar lo que resta, sino lo que cada uno puede ahorrar. Significa que decir que era un compartir de lo que podría haberse gastado con uno mismo, que se había ahorrado en nombre de otros hermanos. Toda esta donación se entiende como participación en la obra del Señor o en la labor del Señor. Esto significa que el apóstol reconoce que el Señor actúa en misericordia y ayuda a los necesitados compartiendo generosamente de los que poseen.

Los cinco panes y los dos peces de antaño simbolizan el compartir de aquellos que tienen con los que no tienen nada, pero que experimentan las

mismas necesidades básicas, los frutos de la pobreza y la persecución que los cristianos sufrían. Los que serían contemplados con estas recolecciones eran los hermanos de la comunidad de Jerusalén. La recolección llegaría a la comunidad de Jerusalén por medio de los hermanos de la misma comunidad de Corinto que fueran elegidos para llevarla junto con una carta del apóstol.

Este primer gesto de compartir la solidaridad continuará y también se extenderá a otros hermanos y comunidades con el mismo gesto de misericordia hacia los necesitados. Así como el segundo pasaje bíblico que hemos elegido nos informa (2 Cor 8, 1-9, 2). En este pasaje, Pablo dice que Dios ha dado gracia a las comunidades de Macedonia. Tal gracia se uniría precisamente, incluso con su pobreza, en la generosidad de la ayuda a los hermanos.

Queriendo alentar aún más a la comunidad de los corintios, además de poner a disposición las comunidades de Macedonia, Pablo también recuerda otros dones de la comunidad, como la fe, la elocuencia, el sello y el afecto, y pide que también sean notables en las obras de caridad.

En esta caridad, el apóstol recuerda a Cristo mismo como un ejemplo y modelo, porque Cristo siendo rico se hizo pobre para enriquecernos. También recuerda la recolección hecha un año antes y que dicha recolección fue sugerida por la propia comunidad. ¡Recuerde que la ayuda no puede dejar a la comunidad en la pobreza y que aquellos que ayudan hoy pueden ser ayudados mañana! Mientras que el que en la lectura del evangelio produce muchos granos y agranda los graneros termina muriendo, el ejemplo para la comunidad es que nadie tenga necesidades, entendiendo que “El que cosechó mucho no le sobró; y el que poco cosechó no le faltó”. Porque el compartir estaba presente entre hermanos. Pablo finaliza este momento consciente y seguro de la disposición de los hermanos a compartir y concluye reafirmando que el ejemplo de los corintios también ha motivado a Acaya desde el año pasado.

Tales extractos de la experiencia de las primeras comunidades cristianas nos colocan completamente en lo que es la ayuda a los necesitados. Nadie

puede pasar por pruebas sin la ayuda de los hermanos. El tercer pasaje se encuentra en la carta a los Romanos (15, 25-31). En este fragmento de su carta, Pablo cuenta lo que está haciendo y sus deseos. Él dice que está recurriendo a la comunidad de Jerusalén para ayudar a los hermanos. Tal ayuda es la recolección que los hermanos de Macedonia y Acaya hicieron para la comunidad que estaba viviendo la pobreza.

Él recuerda que compartir no se trata solo de bienes materiales, sino también de bienes espirituales. Es decir, mientras los hermanos de Jerusalén comparten los bienes espirituales con los macedonios, estos comparten los bienes materiales con ellos. El deseo de Pablo después de entregar personalmente la recolección a los hermanos de Jerusalén es pasar por Roma y España. En caridad, el apóstol pide que los hermanos de Roma se unan a él en combate y oración.

Finalmente, nuestro último pasaje bíblico nos informa de la ayuda brindada al apóstol mismo. En la carta a los Filipenses (4, 10-19), Pablo nos recuerda que una cosa es desear ayudar y otra es la ayuda en sí misma. El deseo de ayudar necesita encontrar la oportunidad de ayuda. Él recuerda que, al comienzo de su ministerio, ninguna comunidad, aparte de los filipenses, quería compartir nada con él.

Pone a cargo de los filipenses la ayuda que recibió dos veces de esta comunidad cuando estuvo en Tesalónica. El apóstol ve la ayuda como un dulce aroma, como un sacrificio que agrada a Dios y termina orando para que Dios provea la gloria de Cristo en las necesidades de la comunidad.

Con esto, queríamos mostrar que las recolecciones son parte del compartir de quién posee con los que necesitan ser ayudados y acudidos. Al mismo tiempo, queríamos colocar como marco de tiempo la institución de esta ayuda dentro de la experiencia de las comunidades cristianas que compartían los bienes que tenían: espirituales y materiales para fortalecer nuestra conciencia de la necesidad de compartir con los cautivos que sufren hoy y también necesitan ayuda. El surgimiento de estas recolecciones está bien circunscrito: la necesidad y la pobreza que la comunidad de Jerusalén estaba experimentando.

A diferencia de esta realidad, está la persecución que experimentan los cristianos incluso en el siglo IV. Con respecto a esto, tenemos un hermoso testimonio de San Ambrosio que habla de la liberalidad para ayudar a los cautivos, a los cristianos que están encarcelados y que necesitan ser liberados y su liberación debe ser comprada.

En estos términos, San Ambrosio se refiere:

Una vez fuimos criticados porque vendimos los vasos sagrados para redimir a los cautivos; ¿quién puede ser tan duro, tan inhumano, tan cruel, que le sea desagradable liberar a un hombre de la muerte, a una mujer del abuso de los bárbaros, más doloroso que la muerte, chicas, adolescentes y niños del contagio de la infidelidad, a la cual era inducida por el miedo a la muerte?

Incluso cuando teníamos buenas razones para hacerlo, nos aseguramos de que la gente supiera y entendiera que es mucho mejor proteger las almas para el Señor que el oro: porque envió a los apóstoles sin oro, reunió las iglesias sin oro.

Un día el Señor dirá, ¿por qué ha permitido que tanta gente pobre muera de hambre? Tenía oro: tenía que ofrecerles comida. ¿Cómo se pusieron a la venta tantos cautivos y porque no fueron rescatados, fueron asesinados por el enemigo? Hubiera sido mejor salvar a los hijos de Dios que los recipientes de metal [3].

San Ambrosio nos informa en su texto que hubo cristianos que fueron encarcelados y necesitaban liberación; ¡que necesitaban a alguien que los ayudara! ¡La idea que tiene el santo es precisamente vender los vasos sagrados, es decir, los objetos utilizados en la liturgia! ¿Cómo puede permitirlo? Porque entiende que lo que más importa son las personas, no los objetos. En el lenguaje del Papa Francisco, San Ambrosio no descartó a los necesitados [4], sino que los ayudó al hacernos comprender que lo más importante era proteger las almas.

Si, por un lado, el Santo nos cuenta sobre la venta de los objetos sagrados para liberar a los cautivos, comprometiendo así los bienes de la

iglesia a la redención; ¡por otro lado, nos informa que fue criticado por hacer un trabajo tan caritativo! Es cierto que el celo por las cosas de la casa del Señor y por los objetos litúrgicos a menudo supera el celo por el Cristo que está presente en cautiverio.

Siempre y cuando seamos una iglesia con la misma mentalidad que los apóstoles antes de la multiplicación de los panes, es decir, siempre que seamos una iglesia que haya despedido a las multitudes porque la comida que tenemos es escasa y solo para pocos en la iglesia: nunca seremos una iglesia samaritana que dé su pobreza ayudando a los cautivos, los necesitados, los caídos en los rincones de la vida.

San Ambrosio no lo hace de todos modos. ¡Él no compromete los vasos sagrados por avaricia, sino que hace que la comunidad se dé cuenta de lo que es correcto en el Señor! Por lo tanto, informa a la comunidad de la necesidad de comprender dónde estaban siendo dedicados los objetos de la Iglesia. Preguntémonos: ¿estamos informados sobre las campañas de redención? ¿Sabemos que somos parte de una familia que tiene una hermosa misión para liberar a los cautivos hoy? ¿Entendemos las limitaciones y necesidades de los demás? ¿Hemos llegado a comprender el uso de los bienes? Este será nuestro próximo tema.

EL USO DE BIENES

Hace poco mencionamos la parábola del buen samaritano. Ciertamente, todos la conocemos. Un hombre que está en el camino ve al otro que yace muerto en el suelo. Él se interesa en el que está caído y termina enseñándonos sobre el uso de los bienes. Inicialmente podemos preguntarnos: todo lo que tenemos, ¿sabemos cómo usarlo bien? ¿O estamos juntando oro para que otros se peleen después de nuestra partida?

Ese samaritano compromete no solo su dinero, sino también sus bienes, su sabiduría, su transporte, su tiempo; en una palabra, ¡se compromete a sí mismo! Tan pronto como lo ve, dedica su tiempo, se preocupa, detiene su viaje, toma una ruta diferente y se dirige a un albergue. El que estaba caído no podía moverse, por lo que se lo puso en su propio transporte, lo que significa que quien estaba en el suelo ahora es conducido por el animal

y lo que estaba en el animal ahora camina como un esclavo que conduce a su amo.

El samaritano dedica su sabiduría, ya que sus actitudes muestran que comprende los procedimientos de curación: vierte el vino para purificar y vierte el aceite de oliva para proteger. El vino y el aceite también son sus bienes, y los confía a quien lo necesita. No retiene vino ni aceite, sino que los pone al servicio de este enfermo. Además, promete su dinero, porque en el albergue le da una moneda de plata e incluso indica que lo que gaste, más tarde pagará. Finalmente, se compromete porque se ha puesto al servicio de los necesitados; Puso sus energías, sabiduría, bienes, tiempo, transporte al servicio del que estaba caído. ¿Cómo mirar todas estas actitudes del buen samaritano? Solo a través de la parábola de los talentos.

En la parábola de los talentos, el jefe otorga algunos talentos a sus empleados y se va a una tierra lejana con la esperanza de que sus empleados manejen bien los talentos que ha distribuido. El que fue tacaño con los talentos que recibió los ocultó. Cavó un hoyo, arrojó el talento allí, y aún usó la severidad de su amo como una excusa.

Por el contrario, aquel que tenía actitudes como las del samaritano puso en riesgo sus talentos, pero los hizo multiplicarse. No permitió que los talentos fueran enterrados en la tierra, pero trabajó para multiplicarlos, para que pudiera asistir a la fiesta de la vida. En varios otros pasajes, Jesús nos muestra que la vida y los bienes que obtenemos deben ser compartidos; no son para la codicia, sino para compartir.

Por lo tanto, podemos decir que el uso correcto de los bienes está orientado a compartir. De lo que uno tiene, como en el caso de la multiplicación de los panes, uno puede satisfacer a muchos; o como en los ejemplos de las recolecciones de Pablo que animaban a otras comunidades a compartir también, porque el ejemplo toca profundamente el corazón y las actitudes, que guían y conducen a compartir.

En la Regla de San Agustín, encontramos tanto en el primer capítulo, que habla sobre el ideal de los primeros cristianos, como en un capítulo

propio, que es el capítulo 5, el tema del uso de bienes dentro de la vida religiosa. En el primer capítulo, cuando nos cuenta sobre el ideal de los primeros cristianos, pone la comunión de bienes como uno de esos ideales. Por lo tanto, nos legisla: “Y no llames nada suyo, pero todas las cosas sean comunes entre ustedes”; y “Su distribución sea [...] cada uno según su necesidad”. Significa que los bienes no son personales, sino comunales y deben entregarse de acuerdo con las necesidades de uno y no por igual, porque no todos tienen las mismas necesidades.

Más tarde, en el capítulo 5, el Santo legislador nos informa que el bien común debe estar por encima de lo privado. Por lo tanto, nos dice: “Que nadie trabaje para sí mismo, sino que cada uno de nosotros trabaje para todos. [...] Esto significa que el bien común debe tener prioridad sobre el bien particular y no el particular al común. Y así, podrán medir su crecimiento”.

La interpretación de San Agustín de los bienes dentro de la vida religiosa está en línea con el deseo de los primeros cristianos que buscaron todo en común y que vendieron sus bienes y los colocaron a los pies de los apóstoles. Ser capaz de comprender que los intereses comunes deben estar por encima de los intereses particulares significa colocar el amor al prójimo como la base de las relaciones, la convivencia. ¡Para él la comunión debe ser tal que si alguien “oculta un objeto que se le ha dado, será castigado por robo”!

Mirando adecuadamente las Constituciones de la Orden en el párrafo 45, encontramos la regulación de los bienes de la Orden y que nos dice así:

El Maestro no pueda dar, vender, cambiar ni enajenar las posesiones de la Orden si no es para la redención de los cautivos y, en este caso, hágalo con el consejo del Prior y de los cuatro definidores del Capítulo General, estando todos reunidos conjuntamente.

Esto significa que, desde el principio, la Orden de la Merced reconoce que los bienes que posee son solo para su uso en la redención de cautivos. Lo que cada comunidad tiene es para la vida y la supervivencia de los religiosos, pero debe ponerse al servicio de la misión de la Orden: la liberación de los cautivos. E incluso al desarrollar la misión de la Orden, el

Maestro General no podía hacer uso de estos bienes de ninguna manera, sino solo de acuerdo con los cuatro definidores en el Capítulo General.

Toda esta forma de organizarse en relación con los bienes de la Orden es para que nadie se sienta dueño de lo que se recauda para los cautivos. E incluso el Maestro General debe dar cuentas de lo que recibió durante el año en que se celebra el Capítulo.

En las constituciones de 1691 se habla claramente sobre el cuarto voto como una “promesa voluntaria y absoluta de redimir los cautivos de los lazos de la mente y el cuerpo, con oro o plata y aún con la entrega de uno mismo, cuando fuera necesario, para la salvación de las almas y el peligro de negar la fe”. Allí encontramos la parte que nos pertenece con relación a los bienes.

Para cumplir su misión, la Orden se establece con un voto especial y voluntario hecho por los religiosos como una promesa de hacer todo lo posible para liberar a los cautivos. ¡Para el cumplimiento de tal misión, el oro o la plata deben ser bien empleados, ciertamente aquí vinculados y expresados debido a los descubrimientos de minas de oro y plata en las tierras del nuevo mundo!

Pero para que la redención de los cautivos se lleve a cabo completamente, es necesario no solo comprometer los bienes, sino que, así como Cristo compromete su propia vida para liberar al ser humano del pecado, el Mercedario se compromete a cometer su propia vida para liberar a los cautivos. El mayor bien que cualquiera puede tener es su propia vida, y esta el Mercedario entrega para liberar a los cautivos.

En estas Constituciones de 1691 se nos informa que “Si algún Hermano recibe algo para la redención, debe entregarlo dentro de las 24 horas a los custodios o quienes lo colocarán en el depósito y lo anotarán en el libro”. Ciertamente, hubo un desajuste o una mala dirección en los bienes obtenidos por los religiosos para la redención de los cautivos, por lo que el legislador necesita indicar la brevedad, es decir, dentro de las 24 horas, con las cuales lo recibido será entregado al jefe de bienes de redención. ¿Cómo se obtenían los bienes para la redención? ¿Cómo fue la Orden estableciendo las formas y horarios para las recolecciones?

LAS RECOLECCIONES REDENTORAS

Todo lo que hemos dicho hasta ahora ha sido para comprender mejor este tema, que es el tema central de nuestro taller: las recolecciones. Si antes lo que vimos mucho tenía la parte bíblica que daba sentido y basaba las recolecciones, ahora veremos la organización propia de la Orden en relación con las recolecciones. Al principio, decimos que el mismo sentido que tuvo para San Ambrosio en el siglo IV vender las vasijas sagradas para liberar a los cautivos, también lo tiene para Pedro Nolasco en su práctica y los frailes que lo acompañaron y lo sucedieron.

Por lo tanto, nos basaremos en estudios realizados sobre los temas de la Orden que aborden tanto el tema del coleccionismo, las prácticas mercedarias del desarrollo del carisma como los estudios sobre la historia de la Orden que, aunque no se centran en el tema de la recolección, sino que también abordan de forma secundaria lo que es nuestro tema central aquí.

Al mismo tiempo, trataremos de las recolecciones desde las últimas campañas redentoras, incluso abordando las campañas que se desarrollaron en relación con el Jubileo del Octavo Centenario como preparación para esta celebración jubilar y símbolo de unidad para compartir y ayudar a los necesitados, como otras formas de ayuda en tiempos de crisis sobre el personal de la Orden misma.

LAS RECOLECCIONES REDENTORAS EN LAS PRIMERAS CONSTITUCIONES

Fray Juan Devesa Blanco hizo la transcripción paleográfica y la traducción de las primeras Constituciones de 1272 conocidas como las Constituciones Americanas. El párrafo 13 de estas Constituciones citadas dice lo siguiente en su título: De las bailías y de los cuestores. Las bailías eran como una especie de demarcación territorial, una localidad o una jurisdicción. Los cuestores eran los recaudadores, administradores o contables.

Cada cual pida limosna en la Bailía que tiene señalada y en ella ningún otro fraile ni Cuestor entre, fuera de aquel al que pertenece la Bailía; y si, por ventura, entrare en ella algún otro fraile no se detenga en ella ni permanezca fuera de la propia Bailía más de dos días, sin licencia del Maestre o por notable utilidad de toda la Orden (BLANCO, 1983, p. 71).

En términos de organización, la Orden estableció los territorios en los que cada fraile o recaudador debe hacer su parte para la redención. Significa que todos estuvieron involucrados en la tarea de obtener los fondos económicos necesarios para llevar a cabo la misión redentora de la Orden. Y para que no hubiera duplicación de la solicitud o que uno no perturbara el trabajo del otro, la demarcación territorial ayudó. Del mismo modo, los que pertenecían a un determinado territorio terminaban conociendo al fraile que allí pedía para la redención de los cautivos.

Los Cuestores, el mismo número constitucional dice más adelante, deben saber cómo comportarse de tal manera que no difamen a la Orden. Estos Cuestores podrían ser personas contratadas por la Orden que deberían firmar un contrato y jurar tener en sus manos los evangelios, ya que esta era la forma válida de juramento. Tal juramento se refería a la imagen de la Orden, ya que prometían no dañar ni cometer infamia con respecto a la Orden y también en asuntos de administración y rendición de cuentas de todo lo que se recibió.

Una última palabra sobre aquellos que harían las recolecciones redentoras es que deberían usar ropa blanca. La cuestión del color está presente en el vestido de la Orden. El hábito de la Orden, dicen las mismas Constituciones, debe ser de lana blanca, y en el manto y en el escapulario deben llevar el escudo de la Orden. Estas indicaciones servían como referencias de pertenecer a la Orden de la Merced.

Del mismo modo, los cautivos que fueron liberados deberían jurar que no se apartarían de la Orden por el tiempo que se hubiese delimitado. Significa que los redimidos deberían vivir por un tiempo con los religiosos y servir como testimonio de redención y como una rendición de cuentas a los que habían dado, ya que su presencia era una señal de que el dinero realmente se había gastado en la redención de los cautivos.

LAS RECOLECCIONES REDENTORAS EN LAS CONSTITUCIONES DE 1691

En las Constituciones de 1691, se dice que “Durante el tiempo de la publicación de la redención, dos meses antes de salir la redención, el comendador debe asignar algunos Hermanos para que pidan a los fieles las limosnas de la redención”. Han pasado cuatrocientos años desde las Constituciones de 1272, se agrega la figura de los Cuestores y existe la asignación de ‘algunos hermanos’ para pedir la redención. La decisión de una redención fue una decisión capitular. Solo aquellos que fueron marcados para ello podían ir a la redención y la Orden ya había recaudado una suma de dinero.

Luego, las mismas Constituciones nos informan cómo deben hacerse los preparativos para la redención: Los conventos de la Provincia, que preparan la redención dos meses antes de la salida, hagan solemne publicación con procesión y sermón al pueblo, en cuya oportunidad se publican las indulgencias concedidas a los confrades y con referencia a los padecimientos de los cautivos.

Se percibe el llamado a la población: se realiza una procesión para proclamar solemnemente que la Orden hará una redención y, al mismo tiempo, se celebra un sermón para proclamar indulgencias a quienes participan en la redención contribuyendo económicamente y también dando voz a los cautivos mediante la aclamación de sus dolencias durante el cautiverio. Pensemos que este momento es para sensibilizar los corazones y los bolsillos de aquellos que son libres y pueden profesar abiertamente su fe.

Estas Constituciones se publicaron cuando la Orden ya estaba más que establecida en América. Al mismo tiempo, todas las provincias americanas ya habían sido constituidos e incluso Brasil, que más tarde llegó en 1639, era ya un Vice-Provincial buscando establecerse y venir libremente.

En aquel momento, la mayor parte del dinero utilizado para la redención proviene de América, tanto por el mayor número de religiosos, como por el mayor número de casas e incluso por ser el lugar del oro y la plata. El

convento de Sevilla fue marcado como la puerta de entrada a los bienes que se producían en América y destinados a la redención de los cautivos.

Las provincias de Quito, Cusco, Lima, Chile y Tucumán recolectaban los bienes en Lima y desde allí enviaban a Sevilla. Las provincias de México y Guatemala se juntaban en el convento de México para enviar a Sevilla y la Provincia de Santo Domingo enviaba directamente a Sevilla. Significa que en las Américas había tres lugares de concentración de los bienes de la redención y que estaban a cargo de enviarlos al convento de Sevilla que después de su llegada asesoraban al Maestro General de la Orden. Brasil no se une a esta organización porque pertenece a la corona portuguesa.

En las Constituciones de 1691 se dice que “Deben solicitar a quien corresponda el debido permiso para colocar en las iglesias, alojamientos y lugares públicos alcancías en las que los fieles puedan depositar sus oblaciones”. Las alcancías son pequeñas cajas fuertes. Para que el pueblo pueda ir ayudando durante el año, las Constituciones definían los permisos necesarios para ser colocados en las iglesias y lugares públicos para esos pequeños cofres que estaban recolectando la redención.

Estas Constituciones previeron incluso la existencia de “síndicos” o *“hermanos de la redención”* con la finalidad de pedir limosna para la redención de los cautivos en los días festivos, aunque aún no fuera el tiempo de la redención.

OTROS MODOS DE RECOLECCIÓN REDENTORA

De la misma naturaleza, pero un poco diferentes eran los oratorios que también eran cajas fuertes. En el Museo Histórico Nacional de Río de Janeiro, encontramos un oratorio cuya tarjeta de catálogo nos informa que perteneció a la Iglesia de Nuestra Señora de la Merced en Ouro Preto, Brasil. Tales oratorios podrían estar en las iglesias en los altares laterales o podrían caminar de casa en casa sirviendo tanto como una forma de reunir a la familia para la oración, como una forma de que la familia colaborara con los bienes de la redención.

Desafortunadamente, no tenemos noticias de que las Confrarías, Hermandades y Órdenes terceras de la Merced del Sudeste hayan colaborado con toda la Orden en las Campañas de Redención, pero sabemos que una gran parte de estas Asociaciones de Mercenarios del Sudeste estuvieron involucradas en la liberación de los esclavos o su ayuda ante las necesidades. En todos los casos, también era una forma de redención.

Con el tiempo, el tipo de redención se perdió debido a la prohibición de la esclavitud. Pero eso no significa que el trabajo de la Orden de la Merced haya desaparecido. Los frailes reorganizaron su forma de trabajar y llevar a cabo los proyectos de liberación, por lo que comenzaron a hacer campañas redentoras de una manera nueva, es decir, si alguna comunidad tiene una situación específica de cautiverio y es ayudada por todas las comunidades de la Orden con un signo del compartir y de la comunión.

Para poder celebrar el jubileo de los ochocientos años de su fundación, se pensó que cada provincia podría ser responsable de promover una campaña de redención de acuerdo con sus propias necesidades. En Brasil, si todos lo recuerdan, la Campaña estuvo a favor del Recanto Mercê para la liberación de los drogadictos. ¿Cómo nos mira Pedro Nolasco hoy? ¿Qué nos diría él?

¿Cómo nos llevaría a continuar reinventando y reviviendo la Orden de la Merced, su olivo? En la siguiente parte trabajaremos en la cuestión de los significados.

SIGNIFICADO PRIMERO DE LA RECOLECCIÓN

Las recolecciones redentoras no se hacen solo porque sí, o debido a las necesidades de los religiosos. Tienen un significado profundo que es precisamente el de compartir. En la Sagrada Escritura se nos dice: “Dios ama al que da con alegría”, de modo que la participación en los bienes de la redención en cada una de nuestras comunidades debe ser una expresión del compartir; no puede ser lo que queda, sino lo que la comunidad quiere compartir en solidaridad.

La palabra de Dios también nos dice que “todos deberían dar lo que tiene sin constreñimiento”; esto significa que nadie puede realmente dar si no es por libre voluntad o si hará falta casa y luego pasar penuria. Además, que nadie sea obligado a donar. Para evitar que esto suceda, es necesario explicar a los hombres hoy la razón de cada redención. Así como los frailes una vez predicaron la redención, hoy la predicación para las campañas redentoras debe ser clara y llegar al corazón de los hermanos para generar en ellos el don de compartir.

Este es el momento de mirar la figura de Pedro Nolasco que se entregó a la redención. Él entiende las palabras de Jesús “no hay mayor amor que el que da su vida por sus amigos”. El significado de esta frase probablemente habló profundamente al corazón de Pedro Nolasco muchas veces para hacerlo despertar del sueño de la indiferencia y ayudar a los necesitados.

Por eso podemos decir que Pedro Nolasco es el hombre de compartir, porque comparte su dinero, su tiempo, su vida y su sabiduría. Nolasco es como el samaritano que se preocupa por el que cayó en manos de los ladrones. Los cristianos han sido encarcelados y Pedro Nolasco se pone en camino para compartir lo que tiene y cuando no lo hace, pide. Pero no pide por él mismo, sino por el otro, pide por los cautivos.

En esta imagen de Pedro Nolasco que pide por los cautivos, recuerdo las palabras del padre Antonio Vieira cuando pronunció su sermón sobre San Pedro Nolasco en la inauguración de la Iglesia de Nuestra Señora de la Misericordia del Convento de San Luis en Maranhão. En su sermón, Vieira habla así de San Pedro Nolasco:

Primero, digo que San Pedro Nolasco hizo más que dejar, porque profesó pedir. Y es así. La profesión de San Pedro Nolasco y de la sagrada Orden de la Merced es pedir limosna a los fieles, para redimir a los cautivos que están en tierras de moros [...]. Y si pedir solo porque sí, es mayor acción que dejar, pedir para dar, y dar en redención de los cautivos, que son los fines de esta gloriosa pregunta, ¿cuánto mayor acción y perfección será? La regla de perfección de Cristo propuso a aquellos que querían ser sus discípulos fue vender lo que tenían y dárselo a los pobres (VIEIRA, s/f, pp. 11-13).

Los bienes y la vida de Nolasco están disponibles para la redención de los cautivos, la redención de los hermanos privados de libertad, privados de la fe, privados de sí mismos. Aprendamos de este ejemplo de Nolasco que pide a otros haciendo la acción grandiosa de pedir, porque pide para poder liberar a los necesitados.

AL MODO DE CONCLUSIÓN

No podemos dejar de hablar, concluyendo este trabajo, de dos cosas muy prácticas. Si las recolecciones de la redención como hemos visto tienen su significado tanto en la Sagrada Escritura como en la práctica de Nolasco de compartir lo que tiene y de su propia vida, también deben tener ese mismo sentido y significado para nosotros, que es precisamente la posibilidad de compartir.

En segundo lugar, vimos en la práctica de los primeros religiosos que la organización de la redención se basaba en la proclamación de las dificultades que los cautivos estaban experimentando para que sus oyentes fueran conscientes de compartir. Llamemos a esta actitud de difundir como el significado de la Campaña Redentora.

Habiendo dicho estas dos palabras (compartir y difundir) necesitamos corregir algunas actitudes de hoy que se oponen a las Campañas Redentoras. Llamémoslo prácticas del compartir incorrecto:

- Cuando el cura priva a la comunidad de la experiencia de lo que es propio de nuestra Orden;
- Cuando el cura no hace la recolección de la redención sensibilizando y llamando la atención de la gente a una realidad específica; y
- Cuando el cura, a su gusto, toma la cuenta de la parroquia y envía una cantidad de dinero pensando que está corrigiendo el error que cometió al no informar a los parroquianos de la Campaña del Redentor.

Pero también podemos informar las prácticas para compartir que llamamos correctas:

- Sensibilización de la gente sobre una determinada situación opresiva;
- Promoción de la campaña;
- Oración por los frutos de la Campaña;
- Usar los símbolos preparados (póster, oración, arca de la redención, videos etc.);
- Tener un grupo que organice movimientos para la campaña; y
- Eventos para difundir: Té de la amistad, rifa, tienda de segunda mano, bazar, recolección redentora en la fiesta de la Merced, artesanías, cofres de las capillas de Nuestra Señora de la Merced.

Todas estas actividades ayudan a la comunidad parroquial a vivir el momento de la Campaña Redentora, incluso si se trata de la campaña de otro país u otra comunidad. Finalmente, el compartir emerge en las comunidades como un signo de comprensión de los valores del evangelio que ayudan a celebrar la Campaña Redentora al reorganizar y reevaluar las metodologías que existen en cada comunidad y que cada participante se siente responsable de pedirnos que nos elevemos a Dios, porque no pedimos por nosotros sino por los cautivos que aún sufren.

CURRÍCULUM

Religioso de la Orden de Nuestra Señora de la Merced, actualmente cursando licenciatura en Historia por la Universidad Federal del Estado del Río de Janeiro.

TALLER: PARA UNA COMUNICACIÓN LIBERADORA Y MISERICORDIOSA

Facilitadora: Cristina Cunha

ACTIVIDAD: ¿Cómo manejar *WhatsApp* y Noticias Falsas (*Fake News*)?

Discernimiento. Vivir en el mundo sin ser del mundo. “No pensar” es dar espacio para ser engañado por las noticias falsas (*fake news*), es dar espacio para aquellos que engañan.

“Discernir” significa aprender a separar las cosas positivas de las negativas que forman parte de la vida actual, de la misma manera.

Tengamos ACTITUDES SANAS en el uso de *WhatsApp* que nos reafirmen como cristianos.

TAREA: Elaborar una lista de directrices sobre el uso de *WhatsApp* (incluyendo el intercambio de noticias falsas), para su difusión en los grupos de su comunidad.

ACERCA DE *WHATSAPP*:

- a. Criterios para el uso de *WhatsApp*: grado de urgencia / pertinencia / tiempo empleado por mí y el otro / grado de intimidad / horario / privacidad requerida / utilidad del mensaje / reciprocidad / capacidad de almacenamiento de datos / duración de la batería / veracidad del mensaje y la autoría / exposición del número de teléfono de otra persona en un grupo / consecuencias para mí, para los demás y para la sociedad / etc.

RELEVANCIA

- b. ¿El *WhatsApp* debe ser usado para cualquier cosa? ¿Para qué cosas no sirve? ¿Y cuáles son las otras opciones?
- c. Las palabras en mayúsculas suenan como gritos groseros y anticuados.
- d. ¿Cuándo enviar un texto largo?
- e. Identificación: ¿Por qué usar un apodo (seudónimo) que impide que otros me identifiquen?
- f. Foto de mi perfil: ¿No quiero que me reconozcan? ¿Por qué? ¿Tienen los demás la obligación de recordar mi nombre?
- g. Mecanismo de búsqueda insuficiente: ¿Es para preguntas formales? ¿Cuándo debo pasar un archivo *Word*, *Excel* o *PDF* a través de *WhatsApp*?
- h. Coherencia con mi vida real (solidaridad en el mundo virtual x indiferencia en la vida real);
- i. Sabio es aquel que aprende de sus errores.

URGENCIAS

- j. ¿Exigencia de respuesta inmediata a los mensajes, al momento que las rayitas estén azules? ¿El criterio es mi ansiedad? Por otro lado, ¿por qué desactivar la configuración que hace que las rayitas se pongan azules?
- k. ¿Cómo puedo indicar que un mensaje es urgente?

ACTITUDES – ¿Qué tipo de mensajes debo enviar?

- l. Cadenas: veracidad, noticias falsas, coherencia, “activista de sofá”, “¿Por qué yo?”, “Sólo yo he recibido?” etc.

- m. Chistes: ¿para quién? ¿Prejuicio? ¿Porno?
- n. Chacotas (burla): ¿Es cristiano llevar a alguien al ridículo? Aun siendo mi amigo, ¿será que su día está siendo bueno? Solo en la presencia física podemos observar esto...
- o. Mensajes motivacionales: ¿Por qué? ¿Es un tema relevante en este momento, para esta persona? ¿Soy el dueño de la verdad? ¿Lo que me sirve a mí le sirve a los demás? (Es mucho más una revelación acerca de mí que la ayuda al otro).
- p. Audios: ¿Cómo elegir entre escribir y enviar audio? (Disponibilidad de tiempo, lo que el otro puede estar haciendo ahora, privacidad, tiempo gastado por mí y por el otro, disponibilidad de almacenamiento de datos, duración de la batería, gasto de energía del mundo, necesidad de una buena conexión de Internet para lograr descargar el audio).
- q. Desahogo: ¿Debo pasar hacia adelante un mensaje recibido, como si estuviera desahogándome?
- r. Figuras: ¿Cómo usar *emojis*, o *emoticonos*, o *stickers*? ¿Son necesarios? ¿En qué momento?
- s. Fotos y vídeos: capacidad de almacenamiento, tiempo invertido, utilidad... Alternativa: Decir cuál es el tema y enviar el enlace: la persona abre si está interesada. Le damos la libertad de decidir.
- t. Fotos de situaciones que pueden ser vistas como embarazosas: accidentes, cirugías, animales enfermos, partos... ¿Hay una buena razón para compartirlas? ¿Alguna vez se consideró la intimidad de los demás o la posibilidad de causarles un problema?
- u. El primer mensaje para alguien debe ser un saludo, la identificación de la persona y el tema, antes del mensaje en sí; y, al final, una palabra de despedida.
- v. El primer mensaje del día para alguien en privado debe tener un simple saludo (sin foto). (Muy diferente de las fotos diarias y gratis de "buen día".)

- w. Responder, de acuerdo con la situación: si uno está disponible, responder pronto; Si no sabe la respuesta: escribir que la comprobará y responderá más tarde; Si uno está ocupado: decir que no puede hablar en este momento y responderá tan pronto como se desocupe.
- x. NUNCA reenviar un mensaje sin comprobar la veracidad del mensaje y su autoría. Si nos gusta un texto y queremos enviarlo, pero estamos seguros de que el autor no es el citado, cambiar la autoría del tipo “Clarice Lispector” por “autor desconocido”. De todos modos, vale la pena pensarlo: ¿Yo reenviaría un mensaje de alguien deshonesto, que se hace pasar por otro?

PENSANDO EN LAS CONSECUENCIAS

- y. Mensajes excesivos: 300 mensajes no leídos: ¿Qué eso provoca? ¿Qué cambia en la sociedad? ¿No respetamos a los demás porque no leemos lo que envían? ¿Eso es lo que queremos? ¿Qué la palabra pierda el valor?
- z. Exposición excesiva: fotos comprometedoras, mías u otra persona: ¿estamos preparados para la enorme posibilidad de que esta foto sea compartida? (después de todo, los teléfonos celulares también son prestados o robados...) Por cierto, lo mismo se aplica a los comentarios por texto o audio...
- aa. Imagen: Por los mensajes que hemos enviado, ¿cuál será nuestra imagen ante nuestros amigos?

PENSANDO EN LOS DEMÁS

- ab. ¿Cómo chequeo mis mensajes sin faltarle el respeto a las personas a mi lado físicamente? (La tentación de lo “más fácil”: chequear ahora, enviar ahora...).
- ac. El toque del teléfono a cada mensaje y los diferentes ambientes: almuerzos, misas, cines, consultas médicas, viajes, clases etc.

- ad. Errores en su idioma: ¿Facilidad para uno o para el otro?
- ae. Debo hacer al otro lo que me gustaría que me hiciera a mí mismo.
- af. Tiempo gastado por mí y el otro (que mi fatiga a los demás descansan).
- ag. ¿Qué hacer si envío un mensaje de saludos y no recibo una respuesta?
- ah. ¿Cuál será la capacidad de almacenamiento de datos de la otra persona?
- ai. ¿La batería de la otra persona es suficiente para recibir tantos mensajes y aún para que pueda hacer una llamada de emergencia? "Hablar es plata, callar es oro..."
- aj. Hora de envío de mensajes: ¿Se acordó el otro apagar el teléfono o el sonido de la notificación? ¿Por qué enviarle un mensaje ahora? ¿Por qué es más fácil o para que no me lo olvide?

EN LOS "GRUPOS DE WHATSAPP"

1. Cantidad de notificaciones y energía gastada;
2. Credibilidad del grupo;
3. Derecho a hablar (si 40 personas es 1/40);
4. Concisión de mensajes;
5. Objetivo y enfoque del grupo;
6. Conversaciones individuales dentro del grupo;
7. Aprovechar el grupo (venta de productos individuales);
8. Interrupción de un tema por otro (¿dónde está la educación doméstica?);
9. Solicitar el consentimiento para agregar personas a un grupo;
10. Dar satisfacciones al salir de un grupo;

11. Envío de mensajes de buenos días (¿qué espero? ¿qué todos me respondan?);
12. Participación en varios grupos con gente en común: ¿qué mensajes enviar a TODOS estos grupos?;
13. ¿Cómo ser el administrador de un grupo? ¿Cuáles son mis responsabilidades?;
14. Mensajes con contenido emotivo (diferencias entre mensajes escritos y orales);
15. ¿Hablar de alguien en el grupo como si la persona no estuviera allí?;
16. ¿Responder en el grupo o en el perfil privado?;
17. Desconfiar – darse cuenta de cuántas personas están enviando mensajes del mismo tipo y analizar lo que eso significa;
18. ¿Permiso para ofensas?;
19. Paciencia con quien se equivoca: Está bien, pero ¿no sería necesario esforzarse por no equivocarse?;
20. Lo que puede ser virtual y lo que necesita ser “mirando a los ojos”;
21. La posición de cada uno, en lo virtual, tiene que reflejar la posición en la vida real;
22. Aprovechar un contacto que se puso a disposición en grupo para tener una conversación con esa persona en privado... “¿Quién te dio mi número de teléfono?”;
23. ¿Qué hacer cuando alguien nos pide que nos pongamos en contacto con otra persona?;
24. ¿Cómo actuar cuando alguien fue grosero con nosotros? ¿Respirar profundamente? ¿Responder? ¿Repensar?;
25. Comprobar la fuente de los mensajes – no nos dejemos engañar (principalmente de los mensajes asignados al Papa);
26. ¿Pasar mensajes sin comprobar la veracidad? ¿Cuáles son las consecuencias de esto? ¿Sentirse como un periodista de un

- periódico con o sin credibilidad? Periodista X Contador de chismes...;
27. Listas de transmisión: ¿Enviar a todos o elegir cada uno?;
 28. ¿A cada palabra o frase, cambiar de línea o párrafo? ¿Cuándo hacer clic en “Enviar”?;
 29. Crear un grupo es exponer el número de teléfono de todos... Solicitar permiso; y
 30. ¿Cómo “educar” a los participantes de un grupo de *WhatsApp*?

CURRÍCULUM

Graduada en Letras (Alemán y Portugués) en la Universidad de São Paulo (USP).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9986553029976183>.

RED DE COMUNIDADES: NUEVA FORMA DE ESTRUCTURAR LA PARROQUIA, EN VISTA DE LA MISERICORDIA

Pe. Manoel Godoy

El documento de Aparecida dice:

Entre las comunidades eclesiales, en las que viven y forman los discípulos y misioneros de Jesucristo, destacan las parroquias. Son células vivas de la iglesia y el lugar privilegiado en el que la mayoría de los fieles tienen una experiencia concreta de Cristo y de la Comunión eclesial. Están llamadas a ser casas de escuelas de comunión (DA 170).

La renovación de las parroquias al comienzo del tercer milenio requiere la reformulación de sus estructuras, de modo que sea una red de comunidades y grupos, capaces de articularse a sí mismos logrando que sus miembros se sientan verdaderamente discípulos y misioneros de Jesús Cristo en comunión (DA 172).

¿Cómo entendemos la red de expresión de las comunidades? ¿Es sólo un medio de renovación parroquial o una nueva forma de estructurar la iglesia? Para que una zona pastoral sea conocida como una red de comunidades, puede inspirarse en ejemplos reales.

PRIMER EJEMPLO

La progresiva ocupación de la tierra en las afueras de una gran ciudad dio lugar a trece CEB, que constituían lo que se llamaba una zona pastoral. Aunque socialmente homogéneas y a menudo articuladas en los movimientos sociales conjuntos, todos ellos tenían una gran autonomía en sus actividades internas, siendo atendidos generalmente por el sacerdote de la parroquia vecina. Tomando nota de esta zona pastoral, el obispo sugirió que se constituyan en la parroquia. Los líderes temían que la red de

trece comunidades se transformara en doce comunidades subordinadas a una matriz. Luego propusieron al Obispo tres condiciones:

- “(I) el santo patrón de la parroquia sería diferente del santo patrón de cada comunidad;
- (II) No habría iglesia madre, sino sólo un salón comunitario central, que seguiría siendo el lugar habitual para reuniones, cursos y reuniones de las comunidades, y también funcionaría como secretaría de los registros de la Parroquia; y
- (III) No habría párroco, sino un equipo parroquial que sería miembro designado por el obispo.

SEGUNDO EJEMPLO

Otra experiencia interesante: en 1994, una arquidiócesis tenía cuatro “redes comunitarias” en las afueras de la ciudad y en un municipio en el área metropolitana. Una de ellas, la “red de comunidades de S. José obrero” tenía 18 comunidades, cada una con sus líderes laicos. Al servicio de la red había un sacerdote y tres grupos de 4, 5 religiosas cada uno. Una publicación en esta red, después de recordar que cada red tenía su propia historia y sus propias características, enumeraba las características comunes a las cuatro “redes”:

1. No tienen la estructura de la parroquia (no hay iglesia central o sede);
2. La red es un grupo de comunidades, cada una coordinada por un Consejo de laicos elegido por la comunidad, mientras que la “red” es servida en su conjunto por algunos “agentes pastorales”;
3. Es notable la presencia de monjas insertadas en medio de los pobres;
4. La formación permanente de los laicos se basa en la realidad (vida), la Biblia y la experiencia comunitaria;
5. Los nuevos ministerios surgen como respuesta a las necesidades de las comunidades;

6. Cada red de comunidades se encarga de la comunicación y la asistencia mutua entre las comunidades;
7. La conciencia misionera, la acogida de los misioneros y la actividad misionera de las comunidades están presentes; y
8. Todas las comunidades nacieron de la preocupación por los pobres y de la convicción (misionera) de los agentes pastorales.

RED DE COMUNIDADES Y DECISIÓN DE AGENTES PASTORALES

Sólo hay dos modelos que apuntan a la posibilidad de organizar la parroquia desde la perspectiva de la red comunitaria. Sin embargo, en la actual estructura eclesial no podemos ser ingenuos, todo depende de la capacidad de los agentes pastorales en cuestión. Especialmente el ministerio ordenado todavía tiene una enorme parte del poder en la iglesia y donde no decide, no pasa nada. Es esencial superar una mentalidad centralizadora y de francotirador. Sólo los agentes capaces de compartir la misión eclesial con otros hermanos y hermanas de Walk pueden hacer que ocurra una nueva experiencia parroquial, que supera el antiguo esquema de matriz y las ramas. Las áreas pastorales encomendadas a los equipos de agentes ya se han configurado como una experiencia válida en el campo de la descentralización pastoral. Es necesario reforzar las experiencias que existen y ampliar dicha experiencia.

RED DE COMUNIDADES Y REDES DE COMUNICACIÓN

Nos parece que la metrópolis es, de hecho, el espacio mismo para desarrollar la experiencia de red de las comunidades. Hay una serie de ensayos pastorales que favorecen la experiencia de la red en diversas modalidades, incluida la red de comunicación. Dado que el determinante para los residentes de las ciudades no es tanto el espacio geográfico, sino mucho más las relaciones, una red de comunicación podría ser muy eficaz para la acción evangelizadora. En este caso, hay que cuidarse más

atentamente para que el mensaje llegue a los fieles en diversos entornos, sirviendo a los más variados medios que proporcionan las redes actuales.

Hay, sin embargo, cuidado a tomar. En el caso de la inversión en la red de comunidades, tenga en cuenta las simulaciones: se pueden cambiar los nombres sin cambiar la realidad. La parroquia puede llegar a ser llamada comunidades comunitarias; la matriz, comunidad parroquial; las capillas, las comunidades, sin, pese a que, nada que vuelva a suceder en el campo de las relaciones entre los laicos y estos con el clero. En el caso de las redes de comunicación, no se contenten únicamente con la evangelización virtual, porque nada sustituye a la presencia de la persona para que la relación humana gestione nuevas formas de convivencia, más coherentes con el Evangelio.

Al ser redes comunitarias o de comunicación, cuidar el contenido a distribuir es de suma importancia. En una sociedad en la cual la información alcanza niveles de saturación, la calidad del mensaje es fundamental. Hay mucha basura circulando en las redes en nombre de la evangelización. La Iglesia Católica aún no ha logrado crear un consenso entre los diversos medios que revelan sus mensajes para que la calidad esté protegida.

Red de comunidades y redes de comunicación puede y debe articular, en el sentido de que uno refuerza la experiencia del otro. De esta manera, el entrenamiento y la información también pueden caminar juntos.

¿POR DÓNDE EMPEZAR?

Los documentos de Aparecida y CNBB hablan de la sectorización parroquial. Puede ser un primer paso, así como la multiplicación de pequeños grupos de reflexión. Lo importante es no preocuparse por el número de participantes en cada comunidad. Recuerda siempre: "Donde dos o tres...". Otra metodología bien conocida entre nosotros es la de las Misiones Santas Populares, que articula la movilización de masas con un gran número de misioneros en las visitas del hogar y en los momentos formativos, con la formación de núcleos que generan nuevas comunidades.

Para ello, es necesario invertir una tendencia que ha crecido mucho en los últimos años en la iglesia, que favorece grandes templos y santuarios. Volver a lo pequeño, a las comunidades, a las celdas, a los grupos de reflexión es el camino necesario para aquellos que quieren conducir una iglesia en forma de la red de comunidades.

¿Por dónde empezar? Empieza como empezó todo. Un ejemplo cristalino es el nacimiento de la Iglesia de Filipos, donde el apóstol es sensible a un pequeño grupo de mujeres en el borde de un río, anunciándoles con convicción la Buena Nueva y provocando el surgimiento de una iglesia doméstica en el hogar de un comerciante de la ciudad. Este pequeño núcleo dio lugar a una de las comunidades más amadas y queridas por el Apóstol.

¿Y LA MISERICORDIA?

Crear en lo pequeño, en lo que puede parecer insignificante, sólo es posible para aquellos que tienen un corazón pobre. Para los que son misericordiosos.

Es mi deseo vivo que el pueblo cristiano reflexione, durante el jubileo, sobre las obras corporales y espirituales de misericordia. Será una manera de despertar nuestra conciencia, a menudo latente ante la tragedia de la pobreza, y de entrar cada vez más en el corazón del Evangelio, donde los pobres son los privilegiados de la Misericordia Divina. La predicación de Jesús nos presenta estas obras de misericordia, para que podamos percibir si vivimos o no como sus discípulos (Francisco – *Misericord. Vultus*).

Los pobres se sienten mucho más como en casa cuando la comunidad puede significar para él la extensión de su choza. Entonces puede ejercer su liderazgo, su protagonismo eclesial. Por lo tanto, una iglesia en una red de comunidades es más propensa a provocar la experiencia de un Dios misericordioso, más cercano y fraterno. En las pequeñas comunidades, desarrollan su propio vocabulario, facilitando esta experiencia misericordiosa: diálogo, encuentro, proximidad, compartir, igualdad, sensibilidad hacia el otro.

La red de comunidades lo tiene todo para desencadenar un proceso de humanización fructífera entre sus miembros, haciendo que la misericordia constituya un principio generador de vida en nuevas formas de relaciones. En las comunidades, los cristianos ganan nombre, identidad e historia. Y todo esto, impregnado por la relación misericordiosa, puede comenzar a ser una nueva forma de ser una iglesia, donde el bautismo equivale a todos y los ministerios derivados de ella son siempre formas concretas de servicio misericordioso entre los hermanos.

CURRÍCULUM

Actualmente es profesor de Teología Pastoral y Supervisor de Prácticas Pastoral en la Facultad Jesuita de Belo Horizonte. Profesor en el Centro Loyola de Belo Horizonte y en el CEBITEPAL, órgano del CELAM-Bogotá, en Colombia. Graduado en Teología en la Facultad de Teología de Nuestra Señora de Asunción (1983) y máster en Teología por la Facultad Jesuita de Filosofía y Teología (2005).

TEXTO BASE PARA EL TALLER “DE BETANIA A LA VISITACIÓN: ¡ACCIÓN MERCEDARIA COMO ACOGIDA Y MISIÓN!”

Viviane Quênia Brito de Jesus

Para calificar mejor la acción mercedaria, contemplemos dos escenas bastante representativas del Evangelio de Lucas: Jesús fue recibido en Betania (Lc 10, 38-42) y la visitación de María a su prima Isabel (Lc 1, 39-46). Estas son escenas ricas en detalles y significado, que tienen mucho que enseñarnos sobre cómo ser verdaderamente mercedarios.

En Betania, Jesús encuentra su lugar de refugio. La casa de María y Marta es el lugar de acogida donde Él pudo descansar para reanudar su misión. En este lugar no se admiten preocupaciones ni inquietudes. Tampoco se trata de cualquier lugar. La casa en Betania, el lugar de descanso tiene a Jesús como su presencia, y dado que Él es el invitado amado, todos los sentidos deben volverse hacia Él. Las tareas deben dar paso a la contemplación de la Palabra del Señor, ya que Él es el Verbo hecho carne. Esta es la exhortación que Jesús nos da.

Otro punto importante es que Marta y María pueden entenderse como las dos caras de nosotros mismos: una que se permite adorar al Señor y la otra que se esfuerza por hacer todo lo posible para recibirlo. Debido a nuestras limitaciones, podemos caer en el error de excedernos en cada una de estas actitudes: vivir solo absorbiendo la Palabra, sin dar fruto de la conversión; o vivir en activismo, sin encontrar el verdadero significado de la existencia. Nuestro ejercicio es buscar la integración y la retroalimentación entre estas dos actitudes: saborear la Palabra y la presencia del Dios vivo para actuar y actuar para contemplar la obra de Dios.

En la escena de la visitación, el encuentro entre María e Isabel nos trae un rico aprendizaje. María, fecundada por el Espíritu Santo, se ve impulsada a ayudar a su prima a vivir mejor la condición en que se encontraba: ama de casa y embarazada en la vejez. María tiene prisa por encontrar al otro

necesitado, para ayudarlo con lo que necesita y no desde la conveniencia del que se dona. Isabel, por otro lado, al aceptar la ayuda de María y abrir las puertas de su corazón, reconoce la acción del Señor. Es en la humildad de los necesitados que el Espíritu Santo se presenta y llena de alegría todo el entorno.

También podemos entender a María e Isabel como dos caras de nosotros mismos: a veces estamos en condiciones de ayudar; en otros momentos, necesitamos ayuda. Y a medida que experimentamos el don de Dios en cada una de estas condiciones, profundizamos el significado de dar y recibir. Cuanto más sepa la importancia de la ayuda misericordiosa en un momento de angustia, más misericordioso seré cuando llegue a alguien. María e Isabel nos enseñan a mantener vivo el círculo de la reciprocidad.

Nuestra acción mercedaria debe reflejar el amor misericordioso de Dios cuando visita a los cautivos para ayudarlos a liberarse de las situaciones que los encarcelan en la desesperanza de la vida. Es un acto que se renueva en el calor de Betania mientras contempla la Palabra de Dios y se conecta con el significado más profundo de todas las cosas. Del mismo modo, es un acto misionero capaz de ser un instrumento de la belleza de la luz de Dios en la vida de otras personas, porque sabe cómo experimentar las maravillas de esta luz en su vida cuando alguien le ofrece ayuda.

Las escenas de Betania y la Visitación nos colocan en la dimensión de nuestra humanidad: es necesario rehacerse para continuar y avanzar; es necesario ser ayudado para saber cómo ayudar. Y es a partir de esta condición y de estar seguros de que Jesús es la luz y nuestro alimento espiritual diario que podemos vivir plenamente el actuar mercedario.

Tenemos aquí algunos pensamientos para acompañarnos en nuestra trayectoria:

- ¿Me estoy permitiendo acceder a mi Betania o estoy siendo engañado por mis acciones, como si los frutos dependieran exclusivamente de mí?
- ¿Proporciono a alguien una Betania, que sea acogedora y un remanso de paz?

- Siguiendo el ejemplo de María, la madre del Salvador, ¿realmente estoy conociendo a otra persona necesitada, o estoy actuando según mi conveniencia en el donar?
- ¿Estoy viviendo el círculo de reciprocidad de dar y recibir, o estoy posicionado por encima del orgullo y la vanidad, pensando que no necesito la ayuda del otro?

¡Que nuestro Señor Jesucristo tenga misericordia de nosotros y nos ayude a imitarlo en nuestra acción mercedaria, siendo la acogida de Betania y la ayuda de la Visitación!

CURRÍCULUM

PRINCIPALES COMPETENCIAS: Relación Interpersonal; Articulación Intra e Interinstitucional; Formación de Equipo; Liderazgo; y Administración.

O Congresso Mercedário internacional de Pastoral Paroquial - 2019 proposto pelo Governo Geral da Ordem, sediado na Província do Brasil foi para a família mercedária um momento de reflexão sobre a ação carismática da Ordem no serviço da pastoral paroquial. Foi um momento único e propício para reforçar a unidade e comunhão fraterna. Colocamo-nos na escuta do Espírito de Deus, buscando no magistério de Papa Francisco e nas fontes das Mercês, como servir os cativos em nossas Paróquias. Além da reflexão promovida pelos conferencistas, tivemos a oportunidade de enriquecer-nos com as múltiplas experiências dos participantes das respectivas Províncias da Ordem.

O presente livro condensa a experiência do supracitado Congresso Mercedário, reunindo as conferências apresentadas, os mini seminários e alguns discursos e saudações das autoridades da Ordem e da Igreja. Estes anais serão úteis para estudo da família mercedária e transmissão do nosso carisma. Por isso, optou-se por oferecê-lo em três idiomas, tornando-o mais acessível a família mercedária do mundo inteiro.



ORDEM
DAS
MERCÊS

